UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

MARIANA DE OLIVEIRA MACHADO

O “Sumario das Armadas” (c.1589): estudo e fixação do texto

São Paulo

2018

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

O “Sumario das Armadas” (c.1589): estudo e fixação do texto

Mariana de Oliveira Machado

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Mestre em História.

Orientadora: Dra. Maria Lêda Oliveira Alves da Silva

São Paulo

2018

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

M" MACHADO, MARIANA DE OLIVEIRA
O "Sumario das Armadas" (c.1589): estudo e fixação
do texto / MARIANA DE OLIVEIRA MACHADO ; orientador
MARIA LÊDA OLIVEIRA ALVES DA SILVA. - São Paulo,
2018.
218 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São
Paulo. Departamento de História. Área de concentração:
História Social.

1. Paraíba. 2. Manuscrito. 3. Códice. 4. Fixação de
texto. 5. Crônica. I. DA SILVA, MARIA LÊDA OLIVEIRA
ALVES, orient. II. Título.

Aos meus pais

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, à sempre querida professora Maria Lêda Oliveira Alves da Silva, quem, como a Emília do Sítio, sabe encantar a realidade e ensinar esta beleza do Tempo e da Vida. Obrigada pela acolhida e apoio, que vem desde a graduação.

Agradeço ao professor Dr. Phablo Roberto Marchis Fachin pelas excelentes aulas e conselhos, bem como ao professor Dr. Rodrigo Ricupero pelas indicações de leitura e pesquisa. Ao caro Marc Lenot, por conseguir a tese sobre o *Sumario das Armadas* (ca. 1589) na Paris III, fundamental aos rumos do trabalho.

Às minhas incríveis coordenadoras Greice Urtado Ilha e Janes Castro Ramos Garcia, que me deram suporte inestimável para a realização desta dissertação, muito obrigada. À equipe docente, diretiva e administrativa da Escola Stagium, sempre com admiração. Aos *meus* alunos, pelo apreço, cuidado e que tanto me fizeram rir e aprender nestes últimos anos.

Às amigas que mesmo longe estão perto: Fernanda e Paula. Às amigas de quase toda uma vida: Tatiane e Pâmela, obrigada pelo carinho incondicional desde há muito tempo. Ao Victor, que caminhou comigo por tantos anos e, em parte, é um dos motivos desta dissertação ter iniciado. À Renata Stort, quem 2017 trouxe para reavivar a fé na Educação, à Annamaria, amiga de todos os dias, projetos, sorvetes, *Calefações* – peço desculpas pela ausência, em especial nos últimos meses.

À Angélica, amada amiga que este ano também entrega seu mestrado. Desde a primeira semana da graduação dividimos o aprendizado deste árduo *ofício de Historiador[a]*. Por estes dez anos em que nos tornamos adultas, e já pelos outros que virão: obrigada pela amizade, apoio, presença, carinho.

À minha irmã, Jéssica, que tanto tem me ensinado – ainda que não saiba disso. E, por fim, aos meus pais, por serem meu esteio.

*Digo: o real não está na saída nem na chegada, ele se dispõe para a gente é no
meio da travessia.*

Guimarães Rosa, *Grande sertão: veredas*

RESUMO

O objetivo desta dissertação é oferecer uma fixação crítica do texto do Sumario das Armadas (ca. 1589), crônica jesuítica do século XVI que narra as guerras de conquista do território da Paraíba, a partir de um estudo crítico das suas variantes. O manuscrito autógrafo se perdeu, e atualmente se conhecem três apógrafos que contêm variantes da crônica, todos eles salvaguardados em instituições portuguesas: o manuscrito da Biblioteca Nacional de Portugal, o manuscrito da Biblioteca Pública de Évora e o testemunho da Academia das Ciências de Lisboa, testemunho que se encontra no códice intitulado Historia da Capitania da Paraíba. A fim de se realizar a fixação do texto do Sumario das Armadas (ca. 1589), as variantes foram transcritas e comparadas uma a uma. E, a partir das comparações, optou-se por se estabelecer a fixação, tomando por base o testemunho existente no códice da Historia da Capitania da Paraíba. Não se trata, portanto, de um trabalho de crítica histórica dos eventos narrados, mas do estabelecimento e estudo de um texto – compreensão da sua circulação, da possível autoria e data de redação. Na primeira parte encontra-se o estudo introdutório e na segunda parte estão as regras de transcrição e o texto fixado, com notas que registram as diferenças referentes às outras duas variantes.

Palavras-chave: Paraíba; crônica; estudo crítico; manuscritos; fixação de texto.

ABSTRACT

The purpose of this work is to offer a single manuscript edition of the *Sumario das Armadas* (ca. 1589) text, a Jesuit chronicle written on the sixteenth century which describes the conquest Paraiba's territory, based on a critical study of its textual variants. The autograph manuscript has been lost, and three apographs are known nowadays that contain variants of the chronicle, all safeguarded in Portuguese institutions: the manuscript of the National Library of Portugal, the manuscript of the Public Library of Évora and the testimony of the Academy of Sciences of Lisbon, which codex is titled *Historia da Capitania da Paraiba*. In order to provide a single manuscript edition of the *Sumario das Armadas* (ca. 1589), the variants were transcribed and compared one by one. From this process the textual differences were established which analysis indicated the best testimony is the one found in the codex *Historia da Capitania da Paraiba*. It is not, therefore, a work of historical criticism of the events narrated, but the single manuscript edition and study of a text, the understanding of its circulation, of the possible authorship and date of writing. In the first part of work there is the introductory study and in the second part there are the rules of transcription and the single manuscript edition, along the notes that rerepresent the differences referring to the other two variants.

Keywords: Paraíba; chronic; critical study; manuscripts; single manuscript edition.

SUMÁRIO

PARTE UM – DO SUMARIO DAS ARMADAS (ca. 1589).....	19
Introdução	21
1 Dos temas e circulação do <i>Sumário das Armadas</i> (ca. 1589)	29
2 - Dos percursos das variantes do <i>Sumário das Armadas</i> (ca.1589).....	51
3 - Das edições do <i>Sumario das Armadas</i> (ca.1589).....	57
4 - Do códice <i>Historia da Capitania da Paraiba</i>	71
5 - Da autoria e datação do <i>Sumário das Armadas</i> (ca.1589)	77
6 - DESCRIÇÃO DOS CÓDICES	89
Biblioteca Nacional de Portugal	89
Biblioteca Pública de Évora	99
Academia das Ciências de Lisboa	105
7 Das variantes manuscritas do <i>Sumario das Armadas</i> (ca.1589) e critérios de fixação	137
BIBLIOGRAFIA	143
PARTE DOIS –	149
REGRAS DE TRANSCRIÇÃO	151
Outro	153
Capítulo .j.....	154
Cap. 2. Da Jda do doctor fernão da Silua a Paraiba E Do Governador Luis de Brito Dalmeida	161
Cap 3º Como fructuoso Barbosa foi Encarragado Da Paraiba.....	162
Cap. 4º Como Chegando Diogo flores a Bahia se ordenou hir Ao Paraiba	165
Cap. 5º Do Salto que fez o capitão Simão falcão E fugida dos nossos.....	167
Cap. 6º Do primeiro Socorro que por diligensia E industria Do Ouvidor-Geral se mandou a Paraiba	169
Cap. 7º Do Segundo Socorro que se mandou a Paraiba E destruição das naos francesas.....	171
Cap. 8º De Como o Ouvidor-Geral Martim leitão foi a Paraiba a Primeira Vez	173
Cap. 9º da Ordem da Jornada E do primeiro rompimento E cerqua tomada	175
cap. i0. como se tentarão as pazes com o braço de peixe que não ouuerão Efeito.	177
Cap. ii como foi desbaratado o pico do braço do peixe	179
Cap. i2 como João pais foi a Baya da treicão.....	182
Como o Capitão castregon, fogio E largou o forte, E o ouvidor-geral o prendeo E aguasalhou os soldados, Cap. i3º	184

Cap. i4 ^o do principio das amizades do braco de pexe.	186
Cap. i5 da jornada do ouuidor-geral martim leitão E como se fes o primeiro forte	188
Cap. i6. como o ouuidor-geral martim leitão foi a baia da treicão.....	190
Cap. i7 de como chegamos a baia da treicão E passo de noite milagrozo.....	192
Cap. i8 como derão nos imigos	194
Cap. i9 de como partimos da Bahia da treicão pera o Tuyucupapo.....	196
Cap. 20 E uinda do capitão morales do Reino, a estas partes E como se auio o ouuidor-geral pera hir per mar a parahiba.....	198
Cap. 2i como o ouuidor-geral partio do parahyba pera o Copaoba	201
Capitulo 22 - Como destruida a Copaoba forão ao Tujucupapo aonde tiuerão a maior briga de todas.	205
Cap. 23 Da uinda E tornada do ouuydor-geral E dos nossos da Copaoba.....	211
Como despedida a gente o ouuidor fes o forte de .s. Sebastião, cap. fim	213

**PARTE UM – DO
SUMARIO DAS
ARMADAS (CA. 1589)**

INTRODUÇÃO

A conquista da Paraíba em 1587 foi de importância ímpar para o avanço da empreitada colonial no Brasil, em primeiro lugar porque fincou as bases da ocupação territorial portuguesa naquela região, evitando-se assim que os franceses, assíduos frequentadores, não tomassem posse daquela porção de território¹. A situação com os franceses era tão alarmante que Gabriel Soares de Sousa no *Tratado descritivo do Brasil* (1587) assinalou, a fim de que o apelo chegasse aos olhos da coroa

a cada ano entram neste rio [Paraíba] naus francesas a carregar o pau de tinta com que abatia o que ia para o Reino das mais capitanias por conta dos portugueses e porque o gentio potiguar andava mui alevantado contra os moradores da capitania de Itamaracá e Pernambuco, com o favor dos franceses, em que mataram muitos homens brancos e escravos;²

E em segundo lugar, a conquista expulsou os indígenas potiguares das imediações das capitanias de Pernambuco, Itamaracá e da futura capitania real da Paraíba, cujos violentos ataques destruíam sucessivamente os engenhos de açúcar e povoações já estabelecidas. Na capitania de Itamaracá, por volta de 1574, encontravam-se apenas 32 moradores conforme narra o *Sumario das Armadas* (1589), uma crônica da época³

com cuia ajuda os negros Petiguares o maior em numero E o mais como ia disse guerreiro gentio do Brazil de vinte annos a Esta parte corrião todas as fronteiras de tamaraca, que sóo com 32 moradores acurrelados na Ilha piadosamente sustentauão a Capitania E na de Pernambuco ia não moião 3. Engenhos E em condisão de despeiarem outros por tudo Estes Pitiguares hirem assolando porque mais facilmente pudesem acarretar E carregar o pao aos franceses E de tal maneira se forão apercebendo E apelidando os

¹ Acerca da disputa na Paraíba e expansão e colonização veja-se: CHAVES JÚNIOR, José Inaldo. “*As duras cadeiras de hum governo subordinado: história, elites e governabilidade na Capitania da Paraíba (c. 1755-c. 1799)*”. Dissertação. Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, 2013, pp. 68-123; GONÇALVES, Regina Célia. *Guerras e açúcares: política e economia na capitania da Parayba (1585-1630)*. Bauru: Edusc, 2007; PRADO, João Fernando de Almeida. *A conquista da Paraíba. (séculos XVI a XVIII)*. Vol. 321, Brasileira. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1964; RICUPERO, Rodrigo. *A formação da elite colonial. Brasil (c. 1530 - c. 1630)*. São Paulo: Alameda, 2009.

² SOUSA, Gabriel Soares de. *Tratado descritivo do Brasil em 1587; edição castigada pelo estudo e exame de muitos códices manuscritos existentes no Brasil, em Portugal e França, e acrescentada de alguns comentários por Francisco Adolfo de Varnhagen*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 4ª ed, p. 52.

³ *Sumario das Armadas* (1589). Esta variante encontra-se no manuscrito *Historia da Capitania da Paraíba* depositado na Academia das Ciências de Lisboa sob a cota ms. 133 Série Azul, doravante também referida como ACL. A passagem está no fôlio 3.

franceses Em sua ajuda *que* se vierão a fortificar a seu modo no mesmo rio Parahiba com os franceses situando-sse grande quantidade de aldeias dos Indios pello rio acima de hũa E doutra

Em razão das circunstâncias, neste mesmo ano, o rei d. Sebastião deu ordem ao governador-geral do Brasil, Luis de Brito de Almeida, para que resolvesse a situação, isto é, fizesse guerra contra os indígenas e elegeisse outro *sítio para povoação*⁴. Escolheu-se o entorno do rio Paraíba para erguer nova vila. Todavia a jornada fracassou. Fez-se nova tentativa em 1575,

desfeita em ar sem mais lembrança do Paraíba, *que* não cauzou pouca admiração por o geral conhesimento *que* Em toda a parte se tinha da importancia desta Empreza E mais pello fruto *que* della se Esperaua como das outras E *muitos* bens *que* poucada se logo seguião a de Pernambuco E tamaraca⁵

Outras tentativas seguiram-se através de armadas privadas como a de Frutuoso Barbosa, comerciante português, em 1579, ou armadas organizadas pelo governo-geral a partir de 1584 cujos esforços foram empenhados até 1587, quando o primeiro período de conquista efetiva terminou, deixando povoação fundada e povoada e alguns fortes construídos. Deste momento em diante, embora as lutas com os indígenas e franceses não tenham cessado por completo⁶, foram erguidas as bases para a economia açucareira que trouxe bons resultados como se vê,

As duas primeiras décadas de Seiscentos foram de relativa prosperidade da agro-manufatura açucareira instalada nas várzeas do rio Paraíba, que se desenvolvia a olhos vistos, impulsionada pelos bons preços do açúcar no mercado internacional⁷.

Para estudar o período de conquista da Paraíba, que se inicia com os fatos acima expostos, todos os pesquisadores voltam-se, necessariamente ao *Sumário das Armadas* (ca. 1589) – a única crônica conhecida que relata episódios da guerra sob a perspectiva de alguém que os testemunhou. Frei Vicente do Salvador, o primeiro a escrever uma história do Brasil, também a consultou quando redigiu sua *Historia do*

⁴ ACL, f. 4.

⁵ ACL, f. 4v.

⁶ Gonçalves, Regina Célia. *Ob. cit.*, p. 228.

⁷ CHAVES JÚNIOR, José Inaldo. *Ob. cit.*, p. 95.

Brazil (1630)⁸ a fim de nela registrar esta série de eventos. O *Sumario* (ca.1589) é crônica escrita no final do século XVI, conforme informações extraídas a partir da análise crítica das cópias manuscritas chegadas até a atualidade, que narram as guerras que se deram na região do rio Paraíba contra franceses e indígenas potiguares. Estes, através da aliança consumada entre si para a extração e comércio de pau-brasil, obstavam e ameaçavam interesses financeiros e colonialistas lusitanos.

Em verdade, o texto do *Sumario das Armadas* (ca. 1589) cobre um período anterior a 1584, quando inciam-se as guerras. O relato retrocede cerca de 20 anos, porque seu autor preocupou-se em fundamentar historicamente as razões dos conflitos. A crônica fora encomendada por Cristóvão de Gouveia, padre visitador da Companhia de Jesus no Brasil. Entre outras questões, a missão de Gouveia, que permaneceu na colônia entre 1583 e 1589, foi organizar os códigos de conduta dos padres jesuítas, os meios de catequização, que estavam em desacordo com as diretrizes da Companhia, bem como avolumar a comunicação, de modo que os colégios jesuítas do Brasil registrassem e divulgassem a outros colégios e aos superiores, seja no Brasil, seja na Europa mais sistematicamente suas atividades e o que lhes passava⁹. Por conseguinte, deduz-se que a obra foi escrita por um padre jesuíta que acompanhou as guerras, afinal a crônica foi encomendada por um superior da Companhia e o texto do *Sumario* (ca. 1589), como se explicará, contem indícios de que o autor é um padre jesuíta.

O *Sumario das Armadas* (ca. 1589) é, assim, uma matriz narrativa de extrema relevância para se recuperar os acontecimentos do processo de colonização da região, ou ao menos do que se configurou como uma espécie de discurso normatizado na cronística relativa ao Brasil Colonial em relação aos grupos humanos e sociais envolvidos nas ações desenvolvidas no período e naquele espaço vivencial. Do texto autógrafo, todavia, não se tem qualquer notícia até o então, pois o que chegou à atualidade foram apógrafos, testemunhando e trasladando a crônica que dá origem às narrativas sobre as guerras de conquista da capitania da Paraíba.

Embora o texto tenha sido publicado duas vezes no século XIX, em 1848 e 1871, e republicado algumas outras ao longo do século XX – voltar-se-á a isso mais à

⁸ SALVADOR, Frei Vicente do. **História do Brasil (1630)**. Introdução e notas: Maria Lêda Oliveira. Rio de Janeiro: Versal; São Paulo: Odebrecht, 2008

⁹ LEITE, Serafim. **História da Companhia de Jesus no Brasil**. Civilização Brasileira, rio de Janeiro, 1938, pp. 490-499

frente –, em nenhum momento as edições foram acompanhadas de estudos ou comentários críticos sobre os testemunhos manuscritos existentes e das regras pelas quais se pautaram as referidas fixações textuais. Devido ao peso e importância do *Sumário* para a história e historiografia brasileira, tentou-se oferecer no presente trabalho uma fixação textual do *Sumário das Armadas* (ca.1589) com um mínimo de aparato crítico sobre os caminhos referentes às suas variantes. Não se trata, portanto, de crítica histórica dos acontecimentos discriminados ao longo da narrativa, trabalho imprescindível, mas impossível de ser realizado como dissertação de mestrado, haja vista o escasso tempo atualmente oferecido pelos Programas de Pós para a finalização dos mesmos. Como diz a sabedoria popular, “primeiro as primeiras coisas” e foi isto que se tentou fazer: começar nesta dissertação por aquilo que é necessário e básico para dar, posteriormente, sustentação a trabalhos futuros, a exemplo de uma edição pautada também pela crítica histórica.

Percebeu-se, desse modo, ser indispensável ter clareza e conhecimento dos testemunhos manuscritos existentes da crônica *Sumário das Armadas* (ca. 1589) e suas variantes, bem como a maneira que os editores escolheram para fixar os textos nas edições publicadas no decorrer dos séculos. A partir deste estudo e percurso, é possível oferecer no presente trabalho uma fixação da crônica um tanto quanto distinta, tendo como caminho a própria história dos textos apógrafos que chegaram até a atualidade. E, por isso mesmo, a edição do *Sumário das Armadas* (ca. 1589), aqui entregue a público, como trabalho final de dissertação de mestrado, possui opções diferentes das até então realizadas. O estudo das variantes textuais indicou um novo caminho para a sua fixação e, por ele pautado, chegou-se à conclusão de se fixar o *Sumário* a partir de um testemunho manuscrito que até o momento não havia sido levado em consideração pelos editores pregressos. A análise é acompanhada de notas que destacam as diferenças textuais das demais variantes, a fim de deixar acessível o conjunto textual da crônica, com o objetivo de contribuir e fomentar a continuidade de estudos sobre a mesma.

O texto final aqui apresentado se encontra num códice do século XVII, conhecido como *História da Capitania da Paraíba*, localizado no arquivo Academia de Ciências de Lisboa, sob a cota *Série Azul Ms. 133*. Pese ser encimado com tal título, nele se encontra um testemunho do *Sumario* e alguns capítulos selecionados da crônica atribuída a Gabriel Soares de Sousa. As opções tomadas no presente estudo encontram-se relacionadas à maneira como a própria História é construída, quais as fontes

documentais são levadas em consideração e de que forma esses vestígios do passado são apropriados ao longo dos séculos. É fato que o conjunto cronístico possui uma importância ímpar para a (re)construção dos acontecimentos e para a construção de uma visão política sobre o passado de uma determinada sociedade. Logo, esse conjunto, ou a maneira como esse conjunto vai sendo, ou foi colocado a público, a partir da disponibilização em edições, merece ser analisado. Trabalho, por vezes, desgastante e que requer um grau de paciência e empenho descompassados com a velocidade dos tempos contemporâneos, que empurra para resultados mais rápidos.

É sabido que durante os séculos XIX e XX publicou-se extensa gama de narrativas, crônicas, roteiros, diários e outros tipos de documentação sobre o Brasil. Entre os motivos da impressão deste corpo documental, encontrava-se a divulgação sobre o próprio Brasil, um estímulo à construção da consciência da história pátria e da sua formação ou como referido no discurso do cônego Januário da Cunha Barbosa, o primeiro secretário Perpétuo e fundador do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro durante a cerimônia:

Começamos hoje um trabalho que, sem dúvida, remediará de alguma sorte os nossos descuidos, reparando os erros e enchendo as lacunas que se encontram na nossa história. Nós vamos salvar da indigna obscuridade, em que jaziam até hoje, muitas memórias da pátria [...]. A razão do homem, sempre vagarosa em sua marcha, necessita de um guia esclarecido e seguro, que acelere seus passos. O talento dos historiadores e dos geógrafos é só quem póde offerecernos essa galeria de factos, que, sendo bem ordenados por suas relações de tempo e de logar, levam-nos a conhecer na antiguidade a fonte de grandes acontecimentos, que muitas vezes se desenvolverão em remoto futuro¹⁰

No entanto, boa parte dos documentos editados ao longo desse período foi pautado pela necessidade de dar à luz um conjunto documental que possibilitasse a construção de uma história nacional e, portanto, sem a preocupação, hoje necessária, sobre as regras e as escolhas realizadas para as fixações dos manuscritos – em específico sobre o conjunto da cronística produzida no período colonial brasileiro, tema ora em questão. Acréscimos e subtrações, intencionais ou não, são comuns no processo de transmissão textual e desconsiderá-los é perder a essência do texto, das suas

¹⁰ BARBOZA, Januario da Cunha. **Discurso de inauguração do Instituto Histórico e Geográfico**. In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, t.1, p.10-12.

implicações políticas e o que determinado testemunho representava no momento em que foi produzido, copiado ou alterado. A crítica proporciona, na medida do possível, uma arqueologia textual: descobre e expõe suas estruturas e pensa como conceder ao leitor um conteúdo mais próximo daquilo desejado por seu autor¹¹. Igualmente abre a possibilidade de questionar não apenas a transformação textual, mas o processo de intervenção e significado em uma perspectiva histórica e política. Não é exagero pensar que palavras tem grande impacto no sentido de uma frase, e pequenas mudanças podem transformar o sentido da interpretação. A publicação de um texto histórico sem a crítica ou sem o esclarecimento sobre o processo crítico do editor oferece a possibilidade de apresentar um texto mutilado, que foi ou será tomado como fonte confiável e que, ao fim e ao cabo, deixa pelo caminho a desinformação e a ilusão de ter o texto “perfeito” em mãos. José Honório Rodrigues em sua *Teoria da História do Brasil*¹² indica quão longo é o caminho a percorrer no campo das edições críticas a fim de proporcionar textos fiáveis para o estudo da história do Brasil, conforme se lê em suas próprias palavras:

Raras são as edições verdadeiramente diplomáticas e raríssimas as críticas ou interpretativas [...]. É geralmente reconhecido que a prática de suprir o público com textos repletos de corruções viciou muito o trabalho dos responsáveis pelas edições históricas; em alguns casos, a inexistência de originais (localizados em arquivos europeus) é a principal justificativa pelo viciamento das edições de documentos coloniais; em outros, é a falta de pessoal treinado o principal responsável pelas deficiências.¹³

Nos últimos anos vê-se um avanço na área de crítica e edição, por exemplo, o trabalho de Maria Lêda Oliveira que editou e publicou em 2007 a *Historia do Brazil* (1630) de fr. Vicente do Salvador e a *A primeira rellação do último assalto a Palmares*¹⁴, crônica inédita do assalto ao quilombo dos Palmares; o trabalho de Eduardo Sinkevique com o texto *Tratado político* (1715), de Sebastião da Rocha Pita; o estudo do manuscrito *Memória histórica da capitania de São Paulo* por Renata Ferreira

11 Sobre edição crítica veja-se: CAMBRAIA, César Nardelli. **Introdução à crítica textual**. São Paulo, Martins Fontes, 2005; KELEMEN, Erick. **Textual Editing and criticism: an introduction**. WWNorton, 2007.; RODRIGUES, José Honório. **Teoria da História do Brasil**. Companhia Editora Nacional, 1969, 3ª ed.; SPINA, Segismundo. **Introdução à Edótica: crítica textual**. São Paulo, Cultrix, Ed. da Universidade de São Paulo, 1977.

12 RODRIGUES, José Honório. **Ob cit.**; p. 382.

¹³ Idem.

¹⁴ A fonte foi publicada no periódico *Afro-ásia*, n. 33, 2005, pp.251-324.

Costa¹⁵; a pesquisa de Vanessa Martins do Monte¹⁶ sobre as cartas paulistas de circulação pública no século XVIII e o estudo de Phablo Roberto Marchis Fachin sobre as práticas de escrita setecentista feito a partir de um *corpus* documental da administração pública¹⁷; entre outros que poderiam aqui ser citados. Vale igualmente mencionar o importante trabalho desenvolvido pelo departamento de filologia da Universidade de São Paulo, na área da crítica textual de escritos coloniais, assim como a relevante iniciativa do departamento de História da Universidade Federal de São Paulo, com a *Revista de Fontes*, periódico eletrônico para divulgação de fontes com edição da “transcrição e/ou tradução de documentação manuscrita ou mesmo impressa, paleográfica ou epigráfica”¹⁸.

Portanto, este trabalho de estudo crítico não está em descompasso com o que se tem produzido atualmente em âmbito acadêmico, e vai justamente ao encontro da necessidade de se estudar com mais atenção e critério as fontes usadas para história colonial brasileira. É indispensável que se trabalhe *também* a própria fonte como objeto de análise, e não apenas como um instrumento para análise, porque ampliar o escopo de fontes sólidas permite multiplicar as possibilidades de estudos e melhor compreender o período colonial brasileiro. Em assim sendo, após a breve apresentação e justificativa desta pesquisa, segue-se para o estudo do manuscrito.

¹⁵ COSTA, Renata Ferreira. Um caso de apropriação de fontes textuais: memória histórica da capitania de São Paulo, de Manuel Cardoso de Abreu, 1796. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2012.

¹⁶ Cátia Schreiner. Edição semidiplomática de documentos manuscritos catarinenses do século XVIII: livro de ofícios do vice-rei para o governador da capitania (1739-1798). Dissertação. Universidade de São Paulo, 2007.

¹⁷ FACHIN, Phablo Roberto Marchis. Práticas de escrita setecentista em manuscritos da administração colonial em circulação pública no Brasil. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo, 2011; FACHIN, Phablo Roberto Marchis. Estudo paleográfico e edição semidiplomática de manuscritos do conselho ultramarino (1705-1719). Dissertação. Universidade de São Paulo, 2006.

¹⁸ Revista de fontes, apresentação: <http://www.revistadefontes.unifesp.br/apresentacao/>

1 DOS TEMAS E CIRCULAÇÃO DO SUMÁRIO DAS ARMADAS (CA. 1589)

O diálogo a seguir é travado entre as personagens Alviano e Brandônio nos *Diálogos da Grandeza do Brasil* escritos em 1618 e suscita, brevemente, os motivos pelos quais se deram as guerras na Paraíba. O autor, Ambrósio Fernandes Brandão, foi citado de passagem no *Sumario das armadas* (ca. 1589). Firmou-se como importante figura daquele período: exerceu a função de mercador, tornou-se senhor de engenho, ocupou o cargo de capitão dos mercadores em uma das jornadas ao Paraíba e por lá fixou morada nos anos seguintes.

- ALVIANO: E qual é a razão por que meteu Sua Magestade mais cabedal na povoação e conquista desta Capitania da Paraíba que costumava meter nas demais?

- BRANDONIO: Foi por respeito do seu bom pôrto, no qual costumavam os piratas franceses ir a reparar suas naus, e ainda a carregar de pau do Brasil, que comutavam por resgate com o gentío petiguar e com ele e mais prezas que tomavam pela costa, tornavam a fazer sua navegação para França em notável prejuízo de todo o Estado do Brasil. E tudo se atalhou com Sua Magestade se fazer senhor do seu porto e barra que, por ser com muita fôrça defendida dos Piratas franceses confederados com o gentío Petiguar, senhor de todo o sertão, belicosíssimo e inclinado a guerras, custou muito trabalho e despesa fazê-lo reduzir à nossa amizade, e desviá-lo da que tinha com os franceses, sendo fôrçado aos nossos, para se haver de conseguir êste efeito, fazerem muitas entradas com mão armada, pelo sertão a dentro, principalmente a uma serra, que chamam de Copaoba, onde estava o gentío junto em muita quantidade, por ser fertilíssimo, e como tal se afirma dela produzira muito trigo, vinho, e outras frutas de nossa Espanha”¹⁹.

Brandônio, sem rodeios, enumera que as razões de tanto investimento *na povoação e conquista desta capitania* deveram-se ao excelente porto, à ação francesa *em notável prejuízo ao Brasil* associada às alianças destes com os indígenas, à terra fértil, a carga de pau-brasil. Em linhas curtas, é o mesmo projeto consignado no

¹⁹ BRANDÃO, Ambrósio Fernandes. *Diálogos das grandezas do Brasil: 2ª edição integral, segundo o apógrafo de Leiden, aumentada por José Antonio Gonsalves de Mello*. Recife: Imprensa Universitária, 1966, p. 20.

Sumario das armadas (ca. 1589): defender a posse de território através da ocupação de regiões que ainda não eram povoadas e lá instalar uma estrutura administrativa e produtiva²⁰.

O primeiro capítulo apresenta ao leitor estes motivos para que se compreenda o que virá a seguir, de tal maneira que ele, leitor, convença-se da urgência da empreitada e dos bons frutos que dela resultarão:

Antes de Entrar na relacam das guerras E armadas *que* os reis deste Reyno mandaram dar E fazer contra ò gentjo Petigar *Senhor* de mais de quatrocentas Legoa per costa deste Ryo do parahiba ate ò do Maranham *que* Comecaram no tempo de Luis de britto dalmeida gouernador geral deste estado do Brazil E se acabaram no tempo do Lecenceado Martim // Leitam Ouuidor Geral do mesmo estado E *que* por mandado del rey Dom Philippe nosso *senhor* os conquistou E pououo ò Ryo Parahiba me pareceo fazer hũa breue descripsam delle E do estado Em *que* estauam as capitancias de Pernambuco e Tamaracha quando ò Docto Martim Lejtam Entrou nellas para mais facilmente no discurso desta historea se Entenderem mujtas Cousas, a qual he a seguinte²¹

O autor começa, então, a descrever os rios navegáveis, os portos naturais e o tamanho das embarcações que podem adentrar a malha fluvial por onde chegam-se às várzeas, que “podem dar maes de quarenta Engenhos de açuquar por toda a terra ser singular *pera* cana com o servico de mar²²”, pelo qual seria fácil escoar a produção para o reino. O jesuíta salienta um item importante: a Paraíba é a terra mais próxima ao reino, por mar. Prossegue a relação sobre a fertilidade da região ao mencionar a mandioca, melhor e mais abundante mantimento que a terra dá, mas dedica boa parte das linhas do primeiro capítulo a descrever as gentes locais, chama os indígenas de *mui varios E mudaiueis em Estremo*²³ e quanto aos brancos, ele conclui que o povo que se formou no Brasil veio da “ruim semente do Limoeiro”, um povo formado pelos degredados de uma cadeia portuguesa. O clima, ainda por cima, influencia de maneira

²⁰ Sobre este processo, ver: RICUPERO, Rodrigo. **A formação da elite colonial. Brasil (c. 1530 - c. 1630)**. São Paulo: Alameda, 2009.

²¹ *Sumario das Armadas*, variante da Biblioteca Nacional de Portugal, cota *Reservados 302*, doravante também referida como BNP. A passagem está nos fólhos 2-2v. O fólho inicial da variante do *Sumario das Armadas* (ca. 1589) que se encontra no testemunho *Historia da Capitania da Paraíba* perdeu-se. Para suprir o texto faltante neste testemunho, lançou-se mão do que consta no testemunho da Biblioteca Nacional de Portugal. Explicar-se-á à frente.

²² BNP, f. 2-2v.

²³ ACL, f. 2v.

negativa quer aos da terra, quer aos que chegaram há pouco: convida a fugir da retidão e disciplina²⁴. Dos indígenas, a única nação que interessa ao autor descrever em particular são os potiguares, como mostrou-se no excerto acima. Tal atenção é dispensada a este grupo porque é contra eles, e os franceses a eles aliados, que as guerras descritas na crônica se darão. Portanto, o autor toma o cuidado de coligar os dados sobre a destruição que esta nação causou e quanto prejuízo tem provocado aos colonos

deixo a colheita E ladroeira de vinte E trinta naos francezas²⁵ *que* todos os annos antes de ser nossa ali carregauão tendo suas feitorias cada nação sobre si fazendo de hum ano *para* o outro a carrega cada hum *para* as suas naos com cuia ajuda os negros Petiguares o maior em numero E o mais como ia disse guerreiro gentio do Brazil de vinte annos a Esta parte corrião todas as fronteiras de tamaraca, *que* sóo com 32 moradores acurrelados na Ilha piadosamente sustentauão a Capitania E na de Pernambuco ia não moião 3. Engenhos E em condisão de despeiarem outros por tudo Estes Pitiguares hirem assolando *porque* mais facilmente pudesem acarretar E carregar o pao aos franceses E de tal maneira se forão apercebendo E apelidando os franceses Em sua ajuda *que* se vierão a fortificar a seu modo no mesmo rio Parahiba com os franceses situando-sse grande quantidade de aldeias dos Indios pello rio acima de hũa E doutra parte por ser a mais fertil couza de todo o Brazil E como ficarão a dez doze legoas das nossas fronteiras corrianas seguros todos os dias, ceuados nos saltos *que* nos dauão, com o *que* as Capitancias de Pernambuco E tamaraca andauão tam inquietas E trabalhadas, *que* não se ouzauão ualer dos Engenos fronteiros, nem fazião pao brazil *que* he o remedio dos pobres, tam cortados os tinha o medo²⁶

Em assim sendo, o primeiro capítulo da crônica tem por função justificar necessidade da empreitada: eram os rios navegáveis, as terras férteis da Paraíba, a possibilidade de se construir muitos engenhos e retirar pau-brasil que estavam em jogo

²⁴ Idem. José Sebastião da Silva Dias ao estudar os impactos dos descobrimentos na cultura portuguesa do século XVI, conclui que “[...] pretende-se estabelecer uma relação causal entre o clima e o caráter de cada povo, e mais ainda, entre o clima e as estruturas ético-políticas dos continentes”. O autor do *Sumario das Armadas* (ca. 1589) é claro ao estabelecer estas relações – seja para os brancos que aqui estão, seja para os indígenas. Ver: DIAS, José Sebastião da Silva. **Os descobrimentos e a problemática cultural do século XVI**. Lisboa: Editorial Presença, 1982, p. 175.

²⁵ Sobre este desfalque, a historiadora Regina Célia Gonçalves, partindo dos dados de Roberto Simonsen, calculou o quanto custaria aos cofres da Coroa portuguesa a carga de pau-brasil que foi : cada 300 toneladas da madeira, o correspondente entre 3 e 5 naus, renderiam 120.000 contos e deste valor 15% pertenceria à Coroa. A cada leva de pau-brasil que os franceses retiravam, entre 30 e 40 naus de acordo com o *Sumario das Armadas* (ca. 1589) cerca de 180.000 contos deixavam de ser pagos em tributos à metrópole. Cf. GONÇALVES, Regina Célia. **Ob. cit.**, p. 50.

²⁶ ACL, f. 3.

caso não se expulsassem os franceses do litoral e vencessem a resistência que os potiguares opunham à colonização portuguesa – em suma, aqueles motivos já assinalados por Brandônio no início deste capítulo. O discurso é construído de tal forma que o leitor compreenda a perigosa conjuntura que se delineava naquele momento e, por tabela, a narrativa deixa subentender o ônus que provocaria, ao projeto português de expansão colonial, a perda do território.

É possível identificar no *Sumario* (ca.1589) três momentos narrativos bem marcados: o primeiro capítulo, acima explicado, cujo texto é uma introdução para que o leitor entenda o motivo das jornadas, os capítulos 2 a 7, as expedições fracassadas e os capítulos 8 a 24, o sucesso de Martim Leitão, ouvidor-geral, em conquistar o território.

A segunda parte em que é possível dividir no *Sumario das Armadas* (ca. 1589) vai do capítulo 2 ao 8. A narrativa trata de um período de 11 anos, contados a partir de 1574 quando D. Sebastião determina a Luís de Brito de Almeida, governador-geral, que elesse um novo lugar para fundar povoação e controlasse as investidas que os potiguares davam aos moradores das capitanias de Itamaracá e Pernambuco. As duas expedições organizadas pelo governo-geral malograram. Em 1579, Frutuoso Barbosa, próspero comerciante morador de Pernambuco, conseguiu uma concessão para a empresa de colonização nas terras paraibanas após vários os insucessos do governo colonial. Caso a expedição fosse bem sucedida, Frutuoso Barbosa seria nomeado capitão de mar e terra da Paraíba. O português preparara, então, quatro navios com gente, soldados e religiosos beneditinos e franciscanos²⁷ para povoar a capitania, mas uma tormenta lhe destruiu a empreitada. Em 1581 ou 1582²⁸ Frutuoso, refeito do azar que lhe acometera, fez nova tentativa de conquistar o território, igualmente desbaratada pelo destino.

²⁷ Há uma divergência entre a documentação – o *Sumário* (ca. 1589), capítulo 3, narra que Frutuoso Barbosa levava franciscanos e beneditinos. Varnhagen se atém à versão do pe. Anchieta, à época provincial do Brasil, que diz haver três frades do Carmo, outros dois de São Bento e um de São Francisco. Não consumaram a ida à Paraíba, apenas pregaram, confessaram e voltaram ao reino. Cf. VARNHAGEN, **ob. cit.**, p. 437. Uma carta de autorização expedida da vinda de 4 religiosos, que comprova que Frutuoso Barbosa tenha trazido Carmelitas. Frei Manoel de Sá. **Memórias históricas da Ordem de Nossa Senhora do Carmo da Província de Portugal**, Lisboa Oriental, Offycina Josep. Antonio da Silva, 1727, p. 33-35 apud HONOR, André Cabral. **O envio dos carmelitas à América portuguesa em 1580: a carta de Frei João Cayado como diretriz de atuação**. Revista Tempo, vol. 20 – 2014:1-19.

²⁸ O *Sumário* dá como data 1582, mas em duas outras crônicas, uma francesa composta por Pierre du Jarric e outra inglesa, de Richard Hakluyt, deduz-se 1581. Cf. Varnhagen, **ob.cit.**, p. 439.

A terceira expedição organizou-se em 1584 quando Diogo Flores Valdez – militar espanhol que retorna de missão do Estreito de Magalhães – aporta na Bahia e é enviado com uma armada por Manuel Teles Barreto, governador-geral do Estado, para a conquista da Paraíba. O governador-geral, de conhecimento da concessão dada a Frutuoso Barbosa, convocou-o a organizar uma expedição por terra a fim de acompanhar Diogo Flores de Valdez. A armada de Diogo Flores de Valdez destruiu sete navios franceses que carregavam pau-brasil e construiu um forte para deixar na região um núcleo de povoado por colonos.

Em 1584 Martim Leitão, ouvidor-geral e personagem central do *Sumario das Armadas* (ca. 1589), passou a encabeçar, por mandado de Manoel Teles Barreto, a organização das armadas de conquista da Paraíba. Dividiu o cargo, também por mando do governador-geral, com Martim Carvalho, provedor-mor do Brasil. Ambos, locados em Pernambuco, administravam a situação de longe, através de requerimentos e despachos trocados com os que estavam no forte. Segundo o *Sumario* (ca. 1589)

seria infinito E enfadonho contar aqui as particularidades *que* nisto passarão basta *que* nem algum pouco *prouimento* se deu // senão a força de grandes requerimentos E feros *que* ainda as vezes nisso metia o Ouvidor-Geral E buscar *quem* os leuasse ao Paraíba por ser mui vagaroso o modo com *que* Martim Carualho tudo detinha E empachaua E quanto elle com Estes Estoruos E desuios mais declaraua sua tenção tanto mais o Ouvidor-Geral com todas as superabundancias por outra uia se mostraua zeloso E diligente *que* Em verdade foi demasada afeição a *que* nestas materias teue²⁹.

Desta forma, em razão da péssima atuação do provedor-mor Martim Carvalho, o ouvidor-geral, Martim Leitão, assumiu pessoalmente o comando da guerra em 1585. No relato do *Sumário* (ca. 1589) a ida de Martim Leitão marca a reviravolta da narrativa – a empresa da conquista, que ia de mal a pior, é paulatinamente revertida – conforme o *Sumario* (ca. 1589), novemente – pelos esforços ímpares de Martim Leitão. O desastre de onze anos, quer dizer, das tentativas frustradas de vitória na Paraíba que tiveram início em 1574, foi revertido em cerca de dois anos. Martim Leitão parte da região do Paraíba em fevereiro de 1587 onde logorou fundar uma vila e povoá-la, bem como deixou fortes construídos. Os assuntos relativos às jornadas militares comandadas por

²⁹ ACL, f. 8-8v.

Martim Leitão, tal qual suas vitórias são assuntos tratados do capítulo 8 ao 24, o capítulo final, pertencem à terceira parte da crônica.

Foi dado este breve resumo do *Sumario das Armadas* (ca. 1589) com a intenção de ofertar ao leitor deste trabalho o fio que conduz a narrativa da crônica ora estudada. Parece, e de fato é, enfadonho ler a sinopse dos fatos quando se conhece bem o que neles se passou, ou ainda, ao saber que o texto integral está ao final destas páginas. Mas faz-se necessário porque existem aqueles que não são familiarizados com a história, ademais, aos que a sabem, este delineamento ajuda a avivar a memória. De qualquer modo, para uns e para outros, crê-se que esta síntese ajudará a acompanhar melhor as ideias aqui desenvolvidas.

A importância das guerras da Paraíba não ficou restrita ao Brasil ou à corte. As armadas, além de registradas no *Sumario* (ca. 1589) foram noticiadas em outras línguas e lugares, por diferentes cronistas: Varnhagen aponta menções ao sucedido na obra do inglês Richard Hakluyt, publicada em 1589, apenas dois anos após Martim Leitão dar por concluída sua tarefa, e na do padre jesuíta Pierre du Jarric em 1610, quando este publicou uma história sobre as descobertas portuguesas³⁰. Provavelmente o primeiro relato publicado sobre a guerra do Paraíba está em um poema *Relacion del suceso de la Parayva* (1584)³¹ do soldado espanhol Juan Peraza.

Estaba un puerto tomado
en la costa dela Brasil,
de franceses usurpado,
y de esta gente guardado
con ánimo varonil.
Y de aquí se proveia
de quanto brasil querian,
y tenian tal ganacia,
que enriquecian á Francia,
y grandes daños hacian.
Y quando la jornada,
tan larga y tan trabajosa,

³⁰ Ver: VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. **Ob. cit.**, p. 439, n. 39

³¹ PERAZA, Juan (Soldado de la Armada). 1876 (1ª ed. 1584). **Relación cierta y verdadera que trata de la victoria y toma de la Parayva, que el ilustre señor Diego Flores de Valdés tomó con la armada de S. M. real, de que iba por Capitán general en la jornada de Magallanes.** [aut. libro] Cesáreo Fernández Duro. *Disquisiciones náuticas*, 1584. Madrid (Sevilla) : Estereotipia, 1876 (1ª ed. 1584). Cuenta cómo corriendo la costa del Brasil halló un puerto que los franceses tenían tomado y allí estaban hechos fuertes, y de cómo se lo ganó y quemó las naos y casas que teman.

daba la vuelta el armada,
 tan perdida y destrozada
 cuanto á algunos fué costosa,
 y cuando los capitanes,
 tan bizarros y galanes,
 venian ya bien cansados,
 de infortunios fatigados,
 de vuelta de Magalláns,
 quiso el señor general,
 Diego Flores de Valdés,
 apocalles su caudal,
 y quitar aqueste mal
 desterrando este frances.

[...]

Porque éstos están casados
 con las indias petigüares,
 y con ellos desarmados,
 se matarán á millares.

Y contra los portugueses,
 con el favor de franceses,
 se atreven á dar asaltos

[...]

El capitan Castrjon
 quedó con infantería
 española de nación
 en su guardia y guarnicion,
 que este cargo merecia;
 Y Fructuoso Barbosa,
 persona muy generosa,
 quedó por gobernador del vecino, y poblador,
 que el Rey mandó aquesta cosa.

[...]

O poema foi escrito por um dos soldados do general espanhol Diogo Flores de Valdez quando este, acompanhado de seus homens, cumpriu um pedido do governador-geral que reiniciou as guerras na Paraíba, no ano de 1584. O retrato, no poema, dos primeiros meses de combate coincide com as razões apresentadas pelo autor do *Sumario* (ca. 1589) no capítulo inicial da crônica. São as mesmas justificativas que Brandônio usa em sua resposta nos *Diálogos das grandezas do Brasil* (1618): a presença francesa,

e respectiva exploração do pau-brasil no litoral *paraibano* e a aliança firmada com os indígenas.

O poema de Juan Peraza cita alguns personagens que se encontram também na narrativa do *Sumario das Armadas* (ca. 1589). O primeiro a ser mencionado é o general Diogo Flores de Valdez, figura importante para encetar as jornadas a partir de 1584. O segundo é Francisco Castrejón, homem que Valdez deixou no comando quando retornou à Espanha. O último é Frutuoso Barbosa, cuja menção no poema é muito positiva. O autor do *Sumario das Armadas* (ca. 1584) não nutre a mesma estima que Juan Peraza em relação a Francisco Castrejón, porque sendo responsável por uma fortificação abandonou-a, e a Frutuoso Barbosa, caracterizado como incompetente. *Relacion del suceso de la Parayva* (1584) não alude a Martim Leitão porque o ouvidor-geral não havia ido à guerra.

Outro a falar das guerras do Paraíba, ainda no final do século XVI, foi Gabriel Soares de Sousa no *Tratado descritivo do Brasil* (1587)³², ele entregou o manuscrito da obra na corte de Felipe II da Espanha em março de 1587, abaixo, selecionou-se uma passagem em que ele trata da Paraíba:

este rio Paraíba é mui necessário fortificar-se, uma por tirar esta ladroeira dos franceses dêle, outra por se povoar, pois é a terra capaz para isso, onde se podem fazer muitos engenhos de açúcar. E povoado este rio, como convem, ficam seguros os engenhos da capitania de Itamaracá e alguns da de Pernambuco, que não labra, com, temor dos potiguares, e outras se tornarão a reformar, que eles queimaram e destruíram.³³

Como ficou demonstrado, vários textos sugeriram para dar nota do que se passou, ou se passava, na Paraíba. Ao que parece, os testemunhos confluem quanto à razão da disputa. Contudo, o único testemunho do qual se teve, e se tem, notícia cujo registro dos eventos entre 1584 e 1587 foi feito por uma *testemunha de vista*³⁴ é o *Sumário das Armadas*, por isso sua importância. Como já mencionado, Frei Vicente do Salvador se valerá do *Sumario das Armadas* para compor sua *História do Brazil* (1630). O *Sumario* (ca. 1589) aparece, também, na obra Frei Jaboatão em 1761. Provavelmente, o frade

³² Ver: SOUSA, Gabriel Soares de. **Ob. cit.**, p. 52-54.

³³ Idem, p. 54.

³⁴ ACL, f. 6.

franciscano não lançou mão de um manuscrito do *Sumario*, mas leu-o através da *História do Brasil*³⁵.

O uso que frei Vicente do Salvador fez do *Sumario das Armadas* (ca. 1589) é um indício da circulação do manuscrito durante o período colonial, e existem outros rastros para averiguar a questão. Encontram-se alguns deles na obra *Bibliotheca Lusitana* (1741)³⁶, na qual o abade Barbosa Machado, seu autor, dá *notícia dos autores portugueses e das obras que compuseram desde o tempo da promulgação da Lei da Graça até ao tempo presente*³⁷. Neste livro, existem preciosas informações acerca da existência de dois apógrafos do *Sumario* (ca. 1589). Um deles é o testemunho que hoje se encontra na Biblioteca Nacional de Portugal, como mais à frente se explicará. O outro apógrafo, pertenceu ao conde de Vimieiro, mas perdeu-se quando do incêndio da sua biblioteca. A próxima pista é a existência de terceiro testemunho do *Sumario* (ca. 1589) depositado na Biblioteca Pública de Évora, cujo estudo dos elementos materiais que o compõem— quer dizer, o papel, a letra, a encadernação — sugerem que o códice seja uma cópia do século XVIII. A última é um manuscrito salvaguardado na Academia das Ciências de Lisboa que tem o nome de *Historia da Capitania da Paraíba*, um testemunho do início do século XVII, onde se encontra uma cópia do texto do *Sumario* (ca. 1589). Portanto, ao menos quatro testemunhos do *Sumario das Armadas* (ca. 1589) existiram no período colonial, o que demonstra que a crônica teve alguma circulação. Note-se que a discussão aprofundada sobre os manuscritos dar-se-á da segunda seção em diante.

Pese existirem algumas poucas refências ao *Sumario das Armadas* (ca. 1589) feitas durante o período colonial, a partir do século XIX avolumam-se as menções à crônica. Ao que parece, Varnhagen é quem o citou pela primeira vez, quando registra

³⁵ Veja a introdução à edição da *História do Brasil* (1630), **ob. cit.**, pp. 23-24; Além da introdução, veja-se a identificação do Sumário na obra de fr. Vicente do Salvador feita por Maria Lêda Oliveira:[referente ao livro IV] O capítulo 3 da *História* é, quase por completo, uma cópia do capítulo 3 do *Sumário*; o capítulo 4 traz eventos do capítulo 4 do *Sumário*; o capítulo 5 é construído com partes do capítulo 6 e 7 da obra do jesuíta; o capítulo 7 é reprodução dos capítulos 10 e 11; o capítulos 8 inicia com uma frase do capítulo 11, prossegue copiando partes do capítulo 12 do *Sumário*; o capítulo 9 é reprodução de quase todo o capítulo 13; o capítulo 10 é cópia de quase todo o capítulo 14, com partes do capítulo 15; o capítulo 11 é feito a partir de eventos do capítulo 16; o início do 12 é cópia do princípio do capítulo 19 do *Sumário*, prosseguindo com partes do capítulo 18 para depois retornar ao capítulo 19; o capítulo 13 é quase toda cópia integral do capítulo 20; o capítulo 14 foi construído com trechos do capítulo 21; o capítulo 25 traz eventos do capítulo 22; e, por fim, o capítulo 26 foi construído com trechos do capítulo 22 e do último capítulo 23 do *Sumário*. OLIVEIRA, Maria Leda. *A história do Brasil de Frei Vicente do Salvador: história e política no império português do século XVII*. Rio de Janeiro: Versal Editora; São Paulo Odebrecht, 2008, v.1, p. 180, nota. 37.

³⁶.

³⁷ Idem, folha de rosto.

em nota no seu trabalho *Reflexões Críticas* (1839)³⁸ a consulta aos testemunhos da Biblioteca Nacional de Portugal e da Biblioteca Pública de Évora. O historiador seguiu recorrendo à crônica, o que se infere ao ler uma das notas da edição crítica do *Tratado descritivo do Brasil* (1587), publicada em 1851: “em respeito da colonização da Paraíba deve consultar-se a obra especial mandada escrever pelo Pe. Cristóvão de Gouveia”³⁹. Como mencionado na introdução, foi Gouveia quem encomendou a obra ao autor, um padre da Companhia de Jesus, e embora Varnhagen não denomine a *obra especial*, ela é *Sumario* (ca.1589).

O afã dos homens do século XIX por editar e publicar documentos⁴⁰ levou o *Sumario das Armadas* (ca. 1589) ao prelo, não uma, mas duas vezes. A primeira em 1848, quando saiu nas páginas do jornal *Iris*, pelas mãos de José Feliciano de Castilho, outra em 1871, quando a segunda publicação ficou a cargo da *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. É digno de nota que dois periódicos independentes entre si publiquem o mesmo documento. São sinais daquele tempo⁴¹, em que

a origem da nacionalidade estava na colônia e de que, em consequência, as fontes de pesquisa para a história do Brasil eram predominantemente coloniais [...]. À luz dos supostos morais e científicos do historicismo, os arquivos assumiram papel fundamental: numa perspectiva histórica na qual o historiador era também um juiz [...]. Os documentos arquivísticos eram um manancial acionado para garantir a força probante das diversas conclusões do historiador.

Fundam-se assim num mesmo amálgama ético a construção do estado nacional e a verdade histórica. Pesquisa histórica, elaboração de histórias nacionais, divulgação deste conhecimento para o aperfeiçoamento moral e cultural do povo seriam instrumentos indispensáveis para a construção de uma nova nacionalidade⁴².

³⁸ VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Reflexões críticas sobre o escripto do século XVI impresso com o título de Notícias do Brasil no tomo 3º da Coll. De Not. Ultr. Acompanhadas de interessantes notícias bibliographicas e importantes investigações históricas*. Lisboa: Typografia da Academia, 1839.

³⁹ SOUSA, Gabriel Soares de. *Tratado descritivo do Brasil em 1587; edição castigada pelo estudo e exame de muitos códices manuscritos existentes no Brasil, em Portugal, Espanha e França e acrescentada de alguns comentários por Francisco Adolfo de Varnhagen*. São Paulo, Cia. Editora Nacional e Edusp, 4ª ed., 1971, p. 356, nota 12.

⁴⁰ Ver: RODRIGUES, José Honório. *Ob. cit.*, 1969, pp. 391-304. WEHLING, Arno. *As fontes da história do Brasil colonial como Memória e História* in *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, a. 160, nº 402, pp. 31-40, jan/mar, 1999.

⁴¹ Veja: SCHAPOCHNIK, N. *Letras de fundação: Varnhagen e Alencar* — projetos de narrativa instituinte. São Paulo, 1992. 245p. Dissertação (Mestrado em História) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo; WEHLING, *ob.cit.*

⁴² WEHLING, *ob. cit.*, p. 32-33.

Se pensar uma identidade nacional foi a tônica dos três primeiros quartos do século XIX, seus os anos finais voltaram os olhos para as identidades regionais, quando os institutos históricos estaduais, em função do federalismo republicano, buscaram afirmar as raízes locais⁴³. Neste sentido, em compasso com a época, os intelectuais da província da Paraíba igualmente discutiam a elaboração da sua história local⁴⁴ e quando o Instituto Histórico e Geográfico Paraibano foi fundado, em 1905, João Pereira de Castro Pinto, orador oficial, declarou na cerimônia de inauguração

a Parahyba na América Portuguesa, tendo a sua crônica propriamente dita, para um volume, separadamente, na Chronica Geral da colonia, não tem a sua historia, no sentido estricto do termo, fóra da Historia de Pernambuco durante o longo período que decorre do povoamento á independência⁴⁵

Castro Pinto, com esta fala, convocou os membros do Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba a criar uma história para aquele estado, isto é, dar sentido *criar uma apreciação filosófica*⁴⁶. Ele afirma que seu estado *possui sua crônica para um volume* durante a colônia, e não há outra conhecida a qual ele possa ter se referido além daquela que relata as guerras de conquista, o *Sumario das Armadas* (ca. 1589). A história da Paraíba, ainda por se fazer naquele momento, precisaria apoiar-se em documentos oficiais e narrativas de maneira alicerçar o discurso. Assim, a crônica do *Sumario* (ca.1589), é o primeiro documento ao qual se voltaram os intelectuais paraibanos para buscar o sentido *histórico* da existência história colhendo as raízes locais. A leitura da primeira revista do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano demonstra manifestamente esta busca pela a história da Paraíba colonial. O discurso enceta-se por eventos que estão no *Sumario das Armadas* (ca. 1589), todavia não é Martim Leitão, nos discursos proferidos pelos membros do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano, que foi alçado à figura do fundador da Paraíba, como quis o autor do *Sumario* (ca. 1589). Quem ocupa este posto, aos olhos dos dois membros do

⁴³ Idem, p. 34.

⁴⁴ Sobre a formação da identidade paraibana é interessante ler e pensar sobre os discursos presentes nas primeiras revistas do IHGP: Conferir: “*Resumo da 1ª conferência do Instituto Histórico E Geográfico Parahybano pelo orador official dr. João Pereira Castro Pinto, a 12 de outubro de 1905*” e “*Memoria da fundação da Parahyba, lida em sessão somene commemorativa do Instituto Historico e Geografico Parahybano em 5 de agosto de 106 pelo Dr. Manoel Tavares Cavalcanti*” in Revista do Instituto Histórico e Geográfico Parahybano, ano 1, vol. 1, pp. 21 a 38 e 67 a 82. Ver também sobre a formação do discurso histórico da Paraíba ver: CHAVES JR., José Inaldo. *Ob. cit.*, Cap. 1.

⁴⁵ Revista do IHGP, p.21.

⁴⁶ Idem.

Instituto, é João Tavares⁴⁷, personagem qualificado na narrativa crônica como um subalterno, dependente das orientações do ouvidor-geral para levar a cabo com sucesso seus encargos:

o ouvidor-geral Em Sua caza, agazalhou, uestio E festeiou, uestindo os cabecas, E auizando o Capitão Simão tauares do *que* deuia fazer, mandando-lhe mais vinte E sinco homens de toda a sorte per os Espanhoes Estarem ainda *muíto* // Emfermos. E mandando-lhe uestidos finos, por os principaes E grandes mimos; E todos *muíto* contentes os tornou a mandar e com grandes defezas não ouese nenhum genero de resgate, de que o ouvidor como Experimentado⁴⁸ he *muíto* inimigo, E com rezão, que isto he o que dana E Estraga o brazil⁴⁹;

Quando este, João Tavares, agiu imprudentemente por conta própria, ameaçando a segurança e integridade da empreitada encabeçada pelo ouvidor, foi castigado pelo mesmo:

Asy posto isto Em boa ordem ate uinte de nouembro deixou-o ahi chrisptouão luis com os offiçiaes E gente nessessaria *que* foi mais da *que* comuinha *que* simão tauares, quando os dias atras foi, leuou mais de cem homens e elle se partio com oitenta E sinquo E cento E oitenta indios de noso gentio, couza asas temeraria, o *que* todos lhe procurauão Estrouar por todas as uias com nouas⁵⁰ de Estarem desserto naos de fransesez na baia da treição. E com se fazerem *muítos* doentes; E alguns de tantos trabalhos E maos comeres o Estauão de sizo, E com isto E com lhe amotinarem huns trinta E sinco soldados espanhois *que* auia os quais lhe chegarão a fazer requerimentos sobre iso com o *que* se acendeo tanto o ouvidor-geral de colera, por tambem lhe não guardarem o deuido respeito E se soltar hum de alcunha paez mais do neçesario *que* ia, tambem, auia ahy posto o arcabus nos peitos ao capitão Simão tauares pollo *que* o ouvidor-geral o mandou tomar e a porta do forte Em prezemsa de todos lhe mandou dar alguns acoutes ate nos acodirmos *porque* sabiamos quanto Elle folguaua de intercederemos E prometto a V. R. *que* nese dia partimos, E foi gentil, mezinha *porque* não ouue *quem* mais boqueiasse fomos do forte dormir ao Tebery E dahy ao

⁴⁷ Conferir: “Resumo da 1ª conferência do Instituto Histórico E Geográfico Parahybano pelo orador official dr. João Pereira Castro Pinto, a 12 de outubro de 1905” e “Memoria da fundação da Parahyba, lida em sessão somene commemorativa do Instituto Historico e Geografico Parahybano em 5 de agosto de 106 pelo Dr. Manoel Tavares Cavalcanti” in **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Parahybano**, ano 1, vol. 1, pp. 21 a 38 e 67 a 82.

⁴⁸ Palavra rasurada

⁴⁹ ACL, f. 18v-19. Note-se que onde está escrito Simão Tavares leia João Tavares. O erro foi cometido por um dos copistas deste testemunho. Sobre o assunto, veja capítulo X.

⁵⁰ BNP [f. 46] e BPE [f. 41]: lê-se nouas.

campo das ostras aonde nos juntarmos com o nosso gentio metendo-nos o ouvidor-geral Em cabeça *que* Era dobrado E com Seis alqueires de farinha de ger[r]a *que* todos não leuauamos de comer *pera* dous dias ao *que* respondia com muita festa *que* o fossemos buscar entre os inimigos pois *nem* em o forte o auia, E *pera* terra de gente uiua⁵¹.

Existe, portanto, um desvio do sentido original daquilo que o autor do *Sumário das Armadas* (ca. 1589) tanto se esforçou a convencer, isto é, o protagonismo e heroísmo do ouvidor-geral Martim Leitão:

João Tavares, juiz de orfãos de Olinda, celebra pazes com os índios, a 5 de Agosto deste mesmo ano de 1585. Martim Leitão ainda volta, em 1585, á Parahyba trazendo recursos para uma regular colonisação, gado para criação, officiaes, de pedreiro e carpinteiro e em Cabedello substitute por um forte de pedra de cal o pequeno reducto de madeira, primitivamente construído por Fructuoso Barbosa.

Em seguida fundou a povoação da Parahyba do Norte, com uma igreja consagrada a N.S. das Neves, em memoria do dia em que João Tavares estabelecera a paz com os indigenas.

Da incerteza de datas e palpavel contradição dos chronistas, pode se concluir que a João Tavares si não é elle o fundador da Parahyba, cabe a gloria do fato principal [...]⁵²

Em outro texto segue

[...] a civilização desta terra nao devia ser comprada a custo de sangue! Ella não tinha que se inundar ao berço com o purpurear rubro do generoso sangue de heroes anonymos. Todo aquelle que vimos derramar-se foi inútil para a obra da cultura intellectual, moral e material d'esta terra. Talvez assim já o tivesse comprehendido o nobre espírito de João Tavares e já elle tivesse um pensamento de paz e alliança com os selvagens quando lançou ou fundamentos do núcleo colonial da Cambôa. Como quer que fosse era para elle que estava reservada a gloria imclipsável de lançar os alicerces d'esta construção que a nós e a nossos descendentes cabe completar-a Parahyba grande, forte, immorredora! O historiador Varnhagen atribue a alliança de Piragybe com colonisadores representados em João Tavares ao sentimento de vingança que no índio deviam despertar as offensas dos antigos alliados que attribuiram a derrota do Tibiry a covardia do chefe. Por mais que acatemos as opiniões abalisadas do inclyto escriptor, não podemos deixar de contrariar

⁵¹ ACL, f. 20v.

⁵² Resumo da 1ª conferência, ob.cit., p. 25.

este modo de pensar. Entendemos que esta aliança foi, como a que se deu em Pernambuco, uma consequência da inclinação natural dos tabajaras. Se ella não se realisou desde logo é porque faltaram, do lado dos portugueses um capitão com a necessária pendência e tacto para conseguir o accordo, do lado dos selvagens um chefe com o necessário prestigio para realiza-lo em nome de todos. O tratado de aliança e de amizade surgiu naturalmente na hora de rara felicidade histórica em que se acharam frente a frente João Tavares e Piragybe⁵³.

Em resposta ao primeiro excerto, encontra-se no *Sumario das Armadas* (ca.1589), sobre a fundação da primeira vila, a de Nossa Senhora das Neves:

ao outro dia o **ouuidor-geral** ouuindo missa, antes de Sair, o sol, que caminhando E andado nestas iornadas sempre, lhe disemos foi logo a pee uer alguns sitios, E a tarde a Cauallo ate o Rio de jaguaripe, *pera* o cabo branco, E outras partes com que Se recolheo, a noite infadado **Emcomendando isso na manhã, que uinha a nossa senhora; deuotamente, foi deos seruido a Sua interseção como padroeira daquella noua planta, concluíse, que asentase naquella parte sobre o porto, onde agora Esta a cidade**, planice de mais de meia legoa, *muito* cham de todas as partes sercada de agoa, senhora do porto que com hum falcão se passa alem, he ribeira dagoa doce, emtre Ella E o porto *que* por singular he tam alcantillado, que da proa dos nauios de sesenta toneis se salta Em terra, donde saie hum poderoso, tono de agoa, *pera* prouiuimento das Embarcacois, que a natureza aly pos com marauilhoza arte, E *muita* pedra de cal, **aonde loguo mandou fazer, hum forno, della, E tirar pedra, hum pouco mais aSima, mas perto; com que uisto tudo muito bem, E buscado o mato daquelle, Sitio, E tudo, rocado, E limpo, a coatro de nouembro se marcou, o forte**, de sento, E sinquoenta, palmos, de uão Em quadra de uão Em quadra com duas guaritas, que juguauão oito pesas grosas hũa e a reues da outra, E aliceses, de pedra, E cal *pera* cuio prouimento se fez de ostra, E pedra com duas juntas, de bois **E com hũa duzia de uacas, que leouo para insar, a terra, alem de muitas porcas E cabras E muitas Criacois com que procuraua afeicoar os homens a terra, E serto que ate as galinhas que leuaua pera Sy E doentes, dos quais Sua caza Era a botyca, repartio por todos**⁵⁴

⁵³ Memória da fundação da Paraíba, **ob. cit.**, p.79-80.

⁵⁴ ACL, f. 19v. Grifo nosso.

Nesta passagem é patente que o autor do *Sumario* (ca. 1589) reserva ao ouvidor-geral Martim Leitão a prerrogativa de edificador da cidade, cujos esforços foram sustentados com intervenção divina. Quanto à paz com Braço-de-Peixe, o Piragibe, lê-se:

chegarão dous indios de auizo de braco de pexe, ao ouvidor-geral pedindo-lhe; socorro comtra os pitiguares, que tornando-se pollo seu recado, pera baxo, ao mar, o cercarão por vezes. E tinham quazi desbaratado; neste proprio dia vestio martim leitão; os jndios E se foi dormio ao areSiffe com Simão tauares⁵⁵ escriuão da Camara, E juiz dos orfãoz E a parecer de todos pareceo mais conueniente, E per seruiso del Rej E// [f. 18v] E por lho, Elle rogar, aceitou socorer-se, como auia annos o mesmo braço, no sertão auia feito; E asim com doze Espanhois, bem comsertados E satisfeitos; E oito portuguezes Em hũa carauella, Esquipada E comsertada *pera* tudo com algũas dadiuas, E bom regimento, partio do porto de pernãobuço a dous de Agosto de mil E quinhentos E oitenta E sinquo E aos tres chegou pello Rio acima, Em falla do gentio, adonde se ind[o] com seu resguardo, E bom recado, conforme ao regimento que leuaua, com o braco do pexe, E mais principaes no porto que agora he a nosa cidade, E os antigos chamarão da canarea, Asonbrados, os pitiguares *primeiro* com algũs tiros que presumindo mais força, fugirão, Asentarão as pazes E dadas, Suas dadiuas, E arefens⁵⁶

Nenhum dos dois discursos menciona Martim Leitão como quem agenciou e interviu pela paz com o gentio do Braço de Peixe, ao passo que é exatamente esta a versão narrada no *Sumario das Armadas* (ca. 1589). Obliteração de Martim Leitão não se deu na fronteira entre os séculos XIX e XX, como mostrar-se-á na seção *Historia da Capitania da Paraíba*. E, se os documentos oficiais registram informações que registram o protagonismo de outras pessoas em relação às ações na Paraíba, cabe questionar o que se passou no vão que separa o lado oficial do testemunho de vivência.

Os membros do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano que lamentavam a ausência de uma História da Paraíba colonial desconheciam o manuscrito quase homônimo preparado no século XVII. Ao que parece, todavia, não foram só eles, visto que nada se encontrou sobre o uso e circulação do testemunho da *Historia da Capitania da Paraíba*. Estudar as operações historiográficas que levaram à modificação do

⁵⁵ Leia João Tavares

⁵⁶ ACL, 18-18v.

discurso do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano concernente ao *Sumario das Armadas* (ca. 1589) está fora da alçada desta dissertação de mestrado⁵⁷, contudo entendeu-se importante registrá-las, porque nelas subjazem tensões políticas. Estudos futuros talvez possam melhor analisa-las.

Hoje, uma rápida busca no *Google* com o termo “Sumário das Armadas” remete a blogs amadores que republicam, com orgulho, este documento como a *certidão de nascimento* da Paraíba:

quinta-feira, 21 de junho de 2012

“SUMÁRIO DAS ARMADAS” – CERTIDÃO DE NASCIMENTO DA PARAÍBA

O “Sumário das Armadas” está para Paraíba como a Carta de Vaz de Caminha está para o Brasil; aquela obra é considerada por muitos como “a certidão de nascimento” da Paraíba⁵⁸.

Ou também

Esta crônica tem sido ultimamente cognominada de a “Certidão de Batismo da Paraíba” à semelhança do que ocorrera antes com a famosa carta de Pero Vaz Caminha ao Rei de Portugal, D. Manuel, o Venturoso, por sua vez denominada a “Certidão de Nascimento do Brasil”. Mesmo sabendo que, a rigor, o SUMÁRIO DAS ARMADAS, não é cronologicamente a reação mais antiga sobre a Paraíba, aquela comparação entre esta crônica anônima e a carta de Caminha é razoavelmente aceitável, todavia, somente até certo ponto, uma vez que esta carta descreve certos episódios históricos *in statu ascendi*⁵⁹.

Os textos acima divulgam o *Sumario* (ca. 1589) comparando-o à Carta de Caminha, jogando com a ideia de uma *certidão de nascimento do país*, a de Caminha, e *certidão de nascimento do estado*, o *Sumario* (ca. 1589) – note-se que ambos os sites são paraibanos. Tal argumento, o das certidões, faz lembrar as preocupações do século

⁵⁷ Adriel Fontenele Batista, um dos pesquisadores que dedicou trabalho ao *Sumario das Armadas* (ca. 1589) escreveu uma seção em sua pesquisa onde analisa a construção do discurso sobre história da Paraíba do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano. Cf. BATISTA, Adriel. Ob. Cit., pp.87-107. O trabalho de Chaves Júnior também faz esta discussão, cf. CHAVES JR., José Inaldo. Ob. cit. Cap. 1. Os pesquisadores não analisam, todavia, as transformações do discurso histórico em relação ao *Sumario* (ca. 1589).

⁵⁸ <http://fatoshistoricosdobrasil.blogspot.com.br/2012/06/sumario-das-armadas-certidao-de.html> acesso em 18/05/2018.

⁵⁹ <https://ihgp.net/pb500u.htm> acesso em 18/05/2018.

XIX em estabelecer ligações com o passado colonial para justificar a identidade⁶⁰. Os *sites* disponibilizam o documento para *download* e não informam qual a fonte, a origem da transcrição – o que importa, unicamente, é conhecer a crônica que fundou o estado.

O *Sumario* (ca. 1589), embora não seja uma *certidão de nascimento da Paraíba*, é, como se tem apresentado neste trabalho, um testemunho importante sobre o final do século XVI no nordeste. Assim sendo, serviu à consulta de muitos pesquisadores. Em se tratando de um documento jesuítico, passou pelas mãos do padre Serafim Leite⁶¹, quem, inclusive, estudou-o para estabelecer o autor – voltar-se-á ao padre, neste trabalho, quando discutir-se a autoria do *Sumario* (ca. 1589). O estudo historiográfico acerca de fontes sobre o Brasil colocou-o nas mãos de José Honório Rodrigues⁶². Evaldo Cabral de Mello⁶³, em *O nome e o sangue* utiliza-o para corroborar a informação acerca da naturalidade dos mercadores Pernambucanos, porque de acordo com o *Sumario* (ca. 1589) os vianeses, isto é, os naturais de Viana da foz do Lima são “a maior parte dos melhores de pernambuco”. Trabalhos recentes, publicados após o ano 2000 – não sobre o *Sumario* (ca. 1589), mas nele (também) amparado, assim como o foram todos até o momento, e já citados nesta dissertação são: *A história do Brasil de Frei Vicente do Salvador: história e política no império português do século XVII*, de Maria Lêda Oliveira que, ao estudar as fontes usadas por fr. Vicente na *Historia do Brazil* (1630), a pesquisadora indentificou todos os capítulos da *Historia* (1630) em que o frade copiou o texto parcial ou integralmente do *Sumario das Armadas* (ca. 1589). *Guerras e Açúcares: política e economia na capitania da Paraíba -1585-1630*, de Regina Célia Gonçalves analisa a formação da Capitania da Paraíba, portanto, vale-se do *Sumario* (ca. 1589) estudar o momento da conquista. *A formação da elite colonial*, de Rodrigo Ricupero, investiga a estruturação da dinâmica colonial a partir dos movimentos coevos de formação da elite colonial e de conquista e consolidação da fachada atlântica. Lança mão do *Sumario* (ca.1589) em vários momentos da pesquisa, para tratar tanto da expansão na faixa atlântica, quanto para pensar as relações da elite

⁶⁰ WEHLING, *ob. cit.*, p. 32.

⁶¹ LEITE, Serafim. **História da Companhia de Jesus no Brasil**. T. I, lv. V, Cap. IV. São Paulo: Edições Loyola, 2004

⁶² RODRIGUES, José Honório. **Ob. Cit.**, 1969, p. 371. RODRIGUES, José Honório. **História da História do Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2ªed, 1979, p. 448-451.

⁶³ MELLO, Evaldo Cabral de. **O nome e o Sangue – uma parada genealógica no Pernambuco colonial**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

com a terra e a coroa. As referências ao *Sumario das Armadas* abundam em trabalhos acadêmicos disponibilizados pelos repositórios universitários⁶⁴.

Nas obras mencionadas, não se percebe regularidade quanto à escolha da edição ou variante manuscrita do *Sumario das Armadas* (ca.1589). Alguns autores adotaram uma das edições impressas – seja a do jornal *Iris* (1848), a do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1871), ou então, a republicação da edição do *Iris* (1848) feita pela Fundação Universidade Regional do Nordeste em 1983. Outros optaram por usar os manuscritos da Biblioteca Nacional de Portugal e/ou da Biblioteca Pública de Évora. Tamanho desacordo acerca da versão do *Sumario* (ca. 1589) utilizada nos trabalhos, dá-se porque não existe, em português, estudo algum sobre as variantes manuscritas do *Sumario das Armadas* (ca. 1589), nem texto fixado a partir da comparação entre os manuscritos. A bem da verdade, sobre esta crônica existem apenas duas pesquisas: Uma, brasileira, de 2012, oriunda da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e outra francesa, de, 2013 realizada na Université Paris III Sorbonne Nouvelle.

O primeiro trabalho acadêmico sobre o *Sumario das Armadas* (ca. 1589) é a dissertação de mestrado *O Sumario das Armadas: guerras, missão e estratégias discursivas na conquista da Paraíba*⁶⁵, defendida em 2012 na supracitada Universidade Federal do Rio Grande do Norte, cuja autor é Adriel Fontenele Batista. Seu estudo averiguou a construção do discurso do *Sumario* (c. 1589), pensando-a sob a lógica da política institucional da Companhia de Jesus. O autor mostra como o texto da crônica foi pensado para registrar os direitos dos jesuítas de realizar a missão religiosa na nova capitania, a Paraíba, já que foram eles acompanharam o ouvidor-geral nas lutas de conquista. Batista afirma que o *Sumario das Armadas* (ca. 1589) defende, através da narrativa da crônica, as ações do ouvidor-geral Martim Leitão, determinando-o como o responsável pela conquista e pelo estabelecimento dos colonos portugueses na Paraíba.

⁶⁴ Apenas a título de demonstração: CARVALHO, Juliano. **Formação territorial da mata paraibana**. Dissertação de mestrado. UFBA, Salvador, 2008; CHAVES JR., José Inaldo. “**AS DURAS CADEIAS DE HUM GOVERNO SUBORDINADO**”: história, elites e governabilidade na Capitania da Paraíba (c. 1755 – c. 1799). Tese de doutorado. UFF, Niterói, 2013.; RAPOSO, Thiago Acácio. **Paraibaneidade: olhares sobre a escrita da história da Paraíba e a construção de uma identidade local**. Epígrafe, Brasil, v. 4, n. 4, p. 149-166, aug. 2017. SILVA, Kalina Vanderlei. **Um Senhor de Engenho a Serviço do Rei da Espanha: A América Portuguesa e a Monarquia Universal no Século XVII**. Estudos Ibero-Americanos, Porto Alegre, v. 40, n. 2, p. 348-366, jul.-dez. 2014.

⁶⁵ BATISTA, Adriel Fontenele. **O Sumário das Armadas: guerras, missão e estratégias discursivas na conquista da Paraíba**. Dissertação. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2012.

Mostra como o discurso acerca da conquista da Paraíba foi reapropriado em outras crônicas pela Companhia de Jesus:

No Caso de Fernão Guerreiro acontece uma adequação da narrativa, na qual a imensão *[sic]* política e pragmática encerrada no contexto local da conquista da Paraíba é suprimida em detrimento de um discurso extremamente edificante e fortemente direcionado às questões internas da Companhia. O segundo exemplo, por sua vez, aponta para uma tomada desse discurso no âmbito exterior e contrário à Companhia de Jesus. Nesse, a mesma história aparece contada, mas encerrada num discurso que não louva a Instituição, antes adverte sobre a forma de atuação das forças portuguesas e dos padres jesuítas que as acompanham⁶⁶.

O outro trabalho sobre o *Sumario das Armadas* (ca. 1589) trata-se da tese de Christian Colas, que defendeu-a em 2013, e chama-se *Le Sumario das Armadas, chronique oubliée d'une conquête dans le bresil du XVIeme*⁶⁷. A pesquisa foi realizada na Université Paris III Sorbonne Nouvelle e não possui tradução em português. A tese sobre uma *crônica esquecida* está dividida em quatro partes, nas quais: traça uma contextualização histórica do Brasil durante o século XVI fazendo um apanhado sobre o processo de ocupação, a organização das capitanias hereditárias, a instalação do governo-geral. Em seguida descreve a extensão das ocupações francesas e os registros de época feitos em língua francesa sobre estas ocupações no litoral brasileiro. Dedicase na terceira parte, a um estudo sobre as variantes textuais do *Sumário das Armadas* presentes na Biblioteca Nacional de Portugal e na Biblioteca Pública de Évora e encerra o trabalho com uma tradução da crônica para o francês.

Em ambos os trabalhos, o texto do *Sumario das Armadas* que serviu de base para a consulta e citação foi a edição publicada pela Editora Universitária da Fundação Regional do Nordeste⁶⁸ em 1983, cujo conteúdo é uma republicação da edição do jornal

⁶⁶ Idem, p. 90.

⁶⁷ COLAS, Christian. *Le Sumario das Armadas, chronique oubliée d'une conquête dans le bresil du XVIeme*. Tese. UNIVERSITE PARIS III SORBONNE NOUVELLE, Paris, 2013. Agradecemos ao caro Marc Lenot por conseguir uma cópia da tese cujo acesso é permitido apenas à comunidade docente e discente da Paris III.

⁶⁸ **SUMÁRIO das Armadas que se fizeram e guerras que se deram na conquista do rio Parahiba [...]**. In: *História da conquista da Paraíba*. Campina Grande, Co-edição FURNe/UFPB-Campus II, 1983, 102 p.

Iris (1848)⁶⁹. Pese ambos os historiadores tomarem como base a mesma edição, divergem quanto ao testemunho manuscrito utilizado na edição *Iris* (1848), Fontenelle afirma que Castilho, o editor do *Iris* (1848), se valeu da variante manuscrita salvaguardada na Biblioteca Nacional de Portugal, enquanto Colas atesta que o texto foi retirado do testemunho de Évora.

A tradução do *Sumario das Armadas* (ca. 1589) para o francês, realizada por Colas, em sua tese de doutorado, não se fundamenta nas regras da ecdótica, isto é, recensão, colação, estemática e reconstituição por testemunhos⁷⁰. Nas próprias palavras de Christian Colas, para garantir maior “fidelidade textual”, ele trabalhou simultaneamente com os dois manuscritos:

Pour plus de fidélité au texte du *Sumario*, pour notre traduction nous avons travaillé avec les quatre documents: les deux manuscrits et les deux transcriptions, sans cesser de comparer les énoncés. Mais les notes de bas de page quand elles renvoient au *Sumario* renvoient à la publication de l’UFPb qui reprend la transcription du manuscrit d’Evora dans la revue *Iris*. Cette publication ayant été la seule accessible⁷¹.

Colas, neste trabalho, afirma que o manuscrito da Biblioteca Nacional de Portugal é possivelmente o manuscrito autógrafo do *Sumário* porque “parece, sobretudo, o resultado de um original de autor, não de um copista”⁷². Como se verá mais adiante, explicar-se-ão os motivos para se discordar dessa afirmação de Colas acerca da variante da Biblioteca Nacional de Portugal ser um autógrafo.

Ambas as pesquisas avançam um pouco no que existe de conhecimento sobre o *Sumario das Armadas* (ca. 1589). Adriel Fontele Batista apresenta uma possibilidade interpretativa da crônica, todavia, em razão da natureza do presente trabalho, que se

⁶⁹ Sobre os problemas do texto do *Iris* falaremos mais à frente.

⁷⁰ Veja-se: CAMBRAIA, César Nardelli. **Introdução à crítica textual**. São Paulo, Martins Fontes, 2005; SPINA, Segismundo. **Introdução à Edótica**. São Paulo, Cultrix, Ed. da Universidade de São Paulo, 1977.

⁷¹ Colas, **ob. cit.**, p. 130. Para maior fidelidade ao texto de *Sumario*, em nossa tradução trabalhamos com os quatro documentos: os dois manuscritos e as duas transcrições, sem deixar de comparar os títulos. Mas as notas de rodapé quando se referem ao *Sumario* referem-se à publicação da UFPb que retoma a transcrição do manuscrito de Évora na revista *Iris*. Esta publicação foi a única acessível

⁷² Colas, **ob. cit.**, p. 116 “En conclusion de cet examen du manuscrit de Lisbonne il apparait que ce document peut fort bien être l’original écrit par le chroniqueur jésuite anonyme de la conquête de la Paraíba car il paraît bien être arrivé au Portugal avec le Visiteur Gouveia, car sa calligraphie le date de l’époque de sa rédaction (1584-1589) et surtout car il paraît non pas le résultat d’un travail de copiste mais l’oeuvre d’un auteur.”

dedica ao estudo dos testemunhos manuscritos do *Sumario* (ca.1589), não coube o debate com sua pesquisa, embora, onde achou-se pontos de conversa, estes foram aproveitados. A tese de Colas, por outro lado, fez o primeiro ensejo de modo a abrir a discussão acerca do estudo dos manuscritos e da fixação textual do *Sumario* (ca.1589), motivo pelo qual seu trabalho será retomado em vários pontos.

2 - DOS PERCURSOS DAS VARIANTES DO *SUMÁRIO DAS ARMADAS* (CA.1589)

Pese os diferentes usos e apropriações do *Sumário* (ca.1589), realizadas ao longo do tempo por diferentes historiadores, mas, de maneira geral, eles ratificam a necessidade de uma edição da crônica, que leve em consideração as variantes existentes e os devidos esclarecimentos sobre os seus respectivos percursos. Como anteriormente foi mencionado, no presente trabalho não se pretende realizar uma crítica histórica do *Sumário* (ca.1589). O objetivo principal é justamente tentar ofertar ao leitor uma fixação cuidadosa e crítica, pautada no estudo dos testemunhos manuscritos existentes e esclarecendo a própria história do percurso dos mesmos, investigando as diferenças textuais, descrevendo as diferenças textuais e discutindo acerca da data de composição e autoria.

Nesta dissertação, apresentar-se-ão três testemunhos manuscritos do *Sumario das Armadas* (ca. 1589). Dos dois já conhecidos, um está depositado na Biblioteca Nacional de Portugal, sob a cota *Reservados 302* e o outro na Biblioteca Pública de Évora, *Cimélios Cod. CXVI/1-25*. O terceiro testemunho está salvaguardado na Academia das Ciências de Lisboa, *ms. 133 Série Azul*. Não existe nenhuma variante nos arquivos brasileiros, a não ser as cópias feitas no século XIX, a partir dos testemunhos portugueses. Hoje estas cópias fazem parte do acervo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, e da Biblioteca Nacional do Brasil ambos localizados no Rio de Janeiro.

O caminho percorrido por estes testemunhos nos arquivos portugueses é muito difícil de ser retrçado, pois nem a Biblioteca Nacional de Portugal, nem a Biblioteca Pública de Évora, nem a Academia das Ciências de Lisboa⁷³ possuem o registro de entrada dos códices em seus espólios. Resta-nos a especulação para imaginar o caminho percorrido por estes manuscritos.

Comecemos, portanto, do princípio: o manuscrito original, o autógrafo, não sobreviveu ao tempo. Ou está guardado, perdido ou esquecido e sem registro. E assim sendo, fica inacessível ao conhecimento público. Os três códices aqui analisados dão

⁷³ Deste momento em diante serão referidos, respectivamente, como BNP, BPE e ACL.

testemunhos de serem todos eles apógrafos, com problemas textuais recorrentes em cópias realizadas a partir de uma outra variante, seja ela do próprio autógrafo, seja de uma outra cópia, a exemplo de frases e linhas saltadas, frases e palavras reescritas, correções à margem ou trechos entrelineados. Dois códices indicam ser do final do século XVII ou início da centúria seguinte, enquanto um deles é seguramente da primeira metade do século XVII, tomando como vestígios os suportes respectivos: o papel, a tinta, a encadernação e a caligrafia.

Mas antes de se ater às descrições das variantes, é importante tratar das referências bibliográficas de época sobre a crônica. A primeira delas é feita pelo abade Barbosa Machado em sua obra *Bibliotheca Lusitana* (1741), na qual atribui a sua autoria a Christovão de Gouveia, o segundo visitador da Companhia de Jesus no Brasil⁷⁴ e afirmou que os testemunhos eram uma cópia. Como ele refere:

Summario das Armadas que se fizeraõ, e guerras que se deraõ na conquista do Rio da Parahiba. M.S. Esta obra compoz quando era [Cristóvão de Gouveia] visitador da Provincia do Brasil da qual vimos **huma copia** M.S. na Selectissima Livraria de Hist. de Portugal de meu Irmaõ D. Jozé Barbosa Clerigo Regular, e outra se conserva em a do Excellentissimo Conde de Vimieiro⁷⁵.

Ora, Barbosa Machado havia cometido um pequeno equívoco, pois o texto fora encomendado por Gouveia, e não escrito por ele, conforme o consta nos fólios iniciais do *Sumario das armadas*:

Sumario das armadas que se fizeram E guerras *que* se deram na conquista do Rjo parahiba scrito E feito por mandado do *muito* Reverendo padre em Christo o padre Christouam de Gouuea uisitador da Companhia de Jesu de toda a prouincja do Brasil⁷⁶.

Tal informação decorreria de um erro de leitura ou seria um conhecimento corrente da época? O primeiro editor do *Sumario das Armadas* (c. 1589), José Feliciano de Castilho afirma na publicação de 1848, que aqueles que conhecem o escrito

⁷⁴ Não há menção ao Sumário das Armadas no dicionário bibliográfico de Inocêncio da Silva.

⁷⁵ MACHADO, Diogo Barbosa. *Bibliotheca Lusitana*. Lisboa Ocidental: na officina de Antonio Isidoro da Fonseca. 1741, t. 1, p. 579.

⁷⁶ BNP, f. 1.

chamam-no *de Christovão de Gouveia*⁷⁷. O padre Machado indica, como se viu acima, a existência de duas cópias, uma em posse de seu irmão, clérigo teatino, e outra em posse do Conde de Vimieiro. Como a biblioteca do conde consumiu-se em chamas no ano 1755 durante o terremoto de Lisboa, é pouco provável que algum dos testemunhos que encontramos hoje nos arquivos seja a dele.

A cópia do irmão José Barbosa, irmão do abade, provavelmente é a que se encontra na Biblioteca Nacional de Portugal. Esta instituição foi fundada em 1796, o primeiro nome que teve foi *Real Biblioteca Pública da Corte*. Seu acervo formou-se a partir da doação dos espólios da *Real Mesa da Comissão Geral sobre o Exame e Censura de Livros* e dos Clérigos Regulares da Divina Providência, os teatinos⁷⁸, ordem à qual pertenceu o irmão do abade Barbosa Machado, D. José Barbosa. Quando faleceu, sua livraria histórica foi integrada à da Ordem, esta posteriormente doada para a Real Biblioteca Pública da Corte. É factível pensar que o códice de D. José Barbosa citado na *Bibliotheca Lusitana* (1741) é o mesmo que se encontra na Biblioteca Nacional de Portugal, além disso, vale lembrar tratar-se de uma cópia, como o próprio Barbosa Machado registra no seu livro.

Quanto ao testemunho de Évora, as informações são mais escassas. A biblioteca foi fundada e aberta ao público em 1805, com 15 mil títulos para consulta. Dez anos depois, quando da morte Fr. Manoel do Cenáculo, o grande realizador da Biblioteca, cerca de 50 mil livros constavam no acervo. O catálogo de Cunha Rivara⁷⁹ publicado em 1850 já registra a presença do manuscrito no arquivo, mas não possui informação alguma sobre a entrada deste manuscrito no espólio de Évora. Além dessa informação, em 1839, Adolfo de Varnhagen nas *Reflexões críticas sobre o escripto do século XVI*⁸⁰, indica que tanto o códice de Évora quanto o da Biblioteca Nacional já se encontravam nos respectivos arquivos de hoje. Não se pode ignorar que Évora foi sede do principal colégio e universidade jesuítas de Portugal e com expulsão da Companhia, em 1759,

⁷⁷ Castilho não oferece a fonte de sua informação, talvez seja o próprio livro do padre Barbosa Machado. Ver: *Iris: Periodico de Religiao, Bellas-artes, Sciencias*, t.1. Rio de Janeiro: 1848, p.38.

⁷⁸Veja-se: DOMINGOS, Manuela D. *Subsídios para a história da Biblioteca Nacional*. Lisboa: Instituto da Biblioteca Nacional e do livro, 1995.

⁷⁹RIVARA, Joaquim Heliodoro da. *Catalogo dos manuscritos da bibliotheca publica eborense*. Lisboa : Imprensa Nacional, v. 1, 1850, p. 18.

⁸⁰VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Reflexões críticas sobre o escripto do século XVI impresso com o título de Notícias do Brasil no tomo 3º da Coll. De Not. Ultr. Acompanhadas de interessantes notícias bibliographicas e importantes investigações históricas*. Lisboa: Typografia da Academia, 1839, p. 15 nota 23

acompanhada pelo sequestro de bens móveis e imóveis da ordem pelo Estado, grande parte do conjunto documental foi recolhido. Sobre a formação do acervo da Biblioteca Pública de Évora, sabe-se que foi formado, principalmente, através da doação de bibliófilos⁸¹ e lá existe um amplo conjunto documental sobre o Brasil colonial. A variante de Évora teria sua origem vinculado ao acervo da Companhia de Jesus, tendo ingressado no espólio daquilo que viria ser a Biblioteca Pública nos anos posteriores à expulsão destes religiosos? Ou a sua história remete para alguma outra biblioteca particular? O certo é que a variante hoje localizada na Biblioteca Pública de Évora era desconhecida do abade, quando este publicou o seu livro, em 1741, pois caso contrário teria indicado a existência de mais uma cópia.

A Academia das Ciências de Lisboa, fundada em 1779, guarda o terceiro testemunho, hoje conhecido do *Sumario das Armadas*. O códice no qual se encontra inserido a cópia da crônica está encimado com o título *História da capitania da Paraíba*. E, por isso mesmo, merece algumas considerações, não só pelo título que traz, mas por nele se encontrar uma variante do *Sumario* desconhecida dos historiadores até 2008, momento que Maria Lêda Oliveira trouxe a notícia a público⁸². Aparentemente seria um códice com uma *História da capitania da Paraíba*, uma vez que foi assim denominado por quem recolheu as informações lá contidas, o que aconteceu na primeira metade do século XVII, levando-se em consideração a materialidade do seu suporte. No entanto, nele se encontra um conjunto textual compósito, no qual se distinguem duas crônicas do século XVI: capítulos do *Tratado descritivo do Brasil* (1587), atribuída a Gabriel Soares de Sousa e uma variante do *Sumario das Armadas* (ca. 1589).

Os fundos documentais da Academia das Ciências de Lisboa são três: a *Livraria do Convento de Nossa Senhora de Jesus*, fundo conventual impresso, a *Série Vermelha*, fundo dos manuscritos do antigo *Convento de Nossa Senhora de Jesus da Ordem Terceira de S. Francisco*, e alguns poucos documentos do cartório do Convento (fundos integrados após a extinção das ordens religiosas em Portugal em 1834). A *Série Azul* é o terceiro fundo da Academia, composto por documentos manuscritos originais ou cópias de origens variadas, não há um assunto ou grupo de assuntos específicos para esta série, a documentação cobre uma ampla gama de temas e cronologias. É, exatamente neste

⁸¹ VAZ, Francisco. **A coleção inicial da Biblioteca Pública de Évora - os donativos de D. frei Manuel do Cenáculo e de frei Joaquim Xavier Botelho de Lima.** in *Bibliotecas portuguesas na transição para a modernidade: 1800-1850*, p. 83-94.

⁸² OLIVEIRA, Maria Lêda. **Ob. Cit.**, vol. 1, p.173-174, nota 3.

fundo da *Série Azul*, onde está guardada a *História da Capitania da Paraíba* sem registro ou indicação de como ou quando o códice fora integrado ao espólio⁸³.

Na introdução de sua edição do *Tratado descritivo do Brasil* (1587),⁸⁴ Varnhagen cita três testemunhos consultados na Academia das Ciências “um dos quais serviu para o prelo, outro se guarda em seu arquivo, e o terceiro na Livraria Conventual de Jesus”⁸⁵. Ele não dá a cota dos códices, nem a publicação da Academia⁸⁶. A pesquisa nos catálogos de manuscritos revela apenas dois elementos que correspondem à obra atribuída a Gabriel Soares: um na Série Vermelha – o que corresponde à Livraria Conventual de Jesus – o Ms. 249 *Descrição geographica, geometrica, e colleção juridica e historica da america meridional ou Estado do Brazil* [s.d], ao qual o descritivo reporta tratar-se de uma cópia interpolada do *Tratado da Terra do Brasil*, de Gabriel Soares de Sousa⁸⁷. O outro, na Série Azul, é a *História da Capitania da Paraíba*, de redação compósita, como já dito. O novo catálogo da Série Azul traz as seguintes informações:

Compreende, na realidade, duas versões do mesmo texto, ocupando uma os primeiros 41 fls. e começando a segunda, em letra diferente, no fl. 42. Descreve a costa do Brasil do extremo norte até Paraíba, com muitas referências a outras capitanias. Contém informações sobre as tribos indígenas, os seus costumes, modos de vida, etc. Uma versão mais completa do texto desta obra, intitulada *Noticia do Brazil, descrição verdadeira da costa daquelle estado, que pertence á Coroa do Reino de Portugal, sitio da Bahia de Todos os Santos*, foi inserida na *Collecção de noticias para a historia e geografia das nações ultramarinas que vivem nos dominios portuguezes, ou lhes são*

⁸³ Até o momento, sobre o códice da Academia, encontrou-se apenas uma curta menção no o artigo da Heloisa Liberali Bellotto: **Presença do Brasil no Arquivo da Academia das Ciências de Lisboa: Catálogo Seletivo da Série Azul de Manuscritos** in Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, n. 33, 1992, p.168. que diz: “Cópia da memória intitulada *História da Capitania da Paraíba*, em duas versões, cuja sucessão de vinte e três capítulos mostra a atuação dos primeiros conquistadores, a questão dos limites do tratado de Tordesilhas e faz a descrição da costa do Brasil, desde o extremo norte até a Paraíba, trazendo textos identificados pelos nomes dos diferentes grupos indígenas, aludindo aos costumes e modo de vida de cada um.”

⁸⁴ Para este trabalho será usada a edição da Companhia Editora Nacional, 1971

⁸⁵ SOUSA, Gabriel Soares de. **Tratado descritivo do Brasil em 1587; edição castigada pelo estudo e eexame de muitos códices manuscritos existentes no Brasil, em Poretugal, Espanha e França, e acrescentada de alguns comentários por Francisco Adolfo de Varnhagen**. São Paulo: Companhia Editora Nacional e Edusp, 1971, 4ª ed, p. 12.

⁸⁶ A primeira publicação do texto de Gabriel Soares de Sousa foi veiculada sem identificação de seu autor. *Anônimo*. *Notícia do Brazil*. tomo 3º da Coll. De Not. Ultr. Acompanhadas de interessantes notícias bibliographicas e importantes investigações históricas. Lisboa: Typografia da Academia, 1826

⁸⁷ Catálogo de Manuscritos da Série Vermelha. Lisboa: 1978, v. 1, p.124. O catálogo está disponível para acesso através do link: http://www.acad-ciencias.pt/document-uploads/3005718_mv1.pdf

visinhas: publicada pela Academia Real das Sciencias. Lisboa: Na Typografia da mesma Academia, 1825. Tomo III, parte I, p. 1-342 (cota: ACL 11.42.22/3). Acerca deste texto impresso podem consultar-se as Reflexões críticas sobre o escripto do seculo dezaseis impresso com o titulo de Noticia do Brasil, da autoria de Francisco Adolfo de Varnhagen (impressas no n.º 2 do tomo V, de 1839, da mesma Collecção de noticias[...], cota: ACL 11.42.22/5), que indica Gabriel Soares de Sousa como o verdadeiro autor do manuscrito⁸⁸.

A própria Academia das Ciências não identificou que o texto do *Sumario das Armadas* está presente no códice da *História da Capitania da Paraiba*. É pouco provável que aquele manuscrito guardado no arquivo ao qual se refere Varnhagen seja a *Historia da Capitania da Paraiba* – dada a curiosidade ao afincado deste historiador em matéria de investigação de manuscrito. E apenas em 2008, Maria Lêda Oliveira informa que no códice se encontra igualmente uma variante do *Sumario das Armadas*, como acima mencionado. Logo, trata-se de um novo testemunho da crônica, que só agora passa a ser estudado e analisado, comparando-o aos outros dois testemunhos já conhecidos. Mas, antes da análise das variantes manuscritas, é importante ter os dados mais precisos sobre as edições do *Sumario* (ca.1589).

⁸⁸ Manuscritos da Série Azul. Sem data, p. 51. Catálogo on-line: http://www.acad-ciencias.pt/document-uploads/8737551_catalogo-ma.pdf. Este provavelmente é uma versão atual e revisada do catálogo, publicada após a reformulação do site da Academia das Ciências, porque até 2017, no site, não havia acesso ao catálogo da Série Azul, ao contrário do que se passava com a *Série Vermelha*. A consulta fazia-se apenas *in-loco*, em um livro manuscrito que não oferecia descrições mais completas como as deste catálogo.

3 - DAS EDIÇÕES DO *SUMARIO DAS ARMADAS* (CA.1589)

O *Sumario das Armadas* (c.1589) foi publicado sete vezes e nenhuma delas durante o período colonial. A primeira edição foi publicada em 1848 por José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha. O jornal que ele fundou – *Iris: Periodico de Religiao, Bellas-artes, Sciencias*⁸⁹ - tinha a proposta de oferecer a cultura civilizadora e edificante para o Brasil, com textos que fomentassem a formação cultural e a identidade nacional, bem ao sabor do século XIX. Quinzenalmente, entre os anos de 1848 e 1849, o periódico publicou fascículos com textos literários, manifestos políticos, notícias e documentos históricos, – a exemplo do *Sumário das Armadas* (ca. 1589) e o *Diálogo I dos Diálogos das grandezas do Brasil* (1618)⁹⁰.

Castilho pinçou para a primeira edição um texto histórico *e inédito* que iniciaria, em suas palavras, a *união de pensamento entre brasileiros e portugueses* e ajudaria a consolidar o império brasileiro. Provavelmente seu projeto era publicar muitas outras fontes inéditas, pois deixa claro na introdução ao texto do *Sumario* (c.1589) que havia (e há...) muito a ser explorado nos arquivos sobre o Brasil. Mas sua vida como editor do *Iris* foi curta e depois que o periódico foi extinto, Castilho se dedicou à poesia, filologia, tradução e edição de poesia latina.⁹¹ No entanto, vale a pena reproduzir aqui as suas palavras sobre a edição da crônica:

N'um império vastíssimo, porem nascente, cuja historia se não perde na noite dos tempos, vergonha será se as gerações illustradas não forem legando as pedras, com que os séculos levantam os monumentos. Esses materiaes da grande história são os escriptos parciaes sôbre a topographia das localidades, a narração dos suecessos e descobrimentos, a descripção dos homens e das cousas. Importantes trabalhos d'este gênero existem inéditos. Pela mui louvável diligencia de uma illustre academia, o *Instituto histórico e geographico*

⁸⁹ A cota de acesso ao periódico dentro na Biblioteca Nacional é *Periódicos - Microfilme: PR-SOR 06057*. O texto digital está disponível também para o acesso através da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional – RJ: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/iris/823325>.

⁹⁰ A publicação do *Diálogo I dos Diálogos das grandezas do Brasil* (1618) foi feita no Volume II do *Iris*, referente ao ano de 1849. Encontra-se o texto nas páginas: 107, 177, 218 e 253. É possível acessar o material através da cota citada na nota anterior.

⁹¹ Sobre o periódico *Iris*, não se encontrou estudo. Há, todavia, estudos sobre José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha como filólogo e editor de textos latinos. Ver a publicação que resultou da dissertação de Joana Junqueira Borges: **José Feliciano de Castilho e os epigramas de Marcial no século XIX: ensaio e história da tradução**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013 e o trabalho de Bruno V. G. Vieira **Recepção da poesia erótica latina no séc. XIX: José Feliciano de Castilho e sua edição dos AMORES**, de Ovídio. *Nuntius Antiquus*, v. IV, p. 71-81, 2009..

brasileiro, muitas d'essas memórias hão visto a luz pública; mas outras muitas inriquecem ainda, em exemplares únicos, vários depósitos de manuscritos, e os archivos de muitos particulares. Algumas possuímos, de singular valor para este império, pelas noções que incerram, ja sobre pontos archeologicos, geographicos, religiosos, scientificos ou naturaes. E' nossa mente ir também progressivamente imprimindo esses preciosos inéditos, nas columnas d'êste repositorio, accompanhando-os de algumas notas, todas as vezes que n'ellas virmos conveniência. Hoje começamos a publicação de um livro curiosissimo, sobre as primeiras guerras que os portuguezes tiveram, na provincia da Parahyba do Norte, com os francezes, tapuyas e pitigares; onde apparecem, não só circumstanciadas relações locaes, mas também de mais geral interesse: livro, que será um subsidio precioso para quem quizer completar, com a guerra hollandeza, e sobretudo o Castrioto Lusitano, a historia das nossas armas n'aquellas províncias. Os que conhecem este livro, chamam-n'o *de Christovam de Gouveia*; mas é de auctor incerto. Só se-sabe ser de um jesuíta, testemunha presencial de muitos dos acontecimentos; que o-escreveu, no reinado de Philippe de Castella, por fins do século XVI, sendo ouvidor geral do Brasil o licenceado Maritm Leitão. Grandes e justas são as queixas que de muitas partes se-têm levantado contra o abuso que muitos jesuítas hão feito da poderosa alavanca, creada pelo seo fundador; e não foi Portugal por certo o estado onde esse abuso se-manifestou por actos menos escandalosos. Mas tambem, não é na America do Sul, testemunho vivo de seos esforços civilisadores, que é licito esquecer os grandes serviços por aquelles liomens prestados á humanidade. Outros o-disseram:

— São incontestáveis os melhoramentos que introduziram na educação, que inténdiam de uma maneira completa, comprehendida até a gymmnastica. — No insino eram perfeitos, exceptuando somente os estudos gregos. — No ministério sagrado, no púlpito, muitos se-distinguiram. — Cultivaram todos os ramos de sciencias e letras, inriquecendo alguns com as mais importantes publicações dos 3 ultimos séculos.— Por meio das missões, derramaram nos povos a civilisação da Europa, e na Europa luzes novas sobre a geographia, ethnologia, lingüística e sciencias accessorias. Alem dos elementos de uma organização robusta e sábia, distinguia-se a instituição dos jesuítas pela superioridade do methodo, e pela disciplina militar, que lhe-inoculou o seo creador, o brilhante pagem de Fernando Catholico. A's práticas resultantes d'essa disciplina e d'essa obediência são devidos importantíssimos trabalhos, e o livro que ora damos. E' sabido que os provinciaes tinham instrucções para ordenar a todos os irmãos que (cada um de per si, para se-podêrem confrontar as narrações, o que dava maiores garantias de fidelidade) escrevessem em janeiro umas annuas, isto é, umas ephemeridés, em fôrma de carta, de todos os acontecimentos do anno decorridos) Similhante a essa foi a

origem d'esta obra, pois se escreveu em virtude do preceito da obediência, e por mandado do padre Christovam de Gouveia, a esse tempo Visitador da companhia de Jesus, na provincia do Brasil. Por motivos, que é inútil desinvolver, não respeitámos a orthographia do velho original; o qual começa por 2 sonetos hispanhoes ao ouvidor, que, apesar de sua insignificancia, não suppuzemos dever arrancar da obra a que vem junctos, e são do theor seguinte [...]⁹²

A edição que José Feliciano de Castilho oferece ao público possui problemas: Castilho, como editor, não justifica ou indica suas intervenções no texto, bastante comum no século XIX brasileiro. Na curta introdução ou em notas que ele acrescenta no rodapé são ausentes quaisquer referências ao códice utilizado para cópia. A história de José Feliciano de Castilho talvez possa lançar luz sobre o manuscrito utilizado por ele para publicar a primeira edição do *Sumario das Armadas*. Ele era português e chegou ao Brasil pouco tempo antes de fundar seu jornal. Nos anos que antecederam a sua vinda, mais especificamente entre 1843-1846, Castilho dedicou-se aos cargos de bibliotecário-mor da *Biblioteca Nacional de Lisboa*, de Presidente da *Comissão do Nacional e Real Arquivo da Torre do Tombo* e de Diretor do *Depósito Geral das Livrarias dos extintos mosteiros*⁹³. Por ter sua história profundamente vinculada à biblioteca de Lisboa, é mais natural deduzir que ele copiou o manuscrito depositado na Biblioteca Nacional de Portugal. Logo, e pese se ter outras informações, exploradas mais abaixo, essas ilações por si só amparariam minimamente o dado de que a edição realizada no periódico *Iris* tenha tido como base a variante localizada na Biblioteca Nacional de Portugal. Diferente, portanto, do que deduz Cristian Colas, o qual afirma que o códice do qual José Feliciano de Castilho lançou mão foi o da Biblioteca Pública de Évora, como se lê neste trecho:

Les manuscrits d'Evora et de Lisbonne ont été dactylographiés et publiés au Brésil, respectivement dans la revue IRIS de José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha en 1848 et dans les n° 36 et suivants de la revue de l'Institut Historico, en 1873. La comparaison des deux textes est intéressante. Au XXeme siècle le manuscrit d'Evora, repris

⁹² Introdução que José Feliciano de Castilho faz à edição do *Sumário das Armadas*. *Iris*: ... p. 38-39.

⁹³ DOMINGOS, Manuela D. Subsídios para a história da Biblioteca Nacional. Lisboa: Instituto da Biblioteca Nacional e do livro, 1995.

de IRIS, a été publié en Paraiba. Cette édition ainsi que celles qui l'ont précédée au XIX^e siècle ne comporte pas d'appareil critique⁹⁴.

Todavia, a comparação textual entre os manuscritos da Biblioteca Nacional de Portugal e da Biblioteca Pública de Évora feita para o presente trabalho, identificou que, em relação ao texto da BNP, faltam algumas linhas na variante eborense. Este conteúdo existe, por sua vez, no texto publicado pelo *Iris*, fato que corrobora a hipótese do manuscrito lisboeta ser a matriz do texto editado por José Feliciano de Castilho em seu jornal. A tabela abaixo apresenta ao leitor os excertos existentes no manuscrito da Biblioteca Nacional e igualmente presentes na primeira edição do *Sumário das Armadas* (ca. 1589), comparando-os à ausência destes fragmentos no manuscrito de Évora:

Quadro 1 -

Edição: Iris (1848)	Variante: Biblioteca Pública de Évora	Variante: Biblioteca Nacional de Portugal	Variante: Academia das Ciências de Lisboa
[p. 109] “senão á força de grandes requerimentos, e feros, que ainda ás vezes n'isso mettia o ouvidor geral, e buscar quem os levasse ao Parahyba, por ser mui vagaroso o modo com que Martim Carvalho tudo detinha e empachava. E quanto elle, com estes estorvos e desvios, mais	[f. 20] “senão a forssa de grandes requerimentos e feros que ainda as uestes nisso metia ó ouuidor geral com todas as superabundâncias por outra uia se mostraua zeloso e diligente.”	[f. 23v] “ <i>senam</i> à força de grandes requerimentos e feros <i>que</i> ainda as vezes <niso> metia ò ouuidor Geral E buscar quem os leuase ao parahiba por ser muj uagaroso ò modo con que Martim Carualho tudo detinha e empachaua E quanto elle con	[f. 8v] “senão a força de grandes requerimentos E feros <i>que</i> ainda as vezes nisso metia o Ouuidor-Geral E buscar quem os leuasse ao Paraiba por ser mui vagaroso o modo com que Martim Carualho tudo detinha E empachaua E quanto elle com Estes Estoruos E desuios mais declaraua sua

⁹⁴ Colas, p. 117. “Os manuscritos de Évora e Lisboa foram datilografados e publicados no Brasil, respectivamente na revista *IRIS* de José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha em 1848 e no n° 36 e seguintes da revista do Instituto Histórico, em 1873. A comparação dos dois textos é interessante. No século XX, o manuscrito de Évora, extraído do *IRIS*, foi publicado na Paraiba. Esta edição, assim como as que a precederam no século XIX, não tem aparato crítico.”

<p>declarava sua tenção, tanto mais o ouvidor geral com todas as superabundancias, por outra via se-mostrava zeloso e diligente;”</p>		<p>estes estoruos E desuios maes declaraua sua tençam tanto maes ò ouuidor Geral cõ todas as super abundatias por outra uja se mostraua zelozo E diligente”</p>	<p>tenção tanto mais o Ouuidor-Geral com todas as superabundansias por outra uia se mostraua zeloso E diligente”</p>
<p>[p. 134] “requererem ao ouvidor geral Martim Leilão fosse dar uma boa guerra e socorro ao forte, como fizeram por escripto, de que se fizeram autos, que tão cortados estavam todos de medo, que sem elle ninguém lá ousaria ir, e com elle todos. Com estas e outras rasões, e importância do caso, que não soíria dilação, elle o-acceitou, a 14 de fevereiro, com determinação de partir dentro n'elle, no que se-começou em toda a parte por incrível presteza, e diligencia; 'que era cousa notável ver a vontade, com que se</p>	<p>[f. 23] “requererem ao ouuidor geral Martim Leytão em particularmente screuer a todos muntas cartas conuidando-os Com rezões a que ninguém pode fugir para a jornada e auaiando à muitos.”</p>	<p>[f.27-27v] “requererem ao ouuidor geral Martim Lejtam fosse dar hũa boa guerra, E socorro ao forte como fizeram por scripto, de que se fizeram autos que tam cortados estauam todos de medo que sem elle ninguém la ousarja de hir E con elle todos: con estas E outras muitas rezoas E importancia, do caso que nam sofria dilaçam elle o acejtou a catorze de feureiro con determinacam de partir dentro nelle no que se começou En toda a parte por incrediuel presteza</p>	<p>[f. 10] “requererem ao Ouuidor-Geral Martim Leitão fosse dar hũa boa guerra E socorro ao forte como fizeram por escripto de que se fizeram autos que tam cortados Estauão todos de medo que sem elle ninguém la ousaria de hir E com elle todos. com Estas E outras muitas rezoins E importancia do cazo que não sofria dilação E elle o aceitou a i4 de feureiro com determinação de partir dentro nelle no que se comesou em toda a parte por incrediuel presteza E diligencia que hera couza notauel ver a vontade com que se</p>

<p>todos, bons e máos, sabendo que Martim Leitão ia, aprestavam, tendo já lá todos ido tantas vezes com ruim successo ; e a não haver no porto, passante de 30 navios, com jnnumeraveis mantimentos, que nunca em nenhum tempo tantos houve, não fora possível aviarem-se; e quando foram, não foram com tanta brevidade. Aqui era infinita a diligencia de Martim Leitão em particularmente escrever a todos muitas cartas, convidando-os com rasões, a que ninguém poude fugir, para a jornada, e aviando a muitos;”</p>		<p>E diligencia <i>que</i> era cousa notauel uer a uontade con <i>que</i> se todos bons E maos sabendo <i>que</i> Martim Lejtam hia aprestauam tendo ja la todos hido tantas uezes con roim sucesso, e a nam auer no porto passante de trinta // nauios con innumerauel mantimentos <i>que</i> nunca En ninhũ tempo tantos ouue nan fora possuiel auiaem-se, E quando foram nam foram con tanta breuidade, Aqui era infinita à diligencia de Martim Lejtam Em particularmente screuer à todos muitas cartas conuidando-os com rezoes a que ninguém pode fugir pera a jornada E aviando a muitos”</p>	<p>todos bons E maos sabendo <i>que</i> Martim leitão hia se aprestauão tendo ia la todos hidos tantas uezes com roim sucesso. E a não auer no porto passante de <u>30</u> nauios com innumeraueis mantimentos <i>que</i> nunca em nenhũ tempo tantos ouue não fora possuiel auiaem-se E quando forão não forão com tanta breuidade. Aqui Era infinita a deligencia de Martim leitão em particularmente Escreuer a todos muitas cartas conuidando-os com rezoins a <i>que</i> ninguem pode fugir para a Jornada E auiano a muitos”</p>
<p>[p. 135] “cadaúm de 30 cavalios, de que eram capitães <i>Christovão</i></p>	<p>[f. 25v] “cada hum de trinta cauallos de que erão Capittaès</p>	<p>[f. 30] “cada hũ de trinta cauallos de <i>que</i> eram capitães</p>	<p>[f. 10v] “cada hum de trinta cauallos, de <i>que</i> Erão cappitaens</p>

<i>Paes d'Alter, Antônio Cavalcante, filho de Philippe Cavalcante</i> "	christouão paès, Antonio caluantj, filho de Phelippe caluantj	christouam paez daltero , Antonio caualcantj filho de phillippe caualcantj"	Christouão paes daltero Antonio caualcanti filho de felippe caualganti"
[p. 167] "e derribando os nossos, duas outras braças de terra, que todos tinham cortado, cahiu de romanja, tomando alguns debaixo, mas sem perigo, com que intrando, não parou mais imigo , e os-foram seguindo um pedaço, ainda que o ruim caminho"	[f. 29v] e derribando os nossos duas ou tres braças de terra que todos têm cortado cajo de romanja tomando algúns debaixo mas sem perigo e os foram seguindo hum pedaço ainda que o roim caminho".	[f. 35] "E derribando os nosos duas ou tres bracas de terra que todos tinham cortado cajo de romanja tomando algûs de baixo mas sem perigo con que entrando nam parou maes imigo E os foram seguindo hum pedaço ainda que o roim caminho"	[f. 13] "E derribando os nossos duas ou tres braças de serca <i>que</i> todos têm cortado cahio de romania tomando alguns debaixo mas, sem perigo com <i>que</i> Entrando não parou mais imigo , E os forão seguindo hum pedaco ainda <i>que</i> o roim caminho"
[p. 200] "nao se esquecendo, por via dos padres da companhia, incommendar este negócio muito particularmente a Deus"	[f. 39v] "não se esquecendo prouia dos padres da Companhia enComendar este negosio <i>muito</i> particularmente a Deos"	[f. 42] "nam se esquecendo per uja dos <i>padres</i> da Companhia encomendar este negoceo <i>muito</i> particularmente a <i>deos</i> "	[f. 18] "não se Esquecendo per uia dos padres da companhia Emcomendar este negocio <i>muito</i> particullarmente a <i>deos</i> "
[p. 241] "esperámos.-a manhã, na qual logo marchámos com boa ordem e recado; e ás 10 horas dêmos com um grande golpe de gentio"	[f. 42] "esperamos a manhaà e recado, e as des horas demos em hum grande golpe de gentio"	[f. 47] "esperamos a manham na qual logo marchamos com boa ordem E recado, E as des oras demos Em hũ grande golpe de Gentjo"	[f. 21] "Esperamos a manhãa, na <i>qual</i> logo marchamos com boa ordem E recado ; E as des oras demos Em hum grande golpe de gentio"
[p. 262] "em cima delle mui desinvolto, e	[f. 48v] "em sima delle muy	[f. 53] "En cima delle muj desenuolto	[f. 25] Em sima della muj ⁹⁵ desEmuolto, E

⁹⁵ Segue-se uma palavra riscada.

seguiu os imigos por um caminho com outros 2 de cavallo, e alguns gentios,”	desenuolto e seguio os perigos por hum caminho com outros dous de Cauallo e alguns gentios”	E seguio os imigos por hũ caminho com outros dous de cauallo E algũs gentios”	siguio os imigos per hum caminho com outros dous de cauallo E alguns gentios
--	--	--	---

Ainda que as presenças dos excertos apontados deem força à possibilidade de o manuscrito base para a impressão ser aquele da Biblioteca Nacional de Portugal, há no texto editado para o *Iris* alterações textuais que podem suscitar algum questionamento quanto ao manuscrito utilizado, caso a investigação não se atente às variações na redação entre os dois apógrafos. São estas diferenças que podem ter encaminhado Christian Colas a concluir que o manuscrito utilizado no *Iris* é o que está salvaguardado em Évora, embora o pesquisador não demonstre o percurso que o levou a tal conclusão:

Quadro 2 -

Edição: <i>Iris</i> (1848)	Variante: Biblioteca Pública de Évora	Variante: Biblioteca Nacional de Portugal	Variante: Academia das Ciências de Lisboa
[p. 41] “Ajuda muito a isso a fertilidade da terra em ptodusir este manhmento, que chámam mandioca, que è o pão de todo o Brasil; porque, cada pessoa, com a planta de um só dia, faz mantimento que lhe-abasta todo o anno”	[f. 4v] “Ajuda muito a isso a fertilidade da terra em produzir este mantimento que chamão mandioca que he o pam de todo o Brazil porque cada pessoa com a planta de hum dia só fas mantimento que lhe abasta todo o anno.”	[f. 5v] “Aiuda <i>muito</i> a iso a fertilidade da tera Em produzir este mantimento que chamam Mandioca que he o pam, de todo o brazil E peru por <i>que</i> cada pesoa cõ a planta de hum soo dja fas mantimento que lhe abasta todo o anno”	[f. 2v] “Aiuda <i>muito</i> a isso a fertilidade da terra Em produzir Este mantimento que chamão mandioca que he o pão de todo o Brazil E Peru porque cada pessoa com a planta de hum só só dia faz mantimento <i>que</i> lhe abasta todo o anno”
[p. 16] e, e querendo prosseguir esta empreza, mandando o ouvidor-geral Cosme Rangel de Macedo e Christovão de Barros, provedor-mor, lh’a encomendou;	[f. 10v] “e querendo prosseguir esta empreza mandando ao ouvidor geral christouão de Barros prouedor mór lha emComendou Cuyo era Cosme rangel de macedo ”	[f. 12v] “E querendo <i>proseguir</i> esta Empresa mandando ao ouvidor Geral E Christouão de barros prouedor moor lha Encomendou”	[f. 4v] “E querendo <i>proseguir</i> Esta Empreza, Mandando ao Ouvidor-Geral Cosmo Rangel de Macedo E Chrisptouão de barros prouedor-mor lha Encomendou”

[f. 169] “n'aquella noite adoeceram 12 pessoas com estranhas dores de barriga, e câmaras, entre os quaes foi Francisco Barreto, e o padre Simão Tavares , e outros de muita importância, com o que houve detença de 2 dias”	[f. 32v] naquela noyte adoesseram quarenta e duas pessoas Com estranhas dores de barriga e Camaras e entre as quais foy Francisco Barreto, e o Padre Simão Trauassos , e outros de muita importância Com o que ouue detença de dous dias”	[f. 37v-38] “subitamente naquela noyte adoeceram quarenta E duas pesoas con estranhas dores de barrj //ga E camaras E entre os quaes foi francisco barreto E o padre Symam trauaços E outros de muita importantja con o <i>que</i> ouue detença dous dias”	[f. 15v] “naquella noite, adoecerão quarenta E duas pesoas, com Estranhas dores de barrigua. E camaras Emtre os quais foi francisco barreto. E o padre Simão tauares ; E outros, de <i>muita</i> importancia, com o <i>que</i> ouue detensa, dous dias”
---	---	--	--

Da comparação entre os manuscritos acima apresentada, percebe-se uma semelhança muito maior entre o apógrafo da Biblioteca Nacional de Portugal e a edição do Iris que entre a edição do jornal e o códice da Biblioteca Pública de Évora. As informações da segunda tabela, que indicam divergências entre o provável manuscrito-matriz e o texto publicado em 1848, são amostras da interferência realizada pelo editor na apresentação final da crônica. Provavelmente, fez-se a elisão da referência ao Peru para que a força do relato se concentrasse no Brasil e inseriu-se o nome de Cosme Rangel de Macedo a fim de discernir quem estava a exercer o cargo de ouvidor-geral na altura daquela passagem da crônica, dado que a personagem principal do Sumário das Armadas (ca. 1589), Martim Leitão, também desempenhou a função de ouvidor-geral após Cosme Rangel de Macedo⁹⁶. O ponto mais difícil de esclarecer é o último, a troca do nome do padre Simão Travassos por Simão Tavares e da quantidade de pessoas adoecidas. A falha poder ser fruto de um erro de leitura por parte do copista ou de José Feliciano de Castilho, o editor, que se fixou ao imprimir a crônica. Contudo há que se lembrar na *História do Brasil* (1630) de Frei Vicente do Salvador, este mesmo trecho refere-se, também, ao padre Simão Tavares:

aquella noyte adoeçerão quarente, e duas pessoas com estranhas //
dorres de barriga, e camaras, entre os quais foy Francisco Barreto, e o

⁹⁶ Martim Leitão foi nomeado para o cargo em 9 de setembro de 1583. Ver VARNHAGEN, Adolfo. *História Geral do Brasil*. São Paulo: Ed. Melhoramentos História Geral do Brasil, v.1, 4ªed, 1948, p. 456.

Padre simão Tavares da Companhia, e outros de muita Importancia com o que houve detença dous dias⁹⁷

Ao comentar a autoria do *Sumario das Armadas* (ca. 1589) nos prolegômenos do terceiro livro a'A *História do Brazil* (1630), Capistrano de Abreu refere-se, também a um padre Simão Tavares, provavelmente porque nos testemunhos manuscritos d'A *História do Brazil* (1630) esteja grafado desta maneira.

No capitulo 22 começa e no livro próximo continua a ser aproveitado o *Summario das armadas que se fizeram e das guerras que se deram na conquista do rio Parahiba*, composto por ordem de Christovão de Gouveia, visitador da Companhia de Jesus, que veio ao Brasil com o governador geral Manuel Telles Barreto, impresso na *R. T.*, 36, I, Rio 1873. O jesuíta anonymo que o escreveu pode ter sido Jeronymo Machado, como quer Vamhagen, ou Simão Tavares: ambos assistiram á parte dos successos narrados⁹⁸.

A menção ao padre *Simão Tavares* neste trecho encontra-se também no testemunho da Academia das Ciências de Lisboa, estudado e publicado nesta dissertação. Como se verá, o copista responsável pelos fólhos 15v ao 28 do códice *História da Capitania da Paraiba* copiou sempre *Simão Tavares* em lugar de João Tavares, erro reparado pelos outros copistas nos fólhos posteriores, evidência que faz pesar mais a possibilidade de um erro de leitura-cópia por parte daquele amanuense ao invés de sugerir um novo texto. Vale a lembrança ao leitor de que a probabilidade de José Feliciano de Castilho ter lido e consultado o manuscrito da *História da Capitania da Paraiba* é baixa, em razão do manuscrito ser desconhecido, some-se a isto as especificidades textuais deste testemunho da Academia não serem compatíveis com a edição do *Iris* (1848). Na seção 5 deste trabalho, no qual se falará sobre as variantes manuscritas do *Sumario das Armadas* (ca. 1589), apresentar-se-ão as diferenças textuais entre o manuscrito da Academia das Ciências de Lisboa e da Biblioteca Nacional de Portugal.

⁹⁷ SALVADOR, Frei Vicente do. **História do Brazil (1630)**. Introdução e notas: Maria Lêda Oliveira. Rio de Janeiro: Versal; São Paulo: Odebrecht, 2008, f. 106v. O destaque é nosso.

⁹⁸ Este excerto está nos *Prolegômenos ao livro terceiro* feitos por Capistrano de Abreu em sua edição de SALVADOR, Frei Vicente do. **História do Brazil**. Introdução e notas: Capistrano de Abreu. Editores-Proprietários Weiszflog Irmãos S.Paulo e Rio, 1918, p. 137.

Certo é que nem no manuscrito da Biblioteca Nacional de Portugal, nem no da Biblioteca Pública de Évora consta alguma referência a um *padre* chamado *Simão Tavares*, diferente do que escreve Adriel Batista Fontenelle

Nesse trecho⁹⁹, onde aparece grafado o nome do padre Simão Travassos, por si, gerou ainda outra polêmica. É de fato um erro no manuscrito da Biblioteca Nacional de Portugal, onde o nome Simão Travassos foi grafado como Simão Tavares. Por isso Capistrano de Abreu, que não tinha outras fontes sobre o padre Simão Travassos, repetiu o equívoco¹⁰⁰.

porque em ambos os apógrafos lê-se *Travassos* conforme a transcrição da comparação mostrou. A edição do *Sumario das Armadas* (ca. 1589) publicada pela *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* traz o nome de Simão Travassos nesta passagem “*n’aquella noite adoeceram quarenta e duas pessoas com estranhas dores de barriga e camaras, e entre os quais foi Francisco Barreto e o padre Simão Travassos e outros de muita importancia com o qual houve detença de dois dias*”¹⁰¹. O erro existe, portanto, na edição realizada pelo *Iris* (1848). O equívoco repete-se porque as edições mais recentes e de fácil acesso do *Sumario das Armadas* (ca. 1589) utilizaram-se da primeira publicada, a do *Iris* (1848).

Ainda sobre os problemas da edição: ela não mantém a grafia original do testemunho, embora indique na introdução que realizou esta modificação. Além da ortografia, José Feliciano de Castilho criou a paragrafação e finaliza cada um dos 24 capítulos que compõem o *Sumario* (c.1589) com a frase “por um da Companhia de Jesus”, expressão inexistente nos códices. Ele próprio escolheu o nome que daria à crônica: *História da Conquista da Parahyba*. O nome “*Sumario das Armadas que se fizeram e guerras que se deram na conquista do rio Parahyba; escripto e feito por mandado do muito reverendo padre em Christo, o padre Christovão de Gouveia, visitador da Companhia de Jesus, de toda a provincia do Brasil*”, pelo qual o documento é “oficialmente” conhecido, aparece como um subtítulo. O primeiro capítulo, não nomeado em nenhum dos testemunhos, recebe o título “*Idéa particular*

⁹⁹ Referindo-se à passagem destacada na última linha da segunda tabela.

¹⁰⁰ BATISTA, Adriel Fontenele. **O Sumário das Armadas: guerras, missão e estratégias discursivas na conquista da Paraíba**. Dissertação. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2012, p. 114.

¹⁰¹ **Sumário das Armadas** in: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, T. XXXVI, 1ª parte, 1873, p. 43.

d'estas partes, e geral do Brasil”. Cabe citar dentre os exemplos de intervenção do editor José Feliciano de Castilho, a exclusão dos sonetos finais em latim. Sobre estas decisões não há também justificativa por parte do editor.

A segunda edição do *Sumario das Armadas* (ca. 1589)¹⁰² foi realizada pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro através de sua Revista em 1873, 25 anos depois da primeira. Esta é a última edição publicada que se valeu do estudo de um dos apógrafos, porque as edições posteriores são republicações ou do texto do *Iris* (1848) ou da Revista do IGHB. Antônio Henriques Leal¹⁰³, o sócio responsável por oferecê-lo ao Instituto não escreveu nenhuma introdução explicativa, mas assinalou que o texto é proveniente da Biblioteca Nacional de Lisboa, atual Biblioteca Nacional de Portugal. Tanto os sonetos iniciais em espanhol quanto os finais em latim foram omitidos nesta edição do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro sem que, ao menos, o editor aludisse à existência dos poemas ou explicasse a causa de sua exclusão. Não se sabe se ele, Antônio Henriques Leal, foi o responsável pela transcrição ou se a encomendou e depois ofereceu ao IHGB, sendo a segunda hipótese a mais plausível, porque foi bastante recorrente ao longo do século XIX. E diferente do que ocorreu na primeira edição, os títulos dos capítulos não foram alterados. Existem algumas interferências do copista, provavelmente marcando ou referindo-se a palavras ou expressões em que teve dúvida durante o processo de transcrição, como se percebe nas páginas 7 e 8, respectivamente: “que são redondos como manquaes (?)” e “[...] A esta chama farinha de guerra, porque n’ellas se servem os negros (*indio escravo?*)”¹⁰⁴. Ao final do capítulo 2, encontra-se uma informação que não existe no códice da Biblioteca Nacional de Portugal: o nome do ouvidor-geral Cosme Rangel de Macedo, como se verifica colocando lado-a-lado os textos da RIHGB e o testemunho da BNP:

Edição: RIHGB (1873), p. 16	Variante: BNP, f.12v.
“e querendo prosseguir esta empresa, mandando o ouvidor-geral Cosme Rangel de Macedo e Christovão de Barros, provedor-mor, lh’a encomendou;”	“E querendo prosequir esta Empresa mandando ao ouuidor Geral E Christouão de barros <i>prouedor</i> moor lha Encomendou”

¹⁰² **Sumário das Armadas** in: Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, T. XXXVI, 1ª parte, 1873, p. 5-89.

¹⁰³ Logo baixo do título lê-se *Copia do original existente na Bibliotheca Nacional de Lisboa, offerecida ao Instituto pelo Dr. Antonio Henriques Leal*. *Sumario das Armadas*, idem, p. 5.

¹⁰⁴ Idem, p.7-8.

Esta informação só está presente nos manuscritos da Biblioteca Pública de Évora e no da Academia das Ciências de Lisboa, como ficou demonstrado na tabela 1. O acréscimo do nome do ouvidor-geral Cosme Rangel de Macedo, tal qual se verificou no *Iris* (1848), possivelmente foi feito para discernir quem era o ouvidor-geral naquele momento. Assim como na edição de Castilho, a grafia do texto foi atualizada.

A terceira publicação fez-se em 1909 no *Almanach do Estado da Parahyba* organizada pelo historiador João de Lyra Tavares¹⁰⁵. Em 1974, saiu a quarta edição, uma apostila criada por três professores da Universidade Federal da Paraíba para o I Curso de Aperfeiçoamento sobre História Colonial da Paraíba¹⁰⁶. As informações obtidas esclarecem que ambas as publicações tiveram como base a edição de 1873, realizada pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro¹⁰⁷.

A Fundação Universidade Regional do Nordeste (FURNE), em parceria com a Universidade Federal da Paraíba, encarregou-se em 1983 de realizar a quinta edição do *Sumario das Armadas* (ca. 1589) em razão das celebrações dos 400 anos de fundação da Paraíba. O livro intitulado *História da conquista da Paraíba*, tal qual a edição do *Iris* (1848) – porque é este o texto que se tomou por base para a edição – foi reimpresso em 1995 e 2006, esta última vez através da Livraria do Senado. A edição de 1983 da Fundação Universidade Regional do Nordeste é a obra que Adriel Batista Fontenelle e Christian Colas, cujas pesquisas já foram mencionadas, fazem uso para referir-se ao *Sumario das Armadas* (ca. 1589) no corpo do texto.

Em comemoração ao aniversário da cidade de João Pessoa, a revista *Municípios em Destaque*¹⁰⁸ publicou uma edição do manuscrito que arrogava ser inédita. Lia-se no início do texto “transcrito do documento original depositado no Arquivo da Torre do Tombo, em Lisboa”. Este texto não corresponde aos testemunhos manuscritos da BNP,

¹⁰⁵ SUMÁRIO das Armadas [da conquista do rio Parahyba] in: **ALMANACH DO ESTADO DA PARAHYBA PARA O ANO DE 1910**. Paraíba, 1909, p. 3-80.

¹⁰⁶ SUMÁRIO das Armadas [...] in: MONTEIRO, Vilma dos Santos Cardoso. **Iº Curso de aperfeiçoamento sobre história colonial da Paraíba**. Paraíba: Imprensa Universitária, 1974.

¹⁰⁷ Não foi possível o acesso a nenhuma das duas publicações por serem extremamente raras. Todavia, fica o registro da existência destas edições. As informações sobre estes textos foram retiradas dos trabalhos de BATISTA, Adriel. **Ob. Cit.**, pp 107-111 e LINS, Guilherme Gomes da Silveira d’Avila. **Uma apreciação crítica do período colonial na “História da Paraíba: lutas e resistência”**. Edição do autor, p. 111. Lins afirma que estes textos foram republicações do texto da Revista do IHGB e que nenhuma delas mantém-se fiel à grafia original.

¹⁰⁸ SUMÁRIO das Armadas. In: *Revista Municípios em Destaque*, Rio de Janeiro, ano XVII, n. 69, 1996, p. 17-20 e p. 51-60 (Edição Especial: João Pessoa - PB).

BPE ou ACL, por apresentar grandes divergências em relação àquelas variantes como supressões, acréscimos e texto confuso. Como não há referência, quer na introdução, quer em nota, sobre a cota do códice utilizado, nem notícia da existência de um testemunho do *Sumario das Armadas* (c.1589) no acervo do arquivo Torre do Tombo, tornou-se impossível realizar qualquer análise do mesmo.

Logo, como é possível verificar, de fato o testemunho manuscrito do *Sumario das Armadas* (ca. 1589) que se encontra no códice intitulado *História da Capitania da Paraíba*, depositado na Academia das Ciências de Lisboa, não foi até o presente momento objeto de análise, crítica, ou serviu de fonte para uma edição da crônica, pese ser ele a variante mais antiga, se comparada às outras duas já conhecidas, isto é, as da Biblioteca Nacional de Portugal e Biblioteca Pública de Évora. Esta circunstância advém por sua existência só ter sido notificada em 2008, quando Maria Lêda Oliveira, ao estudar as fontes utilizadas na *Historia do Brazil* (ca.1630) por frei Vicente do Salvador, identificou o *Sumario das Armadas* (ca.1589) dentro do mencionado códice e entre excertos de capítulos do *Tratado descritivo do Brasil* (1587). Nas informações constantes no catálogo da *Série Azul* e no Catálogo do *Brasil na Academia das Ciências*¹⁰⁹, pouca importância é atribuída ao códice, entretanto isto se dá por não se conhecer, realmente, o conteúdo textual que o compõe – sempre tido como mais uma cópia do *Tratado*. Para se ter a dimensão do seu conteúdo era imprescindível, não apenas conhecer relativamente o teor textual das crônicas referentes ao Brasil colonial, mas sobretudo olhar o códice com uma atenção especial, porque sua estrutura interna *aparentemente* é bastante confusa, situação que decorre dos problemas em relação à sua paginação e numeração dos capítulos.

¹⁰⁹ Ver notas 59 e 64 deste trabalho.

4 - DO CÓDICE HISTÓRIA DA CAPITANIA DA PARAÍBA

A *História da Capitania da Paraíba* é um testemunho precioso. Em primeiro lugar, porque não se configura como apenas mais uma variante manuscrita do *Tratado* de Gabriel Soares de Sousa ou pela feliz descoberta de um novo testemunho do *Sumario das Armadas* (ca.1589), isso por si só já seria, de fato, relevante para a história da cronística do Brasil Colonial e, claro, para a historiografia brasileira de modo geral. Mas um dado que merece destaque é a “apropriação”, feita pelo organizador do código, do texto do *Sumario* (ca.1589), dando-lhe uma dignificação política ao intitular o seu material textual como uma *Historia da Capitania da Paraíba*. Além disso, a variante do *Sumario* (ca.1589), nele existente, passa a ser o testemunho mais antigo desta crônica de importância ímpar para os acontecimentos históricos da expansão e colonização da região da Paraíba.

Para se pensar este código, atente-se primeiro ao seu nome: não é um *Sumário*, não é um *Tratado*. Quem o estruturou, na primeira metade do século XVII, intitulou-o como uma *História*, não atendendo aos títulos das crônicas nas quais foi buscar o seu conjunto textual. E isso é, ademais, já um dado de extrema importância. Sobre a *História* como gênero, escreveu José Honório Rodrigues que

Há que considerar ainda as diferenças entre Crônica e a História [...]. Elas guardam sempre uma estrita conexão com a realidade e são sempre narrativas. A primeira é um gênero menor, sem pretensão de obra acabada, e por ser escrita por quem presenciou os acontecimentos é sempre testemunhal, viva, atual. É por seu intermédio, como fonte de apreensão da realidade viva dos sucessos e episódios diários, que os fatos menores penetram nas histórias mais densas, construídas *post mortem* dos acontecimentos. A crônica é sempre escrita *in status nascendi*, quase sempre é limitada a uma missão, a um episódio, enquanto a história generaliza, na particularidade do sucesso, os motivos da ação, as ligações com outros fatos, as consequências [...]. A primeira é conjectural e a segunda estrutural¹¹⁰.

A construção textual do código da *Historia da Capitania da Paraíba* encaixa-se no raciocínio elaborado por José Honório Rodrigues quanto à diferença entre a crônica – de natureza conjectural – e história, estrutural. O testemunho é composto de vários

¹¹⁰ RODRIGUES, José Honório. **História da História do Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979, 2ª ed. Prefácio, pp. XVII-XVIII.

cadernos numerados por um dos copistas que trabalhou no códice e que, por possível descuido, os cadernos foram costurados fora da ordem sequencial estabelecida. Portanto, se lido como está disposto hoje, encontrar-se-ão informações gerais sobre o Brasil, as capitanias e o gentio no primeiro caderno, o segundo caderno segue com informações sobre as capitanias do norte e o terceiro caderno trata da conquista da Paraíba. O objetivo do texto tornou-se nublado com este arranjo e não à toa a *História da Capitania da Paraíba* foi considerado um códice sem muita importância por aqueles que organizaram os catálogos.

Se reorganizados os cadernos, com os fólios seguindo a numeração linear determinada pelo copista da época e não pela numeração dada pelos arquivistas, o testemunho ganha outro sentido, desaparece a apresentação confusa. O texto na disposição rearranjada encadeia-se de maneira a partir das conjecturas – dos episódios de conquista da Paraíba, isto é, da crônica do *Sumario das Armadas* (ca. 1589) – para, no último caderno, registrar um quadro sobre o *Estado do Brasil* – expressão do testemunho – desde o *descobrimento* até como se encontrava organizado no final do século XVI, com especial destaque à nova capitania da Paraíba e às ações do ouvidor-geral Martim Leitão. A *História da Capitania da Paraíba* reforça o teor panegírico que o *Sumario das Armadas* (ca. 1589) tem em relação ao ouvidor-geral Martim Leitão, como sugerem as três passagens selecionadas dentre as várias existentes na crônica

E outra copia para dizer os muitos trabalhos E variedades com que se procedeo nas couzas desta Empreza do Parahiba depois que o General Diogo Flores a comesou com os trabalhos E ajuda do Ouvidor-geral Martim Leitão que Deos parece para isso trouxe a terra com as ajudas que lhe sempre dos moradores procurou¹¹¹

Como todas as cousas tem fim conuem que tenham principio E como o de minha pretensão he tratar das guerras, que o Doutor Martim Leitão deu ao gentio Petiguar na conquista e pouoação do rio Parayba e das Victorias que delle alcançou¹¹²;

como na uerdade a fis e por esta resão me não estendi tão copiosamente tratar de todas as obras e bons feitos do licenciado Martim leitão, que he o todo, e a principal figura desse meu compendio, porque as muitas da justiça bom gouerno, ardis e trances de guerra, e uitorias que a tanto risco de sua pessoa ganhou a publicação: Baste-lhe a elle nesta parte ter

¹¹¹ ACL, f. 52v.

¹¹² ACL, f. 39.

por pregoeira de suas cousas toda a gente pobre do Brasil de quem elle espesialmente foi amigo os quaes *com* tanto proueito e seguransa se logarão agora iuntamente com a fazenda del Rei nosso *senhor* dos trabalhos de Martim leitão e estes lhe escusam os engenhos sutis e raras abelidades *que* primeiro esgotariam *que* pudessem dar cimo a tanta cousa so isto direi¹¹³.

Assim, como o próprio título do testemunho declara, e a estrutura do texto demonstra, o organizador da *História da Capitania da Paraíba* criou com este texto uma *História* – gênero textual político em voga no século XVII– para a Paraíba e também para o Estado do Brasil. Existe na *Historia da Capitania da Paraiba*, após o delineamento das condições gerais do Brasil, a sugestão de um projeto político: a criação de um novo reino, constituído a partir da união das capitanias da Paraíba, Pernambuco e Itamaracá

ficão-nos lembrar sobre Esta Capitania de Pernambuco que tam famosa E rendoza he aos particulares E fazenda de Sua Magestade *que* não tem Estado da barra forra *que* lhe monte tanto como ella só E assi merecia E mais agora que com Tamaraca E paraiba pode montar outro nouo Reyno E postos aqui diuidos Tribunais se aquentarião E pouoarião mais as *que* agora começam E fortificarião de maneira *que* Escuzassemos gastos das guarniçoens *que* se láá agora poem <E> com muito pouco bafo de s. Magestade E so com alguns fauores aos naturais *muito* em breue montarião Estas partes *muito* porque como tem mais breue viagem E communicassão com este Reyno E ate alli com a pouoação da Paraiba seguros de arribar as Antilhas como a Viagem do mar seia tam bonencossa com poucas Aiudas crescerão estas partes *muito*¹¹⁴;

porque seria este reino mais próximo de Portugal, teria um menor custo à coroa portuguesa se comparado com os gastos para manutenção do Brasil e, para o qual, previu-se grande enriquecimento caso a ação se realizasse.

Ao abrir o códice, logo na folha de rosto vê-se a anotação *Composta pelo Dr. ouvidor que foi da mesma Provincia*, uma pista para atinar com a autoria ou com quem encomendou a cópia. É difícil imaginar que o *ouvidor* anotado na folha de rosto seja outro que não Martim Leitão, porque é o nome dele que salta aos olhos durante a leitura da *Historia da Capitania da Paraiba*. E porque é o nome dele, também, que foi se apagando em registros posteriores. Martim Leitão retorna ao reino pelos fins da década de 1580 ou início da década 1590, para onde as querelas com o provedor Martim

¹¹³ ACL, f. 37v

¹¹⁴ ACL, f. 69.

Carvalho se arrastaram. O ouvidor-geral foi denunciado por calúnia e preso. Acerca da prisão de Martim Leitão existem poucos dados. Do que se pôde amealhar ao longo da pesquisa, uma notícia importante sobre este evento está nos *Capítulos* de Gabriel Soares de Sousa, documento onde ele arrolou 44 denúncias sobre as ações e postura dos jesuítas no Brasil, cujo destino foi a corte em Madri. A relação foi respondida ponto a ponto pelos padres da Companhia em 1592, e a 21^a *informação* dos *Capítulos* registra

chegando o governador Manuel Teles Barreto, não louvou aos Padres procederem com tamanho rigor contra os ministros de El-Rei, que os sustentava, pelo que se passaram à banda do ouvidor geral Martim Leitão, que, favorecido dêles, desobedeceu ao governador e foi pera Pernambuco, onde e na Baía cometeu tais insultos contra o serviço de El Rei, que o mandou vir preso e tomar-lhe sua fazenda, e por suas culpas **está até hoje preso em Lisboa**, e sendo êle êste o favoreceram muito contra o governador e contra a terra, porque lhes foi dar posse indevida das terra do Camamu, donde nasceram mil desconcertos outros com muitas pessoas.

Resposta - *Não mostra nem mostrará em que o favoreceram contra o governador; não deu posse das terras do Camamu sómente as foi demarcar por provisão de S. A. que lho mandava, e sendo requerido por êle; nem já parece bem pôr à conta da Companhia os desconcertos alheios*¹¹⁵.

É possível afirmar, portanto, que em 1592, Martim Leitão já estava encarcerado em Lisboa, e ao que faz parecer a expressão “está até hoje preso” não era fato tão recente. Os documentos na Biblioteca d’Ajuda, em Portugal, mostram que em 1598 ainda corria o processo contra Martim Leitão¹¹⁶. Após esta data não há rastro do que possa ter acontecido ao ouvidor.

¹¹⁵CAPÍTULOS que Gabriel Soares de Sousa deu em Madrid ao Sr. D. Cristovam de Moura contra os padres da Companhia de Jesus que residem no Brasil, com umas breves respostas dos mesmos padres que deles foram avisados por um seu parente a quem os ele mostrou. In: Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (ABNRJ), Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, v.62, pp.361-362, 1942, o destaque sublinhado em negrito é nosso.

¹¹⁶ Agradeço, aqui, ao professor Rodrigo Ricupero que gentilmente cedeu as cotas dos documentos relativos ao Martim Leitão que compilou ao longo do seu trabalho. Veja-se: documento 1) 44-XIV-10 f. 177. 56 - **Consulta do Desembargo do Paço sobre o que pede o licenciado Martim Leitão, ouvidor geral que foi do Estado do Brasil, para que seja levantada a suspensão em que foi condenado.** Lisboa, 01/09/1598. E documento 2) 51-VIII-16 f. 010 v. 54 - **Carta do Bispo D. Pedro de Castilho a El-Rei, tocante a umas informações acerca do procedimento de Martim Leitão, ouvidor geral do Brasil, de induzir testemunhas que testemunhassem falsamente contra Martim de Carvalho, no pecado nefando.** 17/01/1597.

É curioso que os arquivos silenciem sobre o destino de alguém que protagonizou uma conquista territorial tão importante e exerceu um dos cargos mais poderosos da colônia, o de ouvidor-geral. Não obstante, se de um lado há silêncio, do outro existem três testemunhos que repetem e reafirmam a fidelidade à coroa, os feitos, qualidades e a honra de Martim Leitão. Ora, a palavra assume a função que lhe for dada. A memória histórica é um campo de batalha político. Por que compor uma *Historia da Capitania da Paraíba*, se não por uma disputa histórica? O registro sobre quem é o *autor*, ou melhor, de quem ordenou a *composição* do testemunho *Historia da capitania da Paraíba* está logo no primeiro fólio, onde se lê *composto pelo doutor ouvidor daquela mesma província*. Martim Leitão era licenciado, *doutor*. E Martim Leitão é quem protagoniza as ações narradas no *Sumário* (ca. 1589). São seus *inimigos políticos*, expostos no *Sumario das Armadas* (ca. 1589),

passarão aquelles mezes de Junho E Julho sempre com muitas papeladas huns dos outros E requerimentos de socorro ao Ouuidor-Geral que como encarregado para isso do Gouernador E general diogo flores E conhesido por mais zeloso do seruiço del rey tudo batia nelle até os mantimentos que auia de dar martim Carualho que parese por particular influensia comesou logo a correr pezadamente neste negocio do Paraíba E a essa conta se comesarão desauenças Entre elle E o ouuidor-Geral, o qual como frageiro E impaciente dos vagares de Martim Carualho bramia E metia os officiais da camara nisso por pairar com o Bispo comprade E grande amigo do <prouedor> martim Carualho por quanto o mesmo Bispo fizera com o gouernador manael telles que o mandasse com aquelle cargo com o que ficou a villa quasi diuidida. O Ouuidor-Geral com a camara que sobre isso os apertaua continuo com requerimentos para os Espertarem, E as uezes nada bastaua seria infinito E enfadonho contar aqui as particularidades que nisto passarão basta que nem algum pouco prouimento se deu // [f. 8v] senão a força de grandes requerimentos E feros que ainda as vezes nisso metia o Ouuidor-Geral¹¹⁷

que exercem as funções do governo-geral da colônia entre os anos de 1587 e 1588 – a morte de Manuel Teles Barreto, governador-geral do Brasil de 1583 a 1587, alçaria pelas *vias de sucessão* ao posto de comando geral da colônia, o triunvirato constituído pelo bispo d. Antônio Barreiros, o provedor-mor Cristóvão de Barros e o ouvidor-geral Martim Leitão. O governo foi, contudo, assumido apenas pelos dois primeiros, porque

¹¹⁷ ACL, fls. 8-8v.

Martim Leitão encontrava-se ausente¹¹⁸. Frutuoso Barbosa¹¹⁹, o homem que encabeçou a primeira expedição privada para conquistar a Paraíba, tido em tão baixa estima pelo o autor *Sumario das Armadas* (ca. 1589), governou a capitania da Paraíba entre 1588 e 1591¹²⁰. A ascensão dos desafetos talvez represente a força que encetou o olvidamento acerca de Martim Leitão.

¹¹⁸ Rodolfo Garcia em nota na edição da *História Geral do Brasil* de Varnhagen afirma que no período citado Martim Leitão encontra-se ausente por *achar-se ocupado nas guerras da Paraíba*. Contudo, tanto o capítulo final do *Sumário das Armadas* (ca. 1589) quanto frei Vicente do Salvador no capítulo 16 do livro IV afirmam que o ouvidor regressara a Pernambuco em 1587. Conferir: Varnhagen, *ob. cit.*, tomo II, p. 31, nota 1; Fr. Vicente do Salvador, *ob. cit.*, capítulo 16. ACL, capítulo final.

¹¹⁹ Sobre a contradição da figura de Frutuoso veja a seção 2 deste trabalho.

¹²⁰ GONÇALVES, Célia Regina. *Ob. cit.*, Anexo I, p. 237.

5 - DA AUTORIA E DATAÇÃO DO *SUMÁRIO DAS ARMADAS* (ca.1589)

O debate acerca da autoria e datação do *Sumario das Armadas* (ca. 1589) remonta ao século XIX e desde então a historiografia não encontrou consenso no tocante a estes dados. Não se encontra no corpo do texto do manuscrito da Biblioteca Nacional de Portugal uma assinatura, identificação ou menção ao provável autor. No entanto, na capa da encadernação do códice eborense, alguém marcou no couro, a pressão, sem tinta – e em letra diferente da que copia o texto nos fólios – *Auctor o P. Jeronimo Machado*. José Honório Rodrigues sintetiza muito bem a discussão sobre o autor da crônica *Sumario das Armadas* (ca. 1589) ao escrever:

Varnhagen atribuiu a autoria ao padre Jerônimo Machado, sem nenhuma explicação, e Antônio Henriques Leal, que copiou o original da Biblioteca Nacional de Lisboa e ofereceu ao Instituto Histórico, para publicação, não entrou nessa averiguação [...]. Para Capistrano de Abreu, o autor tanto podia ser Jerônimo Machado, como o jesuíta Simão Tavares¹²¹, pois ambos assistiram parte dos sucessos narrados. Em 1925, Capistrano de Abreu falava somente em Jerônimo Machado [...]. Foi o padre Serafim Leite quem fez realmente a crítica de atribuição, argumentando em favor do padre Simão Travassos¹²².

Nos trabalhos atuais sobre o *Sumario das Armadas* (ca. 1589) não convergem, igualmente, os pontos de vista sobre o autoria da crônica. Adriel Batista Fontenelle é da opinião de que

O Sumário, como se pode perceber, é uma construção coletiva desde o início, pois “os livros que falam do Brasil” são as cartas de outros jesuítas em missão na província brasileira; eram essas cartas que estavam sendo consultadas para compor um conjunto de informações precisas, úteis e institucionalmente legítimas. Assim, entendemos que os nomes dos padres que aparecem na narrativa não são indicações de autoria, mesmo porque se essa fosse a vontade dos jesuítas, nada custava que colocassem esse nomes diretamente no título dos capítulos ou simplesmente que assinassem o documento. O anonimato do Sumário das Armadas é parte da sua particularidade histórica, uma pista do que ele representa enquanto discurso

¹²¹ BNP, f. 1.

¹²² RODRIGUES, José Honório. *Ob. cit.*, 1969, p. 371.

da Companhia sobre a conquista da Paraíba naquele contexto político local marcado por tantas e diferentes tensões. Em suma, acreditamos que não há uma autoria declarada no documento pelo simples fato de que esse documento não devia tê-la¹²³.

Christian Colas compara as competências, à frente no texto deste trabalho declaradas, de Jerônimo Machado e Simão Travassos – a quem chama, durante toda a tese de *Simão Tavares* efeito do erro constante na edição que utiliza para estudo e conclui que

la supériorité de Simão Tavares est indéniable et son âge loin de le disqualifier le rend plus légitime d'autant que nous sommes dans un ordre très hiérarchisé où Jeronimo Machado fait presque encore figure de novice.¹²⁴

A reflexão sobre o *possível* autor do *Sumario* (ca. 1589) gira em torno de dois nomes, os padres jesuítas Simão Travassos e Jerônimo Machado, tal como apontou José Honório Rodrigues. Desta forma, é indispensável voltar-se à própria crônica, porque nela se encontram os poucos insumos que permitem fundamentar as hipóteses a respeito da autoria. Os fólios iniciais dos testemunhos da Biblioteca Pública de Évora e da Biblioteca Nacional de Portugal circunscrevem de pronto o âmbito da produção, a Companhia de Jesus, nos quais se lê que o texto foi feito a pedido do visitador da Companhia no Brasil

Sumario das armadas *que se fizeram* E guerras *que se deram* na conquista do Rjo parahiba scrito E feito por mandado do *multo Reverendo* padre em Christo o padre Christouam de Gouuea uisitador da Companhia de Jesu de toda a *prouincja* do Brasil¹²⁵.

Ao longo da crônica, encontram-se outras referências aos jesuítas, o que torna seguro afirmar que a autoria do *Sumario das Armadas* (ca. 1589) pertence, de fato, a um padre da Companhia de Jesus:

¹²³ BATISTA, Adriel Fontenele. **Ob. cit.**, pp.118.

¹²⁴ Colas, Christian. **Ob. cit.**, p. 118. "A superioridade de Simão Tavares é inegável e a sua idade, longe de o desqualificar, torna-o mais legítimo, pois estamos numa ordem muito hierárquica, onde Jerônimo Machado é ainda quase um novato."

¹²⁵ BNP, f. 1.

não se Esquecendo per uia dos padres da companhia Emcomendar este negocio *muito* particulamente a deos¹²⁶

per nos não leuarmos nada que como ospedes do ouuidor-geral que em todas as jornadas nos leuou sempre na sua tenda tirando a primera que foy de mor aparato sou boa testemunha de tudo, e pera melhor o fuy com meu sange proprio, que per a ferida ser nas ueas do peyto do pee, deu trabalho; não faltou pera de tudo Esta Empresa do Paraiba Ser trabalhoza, E honroza, o sange da companhia, aly Esteuemos ao outro dia¹²⁷

Quanto aos padres que acompanharam as três jornadas de Martim Leitão para a conquista da Paraíba, o *Sumario* (ca. 1589) registra cinco nomes: Jerônimo Machado, Simão Travassos, Francisco Fernandes, Baltazar Lopes e Manuel Correia. Foram na primeira jornada Jerônimo Machado, citado uma vez no capítulo 10 e outra no capítulo 12, acompanhado de Simão Travassos, cuja única aparição se deu no capítulo 12. A dupla de padres que participou da segunda jornada compôs-se pelo padre Francisco Fernandes, mencionado no capítulo 17, e o narrador, um dos padres integrantes da primeira expedição. A dupla Baltazar Lopez e Manoel Correia, referida no capítulo 20, registrara os eventos a fim de transmiti-los ao padre que redigiu a crônica. Os missionários são citados nas seguintes passagens:

- “Em praticas por uia de Indios E boas lingoas. principalmente pello **padre Jeronimo machado**”; “E leuando o **padre Jeronimo machado** hum crucifixo diante”¹²⁸;
- “E o **padre Simão tauares** (sic); E outros”¹²⁹;
- “E asy a paseaua muito o **padre francisco fernandez** muito a uontade¹³⁰”;
- “donde ainda que não fuj testemunha de uista como Em tudo ate quj pollas relaçois dos **padres baltezar lopes E manael Correa** a que por ordem do **padre** Reitor coube Esta jornada”¹³¹.

¹²⁶ ACL, f. 18.

¹²⁷ ACL, f.25.

¹²⁸ ACL, f.12 e f. 13. Grifo nosso.

¹²⁹ ACL, f. 15v. Lê-se nos testemunhos da BNP [f. 38] e BPE [f. 32v] :Travassos.

¹³⁰ ACL, 22. Lê-se na BNP [f. 48v] e BPE [f. 43v]: *e asim a paseauamos o padre francisco fernandez e eu muito auontade*. Grifo nosso.

¹³¹ ACL, f. 28. Grifo nosso.

Observe-se que em alguns dos excertos selecionados o autor se fez presente ao anotar que foi *boa testemunha*¹³² ou, ainda, esclareceu ao leitor que não esteve presente na última jornada da guerra¹³³. O primeiro anúncio que o autor-narrador faz de si é no fôlio 6, quando declara que ia dali “por diante como *testemunha* de vista por cumprir com a obediência”¹³⁴. A última é nas linhas finais da crônica

temdo tempo e ocasião em outra parte mais largamente tartarei, porque tudo isto ha mister hum grande uolume por fim so relatarei neste breue compendio ao noso modo, e para obediencia o que passou na capatinaia do Parahiba desdo tempo que os Reis de Portugal entenderam o que lhe importaua ate o estado ordem e quietasão em que o ouuidor-geral Martim leitão a deixou¹³⁵

As melhores informações sobre cada um dos religiosos que acompanhou Martim Leitão no tempo das guerras de conquista da Paraíba encontram-se na obra de Serafim Leite, a *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Sobre a vida daqueles homens escreve¹³⁶:

O P. Simão Travassos estava, em 1613, em Pernambuco. Diz o Catálogo deste ano: P. Simão Travassos, de “Ferreiros, diocese de Braga, 70 anos de idade, boa saúde, admitido ano de 1562. Estudou a língua latina quatro anos, casos de consciência dois e meio, foi ministro no Colégio de Bragança durante dois anos; outros dois, mestre de noviços. Consultor do colégio, confessor. Formado desde 1584” (*Bras.* 5, 102). Em 1574, ano em que se ordenou de sacerdote, estava no Colégio de Santo Antão, de Lisboa, e esperava-se que fosse bom para ministro e tratar com o próximo. (*Lus.* 43, 464, 477). Embarcou para o Brasil, em 1577. Em 1592 era Padre Espiritual do Colégio de Pernambuco (...). Faleceu no Colégio de Pernambuco, a 4 de outubro de 1618. Austero consigo mesmo. Suave com os demais (*Hist. Soc.* 43, 66; *Bras.* 8, 241).

Sobre o P. Jerônimo Machado diz o catálogo de 1574: “entrou em abril de 73, sendo de 18 anos; é língua; mostra habilidade; foi recebido por indiferente; anda em ofícios. Nasceu em S. Vicente de pais portugueses” (*Bras.* 5, 13v). Estudou gramática ano e meio (*Bras.* 5, 13v). Aparece na lista dos despedidos

¹³² Ver a passagem referida na nota 102.

¹³³ Ver a passagem referida na nota 106.

¹³⁴ ACL, f. 6.

¹³⁵ ACL, f. 38.

¹³⁶ Todas as informações estão em: LEITE, Serafim. **História da Companhia de Jesus no Brasil**. T. I, Iv. V, Cap. IV. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

antes de 1603 (*lb.*, 53). Tornou a entrar na Companhia em 1617. Em 1619 estava no Camamu, superior confessor e língua (*Bras.* 5, 120v, 127v). Ainda vivia em 1631, com 74 anos de idade, diz o Catálogo respectivo. Mas pelo de 1574 deveria ter em 1631, 76 anos.

O P. Francisco Fernandes era, segundo mesmo catálogo de 1574, “estudante da primeira classe; tem pouca habilidade para o estudo; mostra-a mais em coisas de mãos; entrou, ano de 68, sendo de 21 anos. É de Vila Real, de Trás-os-Montes” (*Bras.* 5, 11v). O catálogo de 1598 acrescenta que “estudou latim quatro anos, outros tantos casos de consciência. foi procurador do Colégio de Pernambuco alguns meses e neste Colégio [da Bahia] um ano. Emprega-se em confessar. Coadjutor espiritual formado desde 1588” (*Bras.* 5, 37). Trabalhou com os índios e nas aldeias. Faleceu no Colégio de Pernambuco em 1605-1606, conforme a respectiva Ânuia (*Bras.* 8, 61).

Do P. Baltazar Lopes diz-se, em 1574: “anda na cozinha, entrou em Junho de 74 sendo de 14 anos, por indiferente. Sabe bem ler e escrever. Tem habilidade, entende a língua. Nasceu na Capitania de Porto Seguro de pais portugueses” (*Bras.* 5, 12). Estudou gramática dois anos e meio. Grande língua, mas procedeu mal e foi despedido (*Bras.* 5, 21v53; *Bras.* 15, 373v).

O último que entrou nestas expedições foi o padre Manuel Correia, natural de Angra, nos Açores. Entrou na Companhia em 1577 (*Bras.* 5, 38v). Depõe ele de si próprio, em 24 de outubro de 1594: “cristão velho, natural da Ilha Terceira, filho de Mateus Lopes Cabaço e de sua mulher Caterina Limoa, gente dos principais e governança da terra, já defuntos, que lá foram moradores na Ribeira Seca, de idade de 41 anos, pouco mais ou menos, residente no Colégio da Companhia nesta vila” [de Olinda]. – *Primeira Visitação: Denúncias de Pernambuco* (S. Paulo 1929) 336. Fez os últimos votos em 21 de setembro de 1595 (*Lus.* 19, 71). Foi, três ou quatro anos depois à missão dos Amoipira com o P. Afonso Gago (Carta de Pero Rodrigues, *Bras.* 15, 474). Grande missionário. Faleceu, no Espírito Santo, a 16 de junho de 1610 (*Hist. Soc.* 43, 65v; Ânuia de 1609-1610, *Bras.* 8, 109).

Do conjunto de cinco religiosos que estiveram nas guerras da Paraíba, sempre em dupla ao longo das missões¹³⁷, três deles podem ser excluídos: Francisco Fernandes, Baltazar Lopes e Manuel Correia. Esta constatação decorre da leitura de algumas passagens da crônica, como quando o autor afirma no capítulo 17 “e assy a passeauamos o padre francisco fernandez e eu mujto a uontade”¹³⁸ e no capítulo 20

¹³⁷ Fontenelle, Adriel Batista. *Ob. cit.*, p. 14.

¹³⁸ BNP f. 48 e ACL [f. 22]: E asy a paseaua muito o padre **francisco fernandez** muito auontade

onde diz “*donde (ainda que nam fuj testemunha de uista como en tudo ate quj) pellas relações dos padres Balthazar Lopez E Manoel correa, aqui per ordem do padre Rector coube esta jornada direy tambem o que passou*”¹³⁹. Restam apenas a Simão Travassos e Jerônimo Machado como os possíveis autores do *Sumario das Armadas* (ca. 1589).

O autor desta crônica, como apontado alguns parágrafos atrás, preocupa-se em salientar sua presença no texto, chamando a atenção do leitor para os momentos que presenciou pessoalmente tal qual para aqueles em que estivera ausente e se valeu dos relatos dos outros padres da Companhia de Jesus para redigir a história. É fato que este autor elaborou os capítulos iniciais, nos quais escreve informações gerais sobre o Brasil e a região do Paraíba, os costumes dos indígenas potigureses a partir de suas leituras, como ele mesmo, o autor, afirma *por dar hũa breue relação de couzas que nos liuros que falão do Brazil não achei scriptas*¹⁴⁰, detalhe bem lembrado por Fontenelle ao comentar o tema da autoria. Entretanto, a hipótese deste historiador não considera que as leituras realizadas pelo autor do *Sumário* passaram pelo filtro pessoal e o entendimento de mundo daquele indivíduo.

Os dois possíveis autores, Jerônimo Machado e Simão Travassos, têm trajetórias muito diversas. É improvável que a formação pessoal, *o indivíduo*, não transborde para texto. O primeiro nasceu no Brasil, onde viveu, ao que parece, a maior parte da vida – senão toda ela. Foi língua, isto é, conheceu o tupi e serviu como interprete, mediou a comunicação entre indígenas, religiosos e colonos, o que provavelmente lhe conferiu um entendimento mínimo sobre estas três esferas socioculturais. O segundo era português, viveu metade da vida na metrópole, estudou língua latina. Serafim Leite, o primeiro pesquisador a argumentar em favor de Simão Travassos como o autor do *Sumario das Armadas* (ca. 1589), o faz por um único termo pinçado no texto, *nossa Europa*. A frase está pertence a um comentário sobre os indígenas brasileiros,

E em suas sugidades ou deshonestidades Entendem somente como não andão em guerras porque se dão pouco ao trabalho E naturalmente são folgazoens como o são todas as outras na nasoens fora da // nossa Europa¹⁴¹.

Nossa Europa não é um termo que pertence ao discurso institucional da Companhia de Jesus, mas demonstra o *transbordamento* do indivíduo para o texto, e

¹³⁹ BNP f. 57, ACL f. 28.

¹⁴⁰ ACL, f. 2v.

¹⁴¹ ACL, f. 2-2v.

expõe como o autor tem em má conta o Brasil, a gente brasileira. No mesmo fólio mais à frente, lê-se

São [os indígenas] mui afeiçoados E naturalmente amigos de *quem* o he seu mas mui varios E mudaiueis em Estremo E por poucas couzas arombão E perdem tudo E se aleuantão E assim Em nada tem constantia nem firmeza são *muíto* falsos inclinados a Enganos E aleiues E he tam *proprio* E natural isto do clima E terra do Brazil *que* logo se pega E tem ia pegado a quasi todos os brancos naturais do Brazil antes a todos *que* a roim semente *que* lhe a principio lançarão do limoeiro de *lixboa* E das outras Cadeias do Reyno peiorou ainda mais Esta natureza roim E assim se deue fazer pouco fundamento dos ditos do Brazil como não forem de pessoas mui calificadas. na virtude¹⁴².

Se fosse um discurso unicamente institucional, como se posiciona Fontenelle, seria natural que se sublinhasse os sucessos que a Companhia teve ao remediar a *natureza ruim* do Brasil. Mas discurso não se modifica, trilha o mesmo caminho pelo qual começou. É difícil crer que alguém com a formação, a história, como a de Jerônimo Machado tenha escrito isto. É claro que a crônica foi elaborada por *ordem institucional*, como o início da redação do *Sumario* mostrou - *scrito E feito por mandado do muito Reverendo padre em Christo o padre Christouam de Gouuea*¹⁴³ - e representa sim uma posição da Companhia de Jesus frente ao processo de conquista da Paraíba.

Portanto, encaixa-se neste delineamento o padre Simão Travassos, porque nasceu na Europa, lá viveu metade de sua vida. Quanto ao que afirma Varnhagen sobre a autoria ser de Jerônimo Machado, é provável que tenha visto a marca no códice da Biblioteca Pública de Évora que diz *Auctor o P. Jeronimo Machado*, porque o consultou ao escrever as *Reflexões críticas sobre o escripto do século XVI impresso com o título de Notícias do Brasil* publicado em 1839. Varnhagen não deixou linha escrita acerca desta conclusão e restou, portanto, apenas a conjectura.

Fechada a discussão sobre a autoria do *Sumario das Armadas* (ca. 1589), passa-se ao problema da datação da crônica. A informação de que o *Sumario* (ca. 1589) fora composto a pedido do padre visitador da Companhia de Jesus no Brasil, Cristóvão de Gouveia, é um excelente ponto de partida, pois define uma data-limite para a redação da

¹⁴² ACL, f. 2v

¹⁴³ BNP, f. 1.

crônica visto que ao final do período de visitação, que aconteceu entre 1583 e 1589, Gouveia retorna a Portugal, para onde levou o manuscrito. Segundo Serafim Leite, *um dos principais efeitos da Visita do Pe. Cristóvão de Gouveia foi o de promover intenso movimento de informações escritas*¹⁴⁴, objetivo no qual a composição do *Sumario das Armadas* (ca. 1589) encaixa-se perfeitamente.

O último marco temporal que existe no *Sumario* (ca. 1589) é de 1587, quando Martim Leitão, personagem central da crônica, retornou a Pernambuco ao considerar sua missão cumprida, deixando erguidos um forte e um pequeno núcleo povoador

no fim de **janeiro de outenta e sete**, se foi o ouuidor-geral // ao Rio Tiberi duas legoas acima da cidade ao longo do parahiba fazer hũ forte para o engenho do assucar del Rei, *que* elle la tinha comecado e para defender a aldeia do assento de passaro [...]. Se partio na **segunda somana do mes de Fevereiro para Pernanbuc**o ia chacado de não sey quantas febres *que* com seu feruor E incansabel espiritu auia pasado em péé, e chegando **a casa se não leu**antou mais de hũa cama os tres meses **sigintes**¹⁴⁵, E não foy muito com tantas calmas, chuvas, vigias, trabalhos, e guerras E sobre isso em lugar de descansar se pos a trabalhar mais *que* iornaleiro¹⁴⁶.

Em vista disto, a redação do *Sumario das Armadas* (ca. 1589) deve ter sido concluída em algum momento entre 1587 e 1589. O texto desta crônica possui uma fluidez narrativa, isto é, parece ter sido redigido de uma vez. Não há sinais de que fora escrito pouco a pouco entre 1584, quando o autor declara que passou a ser testemunha de vista daquele momento em diante¹⁴⁷, até maio de 1587, altura em que o autor escolhe encerrar a narrativa. O autor mostra que selecionou os fatos que fariam parte do texto, como em

O Ouuidor-Geral com a camara *que* sobre isso os apertaua continuo com requerimentos para os Espertarem, E as uezes nada¹⁴⁸ bastaua seria infinito **E enfadonho contar aqui as particularidades que nisto passarão basta que nem algum pouco prouimento se deu** // senão a força de grandes requerimentos E feros *que* ainda as vezes nisso metia o Ouuidor-Geral¹⁴⁹

¹⁴⁴ Sobre o trabalho de Cristóvão de Gouveia ver LEITE, Serafim. **História da Companhia de Jesus no Brasil**, 1549-1576. Tomo 2. Lisboa: Livraria Portugália, 1938. p. 490-499.

¹⁴⁵ O terceiro mês a contar de fevereiro é maio.

¹⁴⁶ ACL, f. 36-36v.

¹⁴⁷ ACL, f. 6.

¹⁴⁸ BNP [f. 23v]: lê-se *nada o bastava*.

¹⁴⁹ ACL, f. 8-8v. Grifo nosso.

não contarei aqui as differensas, *que* teue aqui o Capitão Simão falcão. Sobre o generalado <desta jda>, que depois de muito soffrimento do General lhe custou deixa-llo prezo no forte E outra *que* teue o Alcayde com fernão soares cappitão dos mercadores, E outras muito graciosas, de *que* o muito refresco *que* alli acharão nos barcos de mais, **que não são de minha obrigação** por cada hum alli ter os seus mimos. E prouimento nos barcos *que* Erão chegados¹⁵⁰.

Ademais, o texto do *Sumario das Armadas* (ca. 1589) assume posições quanto ao personagem que a narrativa exalta, Martim Leitão, e àqueles aviltados, Frutuoso Barbosa - *E não sei como feito pellos inconuenientes E impossibilidades que a tudo achaua fructuoso barboza fugirão a maior pressa*¹⁵¹; Martim Carvalho - *Martim Carualho morador na Baya que fora melhor por todas as uias não ter la ido*¹⁵²; e o bispo D. Antônio Barreiros –

acodiu o Ouvidor-Geral de sua caza E os apasiguou como pode ficando disso Martim Carualho *muito* peor. por isto se tornou o Alcaide [Francisco Castrejon] *para* o Paraiba em o mez de Outubro mal *prouido* E com claras mostras de o ser cada uez peor pello odio em *que* com elle e ficaua o Bispo E *prouedor* mas consolaua-sse Esperando *proueria* S. Magestade atéé Janeiro com *que* cessarião seus trabalhos¹⁵³.

Para construir uma narrativa coesa, é necessário que se tenha os dados que se quer mostrar (e, por tabela, também aqueles que se deseja ocultar) bem selecionados, assim como deve-se ter bem estabelecido o objetivo a alcançar com o texto. O autor do *Sumario* (ca. 1589) demonstra ter ambos, o que nos leva a deduzir que escreveu a crônica depois de acabada a última jornada, quando já tinha as ideias concatenadas e conhecia aquilo que deveria expor ao padre Cristóvão de Gouveia e a quaisquer outros que lessem a narrativa: “*pedindo a Vosso Padre que quando succeder mostra-llo a algũs padres seião, dos escolhidos*”¹⁵⁴.

É certo que o autor valeu-se de anotações e registros feitos ao longo dos anos da guerra, como já apontou-se neste trabalho, mas redação final iniciou-se após o fim da

¹⁵⁰ ACL, f. 15. Grifo nosso.

¹⁵¹ ACL, f. 5v.

¹⁵² ACL, f. 6v.

¹⁵³ ACL, f. 8v.

¹⁵⁴ ACL, f. 38.

última jornada de Martim Leitão. Desta forma, discorda-se do que argumenta Christian Colas em relação à datação:

L'original du *Sumario das Armadas* a clairement été commencé en mars 1584, lors que le narrateur arrive à Olinda, en provenance de Bahia, en compagnie des principaux protagonistes de la conquête de la Paraíba (ou *du* Paraíba quand le territoire est identifié au fleuve qui l'arrose) envoyés par le gouverneur Manoel Teles Barreto¹⁵⁵.

A data final da redação é imprecisa, de fato. Por uma margem de segurança estabeleceu-se 1589 porque é o momento do retorno de Cristóvão Gouveia a Portugal¹⁵⁶, e seguramente – porque foi lá que o manuscrito e suas cópias circularam – leva consigo o *Sumario das Armadas* (ca. 1589) para o reino. Quanto a este item, existe também desacordo com a pesquisa de Colas, por ele afirmar que a data final é 1594. Colas parte da primeira data citada no *Sumario das Armadas* (ca. 1589) o ano de 1574. O evento se refere ao episódio abaixo mencionado que ocorreu na capitania de Pernambuco e é anterior às guerras de conquista da Paraíba, pois o autor do *Sumario* (ca. 1589) preocupou-se em justificar historicamente a necessidade de conquistar aquele território e dominar os indígenas potiguares, em razão da violência de seus ataques aos engenhos produtores de açúcar

Indo o doctor fernão da Silua Ouuidor-Geral E prouedor-mor da fazenda deste Estado a Pernambuco lho cometeo o qual com todo o poder de gente de pé E de Caualo da dita Capitania E *muitos* indios *que* ainda então auia foi no anno de 74 a ue-llo E Castigar os Indios Petiguares *que* naquelles dias auião assolado hum Engenho¹⁵⁷.

Com esta data em mente, selecionou outro trecho no qual diz que há 20 anos os potiguares assolavam a capitania.

Cependant il est important de s'arrêter, pour la datation de la fin de la rédaction du *Sumario*, sur une remarque du narrateur qui écrit :

Les Potiguares couraient à leur guise, il y a 20 ans, le long des frontières de la capitainerie et de l'île de Tamaracá où ne résidaient plus que 32 colons

¹⁵⁵ Colas, *ob. cit.* p. 118.

¹⁵⁶ Cristóvão de Gouveia viaja com destino a Portugal em junho de 1589.

¹⁵⁷ ACL, f. 4.

*qui y vivaient barricadés et tentaient avec un courage désespéré de la défendre*¹⁵⁸.

O excerto pinçado e traduzido por Colas não corresponde, textualmente, a nenhuma das variantes do *Sumario das Armadas* (ca. 1589). Nos manuscritos lê-se

E trinta naos francezas *que* todos os annos antes de ser nossa ali carregauão tendo suas feitorias cada nação sobre si¹⁵⁹ fazendo de hum ano para o outro a carrega cada hum para as suas naos com cuia ajuda os negros Petiguares o maior em numero E o mais como ia disse guerreiro gentio do Brazil de vinte annos a Esta parte corrião todas as fronteiras de tamaraca, *que* sóo com 32 moradores acurrelados na Ilha piadosamente sustentauão a Capitania E na de Pernambuco ia não moião .3. Engenhos¹⁶⁰

Ora, em primeiro lugar esta passagem é anterior àquela onde se encontra a referência ao ano de 1574. Em segundo, o autor é claro ao dizer *antes de ser nossa* (*E trinta naos francezas que todos annos os antes de ser nossa ali carregauão*), quer dizer, são 20 anos antes da conquista da Paraíba cuja efetivação aconteceu, segundo o *Sumario das Armadas* (ca. 1589), em janeiro de 1587¹⁶¹. O fragmento traz à baila as guerras entre portugueses e indígenas potiguaras que já ocorriam na região de Pernambuco e Itamaracá desde 1565, como explica Regina Célia Gonçalves

A escravização e a dizimação dos Kaeté [que antes dos Potiguaras era esta nação que disputava o espaço com os colonos e foi por eles dominada] apesar dos lucros do negócio do cativo, não significariam a paz duradoura para os moradores da Capitania [de Pernambuco]. Muito pelo contrário, a guerra contra os nativos, iniciada em 1553 (embora já ocorressem conflitos localizados desde os anos trinta), ainda se prolongaria por muitos anos. Com o desaparecimento dos Kaeté, seus inimigos históricos, os Potiguara, apoiados pelos franceses, puderam concentrar a atenção sobre os brancos portugueses. [...]. Dessa forma, a rendição do que havia restado do povo Kaeté, em 1565, acabou sendo sucedida pela sangrenta guerra entre portugueses e potiguara, que se estenderia até 1599¹⁶².

¹⁵⁸ Colas, *ob. cit.*, p. 118. “No entanto, é importante atentar à datação do fim da escrita de *Sumario*, em uma observação do narrador que escreve: *Os Potiguares ... 20 anos atrás, ao longo das fronteiras da capitania e da ilha de Tamaracá, onde havia apenas 32 colonos que viviam ali barricados e tentaram com coragem desesperada defendê-la.*”

¹⁵⁹ BNP [f. 8] e BPE [f. 6v]: lê-se *sobre sy cada naçam*.

¹⁶⁰ ACL, f. 3.

¹⁶¹ Veja a nota 128.

¹⁶² Gonçalves, Regina Célia. *Ob. cit.*, p. 61-63.

Assim sendo, a data final não pode ser 1594. A menção aos *20 anos antes* cabe bem no início das guerras entre portugueses e potiguaras nas capitanias do norte e como afirma Célia Regina Gonçalves, em outra passagem, no início da década de 1580 *no que dizia respeito às capitanias do norte, o estado das coisas havia chegado a um ponto incontornável*¹⁶³. Isto justifica, assim como próprio autor do *Sumario* se ocupou em demonstrar, a necessidade de *dar guerra* aos indígenas para consolidar e avançar o processo de colonização. Fica estabelecido, então, pelos motivos acima analisados, que o manuscrito foi concluído *por volta* de 1589, e assim está justificada a data utilizada neste trabalho.

O trabalho de Christian Colas proporcionou à população francófona uma versão do *Sumario das Armadas* (ca. 1589) em francês. O texto que ele ofereceu foi editado a partir da junção textual dos testemunhos da Biblioteca Nacional de Portugal, da Biblioteca Pública de Évora e das edições publicadas pelo *Iris* (1848) e pela Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1873). Quer dizer, a tradução para o francês foi feita a partir de 4 textos:

Pour plus de fidélité au texte du *Sumario*, pour notre traduction nous avons travaillé avec les quatre documents: les deux manuscrits et les deux transcriptions, sans cesser de comparer les énoncés. Mais les notes de bas de page quand elles renvoient au *Sumario* renvoient à la publication de l'UFPb qui reprend la transcription du manuscrit d'Evora dans la revue *Iris*. Cette publication ayant été la seule accessible¹⁶⁴.

Metodologicamente, o que a edição de Colas oferece é, na verdade, uma colcha de retalhos, visto que se perdeu a identificação das variantes que pertencem a cada um dos suportes escolhidos, distanciou-se, portanto, da fidelidade ao texto a que ele se propôs. Além disso, as notas são traduções das notas publicadas em português e que se encontram na edição de 1983 da Fundação Universidade Regional do Nordeste.

¹⁶³ Idem, p. 63.

¹⁶⁴ Colas, *ob. cit.*, p. 130.

6 - DESCRIÇÃO DOS CÓDICES

Por ser esta uma pesquisa dedicada ao estudo do Sumario das Armadas (ca. 1589) e dos códices manuscritos que guardam esta crônica, é indispensável que se dê a conhecer a constituição física destes testemunhos, afinal ela, por si só, carrega informações sobre a história da circulação do Sumario das Armadas (ca. 1589). Alguns destes elementos já foram citados no texto em momentos anteriores, mas nesta seção os dados estão organizados de maneira sistemática. Apresentar-se-ão, em ordem: o manuscrito da Biblioteca Nacional de Portugal, o da Biblioteca Pública de Évora e por último o da Academia das Ciências de Lisboa.

Biblioteca Nacional de Portugal

Este testemunho está salvaguardado na Biblioteca Nacional de Portugal sob a cota *Reservado 302*. Possui formato *in 8º*. Na lombada lê-se a inscrição: *P. Christovão de Gouvea Guerras...* a continuação está ilegível em razão das etiquetas coladas com o o número das cotas antigas. No canto inferior direito da capa existe uma marcação, provavelmente a primeira cota que recebeu este testemunho, mas é de difícil leitura. A cópia deste testemunho foi feita no século XVIII.

Sobre as marcas presentes no códice: a folha de rosto está assinalada em lápis azul com o carimbo de microfilmagem e a cota 302, numeração atual e acima, no topo, há um *x* escrito a tinta em letra cursiva minúscula e ao seu lado uma rubrica, também em tinta. No verso existem duas anotações em lápis grafite: B 3, 30¹⁶⁵, e B 2, 44. O próximo fólio tem o cabeçalho preenchido pela sigla E. C. N, em tinta¹⁶⁶. O último fólio do códice tem o verso assinalado por duas rubricas de época.

Os dois primeiros fólhos deste códice não foram numerados. O primeiro está em branco, à parte do carimbo. No segundo fólio não numerado estão dois poemas laudatórios, em espanhol, dedicados a Martim Leitão. Os 74 fólhos seguintes são manuscritos copiados e numerados por mão única – o verso dos fólhos não é numerado. O texto encerra-se com dois poemas em latim dedicados, também, a Martim Leitão nos fólhos 73v. a 74v. O último fólio do códice está em branco. Todos os fólhos com texto

¹⁶⁵Esta cota é citada por Varnhagen nas *Reflexões Críticas* quando faz referência ao testemunho manuscrito do *Sumario* (c. 1589).

¹⁶⁶A chefe da divisão de manuscritos afirmou ser uma cota não identificada.

possuem uma borda, à maneira de uma moldura. A numeração dos capítulos é sequencial. E o copista ora se vale dos reclames para marcar a transição de texto, ora não.

A partir do fólho 24 reto o copista diminui a letra e aumenta a quantidade de linhas (passa de uma média de 22 para 26 linhas por lauda), e assim continua até o fólho 73v. Entre os fólhos 42 e 60 a tinta se espalhou mais pelo papel, o que causou borrões no texto, mas a leitura não ficou comprometida. Especialmente entre os fólhos 48 e 60 a condição física é muito delicada, porque a borda desenhada entorno da mancha texto está se destacando. Existe nos fólhos uma mancha, espelhada, de umidade. Há alguns furos e rasgos ao longo das laudas que também não impedem a leitura. Por estes motivos, o acesso ao manuscrito original é rigidamente controlado. A deterioração física não é perceptível através do microfilme. A caligrafia e a borda desenhada sugerem que o manuscrito fora copiado em finais do século XVII e início do século XVIII. As correções do texto são feitas pelas mãos do mesmo copista.

Cristian Colas afirmou que este manuscrito é possivelmente o original:

apparaît que ce document peut fort bien être l'original écrit par le chroniqueur jésuite anonyme de la conquête de la Paraíba car il paraît bien être arrivé au Portugal avec le Visiteur Gouveia, car sa calligraphie le date de l'époque de sa rédaction (1584-1589) et surtout car il paraît non pas le résultat d'un travail de copiste mais l'oeuvre d'un auteur¹⁶⁷.

Colas justifica sua conclusão ao dizer que a caligrafia assemelha-se à do manuscrito *Tratado da Provincia do Brasil* de Pero Magalhães de Gândavo, publicado em *fac-símile* por Emmanuel Pereira Filho em 1965¹⁶⁸. Explica as manchas de umidade em razão do sequestro que Gouveia, o padre visitador da Companhia de Jesus, sofreu quando retornava a Lisboa – diz

peu après avoir été capturés et menés à bord du bateau français, les jésuites lancent à la mer et font disparaître des papiers secrets pour qu'ils ne tombent pas entre les mains des Français [...] On pourrait penser qu'elles

¹⁶⁷ Colas, *ob. cit.*, p. 116.

¹⁶⁸ Colas, *ob. cit.*, p. 111.

*l'ont été par l'eau de mer ou de pluie, le manuscrit rapporté par Gouveia ayant été assez manipulé pendant la traversée en direction du Portugal*¹⁶⁹.

Afirma que as correções ortográficas, realizadas pela mesma mão, são preocupações de um autor: neste códice a palavra *Pernambuco* ora é grafada *Pernambucho*, ora *Pernambuco* até o capítulo 13, aproximadamente. A grafia *Pernambuco* foi corrigida tendo os *h* riscados. A tese de Colas é que ao longo dos anos da grafia o autor mudou de ideia – porque se fosse um copista, ele estabeleceria desde o início uma regra para escrever *Pernambuco*.

L'écriture de ces corrections et précisions, bien que plus petite et plus encrée paraît bien de la même main que le texte. Si le manuscrit était une copie le copiste aurait pris son parti pour le « h » ou contre, mais ne l'aurait pas fait réapparaître puis enfin disparaître définitivement, si le manuscrit était une copie, cette « valse-hésitation » n'existerait pas [...]. D'autres corrections et surtout des précisions doivent également être considérées. D'abord parce que ce sont des précisions qui enrichissent le texte (par rapport à ce qu'il aurait visiblement été sans elles) ensuite parce qu'avec les corrections faites au mot « Pernambouc » elles semblent bien avoir été faites au fil de l'écriture¹⁷⁰.

Na seção anterior do presente trabalho, desconsiderou-se que o *Sumario* (ca. 1589) foi escrito ao longo das guerras. Quanto à mudança de grafia de *pernambuco*, pode ter sido uma atualização. O manuscrito de Évora, que ou é cópia deste ou teve origem na mesma matriz, escreve-se *pernambucho*. Pode ser que o copista tenha optado por atualizar a grafia e corrigiu as palavras que escrevera até então. Saliente-se que até a inteira definição dos estudos gramaticais das línguas nacionais, sobretudo com o enciclopédismo do século XVIII, as variações gráficas para a mesma palavra em um mesmo texto eram extremamente comuns, mesmo em cópias.

¹⁶⁹ Idem, p. 112-115. “pouco depois de serem capturados e levados a bordo do navio francês, os jesuítas se lançam ao mar e fazem os papéis secretos desaparecerem para que não caíam nas mãos dos franceses. Poder-se-ia pensar que eram por água do mar ou chuva, o manuscrito relatado por Gouveia foi bastante manipulado durante a travessia para Portugal.”

¹⁷⁰ Idem, p. 112-113. “A escrita dessas correções e precisões, embora menores e mais pintadas, parece estar na mesma mão do texto. Se o manuscrito fosse uma cópia, o copista teria decidido ou não pelo “h” logo de cara, mas a letra não teria reaparecido e finalmente desapareceria, se o manuscrito fosse uma cópia, essa “ valsa de hesitação ” não existiria. Outras correções e especialmente esclarecimentos também devem ser considerados. Em primeiro lugar, porque são precisões que enriquecem o texto (em comparação com o que teria ficado visivelmente sem eles), pois, com as correções feitas à palavra “Pernambuco”, parecem ter sido feitas ao longo dos anos de escrita do texto.”

Colas termina o raciocínio afirmando que o aumento de linhas por página e a letra mais corrida aconteceram porque o *autor* tinha que entregar rapidamente o texto ao padre visitador, porque este retornaria a Portugal.

La presse commence donc dès le chapitre 2 (page 23) avec la détérioration de la qualité de l'écriture et la quasi disparition des fioritures graphiques. Puis, elle s'accroît du chapitre 9 (page 60) au chapitre 11 (page 69) : l'auteur ne laisse pas à l'encre le temps de sécher. La fébrilité retombe un peu ensuite puis revient du chapitre 17 (page 98) au chapitre 21 (page 115). Enfin les derniers chapitres (22, 23 et le chapitre final) sont sans tâches : l'auteur semble s'être calmé, on se plaît à penser qu'il est sûr alors d'être prêt à temps pour que le manuscrit terminée soit remis à son destinataire avant son départ.¹⁷¹

Neste ponto existe uma contradição na argumentação de seu trabalho porque, como mostrado na seção anterior, ele afirmou que a data de término do *Sumario das Armadas* não poderia ser anterior a 1594. A mudança na escrita é inegável, se o motivo foi a pressa, isto é impossível provar. Quanto ao que ele chama de enfeite gráfico, não há outro que não sejam as bordas, que não desaparecem – talvez o que ele assinala como *enfeite gráfico* sejam os indicativos de final de capítulo e os sinais de parágrafo, que aparecem menos, mas, como se sabe, não se tratam de enfeites.

A próxima página apresenta três imagens dos estados do códice:

¹⁷¹ Idem, p. 115-116. “A pressa começa no capítulo 2 (página 23), com a deterioração da qualidade da escrita e o virtual desaparecimento dos enfeites gráficos. Depois, é acentuado do capítulo 9 (página 60) para o capítulo 11 (página 69): o autor não deixa a tinta secar. O grau de “precipitação” cai um pouco mais tarde e retorna do capítulo 17 (página 98) no capítulo 21 (página 115). Finalmente, os últimos capítulos (22, 23 e o último capítulo) estão sem afobação: o autor parece ter se acalmado, gostamos de pensar que é seguro estar pronto a tempo de o manuscrito terminar esta noite para o destinatário antes da partida”.

IMAGEM 1: f6lios 1v. e 2r do manuscrito da BNP. Introdu76o e cap6tulo

Esta página foi intencionalmente deixada em branco

mantimentos em overenda do Bp
uicram a muijs roing palamgo ag
quies alguma gente de casa arramcon
con of otdos do alcaide. In cima onde
todof estua. E barapada qm a casa
saram arua cont grande beiga q se
ordenou de m gente por of do Bp
uice clamado aqua da lgreja. E ag
offiaes da camara a codir toda a mlla
E assi auolta a codio. O ouidor geral
de sua casa of apajinou como pode
ficando disse Martin Caruaco muijs
peor por jls se he nou o alcaide pa
o barapida. Em nome de ouidoro mal
puido. E con clares mltas de ofor
cadanes feoz pelo odio inq co lla
frava o Bp. E ofuedo. mas consla
uise ofozando. E ueria sua m a bee
Tame conq affaxiam seuz tradafor.

O segundo socorro q se mado
ao barapida. E de frujos.
des nos fexes cap. 7.

Nono uenbro sequimta. E ntrava sua
na of franceses no rio Parapida. E

E reconhecendo ofete sua grande mo
por bugula condoy pataxos q ofe Dion
flory abixara se fuma. E fua faryu. E
legos abixos abixa ca bagia da bagiam
E comecado feato com of fchiquel.
de q em be fua aming uera orer
a forte feyendo alij becor. aqua e
grande mata a fextora. Con grande fang
E m uolgo fagiam holon na pagax a ar
felbaria. com of quaf lubet fag oute
ardij. Como fraticof nos mof fquero
E ndem. E afuda dos fcan gles pferam
o alcaide fntexmos de a de fexer. de
poder defendeja. E logo ofe aujou o
Ouideo qual con grande requerimto
affi. seuz como de fuchugto bar boga
afinados por offarugos. E poringueff.
O ouidoe no ofrio dia q ofe aerau
se foy dormir ao arexte. q se oportu
de fex faduço sua legon daniel. onde
q fex fupum muijs de fextoria fuetada
a sua clita com arte fexia. muniço
E matimeto. E quozet faryof fongo
beanof. E of fidos adof. E de ofimam
E of mag delfe de sua obijach q bdy

Esta página foi intencionalmente deixada em branco

Imagem 3: f. 55v e 56r. Exemplo da Deterioração dos fólhos

Esta página foi intencionalmente deixada em branco

Biblioteca Pública de Évora

O códice *Cimélios CXVI/1-25* tem formato *in* 4º, encadernado em couro. Na lombada está inscrito *Sumario das Armadas por G...*; Existe, na capa, uma inscrição feita por pressão, sem tinta – em letra diferente do miolo e lombada – que diz (a primeira linha é ilegível) ... *Auctor o P. Jeronimo Machado* e segue-se uma rubrica ou inicial de quem fez a anotação. É uma cópia do século XVIII, percebe-se pela letra e o papel. Entre a capa e folha de rosto foi anexada uma ficha de leitura, do século XX. Assim como no códice da Biblioteca Nacional de Portugal, os poemas panegíricos em espanhol e latim iniciam e encerram, respectivamente, este testemunho do *Sumário das Armadas*.

O texto foi copiado por mão única e os fólios não foram numerados à época. A numeração que existe hoje é de data posterior à elaboração da cópia. Foi feita em lápis grafite, provavelmente por um funcionário da Biblioteca Pública de Évora. Apenas os da frente dos fólios são numeradas. O primeiro fólio, onde lê-se o primeiro poema, não está numerado, pese haver uma assinatura e o número 77 no canto superior direito, em lápis. No fólio seguinte encontra-se assinatura similar à anterior, no mesmo lugar, em lápis azul, e o número 64. Neste fólio inicia-se a numeração sequencial: do 1 ao 71. O último fólio escrito é o 71, então segue-se mais um fólio em branco – não numerado – e a capa final. A numeração dos capítulos é sequencial: do 1 ao 24.

Possui margem ampla e a mancha de texto ocupa um espaço regular, sem variação do tamanho da letra e da quantidade de linhas. Este testemunho não possui intervenções de outra mão, anotações à margem, manchas de tinta nem marcas de umidade, rasgos ou sinais de deterioração no papel. Dos três testemunhos aqui analisados é o mais tardio. Como foi mostrado anteriormente, o texto deste manuscrito é uma cópia do que se encontra na *Biblioteca Nacional de Portugal* ou do testemunho que deu origem a ele.

Esta página foi intencionalmente deixada em branco

1

64

Sumario das armadas que se
fizeram, e guerras g. e. Vede-
ram, na Conquista do Rio,
Paraliba, e Cigto e sexto por
mandado do m. n. de em
x. p. o. b. x. p. ouas de gouuea
Visitador da Companhia de Jesus
de toda a Provincia do Brasil

Antes de entras na relacao das guerras e ar-
madas que os Reis deste Reino mandaram
dar e fazer contra os gentios de todas as
de mais de quatro Centas Leguas por fora
deste Rio do Paraliba até a de maranhão
que comecaram no tempo de Luiz de Brito
da Mexida governador geral deste esta-
do do Brasil, e se acabaram no tempo do
Leonciado Mascim Texeira ouvidor geral
do mesmo estado e que por mandado de
el Rey Dom Sebastião nosso senhor o Con-
quistador e gouernador do Rio Paraliba me-
parece fazer uma breue, dos Cigtoas
de

Esta página foi intencionalmente deixada em branco

35

Gradados p mandou logo tomar o exatiss pe
 los mercadores que tinham as crasas nea pa
 ras, e os que se satisficaria com credito de
 logo nuns mercados etomando navio e
 aliados porra suceder no forte farem
 d'Alajide com a exatidoe abate bofes es
 creues da camera com muitos mimos eser
 fero de vrom agora muito meho providos
 por d'Alajide de cores porcelas limes de Mar
 tin Carullo que muito de uis es timar
 d'ermos best creues oouidos geral com
 esab cartos sefo Pedro Lopes auia a bua
 cara a lha cammaraca aonde o d'auia o ha
 uio egente de los buscal de camins e ebe
 entre tanto abidaria d'Alajide, e ouodiabo
 atecafe ou stuerem com amigos com es
 gentoes ja parados Pedro Lopes reaparece
 aoforte nem mandou as cartos inda diso
 tag em camgado cartos, em seu poder tem
 a mandat, sefala verdade Pedro Lopes des
 de oito de Junho ate vinte e quatro que
 estando fudo apigue para ooutro dia por
 fti o d'auio e de camins eis pela lha l'come
 sou a dizes serem d'agado cartebano do for
 te a lha direndo uinda o d'Alajide a lha
 e de pava tudo amarrado, fisto que em

Esta página foi intencionalmente deixada em branco

Academia das Ciências de Lisboa

O manuscrito 133 da série Azul da Academia das Ciências de Lisboa de nome *História da Capitania da Paraíba* é inédito, como informado anteriormente. Sobre sua construção textual, discutiu-se na seção 5 - *Do códice Historia da Capitania da Paraíba*

O suporte físico deste manuscrito está em formato *in-folio*, possui capa em couro e na lombada anotou-se *História da Paraíba in 8*, escrito à época de sua provável organização, no século XVII. Na capa, no canto superior direito há uma rubrica seguida de $\frac{4^a}{8}$. A folha de rosto está em branco, no fólho seguinte se lê: *Historia da Capitania da*

Paraiba / composta pelo D.or... Ouvidor q foi da mesma Provincia. No fólho subsequente lê-se *Index das materias que se comprehendem neste livro*, correm quatro fólhos em branco e no quinto se inicia o texto com *Declarasão do que se contem neste Volume*, o primeiro fólho numerado. Neste códice existem duas séries de numeração nos fólhos: uma feita na época, em tinta e grafia também de época e outra do arquivo, em lápis. O códice possui três cadernos. O arquivo possivelmente renumerou os fólhos deste códice porque a numeração de época não está sequencial: inicia-se no fólho 47 reto com a *Declarasão do que se contem neste Volume*. Este texto segue até o fólho 82 reto, quando o copista provavelmente se esqueceu de numerar o fólho seguinte, o qual seria 83, e seguiu com a numeração no fólho seguinte. Este primeiro caderno começa a ser numerado com o fólho 47 e vai até o fólho 90. Neste caderno há diversas emendas textuais anotadas em folhas cortadas aproximadamente no tamanho *in-8º* coladas e numeradas. Após o fólho 90, do primeiro caderno, dá-se início ao 2º caderno, começado com a numeração 39, na parte cujo texto é *Declarasão do que se contem neste volume*, indo até o fólho 45, no qual vem *Cap. Em que se declara a Costa da Baya da treição até a Paraíba*, fechando no fólho seguinte, verso, sem numeração, cujo texto final é *E depois Norte Sul entrada tam Estrei*, sem sequência textual ao longo do códice. O segundo caderno vai, portanto, do fólho 39 ao 45, cujo texto é descontinuado e não se encontra a possível sequência em outra parte do manuscrito. Estes dois primeiros cadernos compõem-se de excertos textuais encontrados no *Tratado descritivo do Brasil*. O terceiro caderno começa com a numeração 2, pese estar sobrescrito ao número 1. É neste caderno que o texto do *Sumario das Armadas* (ca. 1589) se inicia: sem o conteúdo dos fólhos iniciais que se encontra nos testemunhos da Biblioteca Nacional de Portugal e

Biblioteca Pública de Évora, isto é, foram retirados os poemas em espanhol e parte do primeiro capítulo. No entanto, o início textual se dá já no meio de uma argumentação, o que demonstra haver um fólho a anteceder-lo, e que se perdeu. No fólho de numeração 13, no canto esquerdo aparece, com escrita de época, o número 2. A numeração segue até o fólho 38. Este caderno vai, então, do fólho 2 ao fólho 38v., onde termina o códice. Há mais dois fólhos em branco, não numerados, antes da capa final.

O códice foi copiado por várias mãos. Existem, ao menos, seis copistas diferentes que trabalharam na construção deste códice depositado na Academia das Ciências de Lisboa. A mão predominante (Copista 1), responsável pelo texto do fólho 47 à metade do 58, quando outra mão (Copista 2) – que fez algumas das correções e intervenções à margem do texto e copiou a metade do fólho 58 reto e todo o fólho 58 verso. Do fólho 58 reto ao fólho 90 verso o corpo do texto é obra do Copista 1. Fim do caderno 1. Note-se que há neste caderno 1 muitas correções, adições, textos assinalados à margem e entrelinhados, feitos pelas mãos dos Copistas 1 e 2. Neste fólho a mancha de texto e o tamanho das margens não seguem um padrão regular. A letra, bem como as margens, diminuem conforme o avanço das páginas. Ou seja, há maior área ocupada pela mancha de texto e a letra é miúda. Os capítulos deste caderno não estão em ordem sequencial:

- O primeiro caderno inicia-se com a *Declaração do que se contém neste volume*, que não é designado como capítulo. Depois dela inicia-se o capítulo 1 e os subsequentes vão numerados até o 38. Versam sobre os primórdios da colonização, e as capitanias do norte e os costumes dos povos indígenas.
- Ao final do capítulo 38, há outro conjunto de capítulos, numerados do 14 ao 25, que falam da geografia das capitanias da Bahia até Santo Amaro.
- O terceiro bloco, não numerado, abre com o *Roteiro Geral com largas informações de toda a Costa que pertence ao Estado do brasil e descrição de muitos lugares della*. Os assuntos estão separados por subtítulos e descreve o modo de vida das diversas etnias indígenas conhecidas.

O segundo caderno, como acima citado, começa no fólho 39 reto e vai até o 45 verso. Escrito unicamente pela mão do Copista 1, a mancha de texto é menor e as margens são maiores. Não há anotações ou correções às margens (exceto no fólho 40

verso, e esta anotação é posterior. Não pertence aos copistas do códice) e a letra mantém-se regular. O texto dos capítulos inicia-se com uma *Declaração do que se contem neste volume* com pequenas modificações em relação à primeira que há no testemunho. Os capítulos numerados de 1 a 14 retomam os temas tratados pelos capítulos 1 ao 14 do caderno 1, embora com algumas alterações textuais e sem as correções. O texto do capítulo 14 termina abruptamente e inicia-se o *Sumário das Armadas*, no caderno 3.

O terceiro caderno principia no fólho 2 – numeração da época - e segue com a mão do Copista 1 até o meio do fólho 10 verso. Há pouco espaço de margem e não há anotações. A letra tem tamanho regular. Do meio do fólho 10 verso ao fólho 15 reto a cópia foi feita pelo Copista 3. O Copista 4 fez do fólho 15 verso à metade do 28 reto, quando o Copista 3 retoma o texto, até o meio do fólho 36 reto. Este conjunto de fólhos do 28 reto ao 36 reto tem uma mancha proeminente de umidade, que fez com que a tinta ficasse mais espalhada, manchada. Note-se que desde o primeiro caderno as páginas têm uma mancha espelhada de umidade. Os Copistas 5 e 6 fazem rápida aparição e trabalham em alternância: do meio do fólho 36 reto ao meio do 36 verso, escreve o Copista 5. Do meio do fólho 36 verso à antepenúltima linha do fólho 37 reto, aparece o Copista 6. O Copista 5 é quem fecha os últimos fólhos, das linhas finais do 37 reto ao 38 verso. A numeração dos capítulos corre em sequência.

No item *Do códice Historia da Capitania da Paraíba* deste trabalho, assinalou-se que o arranjo atual deste testemunho não é aquele imaginado por quem o encomendara, isto se infere a partir da observação da numeração de época. Se reorganizado considerando a sequência indicada pelo copista, ao abrir-se o códice encontrar-se-ia primeiro o que hoje é o caderno 3, onde está o *Sumario das Armadas* (ca. 1589). Este seria seguido pelo caderno 2, no qual se discorre acerca do norte do Brasil, principiando o texto na região do rio Amazonas e descendo até capitania de Pernambuco. Por último, o caderno 1, cujo texto trata do *Estado do Brasil*, de suas capitânias, dos vários povos indígenas e costumes, da flora e fauna. Neste trabalho não foi possível estudar a fundo o conteúdo dos cadernos 1 e 2, quer dizer, parte não corresponde ao *Sumario das Armadas* (ca. 1589), até porque uma análise profunda sobre tais cadernos exigiria, igualmente, um trabalho exaustivo sobre as variantes do *Tratado descritivo*, atribuído a Gabriel Soares de Sousa.

Nas próximas páginas apresentam-se treze imagens do códice *História da Capitania da Paraíba* afim de oferecer uma ideia concreta do que foi descrito.

Lista de imagens:

- p. 105 --- Copista 1 – caderno 1 – *Historia da Capitania da Paraíba*
- p. 107 --- Copista 2 – caderno 1– *Historia da Capitania da Paraíba*
- p. 109 --- Adições in 8, Copista 1- caderno 1– *Historia da Capitania da Paraíba*
- p. 111 --- Copista 1 – maior mancha textual e correções – caderno 1– *Historia da Capitania da Paraíba*
- p. 113 --- Copista 1 – maior mancha textual sem correções – caderno 1 – *Historia da Capitania da Paraíba*
- p. 115 --- Copista 1 – caderno 2 – *Historia da Capitania da Paraíba* – repete o texto da imagem da página 105
- p. 117 --- Copista 1 – caderno 2 - – *Historia da Capitania da Paraíba*
- p. 119 --- Copista 1 – transição do caderno 2 para o caderno 3 (à esquerda - – *Historia da Capitania da Paraíba*; à direita – *Sumario das Armadas* (ca. 1589)
- p. 121 --- Copista 1 – Caderno 3 – *Sumario das Armadas* (ca. 1589)
- p. 123 --- transição do Copista 1 para o Copista 2 – Caderno 3– *Sumario das Armadas* (ca. 1589)
- p. 125 --- Copista 3 – Caderno 3 – *Sumario das Armadas* (ca. 1589)
- p. 127 --- Copista 4 – Caderno 3 – *Sumario das Armadas* (ca. 1589)
- p. 129 --- transição do copista 4 para o copista 5 - – Caderno 3- *Sumario das Armadas* (ca. 1589)
- p. 131 --- Copista 6 – Caderno 3 – *Sumario das Armadas* (ca. 1589)

Esta página foi intencionalmente deixada em branco

Esta página foi intencionalmente deixada em branco

Esta página foi intencionalmente deixada em branco

Esta página foi intencionalmente deixada em branco

Esta página foi intencionalmente deixada em branco

Esta página foi intencionalmente deixada em branco

Se Mantepe há sete leguas e está na mesma altura, a qual encosta se a
grande e se chama de lá navegada naus da terra mas dentro em terra tem bom
sopore, e afluente. E na raiz das montes há entre esta encosta e a do pariel o
fium também. Da encosta de Mantepe ao monte Deli são quinze leguas
e está em altura de duas grãos, e duas tirlas, onde há porto e abrigado para as
naus da terra. E entre este porto e a encosta de Mantepe tem os marmes
nas montes e afluente no porto de dez das parietas. Do monte Deli ao rio
de Tegeatua são dez leguas, e qual está em duas grãos e tres quartos, e um
to de terra desta ra se mete outro rele, e se chama o rio grande, e he este
na entre os sapuros e os padores. Neste rio entre naus de honroso por
te deo rde se corre a vista lida de lá. A terra da qual a marmes he qua
si toda esculada. E quem quiser navegar por ella, e entrar em qualquer porto
dos roneados ha de entrar neste rio de Tegeatua por entre os bairros e a terra
por tal deo e marmes de fora da terra são bairros e porto navegant sem
pre por entre elles e a terra por fundo de tres bairros, e duas e meia e aliado
do tempo, e quanto se chegar mais a terra acham mais marmes. Neste rio de
Tegeatua está há encosta, onde naus de três o porto podem ancorar, e ali
seitas.

Cap. 8. Em que se declara a terra do rio de
Tegeatua ate o cabo de S. Roque

Do rio de Tegeatua, de se chama assim ate a Baya dos arribos são 8.
leguas, a qual deora em altura de tres grãos. Nesta Baya se desliza de
seita mas muitas fontes de agua doce muito boa onde não heber as peixes
nos de 7. mas há muitas, e se matam a pondez así o fozto Tegeatua por
nagula como dos roneados de lá. E por aqui passa o roneado, mudas
fios sem sumidouros e abrigado. Nesta Baya e o rio de S. Miguel são
sete leguas, e qual está em tres grãos e um quarto. Na barra deste rio está
um fozto de anvedo. E he fozto duas bairros e na ponta della he o cabo
lego em o qual estão os sumidouros por quaesquer das bairros naus da terra
a vontade. Deste rio a barra dos marmes são 8. leguas, a qual está
em altura

em altura de tres grãos e duas tirlas, em o qual os naus da terra se podem
naus de arribado. Nesta barra se rio grande são 4. leguas, e qual está em
altura de 2. bairros. Este rio tem duas bairros salidas de mar, e entre he e esta
lida illeta e he fozto duas bairros, pelas duas entran naus da terra. Defronte de
te rio se chama os bairros de S. Roque. Nesta ra lida do fozto de S.
Roque são dez leguas, e qual está em altura de quatro grãos e um quarto, on
te este fozto e a ponta de se grande se foz de lá. Nesta ra lida a gran Baya de
a terra he de se e cheia de marmes em sua ribeira, ao longo do mar se acha mai
te sel feito. Defronte desta Baya estão os bairros de S. Roque, e qual he
bairros em tres bairros. E entre esta Baya por rize ornas, que de se ter ao ca
nal o fozto entre hum arribado e outro pelas qual se acha fozto de duas, tres, qua
to, e cinco bairros por onde estão os naus da terra a vontade.

Cap. 9. Em que se declara a terra do cabo de
S. Roque ate o porto dos Bugios

Do rio de San Roque a ponta de Tegeatua são 6. leguas, a qual está em 4. grãos
e um quarto, onde a terra de fozto e a terra esculada de pouca navegação e sem
bairros. De Tegeatua a encosta de Tegeatua são 8. leguas, a qual está em au
ta grãos e tres quartos. Da ponta de Tegeatua a ponta de Tegeatua são dois o
bairros, e entre elles e a terra entre duas foztas, e afluente naus de honroso
a vontade. Na qual está um grande marmes de agua de terra por aqui se largado
mas não desliza de fozto por se ehevil echa. Da Tegeatua a fozto pe
quena e he fozto chamado Roque, são 8. leguas, e qual está em tres grãos
e um quarto. Neste rio estão os bairros foztos a rizeatua em o fozto, e afluente
de po da terra, e afluente são os bairros e se matam na encosta de Tegeatua. Na
dando os bairros de Tegeatua fozto marmes e afluente e se pode de lá marmes
naus neste lugar os bairros em fozto de foztos, e afluente de foztos foztos
Deste rio fozto a e o rio na altura de tres leguas, e qual está em altura de sin
te grãos e um quarto. Neste rio grande estão os bairros naus de tres portos
fios tem a barra de se e dez e afluente de fozto fozto. Naus de se fozto fozto
fios de Tegeatua por se da mesma fozto, mas este rio he fozto afluente de
fios de fozto, onde corre a agua muito a fluente, e fozto de fozto fozto.

Esta página foi intencionalmente deixada em branco

Esta página foi intencionalmente deixada em branco

Esta página foi intencionalmente deixada em branco

Esta página foi intencionalmente deixada em branco

Esta página foi intencionalmente deixada em branco

Esta página foi intencionalmente deixada em branco

Esta página foi intencionalmente deixada em branco

Esta página foi intencionalmente deixada em branco

7 DAS VARIANTES MANUSCRITAS DO *SUMARIO DAS ARMADAS* (CA.1589) E CRITÉRIOS DE FIXAÇÃO

Percorreu-se até aqui quase todo o caminho de apresentação do *Sumario das Armadas* (ca. 1589). Resta apresentar, antes do texto fixado, a relação genealógica que os testemunhos têm entre si para, então, justificar a variante escolhida.

Ao longo da pesquisa, encontrou-se o registro ou menção a quatro testemunhos manuscritos do *Sumario* ca.1589):

- O ms. da Biblioteca Nacional de Portugal;
- O ms. da Biblioteca Pública de Évora;
- O ms. da Academia das Ciências de Lisboa;
- O ms. do Conde de Vimieiro.

Destes quatro, três existem ainda hoje. Como não há maneira de estudar o manuscrito que possuiu o conde de Vimieiro em virtude de aquele códice ter sido destruído em 1755 juntamente com a biblioteca em função do incêndio decorrente do terremoto de Lisboa, este testemunho não entrou nas considerações sobre a transmissão textual. Contudo, sabe-se que existiu porque o abade Barbosa Machado deu notícia do mesmo na obra *Bibliotheca Lusitana* (1741).

A comparação textual entre os três testemunhos indicou que existe, ao menos, duas famílias de variantes. Uma é a da Academia das Ciências de Lisboa, na outra estão os apógrafos da Biblioteca Nacional de Portugal e Biblioteca Pública de Évora. Desenvolver-se-á o raciocínio desta conclusão agora.

A análise material do manuscrito eborense – a encadernação, o papel, a letra, sugerem ser este o testemunho mais recente, quer dizer, mais próximo de nós cronologicamente. A comparação o apógrafo da Biblioteca Nacional de Portugal demonstrou que a variante de Évora tem a mesma origem daquele depositado na Bibliote Nacional de Portugal: ou por transmissão direta, quer dizer, foi copiado diretamente do manuscrito da BNP, ou ser cópia da mesma matriz. Como já visto na seção 4, dada a ocorrência de lapsos textuais, em especial as linhas saltadas, o manuscrito da Não foi, portanto, a partir do manuscrito da BPE que se estabeleceu a

fixação do Sumário, muito embora as diferenças textuais das variantes foram mencionadas em nota ao longo da fixação do Sumario, forma não apenas de chamar a atenção para as variantes textuais, mas igualmente para conceder ao leitor dados concretos sobre as mesmas.

Isto posto, para a fixação do *Sumario das Armadas* (ca. 1589), ainda existiam dois manuscritos a serem analisados, o da Biblioteca Nacional de Portugal, editado duas vezes, ainda que com alguns problemas técnicos como já exposto nesta dissertação, e a variante do *Sumario* (ca. 1589) presente no códice da Academia das Ciências de Lisboa, identificada há pouco tempo. Foi necessário averiguar se havia relação entre os testemunhos, isto é, se um deles serviu como matriz para cópia do outro, ou se têm origem no mesmo testemunho. O quadro abaixo apresenta uma amostra das frases que estão presentes em um manuscrito e ausente no outro, método utilizado para idear o estema dos testemunhos. Todas as diferenças entre as variantes foram assinaladas em nota no texto fixado.

Quadro 3 -

Academia das Ciências de Lisboa	Biblioteca Nacional de Portugal
[f. 2] São naturalmente todos os Brazis <i>muito</i> ciosos ainda <i>que</i> tem <i>muitas</i> mulheres dez vinte E quantas cada hum pode sustentar	[f. 4] Sam geralmente todos os brazis <i>muito</i> ciosos, ainda <i>que</i> tendo <i>muitas</i> mulheres, des, uinte, E quantas cada hũ pode sustentar
[f. 4v] Esta Empreza, Mandando ao Ouuidor-Geral Cosmo Rangel de Macedo E Chrisptouão de barros prouedor-mor lha Encomendou	[f. 12v] esta Empresa mandando ao ouuidor Geral E Chrisptouam de barros prouedor moor lha encomendou
[f. 5] a Empreza <i>que</i> a fazenda del rey deuia de montar <i>muito</i> com o <i>que</i> uendo-se cheo de senhoria E subido a tal Estado se vazou todo por ali Esqueçendo-sse da obrigação <i>que</i> trazia em .7. ou .8. dias <i>que</i> Esteue surto sobre Pernambuco sem desembarcar nem tratar o negocio lhe deu hum tempo com <i>que</i> arribou a Indias na qual arribada lhe morreu a mulher donde tornado ao Reyno partio delle no anno	[f. 13v] a empreza <i>que</i> ha fazenda del rey deuja de montar hũ muy grande pedaço com o <i>que</i> uendo-se infuriado E cheo de senhoria E sobido a tal estado se uazou por aly, esquecendo-se da obrjgaçam <i>que</i> trazia, En sete ou outo dias <i>que</i> esteue surto sobre Pernambuco sem querer desembarcar <i>nem</i> tratar o negoceo lhe deu hũ tempo cõ <i>que</i> aribou as Indias <i>naquela</i> arribada lhe morreu a

de .82. por mandado del rey Dom Phelipe nosso <i>Senhor</i> E chegando a ¹⁷² Pernambuco	mulher sem ter accordo (por nam dizer outra cousa pera Entrar no parahiba) donde tornado ao Reyno partjo de lla no anno de outenta e dous por mandado Del rey Dom phillippe nosso <i>Senhor</i> ja com menos arrogancja porque chegando ao porto de pernambuco
[f. 7v] <i>que</i> todos andauão pasmados como foi noite com dobrada desordem se deitarão a hum alagadiso <i>que</i> Estaua iunto por onde auião de tornar <i>para</i> o forte	[f. 21] <i>que</i> todos andavam pasmados, E a froxidam do capitam D. phillippe <i>que</i> como foy noyte com dobrada desordem se deitaram a hũ alagadiço o que estaua junto por onde aujam de tornar <i>pera</i> o forte
[f. 7v] passarão huns por sima dos outros como se fora por hũa mui boa ponte <i>que</i> foi couza milagroza <i>para quem</i> sabe Estes passos.	[f. 21] pasaram hũs per cima dos outros como se fora por hũa muy boa ponte, E foy cousa milagrosa ou milagre de medo a <i>quem</i> sabe estes passos
[f. 8v] com grande briga <i>que</i> se ordenou de muita gente por aos officiais da Camara acodir toda a villa E assi a volta acodiu o Ouuidor-Geral de sua caza	[f. 24v] con grande briga <i>que</i> se ordenou de muita gente por os do Bispo uirem chamando a que da Jgreja E aos officiaes da Camara a àcodir toda à villa E assi a uolta acodjo ò ouuidor geral de sua casa
[f. 10] Ouuidor-Geral Martim leitão a <i>quem</i> chamauão mestre do campo E elle o pudera ser de outro de <i>muitos</i> milhares de soldados por seu Esforço auizo E destreza E assi Era o gosto de seu cunhado Martim leitão	[f. 29] ouuidor geral Martim leytam a <i>que</i> chamauam mestre do campo e elle o pudera ser de outro de <i>muitos</i> milhares de soldados por seu efforço, auiso, E destreza, E assy era estranho ò cujdado e diligentia con que a tudo acodja E prouja elle era a esperança de todo ò arrajal E o gosto de seu cunhado Martim Leytam Ao qual francisco barreto sempre àjudou En tudo E aconpanhou de maneira que se pode dizer por elle ser o fialacates
[f. 10v] Aqui mandou o General Martim leitão E assi lhe chamaremos Esta iornada	[f. 29v] Aquy mandou ó governador Martin leytão ou general porque asy lhe chamaremos

¹⁷² BNP [f. 13v] e BPPE [f. 12]: segue-se *porto de pernambuco*.

Na variante da BPE, a grafia predomentante de Pernambuco é *pernanbучo*.

[f. 15v] E o <i>padre</i> Simão tauares ; E outros, de muita importancia, com o <i>que</i> ouue detensa, dous dias.	[f. 38] E o <i>padre</i> Symam trauaços E outros de muita importantja con o <i>que</i> ouue detença dous dias
[f. 29v-30] E outros com francisco pereira, que sóo com joão tauares passarão allem E deitarão fora os imigos. E recolherão os nossos com hum ia morto, E outro quasi E // muitos feridos principalmente das Espingardas, E francisco pereira muito pior, <i>que</i> o fez aqui como tam bom caualleiro como Elle he, E joão tauares foi recolher o braco de peixe	[f. 59v] E outros cõ <i>francisco pereira que</i> so com Simam tauares pasaram alem e deitaram fora os imigos e recolheram os nossos con hũ ja morto, e outros quasy E muitos feridos principalmente das spingardas, E <i>francisco pereira</i> muito peor <i>que</i> o fez aquj como tam bom Caualeiro como elle he E Joam tauares foy recolher ò Braco de pexe

Na variante da Academia, como se vê, não se encontram frases e expressões presentes no apógrafo da Biblioteca Nacional. Contudo, dificilmente os acréscimos da variante da BNP ocorreram enquanto o copista realizava o seu trabalho, porque o texto é fluido dando a entender que as modificações foram premeditadas. Não há expressões truncadas, como se inseridas de improviso, tal como se lê no apógrafo de Évora, retomando o dado anteriormente: *e querendo prosseguir estra empreza mandando ao ouvidor geral christouão de Barros prouedor mór lha emComendou Cuyo era Cosme rangel de macedo*¹⁷³. O nome de Cosme Rangel de Macedo não existe na variante da BNP, fato que impele a pensar que o copista da variante eborense ou acrescentou o nome de memória, ou estava na variante-matriz ou, ainda, tivera um lapso de atenção e saltou o nome do ouvidor, para logo depois inseri-lo.

Voltando à discussão acerca das diferenças existentes entre as variantes da Biblioteca Nacional de Portugal e da Academia, se por um lado existem fases ausentes na variante da Academia das Ciências de Lisboa em relação ao texto da Biblioteca Nacional, o inverso também acontece: há frases no testemunho da ACL que não se acham no da BNP. Isto facilmente poderia ser consequência da desatenção do copista, embora não identificou-se qualquer descontinuação do texto – no apógrafo de Évora existem exemplos deste tipo de erro. Pode ter havido, isto sim, uma decisão deliberada de suprimir determinadas informações. Desta maneira, mesmo que as diferenças sejam pequenas, da ordem de curtas frases, elas sugerem que os manuscritos possuem matrizes

¹⁷³ BPE, f.10.

distintas. Portanto aos três manuscritos estudados e ao quarto registrado, somam-se ao menos mais três *virtuais*, isto é, que se perderam no decurso da História existem como a sombra de cada um dos manuscritos: o modelo que serviu de base ao manuscrito da Academia, o modelo donde se copiou a variante da Biblioteca Nacional e o original.

Os acréscimos e elisões do manuscrito da Biblioteca Nacional de Portugal, modificam o texto em algum sentido, pois em alguns casos dão mais ênfase a determinados indivíduos, neste trecho o bispo ganha relevância, coisa que na Academia não tem: “con grande briga *que* se ordenou de muita gente **por os do Bispo uirem chamando a que da Igreja E** aos officiaes da Camara a àcodir toda à villa E assi a uolta acodjo ò ouuidor geral de sua”; neste outro, o copista da BNP acrescenta e melhora a força textual da crônica: “, E foy cousa milagrosa **ou milagre de medo** a quem sabe estes passos”, situação não verificada na variante da Academia; ou a necessidade de destacar a frouxidão de d. Filipe “*que* todos andavam pasmados, **E a froxidam do capitam D. phillippe que** como foy noyte com dobrada desordem se deitaram a hũ alagadiço o que estaua”, fraqueza do capitão não acentuada na variante da ACL; ou um outro trecho que demonstra o quanto o copista do testemunho da BNP limpa, atualiza, acrescenta a fim de construir um discurso favorável ou contrário a determinadas personagens ou a determinadas situações políticas: “aribou as Indias *naquela* arribada lhe morreu a molher **sem ter accordo (por nam dizer outra cousa pera Entrar no parahiba** donde tornado ao Reyno partjo de lla no anno de outenta e dous por mandado Del rey Dom phillippe nosso **Senhor ja com menos arrogancia** porque chegando ao **porto**”. Levando em consideração esse fato, o de o copista da BNP sempre que pode modificar, atualizar, acrescentar textos¹⁷⁴ entendeu-se que o testemunho da ACL, recebeu menos acrescentos e atualizações, ao menos a partir das comparações feitas com os demais testemunhos, e pese ter sido tresladado não apenas pela mão de um único copista. Normalmente, as variantes mais atualizadas, que mais acrescentam excertos e limpam textos, conferindo força textual, são as menos confiáveis, E por isso mesmo, optou-se por se fixar a variante da Academia.

A fixação do *Sumario das Armadas* (ca. 1589) nesta dissertação realizou-se a partir da transcrição integral da variante que se encontra no códice da *História da Capitania da Paraíba*, pelos motivos atrás mencionados. Mas as diferenças textuais dos demais testemunhos manuscritos existentes do *Sumario*, Biblioteca Nacional de Portugal e da Biblioteca Pública de Évora, foram devidamente assinalados em nota,

¹⁷⁴ Cambraia, *ob. cit.*, p. 152.

como é possível verificar. Dessa forma, é possível recuperar as diferenças textuais e, igualmente, avaliar os elementos de composição textual de cada variante, possíveis de serem utilizados em uma análise histórica sobre os fatos ocorridos na Paraíba e como, em momentos historicamente diferentes, eles foram recebidos, recebendo ou não acrescentos textuais, a exemplo do que se verifica na variante da BNP. Não se consideraram nas notas as variantes de grafia das mesmas palavras. Foram assinaladas as palavras e frases ausentes no texto fixado, mas presentes nos textos da BNP e BPE, bem como se anotaram as palavras e frases presentes no texto fixado e ausentes nos dois outros apógrafos; apontaram-se, também, frases elaboradas em estruturas diferentes. De maneira nenhuma se completou o texto com expressões dos outros dois apógrafos ou com as intervenções realizadas nas duas primeiras edições, a fim de evitar um texto compósito, distante, como as edições anteriores o são.

Ainda que por ora, neste trabalho, não se entregue ao público o texto integral do testemunho da *Historia da Capitania da Paraíba*, em virtude do curto tempo do mestrado, espera-se que o conteúdo total deste códice ímpar da Academia das Ciências de Lisboa venha a lume em um futuro próximo. Por fim, trabalhou-se para compreender o caminho que o *Sumario das Armadas* (ca. 1589) tomou ao longo dos séculos, bem como tentou-se restaurar o texto mais próximo do autógrafo, ou pelo menos assim compreendido após o estudo dos testemunhos, pese o trabalho de análise com o que não existe de fato – um manuscrito original perdido - encontrar-se sempre no campo da probabilidade. Falta, claro, a análise desta crônica tão importante para a história brasileira – ficam por compreender as relações políticas, sociais que subjazem ao texto. Para que tal intento se realizasse, a pesquisa tomaria outros rumos, a começar pela reconstrução das histórias que estão no *Sumario* (ca. 1589) para, daí, compreender as teias que teceram a narrativa, bem como desvelar o que texto de fato se propôs para além de *sumariar* as guerras de conquista da Paraíba. Espera-se, contudo, que o presente estudo e texto fixado tenham serventia para outros trabalhos.

BIBLIOGRAFIA

SUMARIO DAS ARMADAS

Portugal, Academia das Ciências de Lisboa: Série Azul, Mss. 133 **Historia da capitania da Paraiba.**

Portugal, Biblioteca Nacional de Portugal: Reservados 302. **Sumario das Armadas que se fizeram e guerras que se deram na conquista do rio Parahiba scrito e feito por mandado do Muito Reverendo Padre em Christo o Padre Christovão de Gouvea, visitador da Companhia de Jesus de toda a provincia do Brazil.**

Portugal, Biblioteca Pública de Évora: Cimélios, Cod. CXVI / 1-25, [Jerônimo Machado S.J. ou Simão Travassos, S.J.], **Sumario das Armadas que se fizerão, e guerras que se derão, na Conquista do Rio, Parahiba, escripto e feyto por mandado do muito Reverendo Padre Em Chrispto o Padre. Christouão de gouvea Visitador da Companhia de Jesus de toda aprouinça do Brazil**, [s.d.].

SUMÁRIO das Armadas. In: CASTILHO, José Feliciano de. *Iris*: Periodico de Religiao, Bellas-artes, Sciencias, Lettras, Historia, Poesia, Romance, Notícias e Variedades. Rio de Janeiro -1848. Tomo. I: p. 38-44, 72-74, 106-109, 132-136, 166-170; Tomo II: p. 199-202, 240-244, 262-265, 297- 300, 323-328, 363-366. Cópia microfilmada na Seção de Periódicos raros da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro

Sumario das Armadas in: Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, T.

XXXVI, 1ª parte, 1873, p. 5-89.

Fontes Manuscritas

Biblioteca d'Ajuda: 44-XIV-10 f. 177. 56 - **Consulta do Desembargo do Paço sobre o que pede o licenciado Martim Leitão, ouvidor geral que foi do Estado do Brasil, para que seja levantada a suspensão em que foi condenado.** Lisboa, 01/09/1598. E documento 2)

Biblioteca d'Ajuda: 51-VIII-16 f. 010 v. 54 - **Carta do Bispo D. Pedro de Castilho a El-Rei, tocante a umas informações acerca do procedimento de Martim Leitão, ouvidor geral do Brasil, de induzir testemunhas que testemunhassem falsamente contra Martim de Carvalho, no pecado nefando.** 17/01/1597.

Fontes Impressas:

BRANDÃO, Ambrósio Fernandes. **Diálogos das grandezas do Brasil: 2ª edição integral, segundo o apógrafo de Leiden, aumentada por José Antonio Gonsalves de Mello.** Recife: Imprensa Universitária, 1966.

Biblioteca Nacional do Brasil: Microfilme: PR-SOR 06057. **Iris: Periodico de Religiao, Bellas-artes, Sciencias**, t.1. Rio de Janeiro: 1848.

MACHADO, Barbosa Diogo. **Bibliotheca Lusitana.** Lisboa Ocidental: na officina de Antonio Isidoro da Fonseca. 1741, t. 1, p. 579..

PERAZA, Juan (Soldado de la Armada). 1876 (1ª ed. 1584). **Relación cierta y verdadera que trata de la victoria y toma de la Parayva, que el ilustre señor Diego Flores de Valdés tomó con la armada de S. M. real, de que iba por Capitán general en la jornada de Magallanes.**

[aut. libro] Cesáreo Fernández Duro. *Disquisiciones náuticas*, 1584. Madrid (Sevilla) : Estereotipia, 1876 (1ª ed. 1584). Cuenta cómo corriendo la costa del Brasil halló un puerto que los franceses tenían tomado y allí estaban hechos fuertes, y de cómo se lo ganó v quemó las naos y casas que teman.

SALVADOR, Frei Vicente do. **Historia do Brazil (1500-1627)** – nova edição revista por Capistrano de Abreu, São Paulo/Rio de Janeiro, Editores-proprietários Weiszflog

Irmãos, 1918.

_____. **Historia do Brazil (1630)**. Edição, introdução e notas por Maria Lêda Oliveira. Rio de Janeiro: Versal Editora; São Paulo, Odebrecht, 2008.

SOUSA, Gabriel Soares de. **Tratado descritivo do Brasil em 1587, edição castigada pelo estudo de muitos códices manuscritos existentes no Brasil, em Portugal, Espanha e França, acrescentada de alguns comentários por Francisco Adolfo Varnhagen**. São Paulo, Companhia Editora Nacional e Editora da Universidade de São Paulo, 1971

Catálogos

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA. **Catálogo de Manuscritos da Série Vermelha**. Lisboa: 1978, v. 1.

_____. **Manuscritos da Série Azul**. S. d. acesso: http://www.acadciencias.pt/document-uploads/8737551_catalogo-ma.pdf

RIVARA, Joaquim Heliodoro da. **Catalogo dos manuscriptos da bibliotheca publica eborensis**. Lisboa : Imprensa Nacional, v. 1, 1850

Bibliografia Geral

ABREU, Capistrano de. **Capítulos de História Colonial** – 7ª edição revisada anotada, e prefaciada por José Honório Rodrigues, São Paulo, Publifolha, 2000.

_____. **Ensaio e estudos (crítica e história) (2ª série)**. Rio de Janeiro: Sociedade Capistrano de Abreu, Livraria Briguiet, 1932.

_____. **“Notas sobre a Parahiba”, por Irineu Joffily in Ensaio e Estudos, 1ª série**, Rio de Janeiro: Sociedade Capistrano de Abreu, Livraria Briguiet, 1931.

_____. **Fernão Cardim** in O Jornal, Rio de Janeiro, 27 de janeiro de 1925.

COSTA, Renata Ferreira. Um caso de apropriação de fontes textuais: memória histórica da capitania de São Paulo, de Manuel Cardoso de Abreu, 1796. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2012.

BATISTA, Adriel Fontenele. **O Sumário das Armadas: guerras, missão e estratégias discursivas na conquista da Paraíba**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2012.

BARBOZA, Januario da Cunha. **Discurso de inauguração do Instituto Histórico e Geográfico**. In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, t.1, p.10-12.

Heloisa Liberali Bellotto: **Presença do Brasil no Arquivo da Academia das Ciências de Lisboa: Catálogo Seletivo da Série Azul de Manuscritos** in Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, n. 33, 1992, p.164-190.

CAMBRAIA, César Nardelli. **Introdução à crítica textual**. São Paulo, Martins Fontes, 2005.

CARONE, Edgard. **Tratado descritivo do Brasil em 1587** in RAE-Revista de Administração de Empresas, vol. 11, n. 4, out-dez 1971.

CARVALHO, Juliano. **Formação territorial da mata paraibana**. Dissertação de mestrado. UFBA, Salvador, 2008

CANTÙ, Francesca. **Il generalato di Claudio Acquaviva e l'identità missionaria della Compagnia di Gesù. Note e prospettive sulle missioni americane**. In: A Companhia de Jesus na Península Ibérica nos sécs. XVI e XVII: espiritualidade e cultura. Actas do colóquio internacional. Instituto de cultura portuguesa da faculdade de letras da Universidade do Porto e Centro Inter-universitário de história da espiritualidade da Universidade do Porto. 2004, pp.151-170.

CASTELNAU-L'ESTOILE, Chartlotte de e ZERON, Carlos Alberto de Moura Ribeiro.

Une mission glorieuse et profitable: reforme missionnaire et economie sucriere dans la province jesuite du bresil au debut du XVIIe siecle. Revue de Synthese (Paris), Paris (França), v. 120, n. 2-3, p. 335-358, 1999.

CHAVES JR., José Inaldo. **“AS DURAS CADEIAS DE HUM GOVERNO SUBORDINADO”**: história, elites e governabilidade na Capitania da Paraíba (c. 1755 – c. 1799). Dissertação. UFF, Niterói, 2013

CERELLO, Adriana Gabriel. **O livro nos textos jesuítas do Século XVI. indicações materiais da produção e circulação de livros nas cartas dos jesuítas na América Portuguesa (1549-1563)**. Dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo, 2007.

COLAS, Christian. **Le Sumario das Armadas, chronique oubliée d'une conquête dans le bresil du XVIeme**. Tese. UNIVERSITE PARIS III SORBONNE NOUVELLE, Paris, 2013.

DANTAS, Bratriz. G. et al. **Os povos indígenas do Nordeste brasileiro: um esboço histórico**. In: CUNHA, Manoela Carneiro da (org.) História dos Índios no Brasil. São Paulo, Cia. das Letras, 1998, 2ª ed. pp. 431-456.

DIAS, José Sebastião da Silva. **Descobrimentos e a problemática cultural do século XVI**. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1973.

_____. **A política cultural da época de D. João III**. [Coimbra] : Instituto de Estudos Filosóficos, Universidade de Coimbra, 1969, v.1;

DOMINGOS, Manuela D. **Subsídios para a história da Biblioteca Nacional**. Lisboa: Instituto da Biblioteca Nacional e do livro, 1995.

FACHIN, Phablo Roberto Marchis. **Práticas de escrita setecentista em manuscritos da administração colonial em circulação pública no Brasil**. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo, 2011;

FRANZINI, Fábio: **À sombra das palmeiras- a coleção Documentos Brasileiros e as transformações da historiografia nacional**. Tese de doutorado, USP, 2006.

_____. **Escrever textos, editar livros, fazer história: a coleção documentos brasileiros e as transformações da historiografia nacional (1936-1960)**. Revista Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 5, n.9, jan./jun. 2013. p. 24 - 45.

GONÇALVES, Regina Célia. **Guerras e açúcares: política e economia na capitania da Parayba (1585-1630)**. Bauru: Edusc, 2007.

HONOR, André Cabral. **O envio dos carmelitas à América portuguesa em 1580: a carta de Frei João Cayado como diretriz de atuação**. Revista Tempo, vol. 20 – 2014:1- 19.

KELEMEN, Erick. **Textual Editing and criticism: and introduction**. WWNorton, 2007.

LEITE, Serafim. **História da Companhia de Jesus no Brasil, 1549-1576**. São Paulo,

Edições Loyola, 2004.

_____. LEITE, Serafim. **História da Companhia de Jesus no Brasil**. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1938, pp. 490-499.

MACHADO, Maximiano Lopes. **História da Província da Paraíba**. João Pessoa: Imprensa oficial, 1912.

MELLO, Evaldo Cabral de. **O nome e o Sangue – uma parada genealógica no Pernambuco colonial**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009

OLIVEIRA, Maria Lêda. **A História do Brasil de Frei Vicente do Salvador: história e política no império português do século XVII**. Rio de Janeiro: Versal Editora; São Paulo, Odebrecht, 2008.

OLIVEIRA, Maria Lêda. **A primeira rellação do último assalto a Palmares**. Afro-ásia, n. 33, 2005, pp.251-324.

_____. **A primeira rellação do último assalto a Palmares**. Afro-ásia, n. 33, 2005, pp.251-324.

PÉCORA, Alcir. “A arte das cartas jesuíticas no Brasil” in **Máquina de Gênero**. São Paulo, Edusp, 2001.

PINTO, Irineu Ferreira. **Datas e Notas Para a História da Parahyba por Irineu Ferreira Pinto Socio Fundador e Bibliotecário do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano**. Parahyba no Norte. Imprensa Oficial, 1908.

PONTES, Heloísa. **Retratos do Brasil: Um Estudo dos Editores, das Editoras e das "Coleções Brasileiras" nas Décadas de 1930, 40 e 50**. BIB, Rio de Janeiro, n. 26, pp 56-89, 2.º sem. de 1988.

PRADO, João Fernando de Almeida. **A conquista da Paraíba. (séculos XVI a XVIII)**. Vol. 321, Brasiliana. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1964.

RAPOSO, Thiago Acácio. **Paraibaneidade: olhares sobre a escrita da história da Paraíba e a construção de uma identidade local**. Epígrafe, Brasil, v. 4, n. 4, p. 149-166, aug. 2017

“Resumo da 1ª conferência do Instituto Histórico E Geográfico Parahybano pelo orador official dr. João Pereira Castro Pinto, a 12 de outubro de 1905” e “Memoria da fundação da Parahyba, lida em sessão somene comemorativa do Instituto Historico e Geografico Parahybano em 5 de agosto de 106 pelo Dr. Manoel Tavares Cavalcanti” in Revista do Instituto Histórico e Geográfico Parahybano, ano 1, vol. 1, pp. 21 a 38 e 67 a 82

RICUPERO, Rodrigo. **A formação da elite colonial. Brasil (c. 1530 - c. 1630)**. São Paulo: Alameda, 2009.

RIOSECO PERRY, Virginia. **La crónica: la narración del espacio y el tiempo**. Andamios, v. 5, n.9, dezembro 2008, pp. 25-46

RODRIGUES, José Honório. **História da História do Brasil, 1ª parte Historiografia colonial**, 2ª Edição, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1979.

_____. **Teoria da História do Brasil**. Companhia Editora Nacional, 1969, 3ª ed.

SCHAPOCHNIK, N. Letras de fundação: **Varnhagen e Alencar** — projetos de narrativa instituinte. São Paulo, 1992. 245p. Dissertação (Mestrado em História) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

SCHREINER, Cátia. **Edição semidiplomática de documentos manuscritos catarinenses do século XVIII: livro de ofícios do vice-rei para o governador da capitania (1739-1798)**. Dissertação. Universidade de São Paulo, 2007.

SILVA, Kalina Vanderlei. **Um Senhor de Engenho a Serviço do Rei da Espanha: A América Portuguesa e a Monarquia Universal no Século XVII**. Estudos Ibero-Americanos, Porto Alegre, v. 40, n. 2, p. 348-366, jul.-dez. 2014.

SPINA, Segismundo. **Introdução à Edótica**. São Paulo, Cultrix, Ed. da Universidade de São Paulo, 1977.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. **História Geral do Brasil**. 1ª ed., v. 1; Rio de Janeiro: Em Caza de E. e H Laemment, 1874.

_____. **Reflexões críticas sobre o escripto do século XVI impresso com o título de Notícias do Brasil no tomo 3º da Coll. De Not. Ultr. Acompanhadas de interessantes notícias bibliographicas e importantes investigações históricas**. Lisboa: Typografia da Academia, 1839.

WEHLING, Arno. **As fontes da história do Brasil colonial como Memória e História** in Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro, a. 160, nº 402, pp. 31-40, jan/mar, 1999.

PARTE DOIS –
DO SUMARIO DAS
ARMADAS (ca. 1589

REGRAS DE TRANSCRIÇÃO

Na fixação do *Sumario das Armadas* (ca. 1589) manteve-se a ortografia original. As abreviaturas foram desdobradas, uniram-se as palavras que se encontravam separadas, separaram-se as palavras que se encontram unidas e assinalaram-se em *itálico* as letras acrescentadas. Quanto à acentuação, manteve-se a dos copistas. A pontuação foi conservada, bem como a variação de caixa-alta e caixa-baixa que os copistas fazem. Os fólios foram separados por // e a numeração do fólio encontra-se após o sinal de mudança de página.

As palavras interpretadas foram transcritas entre [], as palavras não lidas foram assinaladas com [...]. As palavras entrelineadas ou escritas à margem foram transcritas entre < > e usou-se * para indicar se a inserção estava à direita ou esquerda na margem, quando o caso. Introduziu-se o hífen em casos pronominais e em palavras compostas. Em nota foram indicadas todas as repetições de palavras feitas por lapso do copista, bem como outras considerações sobre o suporte ou texto. Indicaram-se em nota, também, as diferenças entre as três variantes do *Sumario das Armadas* (ca. 1589). A variante da Biblioteca Nacional de Portugal é referida como BNP e a variante da Biblioteca Pública de Évora como BNP. Quando necessário, referiu-se à variante da Academia das Ciências de Lisboa por ACL.

Por faltar na variante escolhida o primeiro fólio e os poemas em espanhol, este conteúdo está aqui transcrito a partir do apógrafo da Biblioteca Nacional de Portugal para que não falem compreensão e domínio do conteúdo desta crônica. Esta transcrição seguiu as mesmas regras aqui declaradas. A transcrição deste trecho está indicada com um recuo de margem, e letra menor, para que não haja confusão com o texto que pertence ao testemunho da *História da Capitania da Paraíba*. Manteve-se a numeração original dos fólios, desta forma o excerto da BNP inicia-se em fólio não numerado e segue até o fólio 3v. O texto oriundo da ACL parte do fólio 2 e termina no fólio 38v.

[f. s/n] **Soneto**

Se del grande Griego la memorja
 de Caesar, Anibal, Hector troijano
 Alexandro, Scipion, el Africano
 de Torquato no Cuento ja su historja
 Rebuia aquesta palma de uictoria
 Tam EmCumbrada neste Lusitano
 pues dexa atras todos y al thebano
 Subrepuja en esforço ardil i glorja
 Martim Lejtan se nombra este escellente
 que tanto illustra, aquesta noble tierra
 Con su ualor i scientia tan Sobrada
 pues diole Dios tan delicadamente,
 que a todos sobrepuja En paz y *em* guerra
 no Embotando su pluma lanca y espada

Outro

Quien el aquel *que* uence a Marte fiero
 J à pallas a sus pies a derribado
 i de opimos despojos ua cargado
 del indjo Petiguar j feros guerero
 Quien es *aqueste* belico y entero
 que el impacable per uio domado
 despues de auer tres uezes del triũphado // [f. s/n]
 poblo y hizo Em mitad de su hemispherio
 Dime fama quienes pues se descubre
 todo quanto a tj passa y diuulgado
 louas por toda jnota region
 Verdad es *que* a mim nada se me Encubre
 mas sabe *que* este heroe *que* uas catando
 Su herojco nombre es Martim lejton

finis // [f. 1]

Sumario das armadas *que* se fizeram E guerras *que* se deram na conquista do
 Rjo parahiba scrito E feito por mandado do *muito* Reverendo padre em
 Christo o padre Christouam de Gouuea uisitador da Companhia de Jesu de
 toda a prouincja do Brasil.

Antes de Entrar na relacam das guerras E armadas *que* os reis deste Reyno mandaram dar E fazer contra ò gentjo Petigar *Senhor* de mais de quatrocentas Legoas per costa deste¹⁷⁵ Ryo do parahiba ate ò do Maranhã *que* Comecaram no tempo de Luis de britto dalmeida gouernador geral deste estado do Brazil E se acabaram no tempo do Lecenceado Martim // Leitam Ouuidor Geral do mesmo estado E *que* por mandado del rey Dom Philippe nosso *senhor* os conquistou E pououo ò Ryo Parahiba me pareceo fazer hũa breue descriptsam delle E do estado Em *que* estauam as capitãias de Pernambuco e Tamaracha quando ò Docto Martim Lejtã Entrou nellas para mais facilmente no discurso desta historea se Entenderem mujtas Cousas, a qual he a seguinte

Capitolo .j.

O Ryo parahiba *que* nas cartas de marear se chama .s. Domingos esta Em seis graos da banda do sul corre per o rumo a *que* mareantes chamão Nornoroeste susueste a barra à Entrada corre polo de nordeste Susudoeste, ate a ponta do cabedello *que* he ja dentro. Tem de baixamar no maes baixo Em // [f. 1v] hum banco *que* fas de area quatro braças E daly pera dentro pelo Ryo ácima tem seis E sete. A boca da abra *que* o Ryo faz terã de largo hũa legoa E o canal *que* vaj pello meo *que* he o *que* chamamos barra tem hũ quarto de legoa E todo ò maes de hũa parte E outra he *muito* aparcelado. Ò fundo he de area muyto Limpo E sem ninhũa pedra E asim¹⁷⁶ he *muito* major porto E capaz de mayores Embarcacoés *que* o de Pernambuco E tamaraca, dos quaes dista uinte E duas legoas do de Pernambuco, E desasete do de Tamaraca per costa pera à banda do norte, E os arrezifes *que* correm ao longo de toda esta quebrã aly mais. Pello Ryo asima hũa legoa da banda do Norte tem hũa Jlha fermosa de aruoredo de hũa legoa de Comprido; E hũ terço de largo defronte da qual esta ò surgidouro ou porto // [f. 2] das naos capaz de grande cantidade dellas¹⁷⁷ e abrigado de todos os uentos. Da parte do sul fas o rjo hũ fermoso canal pelo qual asima duas Legoas podem hir nauios de cem toneis, E outras tres maes acima grandes caraueloés *que* he ate onde chega à repreza da mare. Da parte do norte vay outro braço *que* diuide a Jlha da terra firme E nella defronte da ponta da Jlha da parte de cima onde o rjo se começa a diuidir E fazer a Jlha se fez o primeiro forte por ordem do General dioguo flores de Ualdes. Este Ryo *que* torna depois sete ou outo legoas ao sul tem hũa uarzea de maes de quatorze de comprido E de largo tem duas mil braças; E

¹⁷⁵ Segue-se riscado: *rejno*

¹⁷⁶ Seguem-se letras riscadas.

¹⁷⁷ Segue-se riscado: d.

seiscentas no maes estreito, toda retalhada de esteiros E Ryos caudaes de aguo doce *que* podem dar maes de quarenta Engenhos de açucar por toda a terra // [f. 2v] ser singular *pera* cana, com o servico de mar o de menos fabrica do Brazil, por ser Ryo morto E pelo¹⁷⁸ menos de Jnuerno todo nauegael E deueram maes de seis sete legoas com carauelões *que* *tambem* Entram nos Ryos *que* nelle se metem *que* sam mujtos E *prouejtosos* por abundarem de muytos pescados E mariscos com outras mujtas terras *pera* canas, mantimentos, pastos, E lenhas *que* soo à dos Mangues as fazem infinitos. Pois as outras uarseas *que* ha Entre Pernambuco E a parahiba E jazem ao longo dos rios *que* Entre estas duas Capitaniaes maes pegados ao parajba Entram no mar nam *prometem* menos *prouejto* antes *muito* grande, falo por uarseas *porque* esta he somente à boa terra do brazil, *que* os outeiros ou altos nam dam Cana ao menos nestas capitaniaes do norte, E quando nelles acerta à tera ser boa daa mantimentos mas nam Cana *que* somente se daa nas uarseas *que* he à terra baixa ao longo dos Ryos ou de gran // [f. 3] des alagadios *que* no brazil ha mujtos, principalmente perto do maar onde os ha grandes E as matas das aruores sam *muito* maiores E *muito* maes altas E grossas *que* no certam, onde *nem* ha rios *nem* agoas senam de possos *que* com mujta difficultade se acha. Emfim todo ò certam do brazil he *muito* steril E de pouco mato E terra desauenturada *que* com trabalho dá à Mandioca *que* os negros plantam como bacellos E em des doze mezes se fas tam grossa como grandes nabos mas com raizes compridas com *muitas* pernas E tenras *que* raladas dam muyta farinha con *que* elles E os brancos se sustentam E depois do trigo he o melhor mantimento *que* se sabe principalmente deitada de molho fas singular farinha *pera* se comer Em fresca, *que* se parece com ò nosso cusquis, fazem *tambem* outros bejius *que* sam redondos como manquaes ou compridos como *querem*, pouco maes grosso *que* hostias he *muito* bom comer *porque* toma o gosto ou sabor natural daquilo con *que* o comem, fazem maes outra // [f. 3v] farinha destas raizes a *que* *tambem* chamam Mandioca maes cozida *pera* durar *muitos* mezes con *que* uem ao Reyno E hiram a India a esta e chamam farinha de guerra *porque* nellas se seruem os negros desta E como no brazil¹⁷⁹

[f. 2] hum negro tem farinha, rede, arco E frechas logo se tem por rico; O Cabedal *que* todos os Brazis ordinariamente leuão a guerra não he outro senão molher *que* lhe leua a rede E algũa pouca de farinha *para* os primeiros dias *que* depois os pasaros, ratos, bichos E mais immudisia o paga E os sustenta *que* no Brazil *muito* disso não¹⁸⁰ he

¹⁷⁸ Sugestão: Segue-se riscado: s.

¹⁷⁹ Deste ponto em diante inicia-se o texto do *Sumario das Armadas* (ca. 1589) no testemunho da Academia das Ciências de Lisboa.

¹⁸⁰ BNP [f.4] e BPE [f. 3v]: *que no brazil nada disso he uenenoso*.

uenenoso *que* he hũa das marauilhas delle. Por a mesma rezão nas guerras *que* lhes fazemos aquelle *que* leua mais negros *para* lhe caçarem ou pescarem são mais regalados E vão melhor *prouidos*.

São naturalmente¹⁸¹ todos os Brazis *muito* ciozos ainda *que* tem *muitas* molheres dez vinte E quantas cada hum pode sustentar E os principais sóo nisso o mostram ser E em serem cabeças na guerra *que* regularmente são os mais valentes¹⁸².

Dos Ciumes *que* em cabo huns dos outros tem por respeito dos quais dão mui facilmente¹⁸³ credito a qualquer suspeita E leue indício *procederão* E procedem sempre todas as diuisoens, guerras E differensas *que* todo Este gentio do Brazil Entre si tem E por aqui lhe urdem os Portuguezes *muitas* brigas com *que* se desauem hũas naçoens com as outras com o qual ardil os entramos E desbaratamos *que* todos iuntos nunca ninguém pudera com Elles nem os domara Este ardil nos não val com os Petiguares *que* sendo o maior E o mais guerreiro gentio do Brazil *que* ocupão do Paraiba ate o Maranhão *que* são 400.¹⁸⁴ legoas E tam unidos E conformes Estão huns com os outros *que* de industria assentarão entre si ha annos Entregaren-se os delinquentes huns aos outros E castigarem-nos sem brigarem nem se desauirem nunca por isso E assi o dizem sempre nas pulhas aos brancos quando nas guerras vem a fala

Outra couza marauilhoza tocarei aqui do gentio do Brazil ia *que* me alargei tanto fora do *primeiro* intento como elles todos do Brazil¹⁸⁵ são *muito* ciozos são tambem *muito* amigos das molheres E mui brandos *para* ellas he gente *que* por seus respeitos seruem <E obedesem> aos sogros como a pais mas quando ellas parem os maridos se fingem doentes E se deitão de mimosos nas redes E assi são nellas seruidos dous ou tres dias E uizitados E¹⁸⁶ ellas Em parindo se uão lauar com as criansas a fonte. Tem mais outra *propriedade* não pella herdarem do Estado da Innosensia *que* nelles Estáá tam corrupta e danada *que* contra toda a ordem de natureza folgão de andar nuus por mera sensualidade¹⁸⁷ sem nenhũa cobertura ate Em suas vergonhas couza *que* parese os *proprios* animais brutos Estranhão

¹⁸¹ BNP [f. 4] e BPE [f. 3v]: *geralmente*.

¹⁸² BPE [f. 3v]: *são os mais valentes que dos siumes*. O copista da BPE não abre novo parágrafo como ocorre nas variantes da ACL e BNP:

¹⁸³ BNP [f. 5] e BPE [f. 3v]: *facil / fácil*, respectivamente.

¹⁸⁴ BNP [f. 4v] e BPE [f. 4]: *seiscentas / seiscentas*, respectivamente.

¹⁸⁵ BNP [f. 5]: *do brazil* foi riscado pelo copista.

BPE [f. 4]: *do brazil* não consta nesta variante.

¹⁸⁶ Corrigido de *Em* para *E* pelo mesmo copista.

¹⁸⁷ BNP [f. 5] e BPE [f. 4v]: lê-se *ordem da natureza por mera sensualidade folgam de andar nuus*.

São menos cobicocos sendo em Estremo mais apertozos *que* todas as outras naçoens do mundo E por isso tudo o *que* uem nos brancos deseião esperão E querem *que* lhe dem E Em lho dando o dão logo aos outros E por *qualquer* cascauel lhe dão o vestido *porque* dantes morrião. he gente *que* sempre se tem vagar comem como brutos E nisso E em suas sugidades ou deshonestidades Entendem *somente* como não andão em guerras *porque* se dão pouco ao trabalho E naturalmente são folgazoens como o são todas as outras na nasoens fora da // [f. 2v] nossa Europa. Aiuda *muíto* a isso a fertelidade da terra Em *produzir* Este mantimento *que* chamão mandioca *que* he o pão de todo o Brazil E Peru¹⁸⁸ *porque* cada pessoa com a planta de hum sóo dia faz mantimento *que* lhe abasta todo o anno mas varião as folhas por não cansarem a terra E com serem tam comiloens tem-se mais a fome *que* todas as naçoens do mundo *que* andarão dous dias inteiros sem comer nem beber. São mui afeiçãoados E naturalmente amigos de *quem* o he seu mas mui varios E mudaiueis em Estremo E por poucas couzas arombão E perdem tudo E se aleuantão E assim Em nada tem constantia nem firmeza são *muíto* falsos inclinados a Enganos E aleiues E he tam *proprio* E natural isto do clima E terra do Brazil *que* logo se pega E tem ia pegado a quasi todos os brancos naturais do Brazil antes a todos *que* a roim semente *que* lhe a principio lançarão do limoeiro de *lixboa* E das outras Cadeias do Reyno peiorou ainda mais Esta natureza roim E assim se deue fazer pouco fundamento dos ditos do Brazil como não forem de pessoas mui calificadas. na virtude.

Tornando¹⁸⁹ as uarzeas *que* dizia ser a melhor terra *porque* nellas ha mais sellão *que* assi chamão a terra forte E boa E na *que* he tal dura a soca ou planta da cana trinta E quorenta annos sem cansar nem se replantar *que* he *muíto* sutentarem-se Estas Varzeas com se alagarem todos os annos *porque* ao longo do mar he terra baixa E *muíto* retalhada de rios E esteiros toda a terra do Brazil não tem mais *que* sóo dous ate tres palmos de boa terra como o nateiro por cima *que* logo dali *para* baixo he roim terra de area e solta sem prestar *para* nada E por Esta cauza todas as aruores no Brazil tem as raizes a frol da terra E com *qualquer* uento se arrancão E se uée *que* não tem as raizes lançadas *para* baixo com tudo isto E com não auer na *propria* lingua dos Brazis tres letras principais E de maior significação *que* temos he a saber, (f- . L.¹⁹⁰ e .R.) cuia falta nos mostrão faltarem-lhe a elles tres fundamentos em *que* o genero humano se sustenta

¹⁸⁸ BPE [f. 4v] suprime a menção ao *Peru*. Na variante da BNP a menção ao *Peru* encontra-se no f. 5v.

¹⁸⁹ BNP [f. 6] e BPE [f. 5]: segue-se um *pois*.

¹⁹⁰ Segue-se um E rasurado.

E norte *porque* se gouerna *que* são (fee, lei E Rey: nos quis o autor da natureza auizar a não fazeremos fundamento de couza algũa do Brazil *porque* realmente destas tres couzas entre o gentio E não sei se me Estenda aos brancos carese <mais> o brazil *que* de todas. *Porque* nada adorão nem tem reis nem califas como as outras nasoens senão aquelles a *que* chamão cabeças *para* suas guerras E fora dellas nas aldeias aonde Viuem dão pouco por elles nem os Estimão; não guardão féé nem Entre si nem com¹⁹¹ os brancos nem verdade mais *que* Emquanto se lhes antolha.

São mui dados a feitiços E o feitiçeiro *que* ha em cada aldeia he o seu oraculo tem *muita* *communicação* com o demonio E acontese-lhes com elle *muitas* couzas mui graciosas E as uezes espantozas.. Mas tornando ia ao ponto donde me diuerti por dar hũa breue relação de couzas *que* nos liuros *que* fálão do Brazil não achei scriptas. As varzeas // [f. 3] *que* se Estendem ao longo daquelles grandes rios *que* uão de Pernambuco *para* o Paraiba *que* todos se uadeão de duas até sete E mais legoas dão mostra bem clara E certeza asas Euidente de serem *muito* rendozas a *quem* as aprouear como são as do candaloso, Garamame E as dos rios Copesura E abia¹⁹². Capibaribi *que* chegão te as serras de Copaoba.

Alem do (Paraiba ao Norte sinco legoas per mar E déz pello sertão Estáá outro grande rio a *que* chamão Mangoape *que* Entra no mar na Baya da treição o *qual* rio tem ao longo de si *muitas* E boas varzeas ate Copaoba por onde Esta Capitania do Paraiba possui mais varzeas (*que* como ia prouamos he o melhor do Brazil). *que* todas as outras Capitánias E com isso E com ter mais pao Brazil *que* Pernambuco E¹⁹³ *muito* .melhor *porque* quanto mais *para* o norte tanto melhor E com todo o de Pernambuco Estar de Pernambuco *para* o paraiba se tirara *muito* melhor pella Paraiba com a ajuda daquelles rios no inuerno *que* em Pernambuco aonde o carretto delle fica *muito* longe E *muito* custoso E difficultozo. fica tambem a Paraiba mais perto do Reyno sem dobrar cabos E resolutiuamente he a melhor Capitania do Brazil E tal *que* sabido bem o porto seguro não arribar nauio as antilhas *que* he grande terço E mui importante ao comersio E nauegação deste grande Estado deixo a colheita E ladroeira¹⁹⁴ de vinte E trinta naos francezas *que* todos os annos antes de ser nossa ali carregauão tendo suas feitorias cada nação sobre si¹⁹⁵ fazendo de hum ano *para* o outro a carrega cada hum *para* as suas naos

¹⁹¹ Sobrescrito à palavra *entre*, riscada.

¹⁹² BNP [f. 7] e BPE [f. 6]: segue-se o nome do rio *Guajana*, suprimido nesta variante da ACL.

¹⁹³ BNP [f. 7v] e BPE [f. 6v]: lê-se *he*.

¹⁹⁴ BNP [f. 8] e BPE [f. 6v]: lê-se *ladroejra e colhejta / ladroejra e colheita*, respectivamente.

¹⁹⁵ BNP [f. 8] e BPE [f. 6v]: lê-se *sobre sy cada naçam*.

com cuia ajuda os negros Petiguares o maior em numero E o mais como ia disse guerreiro gentio do Brazil de vinte annos a Esta parte corrião todas as fronteiras de tamaraca, *que* só com 32 moradores acurrelados na Ilha piadosamente sustentauão a Capitania E na de Pernambuco ia não moião .3. Engenhos E em condisão de despeiarem outros por tudo Estes Pitiguares hirem assolando *porque* mais facilmente pudesem acarretar E carregar o pao aos franceses E de tal maneira se forão apercebendo E apelidando os franceses Em sua ajuda *que* se vierão a fortificar a seu modo no mesmo rio Parahiba com os franceses situando-sse grande quantidade de aldeias dos Indios pello rio acima de hũa E doutra parte por ser a mais fertil couza de todo o Brazil E como ficarão a dez doze legoas das nossas fronteiras corria-nas seguros todos os dias, ceuados nos saltos *que* nos dauão, com o *que* as Capitánias de Pernambuco E tamaraca andauão tam inquietas E trabalhadas, *que* não se ouzauão ualer dos Engenos fronteiros, nem fazião pao brazil *que* he o remedio dos pobres, tam cortados os tinha o medo E as diuidas tam Espantosamente consumidos. E atribulados, por alguns deuerem mais de 30 E 40 mil cruzados E os mercadores com as diuidas antigas *que* tiuerão quasi principio com a terra tão desacommodados *que* se tinhão por perdidos mas tomada aquella¹⁹⁶ fonte de carga// [f. 3v] do pao na paraiba, arrebetou logo Em Pernambuco com tanto proueito como a Experiencia o mostrou *porque* huns pagauão o *que* deuião outros se fizerão ricos mas dantes em nada auia conselho nem ordem por os nossos em nada aterem nas guerras *que* mal lhe dauão como forão as *que* lhe deu hum Antonio rodriguez bacelar Capitão da Ilha de tamaraca *que* Estas E as outras nunca seruirão de mais *que* faze-llos destros ensinando-os a Peleiar *porque* em quasi todos os recontros E saltos *que* neste tempo comnosco tiuerão E nos derão leuarão sempre o melhor E a fama de tantas victorias continuo decia gentio a Carnisa com *que* se dobrauão as opresoens a Estas duas Capitánias *que* parese pella malicia dos moradores dellas encorrerão o Juizo de Deos prouocando os Indios a rompimento com o mau tratamento E repostas *que* a seus seruiços dauão sendo Elles nisso mui certos E proueitozos E nos Catiueiros *que*, quebrando-lhes a fé contra todo direito natural E das gentes, lhes dauão. *porque* no tempo das pazes Erão Estes petiguares o melhor gentio desta terra E costa, mas a cobisa dos moradores¹⁹⁷ principalmente das misturas do Brazil da nação mamelucos e degradados costumados a se vestir E banquetear das suas pelles *que* todos por todas as uias sem Exeissão recolhem as bolças vendendo-os sem temor de Deos nem medo do

¹⁹⁶ BNP [f.8v]: *quanta*

¹⁹⁷ BPE [f. 8] lê-se: *mayores*.

Castigo *que* realmente como Estas culpas são das cabeças nunca por Estas couzas se deu no Brazil. Esta tirania tam impiamente usada no Brazil Estragou assolou E danou tudo nem deixarão por Estas iniuísticas E uexaçoes *que* se fazem aos Indios de uir grandes açoutes ao Brazil senão *prouem* com grande ordem exemplares E rigurosos Castigos contra Estas cabeças Ainda *que* parese *que* todos os castigos *que* Deos lhes dáá aos *que* continuão o sertão he por Esta cauza porque he pasmar o atreuimento E soltura com *que* a tanto custo os homens se deixão andar naquelle <grande> sertão por Espaço de dous tres¹⁹⁸ ou quatro E muitos annos sem Deos sem mantimentos, nuus como saluagens E soieitos a todas as perseguiçoins E miserias do mundo se metem os homens duzentas trezentas E quinhentas legoas pello certão dentro seruindo ao diabo com tanta curiosidade de martirio por resgatar ou furtar peças como os padres antigos do hermo o fazião por Christo. Jsto são couzas tam notorias E males tam sem remedio *que* como Christão me forçarão a fazer Esta lembransa.

O Pao desta Capitania he o mais E o melhor *que* se sabe E por ser a deradeira deste Estado da banda do norte do qual pao ha nellas grandes matas E por ser a melhor mercadoria deste Estado deu nome a toda a *prouincia* sendo o seu // [f. 4] *proprio* nome terra de santa Crus se chama uulgarmente do Brazil o *qual* he hum pao feo a vista tem a casca grossa E espinhosa a folha do qual quer parecer de Amieiro he de mais importancia *que* o pastel *para* todas as tintas por se darem com elle quasi todas E hum sóo pao dáá sinco de *que* a *primeira* E a segunda são muito Escuras a terceira E quarta são as melhores E assi pella Esperiensia *que* disso se tem se diz *que* são necessarios todos os annos E bastão deste trinta mil quintais *para* a nossa Europa. Das outras Capitancias o pao não dáá mais *que* duas tintas, todo o pao Brazil cortando-se arrebenta E crese deuagar *que* pello menos ha mister mais de vinte annos E ainda não he grosso. Dizem *que* o pao desta Capitania do Parahiba he a mercadoria mais de ley *que* todas as outras por não padecer corrupção do tempo nem de agoa antes a do maar o afina na boca he doce quasi como alquacuus por respeito deste pao tratarão E *procurarão* tanto os francezes permanecer nella. O dito parese *que* basta por hora quanto a Esta Capitania do Paraiba E do Estado em *que* ella E a de Pernambuco E tamaraca estauão com o *que* me passarei a tratar das armadas *que* *para* a conquistar se fizerão E guerras que nella ouue.

¹⁹⁸ Segue-se riscada a palavra *annos*.

Cap. 2. Da Jda do doctor fernão da Silua a Paraiba E Do Gouernador luis de Brito Dalmeida

El rey Dom Sebastião *que* Deos tem informado de todas estas couzas E receozo de os franceses se situarem E fortificarem no rio Paraiba mandou ao *Gouernador luis de brito dalmeida* o fosse uer E ellegesse sitio *para* pouoação E por elle não poder hir. Jndo o doctor fernão da Silua Ouuidor-Geral E *prouedor-mor* da fazenda deste Estado a Pernambuco lho cometeo o qual com todo o poder de gente de péé E de Caualo da dita Capitania E *muitos* indios *que* ainda então auia foi no anno de 74 a ue-llo E Castigar os Indios Petiguares *que* naquelles dias auião assolado hum Engenho *que* hum diogo dias laurador *muito* rico comesaua com grande fabrica no rio Trucunhaem des legoas do Paraiba E como hia tam poderoso corre-os E não lhe ouzarão a Esperar mas refazendo-sse o fizerão voltar pella praia tam depressa *que* não ouue vagar *para* nada, o qual acabados os negocios a *que* foi a Pernambuco se tornou *para* a Baya donde informado o *Gouernador luis de Brito dalmeida* do *que* passaua E da importansia do negocio comformando-sse com a ordem *que* tinha del rey se resolueo E determinou de hir em pessoa conquistar E pouoar o Parayba *para* o qual Efeito na Cidade de Baya mandou aperce // [f. 4v] ber hũa armada de doze vellas com toda a gente *que* pode aiuntar leuando toda a nobresa da Cidade officiaes da Justiça E fazenda com todos os petrechos E mantimentos necesarios em fim com o móór aparato de Capitaens E soldados E recado das mais couzas *que* lhe a Elle foi possiuel aiuntar. Partio no mes de Setembro de 1575. E com tempos contrarios a cabo de alguns dias andar Espancando o mar tornou a aribar a Baya com alguns nauios E Bernardo pimintel dalmeida seu sobrinho *que* hia por Capitão-moor do mar com outro nauio seguiu avante E fez viagem E foi a Pernambuco donde pello tio não hir se tornou a Bahia onde o achou Enfadado E cansado da arribada E todos os homens com suas matalotagens gastadas E gastado *muito* Cabedal *que* da fazenda del rey nosso *senhor* se meteo na armada *que* se affirma foi de muitos mil cruzados, desfeita em ar sem mais lembransa do Paraiba, *que* não cauzou pouca admirasão por o geral conhesimento *que* Em toda a parte se tinha da importancia desta Empreza E mais pello fruto *que* della se Esperaua como das outras E *muitos* bens *que* pouoada se logo seguirão a de Pernambuco E tamaraca.

Depois vindo o *Gouernador lourenco* da Veiga no anno de 78. E querendo proseguir Esta Empresa, Mandando ao Ouvidor-Geral Cosmo Rangel de Macedo¹⁹⁹ E Chrisptouão de barros prouedor-mor lha Encomendou E porque no tempo que nelle Esteue ouue muitos rebates de Petiguares de todo fizerão recolher os moradores a Ilha de tamaraca aVisando-o sempre E procurando fazer iornada mas não ouue effeito E parese que nosso *senhor* a tinha guardada para o tempo em o qual auia de auer quem a procurasse de toda a força E corasão E se concluisse E Escusasse o muito cabedal E excessiuos gastos que os officiais da fazenda de S. Magestade nesta Empreza sempre fizerão E dauão em despeza E seguirão para ostentação de seus intentos mais que para ella alcançar E conseguir effeito E com isto passemos ao tempo del rey dom Henrique.

Cap 3º Como fructuoso²⁰⁰ Barbosa foi Encarragado Da Paraiba

El rey Dom Henrique que Deos tem em gloria mouido dos Clamores que destas Capitancias lhe fazião E do damno que fortificados os francezes com tanta multidão de gente Petiguar encarniçados com tantas mortes podião fazer a instancia de hũ fructuoso Barbosa que auia hido de Pernambuco que por auer ia no paraiba carregado nauios de pao por algũas uezes no tempo das pazes que lhe os Petiguares // [f. 5] fizerão E por ter conhecimento da terra E delles E ter praça E muitas palauras o Encarregou da conquista E pouoação do Paraiba por contrato que fez em sua fazenda dando-lhe para isso as prouizoens necessarias, naos E mantimentos E conquistando E pouoando o Paraiba a Capitania delle por dez annos. Chegou fructuoso Barboza a Pernambuco creio no anno de 79 em hum fermozo galião E hũa Zaura E outros dous nauios com muita gente Portugueza assi soldados como pouoadores cazados com muitos resgates, municoens E petrechos E couzas do almazem necessarias assi a Conquista como a pouoação que logo auia de fazer E trazendo hum Vigairo a quem El rey daua 400 cruzados de Ordenado E religiosos de S. francisco E de S. bento com toda a ordem E recado necessario (como digo). a Empresa que a fazenda del rey deuia de montar muito²⁰¹ com o que uendo-se²⁰²

¹⁹⁹ BNP [f. 12v]: não consta o nome do ouvidor-geral Cosme Rangel de Macedo.

BPE [f. 10v]: lê-se *e querendo proseguir esta empresa mandando ao ouvidor geral christouão de Barros prouedor mór lha emComendou Cuyo era Cosme rangel de macedo [...]*.

²⁰⁰ BPE [f. 11] lê-se *Furtuoso*, grafia predominante nesta variante.

²⁰¹ BNP [f. 13v]: lê-se *hũ muy grande pedaço*.

BPE [f. 11v]: lê-se *hum mui grande pedasso*.

²⁰² BNP [f. 13]: segue-se a palavra *infuriado*.

BPE [f. 11v]: segue-se *emfunado*.

cheo de senhoria E subido a tal Estado se vazou todo por ali Esquecendo-sse da obrigação *que* trazia em .7. ou .8. dias *que* Esteue surto sobre Pernambuco sem desembarcar nem tratar o negocio lhe deu hum tempo com *que* arribou a Indias na qual arribada lhe morreu a molher²⁰³ donde tornado ao Reyno partio delle no anno de .82. por mandado del rey Dom Phelipe nosso *Senhor*²⁰⁴ E²⁰⁵ chegando a²⁰⁶ Pernambuco se consertou com os da Villa de Olinda *que* he a cabeça da Capitania de Pernambuco como pode. *que* não deseiaão outra couza ordenando-sse com o licenciado Simão rodriguez Cardoso Capitão E ouuidor de Pernambuco fosse por terra com a gente delle E elle com a gente *que* trazia E outra muita da mesma Capitania *que* por seruiço del rey se lhe aiuntou por mar chegando a boca da barra do Paraíba com a armada *que* trouxe E alguns Caraueloens destas duas Capitancias Tamaraca E Pernambuco Entrarão pello rio acima por terem auizo *que* sete ou .8. naos francezas *que* la Estauão surtas Estauão bem descuidadas E uaradas Em terra E a mor parte da gente nella E os Indios metidos pello sertão a fazer pao *para* a carga dellas E dando de subito sobre ellas queimarão sinco Esbulhando-as *primeiro que* foi hum honrado feito E as outras fogirão com quasi toda a gente, Descuidados os nossos com Esta Victoria *que* lhes nosso *Senhor* deu a tam pouco custo E nenhum sangue saindo alguns delles em terra com hum *filho* de fructuoso Barbosa E alguns seus parentes e soldados Espanhois arrebetou o gentio de hũa cillada em *que* Estaua E dando nelles os forão matando ate a praia onde se elles hião recolhendo *para* os bateis sem delles nem das naos *que* tudo Era a tiro de arco os socorrerem *que* foi couza lastimoza ver matar mais de 40 homens Portuguezes em *que* entrou o *filho* do Capitão E alguns Espanhoes nobres por hũa desordem // [f. 5v] tamanha E com a mesma furia ouuerão os immigos de tomar a Zaura em *que* hia Gergorio Lopes de Abreu por capitão *que* no dia dantes Entrara diante E o fizera muito bem por ficar na ponta da Ilha quasi em seco E a se não defender Esforçadamente sempre os Indios com alguns francezes o tomarão as mãos E acabarão todos. O Capitão fructuoso barboza ficou tam cortado E receoso deste successo *que* se leuantou com toda a armada e foi surgir na boca da barra por se não ter por seguro dentro Esperando a gente *que* hia por terra E Estando *para* dar a vella por uer *que* tardaua chegou o

²⁰³ BNP [f. 13v]: segue-se: *sem ter accordo (por nam dizer outra cousa pera Entrar no parahiba).*

BPE [f. 11v]: segue-se *sem ter aCordo (por não dizer outra cousa para entrar no parahuba).*

²⁰⁴ BNP [f. 13v]: segue-se: *ja com menos arrogancia.*

BPE [f. 12]: segue-se *ja com menos arrogancia.*

²⁰⁵ BNP [f. 13v] e BPE [f. 12]: lê-se *porque.*

²⁰⁶ BNP [f. 13v] e BPPE [f. 12]: segue-se *porto de pernambuco.*

Na variante da BPE, a grafia predomente de Pernambuco é *pernanbучo*.

Licenciado Simão rodriguez (que a ser mais sedo não ouuera o destroço que ouue) com duzentos homens de péé E de Caualo E muito gentio (porque assi o fazião sempre). passando o rio por cima E indo ao longo delle buscar a barra da banda do norte. O qual no Caminho da Varzea do Parahiba teue hum bom recontro com os Petiguares que auizados de sua ida os forão Esperar E meterão Em reuolta E pressa se o nosso gentio ajudado da gente lhe não tiuera aquelle primeiro impeto, mas os Petiguares fauoresidos da²⁰⁷ Victoria passada se metião tanto que vinhão a braços com os nossos que tornando sobre elles os desbaratarão de todo matando hum bom golpe delles E assi chegarão a barra do rio da banda do norte com Esta Victoria com que consolarão os da armada. E animados huns com os outros E tratados em sete ou oito dias que ahi Estiuerão os meios de se fortificarem E pouoarem da banda do norte, porque pareseo imposiuel da banda do sul no Cabedelo por ser mao o sitio E não ter agoa E feita experiensia em algũa que se abrio na praia E tudo muito praticado E não sei como feito pellos inconuenientes E impossibilidades que a tudo achaua fructuoso barboza fugirão a maior pressa²⁰⁸ que o medo a cada hum Ensinou por uerem da banda dalem iunto muito gentio petiguar. Mandando dali o Galião com auizo a S. Magestade do que passaua desesperado ia fructuoso barboza de tudo²⁰⁹ se ueo lograr hum nouo cazamento que a sombra da gouernansa de Caminho em Pernambuco auia conseguido cortado das perdas da outra molher E filhos que nesta Iornada auia perdido E infortunios que pello Parahiba auia padecido E assi ficou tudo como dantes²¹⁰ E os immigos mais soberbos E estas capitancias peor que nunca E a de Tamaraca de todo desesperada E para se despouoar soo detinha alguns poucos na Ilha²¹¹ as Esperansas que lhe deixou hum Antonio rapozo que sabendo ser chegado nouo Gouernador mandarão a Baya por procurador²¹² a pedir socorro ao Gouernador Manoel telles barretto com grandes requirimentos e protestaçoins²¹³ de emcampaçoens assi tamaraca como de Pernambuco no Outubro de 83 andando-sse isso ia traçando por ordem // [f. 6] do general diogo flores de Valdes do qual he bem que se déé conta E como veio ter a Baya E partes do Brazil.

²⁰⁷ Corrigido de *das* para *da*.

²⁰⁸ BNP [f. 15v] lê-se *preço*.

²⁰⁹ BNP [f. 15v] e BPE [f. 13v]: *de suas uajdades*

²¹⁰ BNP [f. 15v] e BPE [f. 13v]: *ambos em calma*.

²¹¹ BNP [f. 15v] e BPE [f. 13v]: não há expressão na *ilha*.

²¹² BNP [f. 15v] e BPE [f. 13v]: lê-se *que por procurador mandaram a baya a pedir socorro*.

²¹³ BNP [f. 15v] e BPE [f. 13v]: lê-se *protestos*.

Cap. 4º Como Chegando Diogo flores a Bahia se ordenou hir²¹⁴ Ao Paraiba

No principio do mes de Julho do anno 1583. chegou a Cidade do Saluador Bahia de todos os santos Metropoli deste Estado do Brazil com oito naos Diogo flores de Valdes resto da armada das Vinte E tantas de *que* El rey nosso *Senhor* o mandou por General conquistar E pouoar o Estreito de Magalhains donde vinha de arribada auendo deixado no rio de Janeiro Diogo de la ribeira seu almirante ao qual da Bahia se mandou fornecimento de algũas couzas para proseguimento da Iornada como com effeito fez e leuando *pero* sarmiento de Gamboa *que* por S. Magestade vinha *prouido* da Capitania E gouernansa do Estreito de Magalhains onde o deixou E por o general diogo flores trazer muito encarregado ajudasse por todas as uias a conquista E pouoação do Paraiba tanto *que* chegou tratou logo *prouer*-sse isso como conuinha E assi se asentou se fizesse E se lhe mandarão aprestar²¹⁵ os mantimentos necessarios para *que* *prouida* a armada em fazendo tempo se partir para a Capitania de Pernambuco, mas comouido²¹⁶ de tantas exclamasoens como aquellas duas Capitancias fazião se resolueo partir e logo ainda *que* contra moução no Janeiro *que* vinha de oitenta E quatro. Daqui por diante como *testemunha* de vista por cumprir com a obediensia serei mais largo nesta relasão para a qual ouuera mister noua lingoa E outra copia para dizer os muitos trabalhos E variedades com *que* *se* *procedeo* nas couzas desta Empreza do Parahiba depois *que* o General Diogo flores a comesou com os trabalhos E ajuda do Ouuidor-Geral Martim leitão *que* Deos parece para isso trouxe a terra com as ajudas *que* lhe sempre dos moradores *procurou* E grandes diligensias E estranhas industrias *que* para isso buscou E assi comesarei deste principio Em *que* se assentou em conselho Geral na Cidade da Baya Em caza do *Gouernador* Manoel telles barreto fosse o General diogo flores de Valdes²¹⁷ E em sua Companhia o *Licenciado* Martim leitão Ouuidor-Geral de todo Este Estado do Brazil com todos os poderes bastantes para Efeito da conquista E pouoação do Paraiba ainda *que* depois disso por particular ordem do *Gouernador* Manoel telles foi por *prouedor* // [f. 6v] da fazenda e mantimentos da armada do Paraiba E do mesmo Paraiba Martim Carualho morador na Baya *que* fora melhor por todas as uias não ter la

²¹⁴ BNP [f.16] e [f. 13v]: lê-se *uir* ào *paraiba*.

²¹⁵ BNP [f. 16v] BPE [f. 14]: lê-se *apresentar*.

²¹⁶ BNP [f. 16v] e BPE [f. 14]: lê-se *mouido*.

²¹⁷ BNP [f.17] e BPE [f. 14v]: lê-se, apenas, *Diogo flores*.

ido²¹⁸, porque como nas couzas o zello do seruiço de *deos* E do Rey não uai diante não ha *que* tratar dellas. Partio o General diogo flores de Valdes E o Ouuidor-Geral Martim leitão da Cidade do Saluador Baya de todos os santos *para* o Paraiba ao *primeiro* dia do mes de Março do anno de .1584. com hũa armada de noue naos sete suas E duas portuguezas E por maos auia²¹⁹mentos não partirão mais cedo Chegarão a Pernambuco a vinte do mesmo E nesse *proprio* dia desembarcou o Ouuidor-Geral ficando de fora toda a armada E aos vinte E hum fez iuntar em Camara Dom philipe de Moura Capitão E logotente da Capitania de Pernambuco por Jorge de albuquerque com os *que* se então acharão e assentar a Jornada E chamar todos pello termo por si E com rogos *para* aos vinte E quatro se iuntarem no arrecife E se dar presa E ordem a tudo como se fez *que* foi vespóra de ramos. Em *que* se também achou Dom Antonio barreiros Bispo deste Estado *que* auia hido na armada a vizitar a Capitania de Pernambuco E Tamaraca E ahi Estaua pouzado com o *prouedor* Martim Carualho E ficou assentado se aprestasse tudo *para* domingo da Pascoela partirem por terra D. phelipe de moura por cabeça com a gente *que* o Ouuidor-Geral auia de fazer E auia dahi E tamaraca E ordenar tudo como logo comesou a mostrar rogando naquella somana hum E hum E compondo-lhe suas couzas todas com *que* se auia²¹⁹ão *muita* parte dos moradores *que* aiuntou em Jgaruçu *que* he hũa villa sinco legoas da de Olinda no dia assinado donde obrigando hir a D. Phelipe *que* arrependido receaua de hir lhe iuntou os da Ilha no Engenho de Phelipe Caualgante²¹⁹ ate onde Martim leitão acompanhou o arraial. *que* bem guiado se tornou a lhe auia²¹⁹ mais gente E naquelles dous ou tres dias fez alguns 40. homens com *muita* diligensia E trabalho *que* Entregues a hum aluaro Bastardo lhos enuiuou E se iuntarão com elle Perto do rio Paraiba aonde tiuerão hum recontro com os petiguares E assi passarão o rio por cima por onde as outras uezes E passados a banda do norte por elle abaixo forão demandar a barra aonde acharão diogo flores *que* ahi achou surtas E uaradas Em terra sinco naos de francezes *que* ia tinha queimadas E hũa lhe fogio aonde da terra ao subir *para* hũa nao lhe derão hũa frechada nos peitos *que* lhe não fez noio pellas boas armas *que* trazia E assi iuntos todos se *procedeo* na forma *seguinte*. // [f. 7] Porque o principal *que* se pretendia E o verdadeiro effeito Era pouoar-se a terra chegado E aloiado o arrayal sahio em terra Diogo flores E em conselho assentarão fazer-se hum forte *para* *que* a sua sombra se pouoasse a terra E assentou-se mais a forma E ordem *que* se teria

²¹⁸ BNP [f.17]: segue-se (*que tam aueso foy sempre en todas suas elejções Manoel telles*).

BPE [f. 14]: segue-se (*que tão aUeso foy sempre em todas as suas eLeysoens Manoel Telles*).

²¹⁹ O copista alterna a grafia do sobrenome entre Cavalganti e Cavalcante/ti.

no situar delle E gente *que* nelle auia de rezidir *para* o qual nomeou. o general por alcaide E Capitão de Infantria *francisco* castreion o de mais confiansa *que* trazia com ii0 soldados Espanhois todos arcabuzeiros *mu*ito boa gente dos portuguezes mamelucos E outra gente miuda mais de sincoenta os quais *porque* auião mister cabeça quizera fructuoso barboza *que* o declarara²²⁰ o General por Capitão E *Gouernador* conforme as *prouizoens que* lhe apresentou mas o ue-llo hir na armada como pessoa priuada com pouca conta E respeito E por outras rezoins *que* lhe pareserão E suas *prouizoens* dizerem *que* El rey o fazia Capitão quando elle a conquistasse o *que* elle não fizera lhas não guardou remetendo ao Exercito Portugues Elegessem cabeça *para* os Portuguezes *que* tratado o negocio por a maior parte dos moradores²²¹ de Pernambuco serem vianeses donde Elle he E parecer fiarem o negocio daquelle a quem S. Magestade o Encomendara o Elegerão E declararão por Capitão dos portuguezes E *gouernador* da pouoação quando se fizesse ate S. Magestade *prouer* *porque* por ora todos auião de Estar no forte *que* tanto *que* se ellegeo sitio se traçou E comesou do *que francisco* de castreion ficou por alcaide E Capitão E delle deu omenagem ao General Diogo flores de Valdez²²². Se fez a vella Caminho de Espanha onde chegou a saluamento no forte trabalhou toda a gente do Exersito E gentio ate se acabar *que* foi no fim de Mayo o qual forte se plantou hũa legoa da barra da parte do norte defronte da ponta da Ilha lugar *que* por ser baixo E de roim agoa a *mu*itos não pareseo bem mas foi forçado por não fugir a gente com o largo rio *que* lhes ficaua em meio E atrauessar por sima por o sertam ser perigozo E *mu*ito comprido por Este²²³ E outros respeitos por sima de todos os incouenientes se acabou E situou aly ficando-lhe de presidio E guarnição perto de cento E setenta homens E alguns de caualo.

Cap. 5º Do Salto²²⁴ *que* fez o capitão Simão falcão E fugida dos nossos

²²⁰ BPE [f. 16]: segue-se o *gouernador digo general*. Um erro de atenção do copista desta variante.

²²¹ BPE [f. 16v]: lê-se *mercadores*.

²²² BNP [f. 19V]: segue-se e se lhe pos o nome de S. phillippe e S. Tiago no dia dos quaes apostolos *que* he o *prjmeiro de Majo Diogo flores de Valdes*.

BPE [f. 16v]: segue-se e se lhe pos o nome de São Phelippe e São Thiago bo dia dos quais Apostollos *que* he o *primeiro de Mayo Diogo de flores de Valdes*.

²²³ Corrigido de *Estes* para *este*.

²²⁴ BNP [f. 20] e BPE [f. 17]: não há a expressão *que* fez.

O nosso Exercito Portugues por uer *que* sua Estada ali ia não era de²²⁵ Efeito se partio leuando a via do certam Em busca do gentio immigo, Onde o Capitão Simão falcão Emquanto asistirão na obra do forte Espiada hũa aldea a salteou // [f.7v] Em hũa madrugada com boa mão E felecidade matando algũa gente E captiuando quatro peças²²⁶ com cuia lingua foi o Exersito pello mesmo rumo buscar os imigos ate hũa campina *que* se agora chama das ostras .3. legoas do forte aonde se aloiou o ar<r>ayal E por ser a festa do Spirito Santo E a gente ser dada a folgar se puzerão a festeiar com desmariado descuido o dia E octauas auendo sinco dias *que* ali mal Estauão, E dezia dom Phelipe por descarga desta desordem *que* Esperaua seu sogro Phelipe caualgante *que* não andou bem Em ficar no forte com achaque de uir ter com elles pello rio asima. Hũa tarde ouuindo hũa trombeta E outro rumor assentarão se fosse descobrir o campo por auer *muito* *que* ali Estauão sem ordem E hindo assi ate dez de Cauallo E alguns 40 de péé com hũa quantidade de Jndios a ordem de hum Antonio leitão derão em hũa sillada menos tres tiros de Espingarda <donde>²²⁷ os comesarão a sacudir de maneira *que* os desbaratarão de todo matando o Capitão E mais de 30 pessoas E *muitos* Jndios E foi o desbarate tamanho E nossa desordem *que* atéé a vista do ar<r>ayal os vierão matando sem auer acordo *para* lhes acudirem antes se pos todo em tamanha confusão *que* se os poucos²²⁸ imigos *que* ali estauão o cometerão o desbaratarão *que* todos andauão pasmados²²⁹ como foi noite com dobrada desordem se deitarão a hum alagadiso *que* Estaua iunto por onde auião de tornar *para* o forte E sendo elle de mais de tiro de Espingarda *que* em partes soruia lanços com pouco Entulho *que* quando por elle passarão lhe tinham deitado E com asas do medo *que* leuauão passarão huns por sima dos outros como se fora por hũa mui boa ponte *que* foi couza milagroza²³⁰ *para* quem²³¹ sabe Estes passos. Com Este medo forão todos bater as portas do forte aonde o alcaide Enfadadado de os uer tais os teue atéé alto día a chuiua sem lhes querer mandar abrir *que* foi leue castigo *para* o *que* meresião. Passado aquelle dia *que* todo o alcaide E gente *que* ficarão no forte gastarão em os persuadir tornassem em busca dos immigos

²²⁵ Segue-se riscada a palavra *proueito*.

²²⁶ BNP [f. 20v]: lê-se *pesoas*.

²²⁷ BNP [f. 20v]: lê-se *que*.

²²⁸ BPE [f. 17v]: lê-se *pouos*.

²²⁹ BNP [f. 21]: segue-se *a froxidam do capitam D. phillippe*.

BPE [f. 17v]: segue-se *a frouxidão do capitão D. Phelippe*.

²³⁰ Seguem-se duas letras riscadas, provavelmente *po*.

BNP [f.21] e BPE [f. 18]: há inserção textual, *ou milagre de medo*.

²³¹ BPE [f. 18]: lê-se *não*. A palavra está na margem esquerda, escrita pela mesma mão que copiou o códice.

com mais sincoenta arcabuzeiros Hespanhoes *que* lhe o alcaide daua dos do pesidio tais Estauão *que* nem com isso nem com se acharem ainda alguns 90 homens de Caualo E mais de 140 de pé *que* quasi fazião trezentos *que* Era o mais Exersito *que* ate aqueles tempos se iuntou no Brazil se quizerão nunca abalar senão voltar *para* caza com deixarem mais de 400 Indios dos nossos mortos E mais de sincoenta homens brancos, *que* foi a maior perda *que* Estas Capitanias ate hoie²³² receberão *porque* quasi²³³ tudo Erão Escrauos afora mais de cento de guine E assim ao maior fugir E sem nenhũa ordem se uierão todos passando o rio defronte do forte Em barcos com bem de trabalho por ser força do inuerno *que* os tratou mal todo o Caminho aonde tam // [f. 8] bem morrerão muitos caualllos E gentio a mingoa por nenhuns se aguardarem huns aos outros E tais chegarão a Pernambuco de todo desbaratados no mes de Junho.

Cap. 6º Do primeiro Socorro que por deligencia E industria Do Ouvidor-Geral se mandou a Paraiba

Chegados desta maneira a Pernambuco logo naquelle mes comesarão os requerimentos do alcaide do forte E fructuoso Barbosa por ficarem faltos de mantimentos (E Esta foi a maior *que* o nosso Exersito padeseo tudo por desordens das cabeças, *que* auendo farinhas a repartirão mal E por ficarem os imigos victoriosos molestauão de contino o forte *porque* Esta nação de gentio victorioso não ha quem a sofra *porque* são Esforçados de sua pessoa mais *que* todos os outros E tam ouzados *que* não temem morrer, *porque* tudo entre elles he openião de valentes E sóo os detinha não leuarem a fortaleza nas vnhas a furia da artelharia *que* cruamente achando-os em descuberto os despedaçaua, a cuia sombra o alcayde francisco de castreion em algũas Escaramuças *que* com elles teue lhes mostrou o valor de sua pessoa E dos hespanhois E dalguns portuguezes apezar do seu capitão fructuoso barbosa *que* não tinha pasiensia com Estas Escaramusas E com requerimentos²³⁴ as Estrouaua quanto podia de dentro de sua caza *que* tinha no meio do forte²³⁵, E assi Encontrados elle E o alcaide nos humores tudo Erão brigas E máás

²³² BNP [f. 21v]: lê-se *ate ora*.

BPE [f. 18]: lê-se *ate agora*.

²³³ BNP [f. 21v]: a palavra *quasi* está riscada.

²³⁴ BNP [f. 22v] e BPE [f. 19]: segue-se de modo.

²³⁵ BNP [f. 22v]: lê-se *de sua casa que tinha no forte no mejo delle*.

BPE [f. 19]: lê-se *de sua caza que tinha no forte no meyo delle*.

palauras no *que* asaz soffreo fructuoso barbosa²³⁶ E nisso E sua paciencia bem padeseo E assim comendo²³⁷ huns E os outros a fraca razão *que* auia do Rey ao som das brigas domesticas E das dos Jmmigos *que* todas as somanas corrião passarão aquelles mezes de Junho E Julho sempre com *muitas* papeladas huns dos outros E requerimentos de socorro ao Ouuidor-Geral *que* como encarregado para isso do *Gouernador* E general diogo flores E conhesido por mais zeloso do seruiço del rey tudo batia nelle atéé os mantimentos *que* auia de dar martim Carualho *que* parese por particular influencia comesou logo a correr pezadamente neste negocio do Paraiba E a essa conta se comesarão desauenças Entre elle E o ouuidor-Geral, o *qual* como frageiro E impaciente dos vagares de Martim Carualho bramia E metia os officiais da camara nisso por pairar com o Bispo comrade E grande amigo do <prouedor> martim Carualho por quanto o mesmo Bispo fizera com o *gouernador* manolo telles *que* o mandasse com aquelle cargo com o *que* ficou a villa quasi diuidida. O Ouuidor-Geral com a camara *que* sobre isso os apertaua continuo com requerimentos para os Espertarem, E as uezes nada²³⁸ bastaua seria infinito E enfadonho contar aqui as particularidades *que* nisto passarão basta *que* nem algum pouco *prouimento* se deu // [f. 8v] senão a força de grandes requerimentos E feros *que* ainda as vezes nisso metia o Ouuidor-Geral²³⁹ E buscar *quem* os leuasse ao Paraiba por ser mui vagaroso o modo com *que* Martim Carualho tudo detinha E empachaua E quanto elle com Estes Estoruos E desuios mais declaraua sua tenção tanto mais o Ouuidor-Geral com todas as superabundancias por outra uia se mostraua zeloso E deligente *que* Em verdade foi demasada afeição a *que* nestas materias teue E ao diante *muito* mais mostrou mas por atalhar E euitar odios²⁴⁰ E não descubrir faltas passo breuemente por Estas couzas. No agosto logo seguinte *que* do forte cresião os requerimentos apertados da guerra E fome *que* ate os Cauales tinham comido mandou Martim leitão por mar 24 homens brancos a carregio de hum nicolao nunes com alguns mantimentos *que* no nauio mandou o *prouedor* comtudo uendo-se o alcaide francisco de castreion *muito* perseguido dos continuos rebates dos Jndios E tanto descuido do *prouedor* se ueio Em setembro a Olinda aonde achou *pero* sarmiento de Gamboa *gouernador* do Estreito de Magalhaens *que* Martim leitão tinha agazalhado chegando ali

²³⁶ BNP [f. 22v]: segue-se *E ja que nam tinha en que ao menos*.

BPE [f. 19]: segue-se *e ja que não tinha em que ao menos*.

²³⁷ BPE [f. 19]: lê-se *commedo*.

²³⁸ BNP [f. 23v]: lê-se *nada o bastava*.

²³⁹ BPE [f. 19v-20]: o trecho *E buscar quem os leuasse ao Paraiba por ser mui vagaroso o modo com que Martim Carualho tudo detinha E empachaua E quanto elle com Estes Estoruos E desuios mais declaraua sua tenção tanto mais o Ouuidor-Geral* está ausente nesta variante.

²⁴⁰ Palavra manchada.

destroçado E ambos por sua uia pedião mantimentos *que* o Sarmiento ouue pella do Ouuidor-Geral E se foi mas *para* o alcaide tam devagar se auiaão *que* andaua impaciente. Pelo *que* achando-sse hum dia alem de outros muitos em caza de Martim Carualho com os Juizes E officiais da camara²⁴¹ a protestar-lhe mantimentos em presença do Bispo vierão a *muito* roins palauras a as quais algũa gente de caza arrancou com os soldados do alcaide em çima onde todos Estauão E baralhada asi a caza sahirão a rua com grande briga *que* se ordenou de *muita* gente por²⁴² aos officiais da Camara acodir toda a villa E assi a volta acodiu o Ouuidor-Geral de sua caza E os apasiguou como pode ficando disso Martim Carualho *muito* peor. por isto se tornou o Alcaide *para* o Paraiba em o mez de Outubro mal *prouido* E com claras mostras de o ser cada uez peor pello odio em *que* com elle e ficaua o Bispo E *prouedor* mas consolaua-sse Esperando *proueria* S. Magestade atéé Janeiro com *que* cessarião seus trabalhos.

Cap. 7º Do²⁴³ Segundo Socorro que se mandou a Paraiba E destruição das naos francesas

No nouembro *seguinte* Entrarão duas naos francesas no rio Paraiba E reconhesendo o forte E hũa grande nao portugueza com dous pataxos *que* lhe diogo flores deixara se sahirão E forão surgir tres legoas abaixo da boca da Baya da Treição e comesando trato com os Petiguares de *que* sempre forão amigos Vierão correr o forte trazendo alguns berços a *que* e grandemente apertarão com grandes cauas *que* Em uoltas fazião // [f. 9] pellos não pescar a artelharia com as quais cubertas E outros ardis como praticos nas nossas guerras E ordem E ajuda dos francezes poserão o alcaide em termos de desesperar de poder defender-se E logo disso auisou o Ouuidor-geral com grandes requerimentos assi seus como de fructuoso Barbosa asinados por hespanhois e Portugueses. O Ouuidor no *proprio* dia *que* lhos derão se foi dormir ao arrecife *que* he o porto de Pernambuco hũa legoa da Villa aonde aprestou hum nauio de setenta toneladas a sua custa com artilharia municoins E mantimentos E quorenta E tantos homens brancos escolhidos todos E de opinião E os mais delles de sua obrigação *que* todos folgarão de hir a seu rogo E .60. indios dos nosso de paz. E em dous²⁴⁴ dias²⁴⁵ andando

²⁴¹ BNP [f.24] e BPE [f. 21]: lê-se *comarca*.

²⁴² BNP [f. 24v] e BPE [f. 21]: segue-se *os do Bispo uirem chamando a que da Igreja*.

²⁴³ BNP [f. 24v] e BPE [f. 21]: lê-se *O*.

²⁴⁴ BNP [f. 25v] lê-se *quatro*.

²⁴⁵ Segue-se riscado: *por andar doente*

em hũa rede por andar doente os deitou pella barra fora *que* foi grande deligencia E este nauio com a Galéé de *pero* lopes Capitão da Ilha tamaraca *que* tambien iuntamente o Ouuidor-Geral forneceo em *que* o mesmo *pero* lopes foi por capitão com quinze ou vinte homens E alguns indios se iuntou no Paraiba onde forão recebidos E estimados como a *propia* vida E saluação. Os franceses vendo o socorro, os quais pello *muíto* tirar *que* do nauio lhe fazião lhe chamarão botafogo se recolherão a suas naos E assi dada ordem E consultado o cazo O alcaide com os Capitains do socoro *que* do nauio Era hum *gaspar* dias de morais soldado antigo de frandes *que* a rogo do Ouuidor-geral aceitou se-lo assentarão ficasse *pero* lopes Capitão da gale no forte por respeito do *muíto* gentio, *que* dezião pasar de dez mil os *que* o tinham sercado com suas cauas E trincheiras E *que* o alcaide na sua gale E nao *que* la tinham E a do socorro fossem buscar os francezes a *que* tomarão o mar E uarados em terra lhe queimarão as naos E matarão alguns *que* foi hum honrrado feito por serem as naos grandes E estarem auizados E com isso voltando a gale E nauio o *que* a Nao por ser *muíto* grande não pode fazer lhe foi forçado arribar as antilhas E nella foi a maior parte da artelharia *que* aqui tomarão Chegados o nauio E gale ao forte desembarcando de supito E com a gente de dentro derão nos imigos com tanto impeto *que* lhe ganharão as suas Estancias matando *muítos* com *que* se afastarão bem longe E os nossos cobrarão a agoa *que* lhes tinham tomado. Os immigos com isto // [f. 9v] desesperados se forão de todo E assi ficando os do forte mais largos *que* nunca, E todos *muíto* contentes com grandes lououres do Ouuidor-Geral Martim leitão se tornarão a Pernambuco a lhe dar rezão de tudo E²⁴⁶ receber os parabens da Jornada *que* certo foi de *muíto* effeito *para* desengano dos francezes E entenderem *que* nem na Baya da treicão auião de ter colheita como *porque* se tinham te Este tempo por impossivel²⁴⁷ os nauios *que* de cá do sul fosem a Paraiba tornarem a Pernambuco sem arribarem as Indias por a costa hir ia *muíto* voltando E não se poder uir della senão com nortes E nordestes pello menos com *que* tambien os Petiguares se desenganarão de poderem ter comersio com os franceses lançados do Paraiba E com esta magoa E desejo de vingança ordenarão o *que* ao diante se sege.

²⁴⁶ Segue-se riscado: *lhe dar*.

²⁴⁷ Segue-se letra rasurada.

Cap. 8^o De²⁴⁸ Como o Ouvidor-Geral Martim leitão foi a²⁴⁹ Paraiba a Primeira Vez

No fim do Janeiro de 85 auizou o alcaide ao Ouvidor-geral E camara se iuntara mais gentio *que* nunca E tinha feito tres sercas muito fortes ao longo do forte a tiro de pedreiro de pees da palmeiras *que* por Estopentas E grossas de *que* naquellas partes ha muitas os defendia da artelharia E todas as noites os hião chegando E ganhando terra pella qual cauza Estaua muito receoso *que* por aquella uia com as *propias* cercuas os uerião abarbando ate se abraçarem E igualarem com o forte sem se poderem valer da artelharia nem as mãos se poderião defender por no forte auer muitas doenças por respeito do roim sitio, agoa, fomes com *que* muita gente principalmente dos hespanhois a *que* nos tempos passados lhe era morta E assi Estaua em muito perigo E se perderia sem falta indo os imiguos auante. Aos .8. de feureiro dobrou com maiores requerimentos E emcampaçoins de logo despeiarem todos, como sem falta por particulares auizos de la se soube ate terem o melhor Embarcado Em hũa nao *que* la tinhão por respeito da qual noua toda a villa E Capitancias se meterão em grande reuolta E muito mais com se saber Esta determinação dos do forte do Paraiba E por iuntamente ser chegado em socor<r>o aos Petiguares o famoso (entre o gentio) braço de peixe. logo o Ouvidor-Geral em lhe dando os requerimentos os mandou ao Capitão Dom Phelippe *que* por Estas diligencias do Ouvidor Estaua ia liado com Martim Carualho, ao qual tambem se leuarão outros sobre mantimentos vindo a isso o tenedor delles do forte E com os da guerra ao Ouvidor-Geral E camara, o tenente no *que* instando todos concordarão iuntamente o Bispo, Capitão Dom Phelippe. O prouedor Martim Carualho // [f. 10] E Camara com todos os da gouernansa E mais pouo requererem ao Ouvidor-Geral Martim Leitão²⁵⁰ fosse dar hũa boa guerra E socorro ao forte como fizerão por escripto de *que* se fizerão autos *que* tam cortados Estauão todos de medo *que* sem elle ninguem la ousaria de hir E com elle todos. com Estas E outras muitas rezoins E importancia do cazo *que* não sofria dilação E elle o aceitou a i4 de feureiro com determinação de partir dentro nelle no *que* se comesou em toda a parte por incrediuel presteza E diligencia *que* hera couza notauel ver a vontade com *que* se todos bons E

²⁴⁸ BNP [f. 26v] e BPE [f. 21v]: leia-se *Em*.

²⁴⁹ BNP [f. 26v] e BPE [f. 21v]: leia-se *ao*.

²⁵⁰ BPE [f. 23v]: o trecho entre *fosse dar hũa boa guerra* e *aqui era infinita a deligencia de Martim Leitão* está ausente nesta variante. As frases desta nota foram sublinhadas para facilitar o discernimento do leitor.

maos sabendo *que* Martim leitão hia se aprestauão tendo ia la todos hidos tantas uezes com roim sucesso. E a não auer no porto passante de 30 nauios com innumeraueis mantimentos *que* nunca em nenhũ tempo tantos ouue não fora possiuel auiaem-se E quando forão não forão com tanta breuidade. Aqui Era infinita a deligencia de Martim leitão em particularmente Escreuer a todos *muitas* cartas conuidando-os com rezoins a *que* ninguem pode fugir *para* a Jornada E auindo a *muitos* *porque* como no Brazil tudo he fiado E a maior parte dos nossos²⁵¹ nestas couzas *querem* superabundancias a *que* os mercadores ia não acodião era forçado faze-llos elle *prouer* E auiar huns E outros E era infinito isto E ordenar o necessario fez tambem duas capitancias *para* sua guarda *que* despois mandou na vanguarda pella confiansa *que* nellas tinha por ser tudo gente solta E *muitos* mamelucos E *filhos* da terra *porque* Estes nisto são de mais effeito²⁵² E a Estas duas companhias deu sempre a sua custa de comer E todo o mais necessario, E proueo de armas, ainda *que* nos requerimentos *que* lhe fizerão *para* elle auer de hir dizia o prouedor Martim Carualho *que* fosse *que* elle o *proueria* a custa da fazenda de S. Magestade. Alem dos dous Capitains da guarda *que* hum era Gaspar dias de Moraes *que* de socorro antes auia hido ao Paraiba e misse hippolito antigo E mui pratico capitão da terra se ellegerão mais de nouo por capitaens Ambrosio *fernandez* E fernão soares *que* se chamauão Capitaens dos mercadores, forão mais os capitaens da Companhia da ordenansa da terra Simão falcão, Pero Cardigo, Jorge Camello, João pais Capitão do cabo de Santo agostinho *muito* rico *que* o fez nesta iornada por çima de todos em tudo com muitas auantagens leuando sempre a retaguarda E João velho rego Capitão de Jgaraçu E todos os da Ilha Tamaraça com seu Capitão Pero lopes E *porque* auia *muita* E boa gente de caualllo *que* forão cento E nouenta E sinco ordenou tres guioens de trinta caualllos cada hum dos melhores *para* acudirem ao *que* comprisse. Hia mais hum *filho* do Capitão Antonio Barbalho²⁵³ com a sua bandeira por elle ficar doente *que* Em todas as Jornadas o fez *muito* bem. Era a segunda pessoa deste Exercito sobre *quem* carregaua o pezo delle *francisco barreto* cunhado do Ouidor-Geral Martim leitão a quem chamauão mestre do campo E elle o pudera ser de outro de *muitos* milhares de soldados por seu Esforço auizo E destreza E assi Era²⁵⁴ o gosto de seu cunhado Martim leitão²⁵⁵.

²⁵¹ BNP [f. 28] e BPE [f. 23v]: leia-se *nobres*.

²⁵² BPE [f. 23v]: segue-se *da terra*.

²⁵³ BPE [f. 24] Lê-se *Barbosa*.

²⁵⁴ BNP [f. 29]: segue-se *E assy era estranho ó cuidado E diligencia con que a tudo acodja E prouja elle era a esperança de todo ó arrajal*.

BPE [f. 24]: segue-se *e assim era estranho ó Cuidado e diligencia Con que a tudo aCodia e prouia, elle era a esperança de todo o Arrayal*.

O qual com os *que* se aiuntarão a sua porta *que* foi a mais fermoza couza *que* nunca Pernambuco uio nem sei se vera. foi dormir no campo de Jgaruço no meio // [f. 10v] do qual mandou armar sua tenda de Campo com outras duas pegadas hũa dos nossos dous padres E outra de sua despensa E onde se agasalhoua tambem a gente de seu seruiço *que* Erão com as duas companhias cem homens. Aqui mandou o General²⁵⁶ Martin leitão E assi lhe chamaremos Esta iornada deitar grandes bandos pondo graues penas contra todos aquelles *que* brigassem ou arrancassem Encomendando muito particularmente *que* ouuesse entre todos muita amizade E conformidade E outras boas ordens E necessarias *que* se se²⁵⁷ costumarão no brazil não ouuera o desconserto E perdas *que* tiuemos os tempos passados ali Esteue tres dias Esperando se aiuntassem todos os do termo *que* Era couza de uer naquelle campo todos armados onde fez aposentador E mais officiais do campo E tanto mais para uer quanto se menos auia uisto outro tal no Brazil de tanta nem tam boa E luzida gente *que* ate de todos os nauios lhe derão de cada hum hum E dous soldados.

Cap. 9º da Ordem da Jornada E do primeiro rompimento E cerqua tomada

Ao quarto dia *que* foi o primeiro de março daquelle aloiamento E fora dali, duas legoas alem do Engenho de Phelipe Caualcanti com muita agoa E reço de os impedir o inuerno por ser ia cabo de verão foi feita recenha E acharão-se quinhentos E tantos homens brancos²⁵⁸, dahi forão dormir a outro dia allem do Rio de tapurema aonde o general deu regimento a todos²⁵⁹, ordenando *que* auião de fazer repartio as companhias, E ordenou *que* hum dos gioens de cauallo aos dias por Euitar competencias fosse sempre na uanguardia E ao outro dia²⁶⁰ na retaguarda, E o terceiro na batalha aonde Elle hia, porque da gente de cauallo Escolheo nouenta dos milhores de *que* fez tres gioens

²⁵⁵ BNP [f. 29]: segue-se *Ao qual francisco barreto sempre ajudou En tudo E acompanhou de maneira que se pode dizer por elle ser ó fialacates.*

BPE [f. 24v]: segue-se a) *ao qual francisco Barreto Sempre ajuda en tudo e aCompanhou de maneira que se por elle ser ó fialacates.*

²⁵⁶ BNP [f. 29v]: leia-se *Aquy mandou ó gouernador Martin leytão ou general porque asy lhe chamaremos.* A BPE [f. 24v] acompanha a variante textual da BNP.

²⁵⁷ BPE [f. 24v]: segue-se *Ca.*

²⁵⁸ Fim do trecho escrito com a letra do Copista 1. Inicia-se trecho do Copista 2.

²⁵⁹ BPE [f. 25]: existe um erro de cópia, o copista salta uma informação e acrescenta na frase logo seguinte, sublinhando a sentença correta: *deu regimento a todos e ordem do que havião de fazer, repartio as Companhias e ordenou que havião de fazer.*

²⁶⁰ BNP [f. 30]: a palavra *dia* foi suprimida.

cada hum de trinta caualllos, de *que* Erão cappitaens Christouão paes daltero²⁶¹ Antonio caualcanti filho de felippe caualganti E balthazar de barros. E o Cappitão a *que* no seu dia tocava a retaguarda tiuesse obriguacão de mais hũa hora antemenhã com alguns Indios correrem E descobrirem o campo E assi com toda a ordem possiuel, E com de contino irem alguns homens de confiansa com mamelluquos E Indios por descobridores diante, E pellas ilhargas do Exercito mettidos por o matto levando por cabeça hum manoele leitão com mais sete ou oito de Cauallo E alguns arcabuseiros *que* Erão doze aos quais seguião os nossos Indios forros, E a elles as companhias da auanguarda Em sua ordenansa com or // [f. 11] dem de nenhum bullir o péé donde os cometessem E se darem sinal huns aos outros²⁶² E passarem pallaura (ou correrem) como ia dissemos²⁶³, de official Em official sem Embargo do caminho ser *muito* roim E tam cheyo de matto *que* Era necessario irem os gastadores diante fazendo-o E caminhar o arrayal infiadlos huns tras outros; E com a gente ser tanta *que* tomava mais de meya legoa ao comprido Em hum momento se sabia Em todo o Exercitto tudo o *que* Em algũa parte delle sucedia, E assi forão por suas Jornadas Em sinco dias ate Entrarem na grande campina antes do Parayba aonde pella lembrança, do *que* alli alguns Em outras Jornadas tinham uisto, hia a gente tam apertada, *que* sendo alli tam bom o caminho não andauão, por mais recados *que* se passauão a auanguarda Em *que* naquelle dia por ser de mais importancia hia francisco barreto, mas pello uagar tomando ó General hum gallope Em hum cauallo *que* auia pouco tomara folgado, foi uer o *que* Era E achando irem ia pello matto os *que* tinham nome de Gastadores, E *que* tambem hião a cargo de manoele leitão, abrindo com as fouces caminho por o fazerem deuagar os reprehendeo martim leitão E póós alli seu cunhado, *que* por ser tarde abreuiasse por os não Estrouar ou danar a noite, francisco barreto fez marchar auante a auanguarda com presteza E recado, E o General Esperou ali ate se metter Em seu lugar adonde indo iáá quasi sol posto se sintio dar a auanguarda Em hũa grande cerqua em *que* alloyaua o braço de peixe pegado com o Rio tiberi com mais de tres mil almas aonde o açodamento no accometter de francisco barreto E de alguns capittaens, E com sobreuir logo a noite Escura, E Estar da outra banda da cerqua hum grande alagadico (*que* assi se situa sempre o gentio *para* se acolher quando cumprir) foi cauza de não se fazer grande preza, mas mattarão muiitos dos imigos, *que* o grande odio não consintia neste *primeiro* impetto cattiuar, Estes // [f.

²⁶¹ BPE [f. 25v]: o sobrenome *Daltero* não consta nesta variante.

²⁶² Segue-se riscado: de.

²⁶³ BNP [f. 30v] e BPE [f. 25v]: lê-se *como cá dizemos*.

11v] Jmpedimentos com o Guião daquelle dia se embaraçar de maneira *que* lhe foi forçado mudar as adargas a mão direyta, por cauza da cerqua foi tambem cauza de se não fazer muito mais se mais ha *que* Em se uendo hũa cerqua muito forte e com sua rede E grande²⁶⁴, *que* promettia mais de tres mil homens se lancarem a Ella como liens, E a leuarem logo nas vnhas ainda *que* com algũas poucas frechadas ainda *que* foi tal a presa *que* lhe não derão logo lugar nem tempo para despendarem muittas, o *que* sintindo o corpo do Exercito E retaguarda *que* ficauão atras rebentauão todos por lhe chegar com os dianteiros, abrigo, E por presa *que* se derão quando ia chegarão era acabada, E Entrando pois todo o Exercito dento na cerqua *que* francisco barreto lhe tinha franqueada com a gente da auanguardia E alojados todos nella com alguns rebattes E repiques *que* tiuerão dos imigos *que* com presteza e animosamente rebatterão repousarão todos ali aquella noite, E a sua vontade aonde acharão muita farinha feita E armas E poluora *para* irem cercar o forte segundo os cattiuos disserão

cap. i0. como se tentarão as pazes com o braço de peixe *que* não ouuerão Efeito.

Ao outro dia pella menhã cedo logo os indios se puzerão as pulhas, (como he seu custume) Em hum tezo alto defronte da nossa cerqua allem do allagadico, com os quais por se Entender serem da gente do braço de peixe o General deseiaua ter pas com Elles, E aparta-llo dos Petiguares. E reconcilliam-se do mal *que* na morte de cento E tantos homens de gaspar diaz de ataide e francisco de Caldas na serra auia pouco tempo²⁶⁵ com razão tinham feito, mandou deçer todos da cerqua E per lingoas trauar praticas com Elles, *que* Estiuessem seguros. E reprehendendo-os de fugirem // **[f. 12]** pois sóo buscamos os Petiguares com os quais nunca queriamos páás mas com Elles sy. dizendo-lhe mais *que* o General Era homem do Reyno fora das mallicias do brazil, E Estaua muito bem informado da sua amizade com os brancos, pellos quais sabia quebrara a páás, E *que* se os cappitãens forão uiuos os mandara El rey por Elle castigar, com isto uierão Em praticas por uia de Jndios E boas lingoas. principalmente pello *padre* Jeronimo machado, *que* no alagadiço com resguardo Estiuerão todos mandando-

²⁶⁴BNP [f. 31v]: lê-se *con sua rede por fora E grade*.

BPE [f. 26 v]: lê-se *con sua rede por fora e grande*.

²⁶⁵BNP [f. 32v] e BPE [f. 27]: a palavra *tempo* foi suprimida.

lhes dar uinho de *que* todos beberão, onde consertarão dados arrefeens mandaria²⁶⁶ o braço seus Embaxadores depois de Jantar asentar pazes²⁶⁷ com o General, o qual neste meyo tempo trabalhou com boa dissimullação per Indios lingoas descobrir o allagadiço se por cima ou por baixo daria uao a gente, *que* socedendo fazia conta mandar por Entre o matto tomar-lhe as costas no outeiro mas não auendo nisto remedio pella grandura do allagadiço E Espessura do matto a roda E por pouca vontade dos nossos ao meyo dia uierão tres Indios do braço a tratar das pazes *que* forão ouuidos na tenda do general, E Examinados per lingoas. E padres pello Cappitão Simão falcão E feitas todas as dilligencias, ostentacoens; E arteficios *que* pareserão necessarios por o braço E os seus terem consigo muitos petiguares iuntamente com o medo de suas *propias* culpas nada bastou *para* os assegurar E assim tornando-sse a tarde quizerão láá mattar os arrefens E ficou a guerra rota E os imiguos estimando pouco Esquentarão toda aquella tarde com trinta E tantas Espingardas, E muitas frechas. ao *que* querendo ainda atalhar o General para os desenganar mandou sahir per sua ordem todas as companhias // [f. 12v] E gente per hũa campina Entre a cerqua E o allagadiço, *que* naquella menhã *para* o *que* succedesse tinha mandado roçar, Estendidos per alli todos os Indios per si lhes mandou dar mostra²⁶⁸ de dous berços *que* trazia Em carro E bem vareiados Em hũa caicara tranqueira²⁶⁹ donde os negros pelejão E se defendem, *que* no cume de hum pico no cabo de hũa queimada os immigos auião feito E com outros muitos assombros nada bastou para quererem pas. com isto se resolueo o General em lhe darem outro dia batalha mandando aquella tarde fazer muittos feixes de faxina *que* ao longo da cerca auião cortado para *que* com as pontas²⁷⁰ *que* o Gentio no allagadiço auia feito pasassem da outra da banda, E assi receoso muitos no arrayal, ou medrosos de por todas as partes naquella²⁷¹ tarde E noite sentirem gentio trabalhar cortando nos mattos para seus repairos E continuas rebollarias de *que* muito uzão; não foi nada apraziuel ao arrayal Esta detreminação do General o *que* se uio melhor no concelho, *que* se teue aquella noite na tenda do General, *que* foi assas uario E confuso E a seus brados se asentou ficase ali as duas partes do arrayal E a petição de todos ficou francisco barretto alli com Elles E Elle a péé com o terço logo nomeado hir dar nos imigos no pico ficando cáá tudo

²⁶⁶ BPE [f. 27v]: lê-se *mandar ja*.

²⁶⁷ Na margem esquerda há uma anotação da mesma mão do Copista 2 que diz: *mandou*.

²⁶⁸ BPE [f. 28]: lê-se *mostrar*.

²⁶⁹ BPE [f. 28]: lê-se *tranqua*.

²⁷⁰ BPE [f. 28v]: lê-se *pontes*.

²⁷¹ Segue-se riscado: *parte*.

prouido para o *que* sucedesse, E assi foi a muittos bem triste E Espantoza noite aquella quanto o dia seguinte fermozo E allegre *que* tal he o mundo.

Cap. ii como foi desbaratado o pico do braço do peixe

Ouindo missa o outro dia pella manhã muito cedo partio o General // [f. 13] com as companhias da uanguardia somente E o Gião de Cauallo de Antonio caualcanti, *que* mandou no rocado²⁷², E em hũa queimada andar da nossa parte do allagadiço *para* por ali não arrebentar algũa cillada, E nos tomarem²⁷³ as costas, E leuando o *padre* Jeronimo machado hum crucifixo diante, acharão no allagadiço muitto Estoruo, por de noite os imigos cortarem muittas aruores. com *que* o atrauessarão, E Embaracarão todo com isto E com andarem muito soltos pella queimada da outra banda as frechadas, E arcabuzadas se passaua deuagar E auia muitto receo, E com a pressa E pezo da gente senão ajudarem das fouces. os²⁷⁴ gastadores e machados *nem* ordenarem bem a faxina *que* cada hũ trazia chegou a cousa a tanto *que* foy necessario ao general agastar-se com algûs, e mandando ficar a companhia de Ambrosio fernandez, *que* sobindo ouuera de tomar a parte direita, E ficando com ordem se não bolissem do alagadico, ate todos serem²⁷⁵ En cima arranco<u> da espada jurando auia de escalar o *primeiro que* falasse se não obrarem todos como esforçados E isto E meter-se apresado ao paco carregando nas costas dos dianteiros fez passar huns as uezes por cima dos outros E tomar a ladeira acima bem depresa, muitos pella aspereza da Costa E pedras com *que* tambem lhes tirauão se detiuerão mais de hum grande quarto depois de se recolherem os immigos no forte, *que* por arte E por natureza o Estaua²⁷⁶ asas, sobião os nossos Em péés E mãos: E afferrando todos a cerca na não²⁷⁷ acabauão de render, o *que* uendo o General tomou hum ingres *que* leuaua consigo armado E sobindo as costas en cima da serca com hũa fermoza lanca ingreza de fogo aceza, fez taes terremotos, deitando²⁷⁸ infinidade de pellouros, *que* dentro Em si tinha despeiarão os imigos por ali E derribando os nossos duas ou tres braças de serca²⁷⁹ *que* todos tinham cortado cahio de romania tomando

²⁷² Entenda-se *roçado*.

²⁷³ Corrigido de *tomarão* para *tomarem*.

²⁷⁴ Fim da letra do Copista 2. Início da mão do Copista 3.

²⁷⁵ Fim da letra do Copista 3, retorna à mão do Copista 2.

²⁷⁶ Corrigido de *estauão* para *estaua*.

²⁷⁷ BPE [f. 35] lê-se a repetição *na na*.

²⁷⁸ Segue-se letra *e* riscada.

²⁷⁹ BPE [f. 29v]: lê-se *terça*.

alguns debaixo mas, sem perigo²⁸⁰ com *que* Entrando não parou mais imigo, E os forão seguindo hum pedaco ainda *que* o roim caminho E impedimentos, *que* para Este tem // [f. 13v] po os imigos tinham feito, *que* para nos Era muito *que* Elles são bichos do mato foi cauza de Escaparem muitos, o *que* ordenou assi *Deos* para nos ficarem como agora os temos por amigos, corridos assi o mais *que* os nossos puderão, mandou o General queimar toda a caicara E *madeira*, E assolado tudo, se tornou para seus companheiros, a serca, *que* o uierão receber fora della com grandississima E demaziada allegria, parecendo a todos se deuia o negocio concluir²⁸¹, E assi com o te *Deum laudamus*²⁸² o leuarão a hũa Ermida de rama²⁸³, no meyo da serca donde dizião missa E no mesmo dia a tarde ouue hum rebatte da banda do Tibere, a *que* alguns capitães acodirão desordenadamente E por ser a reuolta grande mandou o General a *francisco barretto* os fosse recolher o *que* fez muito bem E com muito acordo, porque Em a Escaramuça *que* se trauou forão mortos alguns petiguares. Sem dos nossos auer ferido E por não ser ia de Efeito, a Estada alli ao outro dia mandou o General por fogo a serca, *que* toda ardeu, e com todo o Exercito, pello rio tibere abaixo o foi seguindo os imigos, E fomos dormir dali duas legoas aonde se agora chama as mares, E buscando ali tudo por se Entender auerem dado uolta os imigos. pella campina iuntando-sse com os Petiguares, arrancam os mantimentos *que* alli foi possiuel, *que* foi a maior guerra, *que* se lhes pudera dar. Nos tornamos acima deixando queimadas duas aldeyas *que* alli tinham a buscar outra serca *que* acima do tibre tinham noua, E do gentio principal por nome assento de passaro aonde antes²⁸⁴ // [f. 14] de chegaremos ao terceiro dia pella menhã com o Embaraso de roim caminho, *que* se hia abrindo pello mato, E brejos se Embaracou E deteue tanto a uanguarda, que depois de muitos recados foi forçado ao General, com o Ouuidor da Capitania *francisco do amaral* *que* sempre o seguia, cortar a gente apeando-se para poder melhor passar auante E hir rompendo a uer o *que* Era, E chegou aos dianteiros, *que* com hum roim passo, E immigos corredores *que* se atrauessaão diante, se detinha, uendo isto o General com presteza pos allem de hum brejo seis arcabuzeiros E alguns Indios por força por todos temerem, E passando Elle Em pessoa da outra banda do brejo, fez a pressa deitar grandes ramos de aruores. E algũas inteiras com *que* Em breue Entretendo os imigos com algũas arcabuzadas E

²⁸⁰ BPE[f. 29v]: o trecho seguinte com *que* Entrando não parou mais imigo é ausente neste testemunho.

²⁸¹ BNP [f. 35]: lê-se *seria o negoceo concluido*.

BPE [f. 30]: lê-se *seria o negoço Concluido*.

²⁸² *A ti louvamos, Deus*

²⁸³ Segue-se riscada a letra *q*.

²⁸⁴ Aonde antes é um reclame. O copista não copiou o reclame no fólio seguinte.

ceuando-sse sempre de gente, *que* contino hia passando segurou o paço E mandando logo. recado ao Exercitto marchasse depresa, por Elle Entender ser aquillo detenca dos *immigos* para melhor²⁸⁵ despeiarem entretanto, a serca, do molherio, E *filhos* como deffeito Era, E ainda *que* o General com toda a pressa com a auanguardia marchou, E se adiantou ao seguir ia achara a Cerca, *que* Era grande E forte²⁸⁶, ainda *que* alguns uelhos E femeas, *que* não puderão fugir se uingou o nosso gentio, E alli repararão aquelle dia; E o outro, *porque* com os *muitos* allagadiços, E diuersidade de opinioens dos caminhos *que* ningham sabia. (E não se Espante algem pois ate Esta // [f. 14v] Jornada as de antes forão Estrada de cegos²⁸⁷ Em *que* Era forçado hir por cima E fugir pella praya). E assim com Estas duuidozas²⁸⁸ enformacoens se resolverão tornar o Paraiba abaixo, buscar o passo para o forte aonde se assentaria, o *que* cumpria, alli uimos huns grandes laberintos, (certo *que* ainda *que* de barbaros muito para notar). *que* os nossos imigos tinham armado pello outro caminho *que* hia ter Esta Cerca, *que* Era a Estrada E certo *que* fazião admiração²⁸⁹, os fojos, *que* chamão mondes, trincheiras, Entulhadas de terra, cegas da rama, E muitas Encontradas hũas com as outras. ao longo do caminho, pello matto, E tam cortado E Embaraçado destas couzas, *que* a não auer grande cautella, sincoenta bastauão a sinco mil, mas de tudo nosso *senhor* nos guardou E desuiu, passado Embaixo o Paraiba dali a tres dias chegamos ao forte, *que* Era couza piadoza de uer asi o danifcamento, como as pessoas dos soldados, *que* bem mostrauão as fomes E miserias *que* tinham passado, como as ruinas *que* por ser de taipa auia tudo mister reparado. E logo na tarde, *que* aqui chegamos procurou muito o General. com fructuoso barboza quizesse hir duas legoas acima iunto das mares aonde auia muitos mantimentos. da parte do sul do Paraiba aonde agora Estáá a Cidade de nossa *senhora* das neues, fazer pouoação para o *que* lhe iuntaua outenta homens, E Indios os mais *que* pudesse E se offeresia Estar com Elle seis mezes; E outros seis seu cunhado francisco barreto, mas nunca se pode acabar com Elle E per auttos, *que* se disto fizerão dezistio de tudo, dizendo *que* // [f.15] não Estaria mais hũa hora no Paraiba. por cima de tudo isto determinou o General fazer no ditto sitio (*que* logo a todos pareseu bem) a pouoação, *que* aquentada com o forte Era couza facil sustenta-lla para o *que* cometeo a *pero* lopes E outros mas não pode concluir. E por não perder tempo mandou ao Capitão

²⁸⁵ BPE [f. 30v]: segue-se *os*.

²⁸⁶ BNP [f. 36] e BPE [f. 31]: segue-se *despejada*.

²⁸⁷ O sinal de fechamento do parêntesis está riscado.

²⁸⁸ BNP [f. 36v]: lê-se *duuidas*.

²⁸⁹ A sílaba *mi* foi repetida duas vezes. O erro foi reparado pelo próprio copista.

joão pais com trezentos homens de peé, E de Caualo, correr a Baya da treição, *que* no mesmo dia partirão. não contarei aqui as differensas, *que* teue aqui o Capitão Simão falcão. Sobre o generalado <desta jda>, *que* depois de muito soffrimento do General lhe custou deixa-llo prezo no forte E outra *que* teue²⁹⁰ o Alcayde com fernão soares cappitão dos mercadores, E outras muito graciosas, de *que* o muito refresco *que* alli acharão nos barcos de mais, *que* não são de minha obrigação por cada hum alli ter os seus mimos. E prouimento nos barcos *que* Erão chegados.

Cap. i2 como João pais foi a Baya da treição

Partido João Pais. E desenganado o General não auer quem por nenhũa uia ouzasse, nem prestasse para o *que* pretendia, *que* Era pouoar, pois os fortes E gente E tantos gastos só a Esse fim. tirauão com asas paixão se detreminou hir no outro dia pella praya com a gente *que* lhe ficou Juntar-se na Baya da treição com João pais, porque assi leuando hum campo per cima E outro por baxo, não ficasse nada Em meyo, E iuntos // [f. 15v]²⁹¹ seguirem, por, alguns dias os imiguos, ao menos para diziso os emcontrarem, ainda que lhes contradizião; isto quasi todos por recearem, o periguo uendo-se, tam poucos, mas dertreminado, partir na baxa-mar do outro dia parese *que* forão os pecados; dos roins ares daquelle negro sitio, onde o forte Estaua perque supitamente naquella noite, adoecerão quarenta E duas pessoas, com Estranhas dores de barrigua. E camaras Emtre os quais foi francisco barreto. E o padre Simão tauares²⁹²; E outros, de muita importancia, com o *que* ouue detensa, dous dias. E uendo não melhorauão. Embarquarão. alguns. pollo *que* lhe foi forsado. leuantar o araiial, E tornar aSima duas legoas Em hum campo muito fermozo, E apraziuel Sitio de muitas boas agoas. a *que* poserão nome, o campo das ostras, pollas muitas *que* alli acharão do rio, com *que* todos Se refrescarão, E em seis dias *que* ally Estiuerão. Esparando por joão pais, alguns se refizerão; cheguado Elle; E iuntos outra ues todos, E sabido *que* na baia da treição lhe não ousarão os. jmiguos Esperar, aijnda *que* lhes queimarão muitas aldeas E arancarão mantimentos fizerão aqui dous ou tres conselhos para se dar ordem no *que* se deuia fazer. E per termos per Serto *que* os tabaiars do gentio Braço de pexe E pitiguars per causa das rotas *que* lhe tinhamos dado nesta iornada Estauão ja desavindos de todo E os

²⁹⁰ Segue-se a letra *q* riscada.

²⁹¹ Neste fólio inicia-se a mão do copista 4.

²⁹² BNP [f. 38]: lê-se *Symão Trauaços*.
BPE [f. 32v]: lê-se *Simão Trauasos*.

pitiguares, auião quebrado a cabeça a alguns tabaiars, dizendo *que* Erão manemos; que quer dizer fracos; E *que* os não auião defendido de nos, como lhes tinham prometidos E Estauam obrigados, por terem tomado de apousento as nosas fronteiras, E em fim per suas malicias de alguas Espias, *que* se tomarão aquelles dias, se soube ir *muíto* longe ia o braco de pexe com os seus E os pitiguares se andarem juntando pera lhes irem dar nas costas com isto // [f. 16] Se resolverão todos *que* Era bom deixa-llos; ja *que* per sy se querião guastar²⁹³, antes conuir *muíto* per alguaa uia auizar o braco de pexe *que* lhe dariamos socorro, contra os pitiguares, E que se não tornase a serra, E outros mimos E perdoens de tudo o passado; com que com *muíto* segredo, o general fes fugidico, hum indio seu parente com grandes promesas Se o aquietase E fizese tornar o braco de pexe ao mar. com Esta ordem, E prouido o forte de mais Vinte homens E com lhe deixar ao capitão Pero lopes a Custa do general E os prouer do Seu como melhor pode, *que* lhes ui deixar as pipas da farinha E de biscouto E uinho E sardinhas, prouimento para dous mezes, que se a de Emtender Era tirado da Sua bolsa per Em todo Este tempo, E negocio sendo asas Custozo Em nada E per ninhũa via Emtrou fazenda del Rey. E com Esta ordem E se Esperar ate per todo o majo não poder tardar recado de Sua magestade acerca do forte, que então fazia hum anno, *que* ali Estauão quam mal prouidos. E sem ordem nem auizo Seu Se partirão todos, pera a uilla de Olinda, com *muíta* festa, (ainda *que* o Espirito do ouuidor-geral martim leitão, que ia não chamarej general; se não quietaua, nem contentaua-no, dizendo não ter feito nada pois não ficaua leuantado pouoacão na paraiba, E tudo o da guerra de todo comcloido, como Se fora poderoso pera tamanho negocio²⁹⁴, *que* o noSo Senhor o tinha tam fauorecido, mais que a todos os que atee Emtão se tinham nisso metido) desta maneira Emtrarão na villa de Olinda Em tudo o som de gerra, postos Em ordem acompa[nha]ndo todos ao ouuidor-gerral ate Sua Caza, com Estranho triunfo, E festa que foi o major E mais omrozo recebimento, que nunca pernãobuco teue, *nem* // [f. 16v] sej quando ja, terra²⁹⁵, *que* foi a seis de abril de outenta E sinco;

²⁹³ Segue-se letra rasurada, não é possível lê-la.

²⁹⁴ Segue-se palavra rasurada.

²⁹⁵ BPE [f. 34]: lê-se *terá*.

Como o Capitão castregon²⁹⁶, fogio E largou o forte, E o ouuidor-geral o prendeo E aguagasalhou os soldados, Cap. i3º

o primeiro de junho do mes²⁹⁷ anno de oitenta E sinco, chegou noua a pernãobuco; Era chegado a tamaraqua o capitão *pero lopes* *que* o ouuidor-geral martim leitão deixara, com alguns portuguezes no forte da paraiba Em companhia do alcaide; que trazia algum fato E que todos publicauão despeiarem-no, de todo logo, E que Em,²⁹⁸ secreto buscauão pilloto, pera de La os leuar e com os Espanhois a indias E como o ouuidor-geral andaua tam prompto, E reçooso destas couzas, loguo polla porta mandou, buscar *Pero lopes*, do *qual* informado, Em coatro dias, comcloio com Elle, se tornase asistir, no forte como o leixara com alguns filhos da terra, E gente no *qual* Estiuiese, atee janeiro, com obriguação de lhe darem cada mes, sincoenta Cruzados, *porque* não seria posiuel, deixar el Rej; ate, Em,tão de auizar E prouer, por cuia falta, se depouoaua, isto; *dificultosamente* aceitou *pero lopes*; mas com *promesa*, de qualquer achaque, com que o castrejom, uiese, o deterem, porque por sua má condisão fugião tambem de laá, e feitos autos com a camara, E aceitado isto saio, nesta materia, outro maior, inconueniente de todos *que* foi resolver-se o *prouedor*, martim carualho que antão mal prouia, o forte, o não querer mais fazer; por nenhua uia²⁹⁹ nem nisso Emtender. E asi o respondeo per autos publicos. que asas, niso repetio, o, ouuidor-geral E asim ficou tudo dezarmado, E se concluirea pior. se o ouuidor-geral não tra // [f. 17] não tratara³⁰⁰, Este negocio, por uia, de Emprestimo com que loguo mandou, ao capitão *pero lopes*, fizese rol, do que auia mister para prouimento de cem, homens, em seis mezes, e feito E somado, Em tres mil Cruzados; os mãodou loguo tomar, E repartir pellos mercadores, *que* tinham as couzas nesesarias, aos quais se satisfaria, com creditos de joão nunes, mercador E tomado nauio, E auiados per não soçeder no forte, fazerem, o alcaide, *com* os Espanhois aballo lhe, fes Escreuer, da camara, com *muitos* mimos, E serteza de serem, agora *muito* melhor, prouidos pois auião de correr por Elles liures; de martim carvalho, *que muito* deuião Estimar; o mesmo lhes Escreueo o Ouuidor-geral, E com Estas cartas se foi *Pero lopes* auiar a sua caza; a jlha tamaraqua; aonde o auia o nauio E gente de ir tomar de

²⁹⁶ Palavra rasurada BNP [f. 40] e BPE [f. 34] lê-se *Castrejon*.

²⁹⁷ BNP [f. 39v] lê-se *mesmo*.

²⁹⁸ Segue-se palavra riscada.

²⁹⁹ Folha rasgada.

³⁰⁰ Retoma a expressão completa, não segue a indicação do reclame “*tara*”.

caminho E elle E emtertanto³⁰¹ auizaria o alcaide E ou o diabo, o teuese, ou o tuesem³⁰² com amigos. E com os Espanhois ia tratado, Pero lopes per³⁰³ não auizou, ao forte, nem mandou as cartas indo disso tam Emcarregado, E as teue Em seu poder .sem as mandar. Se fala uerdade, Pero lopes, desde oito de junho ate vinte E quatro, *que* Estando tudo a pique para o outro dia, partio o nauio, E de caminho hir pella jlha, se comesou a dizer, serem chegados castelhanos do forte a jlha, dizendo vinha, o alcaide atras E deixauão tudo arazado A isto, (*que* Em breue Emcheu a terra) se juntou toda a villa as aue-marias, Em caza do ouuidor-geral (couza lastimoza) porque os homens costumados. ia com o forte principalmente os fronteiros. a algum repouzo, andauão pasmados; o ouuidor-geral³⁰⁴, *que* nestas couzas não dormia assentou³⁰⁵ se juntasem logo pella manhã, no collegio bispo, capitão; dom felipe, camara, prouedor, martim carualho, E na mesma noite Espedio os seus officiais *que* fosem buscar o Costrejom, E lho trouxesem prezo a bom recado, como fizerão. E nas perguntas não deu outra rezão senão // [f. 17v] da fome, E não ter auizo, que era asas fraquo pois *para* a fome, comfesaua com muita seguridade, depois, da gerra que auia dado ho ouuido-geral, não apareser, mais imigo; E irem os brancos³⁰⁶ que lhe auia, deixado pello rio asima, buscar mantimentos que era, assas, prouimento, E a tardança foi pouqua, mas deuião de Estar, Emfadados E uingarão-se, Em deitar, a artelharia ao mar E hum não³⁰⁷, que, la, Estaua, ao fundo, E por o fogo ao forte E quebrar o sino, E com isto se uierão a uilla como quem não tinha feito, nada, E por nossos pecados *que* sempre defazem o bem, E ajudão o mal, assim lhe socedeo, depois, per*que* no Reino a Castrejon, aonde o ouuidor-geral, o mandou, per mando del Rei preso, saio elle bem, E o ouuidor-geral não sei como, são frutos do tempo que fas seu officio; E se Escusam³⁰⁸ dar rezão; ao outro dia polla manha juntos a modo de conselho, no collegio ouue algũas duuidas, com *que* o bispo E outros mouidos de quam mal se do Reino respondia, a tanta importancia deficultauão a Empreza *que* a uerdade, estaua mais dovidoza *que* nunca per ser sobre tantas quedas E láa se consumirem tantas uezes os nosos .E. se reçarem francezes que nunca, aly faltão. E os

³⁰¹ Entenda-se *Entretanto*.

³⁰² Nos manuscritos da BNP [f. 40v] e da BPE [f. 35] encontra-se: *ou o diabo atecesse ou o tivessem com os amigos*.

³⁰³ BNP [f. 40v]: suprime-se a palavra *per*.

³⁰⁴ Segue-se repetida a palavra *geral*.

³⁰⁵ Palavra rasurada.

³⁰⁶ BNP [f. 41] e BPE [f. 36]: lê-se *barcos*.

³⁰⁷ BNP [f. 41] e da BPE [f. 36]: lê-se *E hũa nao que*.

³⁰⁸ BNP [f. 41v] e BPE [f. 36]: lê-se *execusam*.

pitiguares se refazerem no nosso forte, pollas quais³⁰⁹ Cauzas todos dizião que nunca na terra E sem grossa mão do Rey aueria força, pera os deitarem delle, do que Em ninguem aueria confiança, por serem jgais Em o medo, antes Em todos. desmajo, grandissimo, E mormente pello desEmparo, com que os officiaes da fazenda auião³¹⁰ de todo largado o negocio de, tanta importancia, se o ouidor-geral martim leitão todo aceso Em colora, E feruer do *que* andaua, E com muitas rezois os não pesSoadira, de Emtre Sy Elegerem hum homem que com cento E sincoenta, que se ofereceo a buscar-lhes o gentio com a despeza e bitualha³¹¹ que Estaua buscada tornasem loguo // [f. 18] recuperar, o perdido, E se não *que* Elle com o seu Criador³¹² E amigos *que* pudese, Estaua detreminado³¹³ meter no noso forte aRuinado por os que tinham obrigação de o defender; E isso com tanta veemenCia, E requerimentos protestos E ameasas, da parte, de Sua *magestade* que os Espertou E auientou, E assim Elegerão ao capitão Simão falcão que pareceo pesoa pera isso por fructuoso barbosa Em nenhũa maneira, querer aceitar, esta empresa com Estar a tudo presente de *que* Simão falcão foi loguo auizado. E o ouidor-geral, com pregois imdustria E Suma dilligencia, iuntou todos os Espanhoes que do forte uierão E ao presente na terra auia, dos quais fes duas Escoadras de corenta E dous que aiuntou, Em hũas cazas nas quais cada dia faiza prouer de ração ordinaria, de sua caza, E a sua Custa não se³¹⁴ Esquecendo per uia³¹⁵ dos padres da companhia Emcomendar este negocio muito particullarmente a deos Esparando, ainda algũas boas nouas da intelligencia, do braço de pexe (como atras disse) *que* deos acode E proue tudo.

Cap. i4º do principio das amizades do braco de pexe³¹⁶.

Auendo neste mes de julho algũa dillacão pello iuntar da gente a qual nestas partes he muito difficultoza couza de juntar *pera* a guerra mormente *pera* Esta taam cansada, E por adoecer Simão falcão tanto ao cabo como Esteue no fim deste mes chegarão dous indios de auizo de braco de pexe, ao ouidor-geral pedindo-lhe; socorro comtra os

³⁰⁹ Segue-se um risco.

³¹⁰ BNP [f. 41v] e BPE [f. 36]: lê-se *auiam largado de todo*.

³¹¹ BNP [f. 41v] e BPE [f. 36]: lê-se *vitualha*.

³¹² BNP [f. 41] e BPE [f. 36v] lê-se *com os seus E amigos*.

³¹³ Palavra rasurada.

³¹⁴ Segue-se palavra riscada: *esperando*.

³¹⁵ BPE [f. 36v]: lê-se *prouia*.

³¹⁶ BNP [f. 42] e BPE [f. 37]: lê-se *Nouas do Braco de pexe E principio das amizades / Nouas do Braco de pexe principio das amizades*, respectivamente.

pitiguares, *que* tornando-se pollo seu recado, *pera* baxo, ao mar, o cercarão por vezes. E tinham quasi desbaratado; neste proprio dia vestio martim leitão; os jndios E se foi dormio ao areSiffe com Simão tauares³¹⁷ escriuão da Camara, E juiz dos orfãoz E a parecer de todos pareceo mais conueniente, E per seruiso del Rej E// [f. 18v] E por lho, Elle rogar, aceitou socorer-se, como auia annos o mesmo braço, no sertão auia feito; E asim com doze Espanhois, bem comsertados E satisfeitos; E oito portuguezes Em hũa carauella, Esquipada E comsertada *pera* tudo com algũas dadiuas, E bom regimento, partio do porto de pernãobuço a dous de Agosto de mil E quinhentos E oitenta E sinquo E aos tres chegou pello Rio acima, Em falla do gentio, adonde se ind[o]³¹⁸ com seu resguardo, E bom recado, conforme ao regimento que leuaua, com o braco do pexe, E mais principaes³¹⁹ no porto que agora he a nosa cidade, E os antigos chamarão da canarea, Asonbrados, os pitiguares *primeiro* com algũs tiros que prezumindo mais força, fugirão, Asentarão as pazes E dadas, Suas dadiuas, E arefens, Saio o capitão Simão tauares dia de noSa *Senhora* das neues per Cuio respeito depois se pos; o nome a pouoação, E a tomarão per patrona. E aduogada, de baixo de Cuio Emparo Se Sustenta, E ordenarão hum forte, de *madeira* com as costas no Rio onde se recolherão, Auizado logo o ouuidor-geral, se aluorocou toda a uilla, E moradores, destas capitancias, parecendo-lhes (E com rezão) Erão ia todos seus trabalhos acabados, E depois de *muítas* graças, a *deos* sobre isso, chegarão os lingoas por terra com obra de corenta indios com Embaixada, do braco de pexe, E dos principaes aos quais todos, o ouuidor-geral Em Sua caza, agazalhou, uestio E festeiou, uestindo os cabecas, E auizando o Capitão Simão tauares do *que* deuia fazer, mandando-lhe mais vinte E sinco homens de toda a sorte per os Espanhoes Estarem ainda *muíto* // [f. 19] Emfermos. E mandando-lhe uestidos finos, por os principaes E grandes mimos; E todos *muíto* contentes os tornou a mandar e com grandes defezas não ouuese nenhum genero de resgate, de que o ouuidor como Esperimentado³²⁰ he *muíto* inimigo, E com rezão, que isto he o que dana E Estraga o brazil;

³¹⁷ O Copista 3, ao longo das suas linhas de trabalho, refere-se a João Tavares como Simão Tavares. Portanto, até a indicação da troca de mão, no fólho 28, onde estiver escrito *Simão Tauares* leia *João Tauares*. Os outros copistas não cometem este erro de leitura -cópia.

³¹⁸ BPE [f. 37v]: lê-se *se uiu*.

³¹⁹ BPE [f. 37v]: lê-se *príncipes*.

³²⁰ Palavra rasurada

Cap. i5 da jornada do ouuidor-geral martim leitão E como se fes o primeiro forte³²¹

pera se perfeicoarem Estas pazes com os indios de que *deos* por industria do ouuidor-geral martim leitão. nos tinha feito merçe pareceo nesessario não se perder tenpo; antes inportaua a toda a furia ir-se fazer hum forte e recuperar a artelharia, E açentar a pouoação por se os franceses neste uerão não uirem fortificar no *que francisco* de castrejom, deixara, *pera*, o *que* por todos foy asentado, *que* ningem podia fazer todas Estas couzas senão o ouuidor-geral martim leitão, ao *qual* o pedirão E requererão todos. E elle aceitou per seruiso de *deos* E del Rej E por bem destas capitancias, E assim se partio *para* o paraiba a quinze do mes de outubro do mesmo anno, com alguns amigos E seus officiais, E criados que farião numero de vinte E sinquo de cauallo E quarenta de pee, leuando pedreiros E carpinteiros; E todo o recado neçessario *pera* fazer fortte, E o *que* mais cumprise, E chegou la aos uinte E noue, onde foi grandemente reçevido dos jndios E brancos, que ahj Estauão E aos principaes que uierão hũa legoa recebe-llo, abraçou hũ E hũ, com grande festa, E fazendo apear aos de sua caza, os fes hir a cauallo, E alguns pello *que* tinham passado, com os brancos tremião de maneira que era necesario i-llos sustentando na sella, com Este triunfo, os leuou pello meio de suas aldeas // [f. 19v] bem uestidos; com o *que* lhes auia dado, com *que* huns chorauão E outros rião, couza muito *pera* uer, E logo em esa noite se Emformou, dos Sítios E particularmente Em segredo, tinha imcomendado, lhe, buscasem com todas as comodidades neSecarias *pera* pouoação a manotel fernandez mestre, das obras del Rej, duarte gomes, ioão *queixada*, E outros, E o capitão *que* todos Estauão *pera* iso delle preuenidos; Em segredo, mas Emcontrados nos pareseres, dos Sítios; ao outro dia o ouuidor-geral ouuindo missa, antes de Sair, o sol, que caminhando E andado nestas iornadas sempre, lhe disemos foi logo a pee uer alguns sitios, E a tarde a Cauallo ate o Rio³²² de jaguaripe, *pera* o cabo branco, E outras partes com que Se recolheo, a noite infadado Emcomendando isso na manhã, *que* uinha a nossa *senhora*; deuotamente, foi *deos* seruido a Sua interseção como padroeira daquella noua planta, comcluíse, *que* asentase naquella parte sobre o porto, onde agora Esta a cidade, planice de mais de meia legoa, muito cham de todas as partes cercada de aguoas, *senhora* do porto que com hum

³²¹ BNP [f. 43v] lê-se *A segunda jornada do Ouuidor Geral E como se fez primeiro forte.*

BPE [f. 38] lê-se *A segunda jornada do ouuidor geral e Como se fes o forte.*

³²² BNP [f. 44] BPE [f. 39]: lê-se *Ribeiro.*

falcão se passa alem, he ribeira dagoa doce, emtre Ella E o porto *que* por singular he tam alcantillado, que da proa dos nauios de sesenta toneis se salta Em terra, donde saie hum poderozo³²³, tono³²⁴ de agoa, *pera* prouiumento³²⁵ das Embarcacois, que a natureza aly pos com marauilhoza arte, E *muita* pedra de cal, aonde loguo mandou fazer, hum forno, della, E tirar pedra, hum pouco mais aSima, mas perto; com que uisto tudo *muito* bem, E buscado o mato daquelle, Sitio, E tudo, rocado³²⁶, E limpo, a coatro de nouembro se marcou, o forte, de sento, E sinquoenta, palmos, de uão Em quadra com³²⁷ duas guaritas, que juguauão oito pesas grosas hũa e a reues da outra, E aliceses, de pedra, E cal *pera* cuio prouiumento³²⁸ se fez de ostra, E pedra com duas juntas, de bois E com hũa duzia de uacas, *que* leuou *para* insar, a terra, alem de *muitas* porcas E cabras E *muitas* Criacois com *que* procuraua afeicoar os homens a terra, E serto que ate as galinhas que leuaua *pera* Sy E doentes, dos quais Sua caza Era a botyca, repartio por todos³²⁹ // [f. 20] E trabalharem, maos, E bons, com seu exemplo, *que* hũ E hum os chamaua, de madrugada E apellidaua, a obra, E repartia huns na, cal, outros no, mato, com os carpinteiros, com os ceradores outros nas pedreiras, barro³³⁰, taipas, *porque* os, aliçeces, E cunhaes, so, Erão de pedra, E cal E o mais de³³¹ taipa de pillão de quatro palmos de largo, *pera* o *que* mandou, logo, fazer, oito taipaes³³² *pera* todos trabalharem, he era *pera* uer a perfia, E emueia Em, *que*, os metia, seuando-os com sua afabellidade E com trabalhar mais que todos; com o que durauão na obra, de sol, E sol, sem descansar mais *que* a ora de comer, Em *que*, o trabalho E continuação ueio, a ser tanto, *que* todos deseiauão adoecesse como *muitos* fizerão, *pera* ter repouzo, chegando pois, a obra Em duas somanas, de seruisso, a Estado, defensiucl, logo, lhe mandou por a artelharia que neste meio tempo com Espantozo trabalho, E imdustria, por os buzios *que* *pera* iso leuou-se auia tirado do mar sem se perder pesa *que* foi couza milagroza, soo as camaras faltarão, mas com seis *que* ajuntou Em pernanbuco, que leuaua ja com ese pretexto, com dous falcoins que forão por mar com os carauelois da matalotaieim, se remedeou o negocio, E depois por desastre se acharão la mais duas camaras, E aSim asentada a

³²³ Segue-se riscado: *de agoa*.

³²⁴ BNP [f. 44v] e BPE [f. 39v]: lê-se *torno*.

³²⁵ O copista repetiu duas vezes a sílaba *ui*.

³²⁶ Entenda-se *roçado*.

³²⁷ Palavra corrigida, um c foi sobrescrito a um i.

³²⁸ BNPE [f. 44v]: lê-se *principio*.

BPE [f. 39v]: lê-se *príncipe*.

³²⁹ BNP [f. 45] e BPE [f. 40]: segue-se *E com os carros*.

³³⁰ Segue-se um “e” riscado. No testemunho da BPE [f. 40] o e foi mantido.

³³¹ Segue-se a palavra cal riscada.

³³² BNP [f. 45] e BPE [f. 40]: lê-se *tarpaes*.

artelharia E feito o pociucl ordenou per se não perder tempo <de> que he *mu*ito imigo, E o nosso gentio, se não Esfriar como ia comecaua fose Simão tauares, e *pero* lopes; com toda a gente dar hũa boa guerra as fraldas de copaoba, E aSim ficando-lhe *somente* ahi os Seus mocos E oficiais da obra E chrisptouão luis, E gregorio lopes de Abreu, forão todos os mais aonde andarão treze ou catroze dias E se tornarão com destroirem *somente*³³³ coatro ou sinquo aldeas, Cuia uinda tam aprecada o ouuidor-geral Sintio *mu*ito E logo detreminou concloir o mais Em breue que lhe fose posiucl, pello *que* Em seu peito tinha determinado.

a obra E torre, *que* fazia *pera* o Capitão sobre a porta do forte com duas uarandas (couza nobre) E hũa grande caza *pera* // [f. 20v] almazem sobradada *pera* guasalhado do almoxariffe.

Cap. 16. como o ouuidor-geral martim leitão foi a baia da treição

Asy posto isto Em boa ordem ate uinte de *nouembro* deixou-o ahi chrisptouão luis com os offiçiaes E gente nessesaria *que* foi mais da *que* comuinha *que* simão tauares, quando os dias atras foi, leuou mais de cem homens e elle se partio com oitenta E sinquo E cento E oitenta indios de noso gentio, couza asas temeraria, o *que* todos lhe³³⁴ procurauão Estrouar por todas as uias com nouas³³⁵ de Estarem desserto naos de fransesez na baia da treição. E com se fazerem *mu*itos doentes; E alguns de tantos trabalhos E maos comeres o Estauão de sizo, E com isto E com lhe amotinarem huns trinta E sinco soldados espanhois *que* auia os quais lhe chegarão a fazer requerimentos sobre iso com o *que* se acendeo tanto o ouuidor-geral de colera, por tambem lhe não guardarem o deuido respeito E se soltar hum de alcunha paez mais do neçesario *que* ia, tambem, auia ahy posto o arcabus nos peitos ao capitão Simão tauares pollo *que* o ouuidor-geral o mandou tomar e a porta do forte Em prezemsa de todos lhe mandou dar alguns acoutes ate nos acodirmos *porque* sabiamos quanto Elle folguaua de intercederemos E prometto a V. R. *que* nese dia partimos, E foi gentil, mezinha porque não ouue *quem* mais boqueiasse fomos do forte dormir ao Tebery E dahy ao campo das ostras aonde nos juntarmos com o nosso gentio metendo-nos o ouuidor-geral Em cabeça

³³³ BNP [f. 45v] e BPE [f. 40v] lê-se *quatorze dias sómente e se tornarão com destruirem somente*.

³³⁴ Seguem-se riscada duas palavras: *estrouuão as*.

³³⁵ BNP [f. 46] e BPE [f. 41]: lê-se *nouas*.

que Era dobrado E com Seis alqueires de farinha de ger[r]a³³⁶ *que* todos não leuauamos de comer *pera* dous dias ao *que* respondia com muita festa *que* o fossemos buscar entre os imiguos pois *nem* em o forte o auia, E *pera* terra de gente uiua // [f. 21] hiamos E asi fomos asas descontentes, todos, E pelloos cabellos a aguoa, *que* chamão do camello E depois do Sol posto chegamos ao Riio manguape *que* são grandes oito legoas con o *que* nos E os negros da farda³³⁷, hiamos mortos; E por respeito da mare ser chea, E aueremos de hir dar de noite Em hũas aldeas *que* Estauão perto da outra parte, do Rio, Esperamos E comuinha dar aquella pressa, per os imigos *que* auiamos achado atras na campina lhe não darem primeiro auizo E asim passamos sem cea, E moidos do trabalho, do dia com os caualllos pella redea E mãos na boca per não soaremos, como a mare deu lugar depois de meia noite pasamos todos E por não nos perderemos ou as aldeas con a noite, nos deitamos ao som de hum grande chuueiro *que* nos ueio *pera* de todo ningham ter repouzo, E com a presa de somente cobriremos as sellas, E adargas, Esperamos a manhã³³⁸, na *qual* logo marchamos com boa ordem E recado; E as des oras demos Em hum grande golpe de gentio *que* com o seu medonho E acostumado urro, a troou aquella ribeira bastante³³⁹ a fazer pascar outros exerSitos E não, oitenta E tantos homens, Em *que* Emtrauão dezoito de roins caualllos e esse pouquo gentio, *que* todos não faziamos trezentos de pelleia, E asim Era *pera*, dar graças, a *deos* a confiança de martin leitão, E a festa com *que* ao urro, tornou, dizendo temos o *que* buscamos; a elles, o qual asy queria cobrir a cada hum como se todos forão filhos E pasada aquella *primeira* nuuem de frechas *que* *deos* desuiu de nos, todos, nos cerramos Em Esquadrão bem cubertos; os poucos arcabuzeiros *que* auia, com os rodelleiros por sermos todos tam poucos *que* tudo se podia bem ordenar, E assi remetendo o ouuidor-geral, com os de cauallo *que* andauão a roda por o sitio dar lugar a tudo, E passada aquella istrupiada com alguns quinze arcabuzeiros *que* os segirão, dando nos imigos se espalharão Elles pello mato E so obra de sesenta forão fazendo animozamente rosto diante de hũa // [f. 21v] poderosa cerca, *que* Estaua a uista, *que* Era tal *que* certo nos asombrou a todos e a se não uer no meio da brigua em tempo *que* ia a fumaça³⁴⁰ da comtinua arcabuzaria, E grita e frechas, não dauão lugar, a cudar³⁴¹ fizerão Em todos maior aballo. e comecando o ouuidor-geral

³³⁶ O segundo r da palavra está rasurado.

³³⁷ BNP [f. 46v]: lê-se *fardagem*.

BPE [f. 41v]: lê-se *fradagem*.

³³⁸ BPE [f. 42]: o trecho *na qual logo marchamos com boa ordem E recado* não existe neste testemunho.

³³⁹ Seguem-se três letras ilegíveis riscadas.

³⁴⁰ Palavra manchada.

³⁴¹ BNP [f. 47v]: lê-se *cujdar*.

a repartir a gente Em duas partes, a tiro de arcabus *pera* logo cometermos. uimos alguns da uanguardia Emtrar pellos portos ao *que* acodimos todos uendo-os abertos, E os imigos uarados polla outra parte, aonde hũas grandes ribanseiras, E breios lhe segurauão as costas com o *que* saluarão segindo-os somente alguns do noso gentio E corredores brancos *que* todauia sempre forão matando, afora os *que* atras no recontro; ficarão mortos, *que* não forão poucos, ne pohesiuel³⁴², fazer aqui lembrança do que cada hum fes, porque todos o fizerão omradamente ainda que nestes sobresaltos não faltarão bons Emtremezes, E aos uezes dos roncadores com que ficão, mais gracioz, aqui repousamos aquelle dia que todos se gastou Em festas, E contentamento de nos uermos tão poucos, E tam ualentes con *que* cada hum se prometia bastar *para* todos os pitiguares, E serto *que* aquy esprimentamos³⁴³ como hum bom capitão de ouelhas fas liois E aSy curamos os feridos, do noso gentio, de *que* para melhor ninhum moreo posto *que* muitos seguirão o alcance dos imiguos, ate a alta noite *que* tornarão, E nos acharão, as portas da cerca *que* hera muito grande, repartidos uigiando por auer naos imiguas, na baia, da treição *que* estaua perto, E pello Rio manguape, Em duas oras, podia uir aos imiguos Socorro de franceszes, e uendo-nos tam poucos refazerem-se mas recolhidos ia todos repouzamos *que* se a de Emtender Sempre com boa uegia, E nisto foi o ouuidor-geral martim leitão³⁴⁴ sempre mais pronto corendo, de noite muitas uezes todas as estansias E tão seueros que nada lhe // [f. 22] Escapaua, E por iso dizia Elle muitas uezes, *que* antes queria poucos *que* Em toda a ora os uia, (*que* muitos E mais nestas partes, aonde a Soldadesca, não he diseplinada, nen tem as partes nesesarias.

Cap. i7 de como chegamos a baia da treição E passo de noite milagrozo

todo o outro dia guastamos Em uer Esta cerca *que* Era hũa fortaleza muito forte *que* cuidou nunca se fes outra tal no brazil, E bem mostraua ser obra de francezes porque tinha tres muito grande guaritas de corenta palmos de alto de sima das quais de cada hũa podião pelleiar corenta homens E asy a paseaua muito o padre francisco fernandez

BPE [f. 42v]: lê-se *cuydar*.

³⁴² O escriba embaralhou-se com a ordem das palavras: leia-se *nem he posiucl*.

³⁴³ A palavra foi corrigida.

³⁴⁴ BNP [f. 48] e BPE [f. 43v]: o nome de Martim Leitão foi suprimido.

muito auontade³⁴⁵, fora tinha sete cercas E rede hũas sobre outras Em mil uoltas E caracam³⁴⁶ *que* Era hum laberinto *que* se perdia homem nella, E armadas muitas aboizes³⁴⁷ de grandes aruores, *que* tocando-lhe hum passaro, dearmauão E arastarião vinte homens tinha, algũas seis ou sete tranqueiras para bercos, mas *deos* lhe tirou o animo, E nos ajudaua, *que* antão tudo hera deuaçois, e chrisptandade; ouue aqui diferentes pareceres por ningen querer chegar abaixo a baia da treição dizendo Estarem la duas naos E *que* com francezes E gentio *que* ia Estaria muito mais junto se não deuia cometer *que* Era tentar a *deos* *que* dessemos uolta, E com o feito abastaua tomarmos-lhe na barba a mais poderosa cerca *que* se nunca uio E nisto estauão todos mas o ouuidor-geral, uendo *que* se não armauão a outra couza, não quis concloir, E logo polla manhã com dissimulação E achaque de correr o campo mandou a duarte gomes, com sinco homens de caualllo E outros tantos arcabuzeiros *pera* os tomar Em as amcas comprindo, E alguns corenta indios, aos quais em segredo deu ordem, lhe fosem descobrir a baia da treição *que* por terra Era daly coatro legoas, E sucedendo qualquer couza, se recolhesem em porto seguro E auissasem corendo // [f. 22v] *que* loguo la era, E asim forão, E no caminho tomarão dous indios e por se temerem de hum *que* lhe fogio E lhes poderem tambien Sair de hũa nao, *que* com sua lancha auião³⁴⁸ somente se recolherão de baixo de hũa grande aruore E duarte gomes a redea solta tornou auizar. E chegaria a nos com duas oras de sol E como ho ouuidor-geral parese, o Esperaua Em breue nos fes a todos partir, dizendo *que* lhe acodisemos ou fosemos morer com Elles E mais pois la não auia mais *que* hũa soó, não como se della por roim *que* fosse não pudera sair tanta E melhor gente da que leuauamos E com tanta multidão de gentio. Basta não ouue senão Emcomendar a *deos* E por ao caminho como cada hun pode, E tendo andado ate meia noite com assas basffemias contra Elle de quem todos a hũa arenegauão, *porque* qual choraua os *filhos*, *qual* a molher, e Elle, ouuia, mas como fazia Escuro mudaria-se de hũa parte *pera* a outra pello não uerem, E outras vezes fallaua alto com outros *pera* lhes fazer uergonha, E asim bem moidos do roim caminho *que* Elle e todos fomos, a maior parte a pee chegamos aos conpanheiros aonde tudo se gastou Em nos fazer callar, E saber da maree *porque* auiamos de pasar o Rio manguape da outra parte da qual ou os que a iso forão por uezes, o medo seguaua *pera* não uerem ou todos Estauamos

³⁴⁵ BNP [f. 48v] e BPE [f. 43v]: lê-se *e asim a paseauamos o padre francisco fernandez e eu muito auontade*.

³⁴⁶ BNP [f. 48v] e BPE [f. 43v]: lê-se *caracol*.

³⁴⁷ Aboiz é um tipo de armadilha feita de hastes ou varas e laço de corda.

³⁴⁸ BNP [f. 49] e BPE[f. 44v]: lê-se *uião*.

areitados, E cortados do pouco sono E comida *que* neste tempo ia era farinha de gerra somente e pouca, E do *mu*ito trabalho ningen atinou com as oras da maree, Estando hum tiro de pedra della, a fomos demandar na boca do manguape na maior forsa, E asim ainda *que* alguns dos primeiros não nadarão todos os mais forão nadando aonde foi couza milagroza não morrer ninhun homem *nem* molher *perque* proueo martim leitão *que* naquelle passo *que* seria hum bom iogo de barreira, de largo andasem seis ou sete homens de caualllo dos quais Elle foi o primeiro de hũa parte a outra // [f. 23] leuando de cada ues³⁴⁹ quatro pegados ao caualo, E a lança E *mu*itos nadadores aos quais se pegauão os *que* não sabião *que* foi espantozo trabalho, por ser grande o escuro per hum chuueiro, ate pella³⁵⁰ mizericordia de *deos* se porem todos da outra banda, sem se perder couza algũa, saluo a bandeira de gregorio lopes de Abreu capitão da uãoguarda. *que* se aqui per não saber nadar ouuera de affogar, E não o peor desta iornada, antes, Simão Tauares e elle Antonio de barros Rego, e *francisco pereira* Erão tudo E pellos quais o ouuidor-geral, sempre puxaua, E pello seu meirinho ejtor *fernandez*, *francisco madeira*, miguel Ribeiro, joão nunes, Duarte gomes, simão de andrade, joão affonso panplona, o *Licenciado Andre magro de olyueira*, Antonio lopes de olyuença, gomes *martins* e os de sua caza, Estes poucos erão os de caualllo, *que* a tudo sempre suprirão E asim demos *mu*itas graças a *deos*, Em nos lyurar de tal passo sem nenhũa perda do *que* o ouuidor-geral andaua doudo, de prazer, depois lhe ouui dizer *que* nunca cuidara *que* era *pera* algũa couza senão antão, p[er]³⁵¹*que* na briga o som do arcabus, auia; o esperito, mas aquj Era pelleiar com elementos *que* he gerra muj defirente, da dos homens.

Cap. i8 como derão nos imigos

passados asim da banda dalem *que* Seria, boas duas oras ante manhã por não sabermos ao certo quanto em daly aonde dezião estar a pouoação do gentio, na praia, defronte das naos *que* era fama terem forte, em terra com algũa artelharia *que* era o *que* mais receauamos. E fazia dar pressa ao ouuidor-geral *pera com* a Escuridão Da noite, não ueremos. os perigos *que* se apregoauão. *que* num tropel de gente de caualllo com alguns arcabuzeiros de hũa parte E o nosso gentio, E os de pee da outra detreminauão Em ronpendo a manhã acometer isto feito algum fogo Em *que* brauamente se enxergauão os

³⁴⁹ BNP [f. 50] e BPE [f. 45]: segue-se *tres e*

³⁵⁰ Segue-se palavra riscada.

³⁵¹ Palavra manchada.

arcabuzes nos // [f. 23v] fes logo, tomar, a praja *que* como ate antão de nos não fose sabida E sobre tantos trabalhos. nos pareceo tão comprida como trabalhoza. E a *non* nos dar tanto acomodamento E pressa com *que* aqueassemos E nos esqueçecemos do trabalho, fora Elle *muito* mazor yndo o ouuidor-geral com duarte gomes E Antonio lopes de oliuena descobrindo diante com tres negros³⁵²; da terra atee em amanhecendo, apartados, os de caualllo. como disse *pera* dar da parte do norte, E os mais do sul, remetemos ao forte *que* ali tinham os imigos. todos com grande grito. onde matarião ate uinte Indios, E se tomou uiuo hum grande principal. outros *muitos* se deitarão ao mar por terem a terra tomada. E se acolherão a nao dos franceses. *que* todos Estauão recolhidos com sua artelharia do dia de antes pollo auizo *que* lhes deu o jndio *que* fugio a duarte gomes E aly Estauão *muito* sobreauiso, E tinham despeiado tudo, E so aquelles poucos decomfiados Esperauão E *perque* a nao com a claridade da manhã nos começou a uareiar a praya com a arthelharia uaramos todos a aldeia E pouoação *que* estaua logo acima a qual achamos toda despeiada, mas com *muittas* farinhas feitas E fauas *que* foi grande recreação. com os cajuzes fruta do mato *que* ia comecação. E asi a instancia dos nossos indios *pera* lhe destroiremos todos os mantimentos³⁵³ E asolarmos aquella Estalagem aos francezes depois de não terem o parayba. asemntamos aly Estar tres dias E logo a tarde fomos todos fazer mandioca, *que* he arancar os mantimentos *que* soo os brancos fazem *porque* o gentio Estes dias tudo he dormir, Esa noite mando o ouuidor-geral lancar ao mar tres ferrarias *que* aly auia de francezes *que* foi couza de jmportancia tira-las aos imigos *que* com Ellas os ceuauão os franceses, repairando-lhe Estes tres ferreiros *que* aly ja Erão moradores Suas ferramentas, e esta foi // [f. 24] a mayor gerra *que* se lhes podia fazer acharão-se aqui mais de sesenta caldeiras grandes E piquenas, E fato E muita feramenta³⁵⁴ de *que* se o noso gentio carregou. ao outro dia mando o ouuidor-geral uinte E quatro arcabuzeiros na baxa-mar da madrugada de sima do aressiffe *que* ficaua sobre a nao metidos nagoa dar hun tal suriada com tres ou coatro caregos³⁵⁵. ainda *que* sem lhes fazer dano mas temendo parece *que* o uerião a receber ou *que* uiesem algũas Embarcacois do parayba levarão ancora³⁵⁶ E se forão por hj abaixo caminho das Antilhas Esbombardiando nos *primeiros* com sua artelharia; na praya se acharão algũas molhadas de Roim pao brazil tam delgado como uaras. com as raizes

³⁵² BNP [f. 51]: segue-se *afomos andando atee*.

³⁵³ Segue-se riscado: *e asolareg*.

³⁵⁴ Segue-se repetido e riscado: *e fato*.

³⁵⁵ Entenda-se *cargas*.

³⁵⁶ Segue-se riscado: *e fo*.

que se queimarão E asim não podião dar melhores nouas Em frança *que* a dos annos passados: com isto ficamos *muíto* contentes todos por de terra fazeremos aleuantar hũa tam poderosa nao *que* prometia deitar de sy quasy cem homens.

Cap. 19 de como partimos da Bahia da treicão pera o

Tuyucupapo³⁵⁷.

Ho treseiro dia carregados os jndios do esbulho E alguns mantimentos. partimos indo sempre ao londo³⁵⁸ da costa E asy fomos outros tres com o lingoa dos jndios catiuos e Em busca do Tujucupapo o mayor prinsipal dos pitigares por ser *muíto* grande feiticeiro e indo ao quarto bem descudados antes do meio dia, parecendo-nos ia não acharíamos imigos gritarão da auanguardia. pitiguares, pitiguares; não se Espantem falarmos desta maneira sendo tam poucos *perque* como as gerras destas partes são nos matos sempre himos Emfiados por o Roim caminho huns tras outros³⁵⁹ // [f. 24v] ainda, *que* poucos como não podem ir fileiras nem ordem de gerra, oCupão *muíta* terra, ao comprido esta causa, E nouas o grita se consertou³⁶⁰ cada hum em seu lugar E marchamos depresa, mas per neste tempo uir hum soldado Espanhol, dizer a martim leitão acudisse *que* recuaua a uanguardia E auia feridos Em calsas E em jubão³⁶¹ como hia tomou hum aremessão a joão nunes E hũa rodella a hum jndio e emcomendando a gente a gregorio lopes de Abreu E a antonio de barros Rego, pos as pernas ao caualllo E atrauesando o mato, *que* era baixo chegaua aos dianteiros; a tempo *que* sobeiauão as frechas de tres partes de *que* Em sillada rebentado do mato tres escoadros de gente imiga E se tornarão a recolher Em ondas E remetidos *que* Este he o Seu pelleiar E o nosso gentio uendo tantos imigos, quasi *que* ficou asombrado E a presa em hum corpo se andauão³⁶² cercando³⁶³. de rama *pera* nos todos recolhermos Em *qualquer* fortuna mas chegando, asy o ouuidor-geral os começou de afrontar de palauras; dizendo-lhes se detreminauão fogir ou fazer alj cazas *pera* uiuer, E depois morer como ouelhas, E *que* as nosas cazas auião de ser as dos imigos E asi gritando a Elles, E deitando-se com furia do caualllo, ainda *que* logo alguns pegarão delle, se não metesse asim desarmado na forsa do perigo mas gritando Rijo a Elles, a Elles passou auante mandando Simão Tauares per outra

³⁵⁷ BNP [f. 52] e BPE [f. 47v]: lê-se *Partida da Bahia da trejção pera ó trejucupapa*.

³⁵⁸ BNP [f. 52] e BPE [f.] lê-se *longo*.

³⁵⁹ BNP [f. 52]: segue-se *e assy*.

³⁶⁰ BNP [f. 52] e BPE [f. 47v]: *a esta causa à grita E nouas se concertou*.

³⁶¹ Entenda-se *gibão*.

³⁶² Segue-se riscado: *caregando*.

³⁶³ BPE [f. 48]: lê-se *serrando*.

parte, E com isso leuarão os imigos diante de sy, deitando-os fora de mil laberinthos que aly tinham feito E ordenado e per estremo fortificados ficando, todavia a suas estancias semeadas de *muitos* corpos. mortos E *muitos* dobrados forão, se não ouuera a detença dos nossos no abrir dos caminhos *pera* todos passarem, posto que sempre corrião E assim tiuerão os imigos algũa garida Em o *muito* roim E grande // [f. 25] alagadiço (*que* sempre Elles costumão tomar per repairo aonde ouue *muitas* graças di *muitos* atollarem, mais do necessario não querendo Segir ao ouuidor-geral seu capitão que ainda que o cauallo cahio com Elle o leuou polla redea, E saindo o fora *muito*, gentil homen do *muito* lodo se deitou Em sima della muj³⁶⁴ desEmuolto, E siguio os imigos³⁶⁵ per hum caminho com outros dous de cauallo E alguns gentios que sempre forão deRibando nelles E o mesmo aconteseo per donde foi o capitão Simão Tauares E como digo forão infinitos os mortos se o nosso gentio ouzara segi-llos maes, mouendo tantos E asim tan poucos o fizerão pezadamente E so a sombra dos brancos, aqui me frio³⁶⁶ hum Espanhol per desastre em hum pee E com isto nos recolhemos. depois das tres da tarde a grande aldea *que* Estaua perto do alagadiço, aonde descansamos o *que* ficaua do dia, dando *muitas* graças a *deos*, porem foi Esta hũa grande uitoria, que se afirmou auer ally mais de uinte mil pitiguares feitos E *muito* aperSebidos de dias do seu feiticeiro *que* per desastre se nos acolheo Em hũa cauallo *que* la nos ouue a *muitos* annos. Curados os feridos *que* ouue alguns E nenhum morto por a uitoria ficar com dobrado gosto nos desuiamos quasy Sol posto com o que achamos na aldea, *que* tudo foy hũa barbara, pobreza. per nos não leuarmos nada *que* como ospedes do ouuidor-geral *que* em todas as jornadas nos leuou sempre na sua tenda tirando a *primera que* foy de mor aparato sou boa testemunha de tudo, e *pera* melhor o fuy com meu sange proprio, *que* per a ferida ser nas ueas do peyto do pee, deu trabalho; não faltou *pera* de tudo Esta Empresa do Paraiba Ser trabalhoza, E honroza, o sange da companhia, aly Esteuemos ao outro dia E per serem doze leguas aquem // [f. 25v] do Rio grande aonde tiuemos nouas ser ja todo o gentio passado da outra banda, *que* como *senhores* de mais de coatrocentas legas desta costa, não Era posiuel Esgota-llos. que Este mal tem Este gentio ser o mais E o mais unido, que quantos ouue no brazil E asim daqui nos tornamos ao forte aonde fomos regebidos com *muitas* festas E tornou o ouuidor-geral a continuar nas obras Em *que* chrisptouão luis fidalgo alemão, de nação com os officiaes sempre auião trabalhado

³⁶⁴ Segue-se uma palavra riscada.

³⁶⁵ BPE [f. 48v] lê-se *perigos*.

³⁶⁶ Entenda-se *ferio*.

E se ordenou o possiuel e de tudo³⁶⁷ acabou o forte torre e cazas de almazem, com seus sobrados garnecidos E cubertos, E feitos tambem alguns repairos E a major parte da artelharia E ficando-se acabando os outros tomou a omenagem, o ouuidor-geral ao capitão Simão Tauares E o deixou com trinta E sinco homens de pelleia prouidos pera coatro mezes³⁶⁸ e com isto feito nos tornamos a pernanbuco a uinte de janeiro de oitenta E seis *que* foi asas breue tempo pera tantas couzas E obras mas tudo, nos homens nobres o deseio de ganhar onrra faz possiuel³⁶⁹.

Cap. 20 E uinda do capitão morales do Reino, a estas partes E como se auiou o ouuidor-geral pera hir per mar a parahiba³⁷⁰

no fim de feureiro seguinte uierão cartas ao ouuidor-geral martim leitão del Rej se auer por bem seruido na pouoação *que* fazia do paraiba³⁷¹, E ordenou pera se pagarem os gastos *que* ainda ate o abril *que* ueio caregarão sobre Elle as quais trouxe hũ capitão Espanhol coxo com sincoenta soldados tambem espanhois E pera recolher asi os *que* ficarão de francisco de Castejon³⁷² *que* foi grande bem, ainda *que* se disso não seguio Efeito por Elle ser couza pouca E asim auiado En pernãobuco partio // [f. 26] a dous do mes³⁷³ seguinte pera o paraiba, E auer de Estar a obediensia de Simão Tauares; capitão do forte conforme a sua patente E todos a do ouuidor-geral, mas o coxo tanto *que* la chegou deitou Simão Tauares fora do forte, E aos portuguezes E os tratou de maneira *que* se aluorocou tudo, E amotinou o gentio das aldeas *que* todos os dias se hia queixar a pernanbuco, E sobre auizarem a Este capitão castelhano *que* se chamaua francisco de moralles, *que* parecia mal o tomar o forte, a quem tinha dado omenagem delle, E *que* lho tornase, se determinou³⁷⁴ Em pallauras contra o ouuidor-geral Esquecido de sua obrigação, E de quantos gazalhos E mimos Em obra de hum mes E onras lhe auia feito em pernãobuco; E assj se emfrestou logo com Elle E com a camara, E com todos os portugueses *que* ouue muitos requerimentos E o tirasse de la E o mandasse a el Rej. per

³⁶⁷ Palavra manchada.

³⁶⁸ Segue-se riscado: *a isto*.

³⁶⁹ BNP [f. 53] e BPE [f. 49v]: *mas tudo nos homens honrados o desejo da honra faz possiuel*.

³⁷⁰ BNP [f. 53] e BPE [f. 49]: *A uinda do Capitam Morales do Reyno E como se aujou ó Ouuidor Geral pera hyr por mar*. O testemunho da BPE acompanha o título da BNP.

³⁷¹ BNP [f. 53] e BPE [f. 50]: *lê-se no que fazia na pouoaçam do parahiba..*

³⁷² A página está rasgada na altura do *j*.

³⁷³ BNP [f. 53v]: *lê-se Abril*.

BPE [f. 50] : *segue-se abril*.

³⁷⁴ BNP [f. 53v] e BPe [f. 50]: *lê-se se desentooou*.

muitos E roins exesos *que* senpre nelle forão creçendo com os ruins conselhos *que* lhe mandauão de pernãobuco; jmgos do ouuidor-geral E das boas uenturas do parayba à *que* todos os potentados do brazil não têmham paciencia, E asim de emueia basflemauão do ouuidor-geral E procurauão atalhar E emfama-llo asy ca, como no Rejno, E foi pasmo como Estas emuejas³⁷⁵ mais creção, E doutra parte me não Espanto pois o parayba Cresia de bem Em melhor tudo o ouuidor-geral foi desimullando E pairando ate o fim de setenbro do ditto anno per*que* aos uinte E sete dias delle lhe ueio noua do paraiba. E cartas *que* auizauão serem chegados a baja, da Treição sinco, naos francezas com *muita* gente E moniçois detreminados a se ajuntarem com os pitiguares pera conbaterem E asollarem o forte do parayba com as quais cartas uinha hum grande requerimento do capitão Morales E moradores. asi a Elle o ouuidor-geral como // [f. 26v] ao capitão de pernambuco, e camara os fose socorrer recebido Este requirimento fes logo martim leitão ajuntar no collegio o capitão de pernãobuco, camara E officiaes da fazenda E os mais nobres da terra. E os ricos³⁷⁶, aonde per todos foi asentado. (antes de Crecer mais aquella ladroeira E sair daly algun grande corpo de francezes. *que* juntos com os pitiguares nos deitassem do parajba. con uir *muito* acodir-lhe E *que* ningem o podia fazer senão o ouuidor-geral martim leitão como dantes tinha feito E asim todos juntos lho pedirão E requererão Em nome del Rej elle aseitou ordenando mais que fosem treinados E os carauelois que ouuesem E sento E sincoenta homens de pelleia afora os do mar E algũa gente de cauallo. Per terra *que* se juntara com alguns cento de pee *que* aueria no parajba pera *que* lhes desem per terra E per mar hũa boa gerra e *que* as naos pello *que* Emportaua do seruisso del Rej E trato do Brazil se aprestasem a custa de Sua fazenda. E asim per neste tempo³⁷⁷ não auer mais *que* duas Roins naos se comesou dar ordem pera se fazerem reparios pera artelharia por na capitania não auer couza con couza, E fizerão-se os reparios E consertou-se a artelharia toda E começarão com as naos aleuantar carauellois, E per francisco de moralles se querer uir neste tempo do paraiba como ueio lhe ESCreueo martin leitão pedindo-lhe tal não fizese E *que* chegando la o acomodaria E serueria En tudo como senpre fizera. E quando de tudo Em tudo se quizesse uir neste tempo do parajba não trouxe os soldados del Rej mas nada bastou pera deixar de Se uir E trazer os Soldados. E persoadidos de alguns de

³⁷⁵ BNP [f. 53v] BPE [f. 50v]: segue-se *de cada uez mais*.

³⁷⁶ BNP [f. 54]: lê-se *E os nobres E ricos da terra*.

BPE [f. 51]: lê-se *e os mais nobres e ricos da terra*.

³⁷⁷ BPE [f. 51]: O trecho *E asim per neste tempo* está ausente nesta variante.

pernanbucos Emuiozos³⁷⁸ E imigos // [f. 27] do ouuidor-geral largou o forte E se perdeu E estragou En a villa de Mary³⁷⁹, ate se uir pera o Reino E porque a noite³⁸⁰ de outubro se soube auerem chegado mais a baya da trejção outras duas naos que Erão sete pello que se requeria melhor recado pello credito E onra do seruio del Rej porque se hão ja naquelle negocio ariscando todas Estas capitaniais asi na artelharia como na frol da gente que se auiaua pera hir com o ouuidor-geral que Esa boa uentura teue sempre mais que quantos capitães ouue no Brazil. E em pena nen forsa lhe não faltar nunca³⁸¹ quis E gente nesecaria, pollo que se tomou mais hũa nao que chegou do Reino E postas a monte, E prouidas de xaretas E fortallecidas pera poderem sofrer a artelharia ate Emtrada de dezembro; Se puzerão a pique tres naos marchantes, dous bons carauelões ou zabras, de que Erão capitães Pero de albuquerque, lopo soares thome da Rocha. Pero lopez capitão da jlha tamaraqua, Aluaro uelho barretto, ainda que depois faltou ordenado isto foi o ouuidor-geral ate o emgenho de felipe caualgante. que e sete legoas da uilla de olinda com uinte E sinco homens de caualllo bons que com os que auia no paraiba fazia trinta de pee, E despedindo-os daly se tornou pera a uilla Embarcar prometendo-lhes³⁸² ser con Elles na somana que uinha. E assim se foi logo ao resiffe aonde se comesou a juntar a gente que se tinha oferecido E que de longe por estas couzas sempre hia fazendo. E no aresiffe estiuerao Embarcados treze dias com tromenta // [f. 27v] de nordeste espantosa cousa nunca uista. porque dentro no Rio se desamarou hũa nao E deu a costa; E temendo o ouuidor-geral³⁸³ quis mandar hum caraueleão del Rej com auiso ao Parahiba. Erão taes os nordestes que o leuaram³⁸⁴ alem³⁸⁵ da jlha de Santo Aleixo; com este trabalho estando todos pasmados. E o ouuidor-geral não poder assim atrjbullado³⁸⁶ com tanta gente fazer uieagem chegou a maro de rezende com muitas cartas E grandes requerimentos E protestos de largarem todos se o ouuidor-geral não Era la ate dia de san thome. per Estarem todos muito asonbrados da muita gente franceza E pitiguares, que quatro dias tinham dado Em hũa aldeia das nosas fronteiras

³⁷⁸ A página está rasgada neste trecho.

³⁷⁹ BPE [f. 51v]: lê-se *Marim*.

³⁸⁰ BNP [f. 54v] e BPE [f. 51v]: lê-se *uinte de outubro*.

³⁸¹ BNP [f. 55] e BPE [f. 52]: segue-se *no que*.

³⁸² BNP [f. 55] e BPE [f. 52]: segue-se *primeiro*.

³⁸³ BNP [f. 55v] e BPE [f. 52v]: segue-se *a tardança*.

³⁸⁴ BNP [f. 55v] e BPE [f. 52v]: segue-se *sem nenhum remédio*.

³⁸⁵ Segue-se riscado *da jlha*.

BNP [f. 55v] lê-se *cabo da Jlha de Sancto Aleixo*.

BPE [f. 52v]:

³⁸⁶ BNP [f. 55v] segue-se *poder asy*.

BPE [f. 52v] segue-se *de não poder asim*.

cuio principal Era o acento de passaro, o melhor indio dos nossos aonde matarão mais de oitenta almas E dous castelhanos com o que se la dauão todos por perdidos E por se la não acabar de perder tudo, ou ao menos não soçeder algun grande desastre. foi asentado per todos *que* ia o tempo não daua lugar E se não perder mais tempo que o ouuidor-geral acodisse logo com aquella gente por terra E assim lhe requererão. do *que* forçado ueio ao outro dia dormir a uilla E de emfadado e bra[...]zo³⁸⁷ da uolta da fortuna se partio da uila quazi soó de madrugada E no Rio Tapirema *que* são noue legoas de lla se achou ao segundo dia com alguns trinta E dous homens com os quais segio auante. E por hir asy E os homens Estarem desapropozitados *pera* o aconpanharem per³⁸⁸ terra o segirão somente Estes E com Elles chegou a nosa pouoação; do parajba, [a *que*]³⁸⁹ os mora // [f. 28] dores chamão cidade de nosa *senhora* das neues aos uinte E tres de dezembro, uespora da uespora de natal aonde se comecou logo o ouuidor-geral a por em ordem E auiar *pera* auer de partir ao dia seginte como partirão caminho do Copaoba. aonde teue per nouas *que* Estaua todo o gentio com alguns francezes fazendo-lhes o pao-brazil. *pera* a Carga das naos *pera* no Estrouar, *porque* Esta Era a mayor gerra *que* lhe podia fazer, assy como aos outros; donde ainda *que* não fuj testemunha de uista como Em tudo³⁹⁰ ate quj pollas relaçois dos *padres* baltezar lopes E *manoe*l Correa a *que* por ordem do *padre* Reitor coube Esta jornada direi tambem o *que* pasou.

Cap. 2i como o ouuidor-geral partio do parahyba *pera* o Copaoba³⁹¹

³⁹²Da cidade onde o ouuidor-geral Martim leitão deixou *pero* dalbuquerque por capitão Em quatro grandes jornadas se foi dormir a grande cerca de pinacama *que* he hum grande E principal petiguar, aonde duarte gomes auia ido por mandado do Ouuidor-geral o Outubro³⁹³ atras. E derpois³⁹⁴ de lhe suceder muito bem ao recolher lhe mattarão outo ou des homens *que* foi a maior perda *que* Esta Empreza do Parayba teue despois de correr por martim leittão E *que* Elle Em Estremo sintio *porque* allem das guerras *que*

³⁸⁷ BNP[f. 57] e BPE [f. 53]: lê-se *receoso*.

³⁸⁸ Palavra manchada.

³⁸⁹ O fólio está rasgado neste trecho.

³⁹⁰ Seguem-se riscacadas as letras aq.

³⁹¹ Ao final do título finda o trecho do copista 4. O copista 2 retoma o trabalho de cópia.

³⁹² Mão do copista 2.

³⁹³ Segue-se riscado: pass.

³⁹⁴ Erro de cópia da palavra *depois*.

todos Estes annos lhe dauão por sua pessoa sempre lhes mandaua dar cada anno quatro ou sinco saltos assim pello cappitão João Tauares³⁹⁵, como por duarte gomes E outras pessoas com *que* os mais desatinaua E lhes fizerão largar mais de corenta legoas a roda do Parayiba nesta jornada foi infinito o trabalho principalmente // [f. 28v] dagoa *que* não auia senão de muito roins pocos branca E pouca E tam fedorenta *que* era necessario com hũa mão tapar os narizes E com outra a beber desta serca fizerão hũa jornada direytos a serra do Copaoba pello *que* ainda de todo faltou a agoa *que* no Brazil sóo ao longo do mar a ha, E pello certa ha muita falta, E esse he o maior trabalho *que* nelle se padese e o das calmas *porque* quasi todo o certão he Escampado, E assi são dos maiores do mundo E quasi a peor terra delle E assi andarão todo aquelle dia desatinados por agoa, E em se pondo o sol chegarão a hũa bem roim E piquena alagoa aonde o nosso gentio ia todo Estaua metido, *que* Esse he o seu costume lauarem-se E assi não paresia mais *que* algũa lama *que* se chupaua, alli se durmio E por auer intelligencia dos nossos Espias auer perto aldeyas de Enemigos se madrugou para dar nelles ante menhã E com assas trabalho *porque* se Enganarão as Espias não chegarão a *primeira* senão Em amanecendo³⁹⁶ E por o nosso gentio dar o seu Vvro *primeiro* *que* Entrasse fugirão alguns ainda *que* se fez incrediuel matanca E se tomarão Setenta ou outenta pecas contra uontade do ouuidor, *que* não *queria* senão *que* os mattassem, E mandou seguir o alcanse por hũa parte E outra E foi tal *que* durou mais de hũa legoa, ate outra grande serca, aonde forão repousar no qual tudo forão corpos mortos dos imigos E dos nossos nenhum saluo quatro ou sinco feridos nesta grande cerqua quis o nosso gentio descansar E assi Era necessario para o grande trabalho <do caminho> *que* tinham passado por acharem rio de agoa, *que* então era o maior³⁹⁷ bem // [f. 29] do mundo E he costume dos gentios sobre grandes matancas como Estas fazer uinhos, *que* chamão fazer suas festas, E assi o quis o nosso, aqui fazer E repousarão aquelles dous dias ainda *que* logo sobre a agoa comesou de auer briga por comesarem de acudir imigos a no-la defenderem ajudados dos sitios *porque* esta Copaoba aonde ia Estauamos he toda feita Em altibaxos *porque* he outeiros ate as nuuens, *que* a péé soo se sobe por Elles com trabalho E abismos baxissimos couza não uista Em outra³⁹⁸ do Brazil. A Estas tres ou quatro legoas destes outeiros; contra o Estillo das outras he singular terra E os imigos por cima delles

³⁹⁵ O Copista 4 escreve, ao longo de toda a sua cópia, Simão Tavares. O copista 2 corrige o nome para João Tavares.

³⁹⁶ Leia-se *amanhecendo*. O copista inverteu as letras.

³⁹⁷ Folha rasgada nesta altura.

³⁹⁸ BNP [f. 58v], segue-se *parte*.

corrião como gamos E se ajudauão muito E he *muito* boa terra *que* todos os ualles destas tres legoas, *que* ao mais sera Em redondo são muito boas, contra a regra geral da terra salão³⁹⁹ forte, *que* dara muito bem tudo. Auia por conta nesta Copaoba sincoenta aldeyas de petiguares todas hũas pegadas nas outras E a uista o seu selleiro Era de infinidade de mantimentos E algodoens. a outro dia pella menhã comesou a recreser a briga sobre a agoa ainda *que* os nossos tinham ordem não fossem senão iuntos, E a hũa hora certa busca-lla, E a dar de beber aos cauallos ao *que* sempre hião dez, doze arcabuzeiros de guarda, todauia crescerão muito os imigos E tinham ia feito hũa caicara sobre Ella daquella noite a uolta sayo o ouuidor-geral fora da sua tenda a uer o *que* Era por o negocio succeder ao seu lanço, porque se agazalhou fora do lugar de baixo de hũa aruore, E uendó-ó la fora muitos E dando // [f. 29v] ordem fosse duarte gomes com mais gente E desmanchasem o *que* auião feito aquella noite os imigos antes *que* mais crescesse com *que* os deitarião dali, por nos comesarem a frechar, ia a gente assentou com o braço⁴⁰⁰ *que* a tarde lhe lancasse hũa sillada por cima, tornando-sse primeiro a trauar a briga Em *que* bem ceuados, lhes dessem nas costas, E saindo a isso o braço a tarde se aluorçou o arrayal dizendo Estaua muito corpo de imigos sobre a agoa, sahindo fora o Ouuydor-Geral mandando não sahisse mais gente *que* aquella *que* Elle nomeasse, porque se comecauão desordenar por da outra parte do rio na ladeira andarem dez ou doze nossos muito apertados *que* não ousauão de uirar as costas, E carregauão sobre Elles, E ainda *que* os hião ceuando⁴⁰¹ dos nossos os mais delles uinhão de láá frechados E feridos de Espingardas, *que* tambem os imigos tirauão muito boas. Estando o ouuydor-geral uendo isto E Esperando como rebentaua a sillada do braco de peixe, chegou recado seu *que* dera⁴⁰² Em outra dos imigos, *que* lhe acodissem E isto a tempo *que* tinha ia o ouuidor-geral mandado *que* fossem sete ou oito de cauallo, *que* ainda Em aquellas. fraldas se podião ajudar a deita-llos, E a recolher os nossos, E os *que* assi mandou forão joão queixada, antonio dalbuquerque, diogo dabreu E outros com francisco pereira, que sóo com joão tauares⁴⁰³ passarão allem E deitarão fora os imigos. E recolherão os nossos com hum ia morto, E outro quasi E // [f. 30] muitos feridos principalmente das Espingardas, E francisco pereira muito pior, *que* o fez aqui como tam bom caualleiro como Elle he, E joão tauares foi recolher o braco de peixe, bem

³⁹⁹ Entenda-se *selão*.

⁴⁰⁰ Referência ao Braço de Peixe, o líder tupinambá.

⁴⁰¹ BNP [f. 59] lê-se *leuando*.

⁴⁰² BPE [f. 55v]: lê-se *era*.

⁴⁰³ BNP [f. 59v] e BPE [f. 55v] lê-se *Simão Tauares*, ao invés de João Tavares.

neste tempo a não auer grande recado na cabeça certo sucedera algum grande desbarate E Esta tarde segundo se a gente aluoracou para fugir com se darem ia por salteados de medo, E assombrados de se uerem cento E corenta homens com quinhentos frecheiros do nosso gentio tam longe aonde nunca sonhou de hir branco Em terras *que* ningem sabia, E Este foi o melhor remedio E cauza de não fugirem, *que* por respeito do máo successo *que* nos mezes atras auia sucedido a duarte gomes andaua a gente, E muito mais o gentio mui desmayados E mais com se uerem em tal terra E Em tanta multidão de imigos E assi comesou de entrar hum medo Espantozo Em todos *que* não auia ualer, E a noite foi auizado o ouuidor-geral Em segredo por João tauares, *que* Estauão 25. ou 30 homens aiuramentados tudo gente mui honrada para fugirem os quais e aqui por suas honrras não nomeo, a isto acudio o ouuidor-geral com os aiuntar E lhes fazer a todos hũa fala de mil Esforços E como para o outro dia tinhão das caixas dos gentios ordenados muitos paueses de tras dos quais hião muito seguros, E Escolheo os melhores arcabuzeiros, para *que* se não perdesse tiro E repartio a gente melhor, principalmente os desta comiu // [f. 30v] racão, Espalhou todos dando cargos as cabeças, tomando outras para sua guarda com *que* lhes desfez a roda, E se assentou se desse pella menhã nos imigos com boa ordem, *que* a Este tempo nos tinhão com tres cairacas⁴⁰⁴ a uista cercados, Erão tantos *que* auia homem *que* contaue per aquellas ladeiras quatro E sinco mil fogos, como *que* Em uerem mortos E feridos *que* nas guerras do Brazil se não sofre, não auia paciencia nem quem ouzasse falar. pregou de noite o nosso *padre* baltezar lopes pella lingua ao gentio E mamelucos dos quais nace o mal, E todos uigiarão melhor *que* nunca, de *que* se não pode Escreuer as particularidades *que* uiremos a danar a alguns, basta *que* toda a noite andou o Ouuydor geral de porta Em porta nas uigias aos fazer calar, *que* Era uergonha o *que* o medo lhes fazia dizer E fazer das caixas *que* se acharão se fizerão dez paueses com atados com cairo cipo⁴⁰⁵ e como melhor puderão, com o *que* uendo-se pella menhã bem ordenados se animou a gente E forão buscar aos imigos, deixando queimado tudo como sempre fizemos a todas as cercas E aldeyas *que* tomamos as quais Estauão a uista em tres tranqueiras *que* <elles> armarão nos piores passos hũas diante das outras, *que* muito poucos bastauão Em taes passos se Deos nos não ajudara, mas posto Em ordem o nosso Exercito comecou a marchar para os imigos, E por na primeira caicara do rio auer detença pella resistencia *que* Elles fazião se passou la o ouuydor, E dando-lhes muita pressa como quem Entendia *que* nisto Estaua a

⁴⁰⁴ Entenda-se *caïcaras*.

⁴⁰⁵ BPE [f. 56v] lê-se *espinho*.

importancia E não em cuidarem, E com sua chegada se leuou sem nos ferirem pessoa, E com a mesma furia arremeterão a segunda, *que* Era Entulhada de terra Em hum ualle muito mais forte, E assi foi necessario chegar // [f. 31v] o ouuidor E por a gente nomeada nos postos, E lancando hũa boa manga por hum outeiro acima com *que* os asombrou muito mais E sintindo grande uolta no baixo, vendo os imigos tres mangas da nossa gente, se asombrarão de tudo, *que* nem na terceira cerca pararão; ainda *que* não sobiamos a ella senão de péés E mãos, E a se não terem lancadas as mangas sempre custara mais, *que* foi gentil ordem do ouuidor-geral. E grande auizo, *que* neste tempo trabalhou infinito ate cansar tres cauallos, porque queria uer E Estar presente Em toda a parte E assi nos ajudou *Deos*, E os deitamos seguindo-os mais de meya legoa, indó-ós sempre picando com alguns mortos, ate chegarem a hũa aldeia aonde fizerão grande resistencia fazendo algũas uoltas tudo para saluarem as molheres, E filhos *que* ali tinham, com *que* o negocio Esteue Em pezo, porque tres ou quatro uezes os leuarão, E nos tornarão a leuar em ondas ate *que* chegou o corpo da nossa gente com o ouuydor-geral E carregando rijo os leuarão de todo, E a não uir a tal tempo sempre a nossa uanguarda passara mal, daqui lhe fomos aquelle dia destroindo tres ou quatro aldeyas ate nos hirmos apozentar Em hum alto, mas tudo era ia despeiado E dali uiamos trinta E tantas a roda, *que* todas começarão de arder, aqui repousamos aquelle dia E outro fornecendo-nos de mantimentos.

Capitulo 22 - Como destruida a Copaoba forão ao Tujucupapo aonde tiuerão a maior briga de todas.

Daqui se partio Em busca do Tuiucupapo, *que* o anno atras nos fugira, E caminhando dous dias assi uirando abaixo ao mar, ao terceiro pella // [f. 31v] menham, parcendo-lhe não aueria imigos deu a uanguarda Em hũa mui poderosa serca, donde por aquelles ualles comesou a retumbar o tom das arcabuzadas, *que* pella fineza da poluora melhor *que* a nossa E o amiudar dos tiros, Entenderão ser corpo de gente com soccorro de franceses *que* todos receauão, E trazião diante dos olhos, E assi era *que* tinham uindo das náós, a isto não auia acudir por o caminho de nenhũa maneira dar lugar, senão irem huns tras outros como se acostuma, E por mais presa *que* se derão por na dianteira sentirem grande uolta, não auia remedio, E tambem por apparecerem por outras partes a roda imigos, temerão outra tal a retaguarda, *que* trazia misse hippolito E *pero* lopes E

assi lhes mandou o Ouuydor-geral, *que* tocassem os seus atambores E trombetas, com *que* tudo aluoraçou Jndo nisto uierão dar recado ao Ouuydor-geral acudisse a uanguarda, *que* Estaua desbaratada para dar uolta, E *que* na serca auia franceses com bandeira E atambor, com muitos Petiguares, E não tenho duuida, *que* muitos se souberão a terra com tal noua, uirarão as costas, mas Estauão ia por ella tam adentro *que* não Era possiuel, E muito pior o nosso gentio *que* estaua todo tam cortadissimo de medo, *que* se apinhoauão comnosco E todo ouuera de fugir, E chegando o Ouuidor-geral a serca achou a bandeira do capitão João tauares *que* o fez aqui tam animosamente como sempre, certo *que* foi Espantozo E sosteue todo o pezo, porque ia⁴⁰⁶ a sua jlharga tinhão morto tres homens E todos os mais forão tintos de seu sangue, E alguns de piadozas feridas de pellouros de cadea, *que* os tinhão escalados E comtudo sempre sustentou a sua bandeira pegado na serca⁴⁰⁷ na qual Elle, E o sargento diogo arrias espantozo soldado, *que* nesta iornada ouue quatorze frechadas, cada hum tinha ganhado sua seteira ou bombardeira aos imigos tendo as Espadas por Ellas metidas apezar de lhes darem com muitos paos E pedras E fogo E outras muitas couzas, *que* lhes lancauão por cima, *que* sem // [f. 32] pre os matarão, E ao alferes, se Deos ali lhe não deparara tres ou quatro troncos de aruores, Em cada hum dos quais se Emparauão hum E dous, os quais as arcabuzadas não deixauão aos imigos subir acima E cobrião os troncos aos sobreditos, *que* todos os mais ia não estauão para nada E tudo quasi desbaratado, E ainda Estes poucos *que* Emparados dos troncos E aruores ou cozidos com o chão se defendião, Em parando os rodelleiros as uezes hum E dous arcabuzeiros, *que* Era pratica antiga do ouuydor-geral, *que* aos não misturarem assi não peleitaria nunca arcabuzeiro com a multidão das frechas, E desta maneira E com esta ordem animosamente ainda *que* com imenso trabalho E perigo da uida entretinhão aos imigos, E ate o nosso padre balthezar lopes me confessou se dera por morto E com hũa rodellada jndia cobria a si E a outros, cozidos Em hũa geira⁴⁰⁸ de terra. Foi Este hum trabalhoso passo E o mais ariscado E perigozo termo, *que* estas guerras da Paraiba, nem sey se do brazil nunca tiuerão, porque realmente para consigo senão, foi o ouuidor-geral *que* não mostraua no rosto, todos neste passo se derão por concluidos, Era lastimoza couza uer o desbarate *que*; hia Em todos, E alguns caualllos por ahi frechados, E arcabuzados sem auer quem os desuiasse, nem ainda tiuesse acordo para uzar das alcanzias, *que* auia pedaço, o

⁴⁰⁶ BPE [f. 58v] não consta o advérbio *ia* [já].

⁴⁰⁷ BNP [f. 62]: segue-se *Em hũa fronteira*.

⁴⁰⁸ BNP [f. 63v] e BPE [f. 59]: lê-se *rigeira*.

ouuidor-geral auia mandado aos dianteiros por diogo nunes mercador, E passado o conflito por ahi as acharão despois perdidas, E não sahirão os imigos da cerca aos *que* <assi> Estauão fora pellos dittos arcabuzeiros, *que* sempre lhes tirauão Em roda uiua, os impedirem E tambem o cappitão joão tauares *que* tendo aruorada a sua bandeira na porta fronteira com quatro ou sinco *que* se com Elle acharão cubertos de suas adargas E rodellas, E cozidos com o chão, E cercados dos imigos tinham mettidas as Espadas pellas seteiras ou buracos com *que* os tapauão E se defendião // [f. 32v] iaa com desesperação, porque lhes não conuinha bulir-se nem afastarem-se para nenhũa parte, E permittio Deos tambem asi, *que* a sairem Em tal tempo os imigos acabauasse tudo, E Elle por sua *mysericordia* ordenou socorrer a este tempo. O ouuidor-geral *que* embarcado com o caminho e nosso gentio E brancos, *que* recuauão, ate Este tempo lhe não foi possiuel chegar por mais *que* o procurou auia mister mil olhos E lingoas para notar E declarar Este passo Em *que* chegam martim leitão, *que* apeando-se E os *que* com elle hião, E comecando de animar a todos, quis lançar hũa manga per cima por hum Espesso matto de roins Espinhos, *que* os nossos jndios comesarão abrir, mas não auia quem se atreuesse a bullir consigo ainda *que* hum E hum os animaua, E chamaua por seus nomes com pallauras de honrra, *que* em alguns montauão bem pouco, neste laberintho ou confusão porque ninguem com os grittos dos negros imigos E nossos, Estrondo das Espingardas, E de muitos feridos *que* a cada passo cahião se entendia, nem ouuia o *que* se ordenaua nem mandaua, antes parecia declinareem as couzas. a se acabar tudo, E despois de muito bradar E se cansar o ouuidor-geral por ordens E couzas *que* todos bem mal cumprião apezar de grandes chuueiros, E nuuens de frechas, E pellouros *que* dos imigos nunca cessauão tomando alguns poucos consigo, *que* ainda se forão diminuindo, E agachando-sse como podião, *que* a uerdade não auia romper, E era quasi temeridade a *que* o ouuydor-geral comettia, mas della nos resultou o remedio. E assi chegando Elle com trabalho com sinco ou seis, *que* por uergonha o não desempararão pella parte de baixo E maior matto. A cerca *que* por aquelle lanco confiados os imigos na Espesura do matto hera mui // [f. 33] fraca E Entulhada de terra E palma a começarão a desfazer ainda *que* os imigos logo ali acodirão de dentro, com hũa Espingarda E muita frecha com *que* ferirão o meyrinho da alçada Eitor fernandez E outros, comtudo martim leitão foi o primeiro *que* chegou E rompeo a serca, cortando com a Espada os cipos E coiro com *que* atão a madeira E fazendo buraco por onde se metteo. Aqui no afastar dos páós ao Entrar derão de dentro ao Ouuydor-geral com hum páó feitico na mao direita com *que* trabalhaua, porque cuberto com a adarga tinha a Espada na Esquerda, *que* lhe

arrebentou da pancada o sangue pellas unhas, *que* com a indinação desta ferida, E bem cuberto com a adarga ante os peitos se lancou dentro com manóel da Costa *que* o acompanhaua fazendo porta aos outros *que* o seguirão, E Entrarão deuagar, *que* neste tempo Elle Esteue dentro de todo perdido, E tomado as mãos porque uendo os imigos sóós dous homens dentro, derribarão de duas roins frechadas a manóel da Costa *que* cahio cuidando serem pelouros, E deitarão a carapuça darmas fora da cabeça ao Ouuidor-geral⁴⁰⁹ martim leitão com duas frechadas ainda *que* lhe fez *Deos* bem ficar pendurado pello rebuco de diante, E com muitas frechas pegadas na adarga E pellas pernas E bracos, *que* o não ferirão⁴¹⁰ por o querer *Deos* saluar E hir bem armado, pos giolho no chão para se desembaracar das frechas E cobrir a cabeça ao *que* acodindo golpe de gentio para o tomarem as mãos, E sem falta lhe ualeo aqui não no quererem matar pello conheserem, E deseaiem leua-llo uiuo, para testemunha de sua uitoria triumpho E gloria desua ualentia E nome, E Elle uendo-se no ultimo trance da uida se leuantou furiozamente, E chegando-se a manóel da Costa seu amigo E natural de ponte de lima // [f. 33v] para o defender os fez afastar, por uerem tambem a Esse tempo Entrar ia outros, dos quais o primeiro foi o Alcayde de pernambuco bertolameu aluarez feitura delle martim leitão, *que* bem lho pagou ali E o ajudou como bem⁴¹¹ ualente E Esforçado soldado, *que* Era de Affrica, E de outras partes onde andou; O ouuidor-geral cuberto de frechas. E dos imigos, *que* chegarão a lhe dar a mão tente quando giolhou Em hũa coixa, de *que* depois manquejou muitos mezes. com a boa aiuda do Alcayde ambos tendo-se hum com o outro, leuarão os imigos E os forão Enxotando *que* com uerem carregauão ia por hum teso *que* uinha mais alto da outra parte da cerca, com hũa manga dalguns arcabuzes, *que* o Ouuydor ordenou logo ao apear do Cauallo, E irem entrando apos o Alcayde E outros; forão os imigos despeiando de todo. E os imigos da fronteira onde peleiaua João tauares tambem afroiarão logo, sentindo ia os nossos da parte onde peleiaua martim leitão dentro da cerca aonde logo Entrarão todos, com a temeridade *que* assim lhe chamarão os nossos ou boa uentura do Ouuidor-geral *que* soube buscar Em tal presa E tempo aquella parte por onde Entrou, como *que* os imigos desatinarão de todo, quando dentro o não puderão tomar as mãos como pretenderão ao tempo *que* o conhecerão pellas armas, E pella cutilada *que* tem na cabeça pela qual Entre elles he mui famoso, o nome do Capitão da cutilada, E Elle me confessou despois Em

⁴⁰⁹ BPE [f. 60v] não se segue o nome de *martim leitão* nesta variante.

⁴¹⁰ BNP [f. 64] e BPE [f. 60v]: não existe a expressão *por o querer Deos saluar*.

⁴¹¹ BNP [f. 64v] e BPE [f. 61]: lê-se, respectivamente, *mui* e *muy*.

conuersação, *que* fora aquella a maior pressa, em *que* se nunca cuydou uer, porque uer-se Entre tanto gentio sóo, E arremetterem a porfia a Elle com tantos alaridos E uissagens; E lembrar-se como deixaua fora tudo assollado bastaua para não ter péés nem mãos, E a isto dizia Elle *que* nas maiores pressas dobra *Deos* o acordo E animo, E faz maiores merces como aqui lhe aconteceo, E ainda dos nossos corre o maior perigo // [f. 34] *porque* não deixauão depois de Elle estar dentro de tirar de maneira, *que* da fumaca dos *que* fugião de dentro, E dos muittos tiros de fora, de *que* alguns passauão a cerca, E dando os mais pellas cazas palhoças dos negros, era tanto o fumo da palha por dentro da cerca, E aldeya *que* se não uião huns aos outros, E como neste passo o Ouuydor E o seu alcaide somente andauão dentro E manôel da Costa⁴¹² *que* ia andaua Em si, tendo as costas huns nos outros, se chegauão as cazas dando lugar ao gentio despeiar, o *que* Elles fazião com toda a furia por todas as partes. E para os tres animosos companheiros Escaparem do perigo das nossas Espingardas de fora, mandou o⁴¹³ ouuydor-geral ao Alcayde gritasse uictoria, victoria, com *que* se acabou de arazar tudo, *que* não ha allegria⁴¹⁴ igual a Esta palaura em táés pressos.. Assi certo Entrauão os nossos huns por hũa parte outros por outra, *que* os franceses ao Entrar do ouuydor-geral fugirão todos, E dos nossos ninguem tratava senão de se abraçarem huns aos outros com festa; E lagrimas nos olhos da merçe *que* lhe *Deos* fazia, os quais seguirão pouco aos imigos, *porque* passada a furia da peleya, todos tinham *que* curar E fazer consigo asas, *porque* se acharão corenta E sete feridos no arrayal. E tres mortos na cura dos quais andou prouendo o Ouuydor-geral com muita uigilancia E charidade *porque* para tudo hia apercebido, E ate as tres horas⁴¹⁵ depois do meyo dia, *que* andou niso com o sorgião, não comeo nem bebo sendo-lhe bem necessario, *porque* toda a noite dantes não dormia E toda a menhã⁴¹⁶ trabalhou muito, principalmente das noue horas *que* se comesou a briga, *que* durou mais de duas horas, na qual morreo infinidade de gentio; *que* Elles leuarão as costas como costumão fazer *porque* os não achemos, aqui tambem morreo o alferes frances, *que* na cerca ficou Estirado com a sua bandeira // [f.34v] deira E tambor *que* hoie Estão na Paraiba foi Este hum honrado E façanhoso feito de armas, em *que* os negros imigos apelidados dos desbarates *que* lhe tinhamos dado na serca⁴¹⁷, metterão o

⁴¹² BNP [f. 65] e BPE [f. 62] : não existe a expressão que se segue *que ia andaua Em si*.

⁴¹³ BNP [f. 65v]: lê-se *elle*.

⁴¹⁴ BPE [f. 62]: segue-se *ninhuma*.

⁴¹⁵ BNP [f. 65v] e BPE [f. 62v]: não existe a expressão que se segue *depois do meyo dia*.

⁴¹⁶ Segue-se riscado: *não dormia*.

⁴¹⁷ BPE [f. 62v]: lê-se *serra*.

ultimo de sua potencia, em nos tomarem iaa⁴¹⁸ cansados, E com alguns feridos E mortos como iáa dissemos⁴¹⁹. E ia gastados da poluora E mantimentos E tambem confiados nas outras uictorias, *que* não topariamos tamanha aventura, *que* fora muito maior desauintura, se o socorro *que* chegou aos imigos, E deu nesses poucos da retogarda, *que* Entrados os dianteiros E mais gente na cerca, Estauão ainda fora, A isto acodirão todos deixando⁴²⁰ feridos como puderão, E foi Espantoza presa E affronta, *porque* não acabauão de todo de perder de uista, os *que* leuauão diante quando chegou Este socorro por de tras *que* a uir mais cedo hum pouco Espaço, ou antes de entrarmos a cerca não ouuera nenhum remedio, mas Deos he bom e sempre **<uza de mizericordya>*⁴²¹, aiuda, aos seus, E mais as couzas *que* se fazem sem respeito nem interesse, como Estas guerras do ouuydor-geral, *que* sóo nisto dezião punha toda a sua Esperança, *que* não auia Deos de faltar a tanto seruico seu, E del rey E bem de seus uasallos, como se seguia a todos os daquellas capitancias do disbarate destes petiguares em *que* o nosso senhor milagrozamente sem gente e com tam pouco custo sempre aiudou, E guardou principalmente neste dia E presa dos imigos desbaratarão E da sillada, *que* Enxotados os dianteiros as rebentou com grandes allaridos E grittos por detras *que* foi couza medonha E mais para tal tempo, mas com a reposta *que* lhe demos *que* foi ia mais de animos uictoriosos, *que* de obras, *porque* não Estaua a gente para nada, fugirão como uirão *que* assi o tinham feito seus companheiros. Erão tantas E táés as feridas de pelouros de cadea com *que* os franceses, *que* com os negros Estauão na cerca, tirauão, *que* todo o restante do dia se gastou na cura dos feridos, E por não auer iáa mais *que* tres botias de poluora, E ser necessario trazer noue feridos daquelles Em redes, *que* não podião uir nem ter-se Em besta // [f. 35] afora muitos *que* uinhão a cauallo, *que* todos andauão a perfia de os trazerem nos seus, no remedio dos feridos E de os trazer foi o Ouuidor uigilantissimo E mui charidoso, E assi por Estes respeitos E incouenientes *que* auia a se proseguir mais na guerra *que* o ouuidor-geral detreminaua fosse auante⁴²². Se assentou se queimasse o pao brazil⁴²³ *que* se alli achou, E uoltasem dali por outro caminho, E a todos ainda *que* uictoriosos foi à noite enfadonha, *porque* nos uiamos mortos feridos E desbaratados e com pouca poluora, ainda *que* isso da poluora não sabião tres pessoas do arrayal, E tam longe de caza entre tantos imigos E com sette náós francesas Entre Elles no porto da

⁴¹⁸ Palavra manchada.

⁴¹⁹ BNP [f. 66] e BPE [f. 62v]: lê-se *como atras digo*.

⁴²⁰ Segue-se riscado: *aos imigos*

⁴²¹ BNP [f. 66] e BPE [f. 63]: esta expressão está suprimida.

⁴²² BNP [f. 66v]: lê-se *infinita*.

⁴²³ BNP: [f. 66v] palavra ausente.

Baya da Treição *que* lhe darião os cento E duzentos arcabuzeiros, cada ues *que* quisesem, E mais agora *que* hião feridos E magoados da perda do seu alferes, *que* Era homem ualente e apendo da bandeira E atambor, basta todos tinhão bem *que* cuidar, soó o ouuidor-geral Era o *que* festeiava, E *que* não consentia malencolia *que* dezia ser traça *que* mais gasta os animos fortes E os consume *que* tudo o mais, E assi com muito rizo uisitaua E corria a todos, E nos ordenou *para* partir pella menhã cedo, como fizemos Em boa ordenança Encomendando-nos todos muito a *Deos* E ao Anjo Sam Gabriel, E a Nossa *Senhora* das Neues inuocação da Paraiba, aonde o ouuydor-geral *prometteo* hum frontal de damasco E cortinas de linho *que* lhe logo mandou de Pernambuco, E assi deixando a Copaoba destruida, *que* antão Era o gedelho E forca E substancia dos petiguares, uoltamos buscando o caminho do Paraiba com assas trabalho guiados por o sol, *porque* ninguem sabia aonde Estaua, marchamos o *primeiro* dia com grandissimos trabalhos, principalmente do ouuidor-geral por respeito dos muito doentes E feridos E puxarem antão todos mais por Elle, E assi nos agazalhamos ao longo de hum ribeiro pequeno aquella *primeira* // [f. 35v] noite da iornada como cada hum pode.

Cap. 23 Da uinda E tornada⁴²⁴ do ouuydor-geral E dos nossos da Copaoba

No segundo dia de caminho, marchando, em amanhecendo nos salteou o gentio por duas partes a prouar como hiamos, Mas rebatendo-os fugirão com seu dano, E nenhum nosso. Na noite seguinte por cima da Baya da treição Estando nos iáá apozentados Em hũa allagoa, leuando-se o ouuidor-geral no segundo quarto (como costumaua) a correr as uigias achou *que* todas dormião, senão a dos hespanhois, E acordados todos se foi asentar na rede do *padre* balthezar lopes, *que* Estaua deitado, E Estando praticando com elle por passarem o Enfadamento de tam roins noites sentirão rumor de gentio, E chamando a isso os uezinhos ouuirão desparar hum bom pedaço contra o mar hũa grande arcabuzada, E logo outra, E outra E certo *que* aluoraçou muito todo o arrayal, uendo-se Em tal terra *que* ainda não sabião aonde Estauão, o *que* depois de *Deos* foi cauza do nosso gentio não fogir, como logo com tais pressas custuma, E tam carregados de doentes sem saber o caminho basta, grandes termos ouue aqui, em *que* asas se mostrou o Ouuidor-geral fazendo pregar ao nosso gentio, Esforçando os brancos, E *que* morressem como homens, *que* nesta detreminação Era *Deos* quanto mais *que* não auia

⁴²⁴ BNP [f. 67v] e BPE [f. 64v]: lê-se *tomada*.

para *que* temerem a belitragem francesa, E em terra aonde cada hum delles Era para quatro, pois o nosso gentio bem uião como Estaua⁴²⁵, pois *que* sempre leuara a milhor dos petiguares E não auia *que* a recear, *que* aquelles Erão os proprios *que* lhe sempre fugirão, aos quais Em suas cazas sitios E fortes auião desbaratado, pello *que* lhes seguraua a uictoria. E *que* aquillo *que* ouuirão não Era mais *que* // [f. 36] ronca para os fazer fugir E po-llos Em disbarate⁴²⁶, E não em outra coniunção os seguiião, pello *que* Elle tomava Em si a retaguarda, E os segurava com ajuda de *Deos*. E ordenado tudo E repartidos os doentes Esperarão pella menhã Em hũa razoada serca de rama com *que* se cercarão todos com *muitos* cantares E festas. E era *muito* para uer como as Escuras acertauão a trabalhar E o gosto com *que* o fazião; no *que* amanheceo hum fermozo dia, sendo os de antes chuiuosos E com muita boa ordem sahirão dali ficando Martim Leitão na retaguarda detras de todos com o assento de passaro⁴²⁷ e outros principaes do nosso gentio *que* pello la uerem ate o Braco do Pexe mandou la ficar os filhos, e assí uiemos as campinas de sobre o Rio Mangoape, com *que* em todos se dotou⁴²⁸ o contentamento com muita festa ia quasi noite nos recolhemos a agoa do camello donde a duas iornadas chegamos ao Parahiba aonde todos forão recibidos como merecião. As nouas desta guerra forão *muito grandes* por toda a parte e foi ella *muito* pera iso *que* so ousarão de ir os brancos aonde forão era espanto, quanto maes tão poucos, e estando os petiguares tão socorridos dos franceses de *que* tinham entre si tantas naos, contra os quaes logo naquela somana se auio o ouuidor⁴²⁹ geral para por mar ir á Bahia da treição dar nellas, e *que* a fama desta guera, e nouas *que* os seus della trouxerão, e do pao todo ser queimado, se forão logo todas desauiadadas. esta foi a maior e mais arriscada, e perigosa guerra e de mais importancia *que* nunca se ca deu, e mais por se dar logo sobre o salto *que* os franceses fizerão na aldea do assento do passaro e sobre o desbarate de duarte gomes e informados tambem os franceses dos captiuos *que* tomarão em este salto da detriminação *que* auia de se lhes dar por mar e terra, como ia tinham uista a da terra aonde e como nunca cuidarão *que* assi o ségurauão os feiticeiros nunca irem cauallos nem brancos ao Copaoba e tendo o do mar a porta, por o ouuidor-geral ter mandado uir os carauelões, com *que* de noite aremos determinaua de saltear, por ia irem faltando as moucoes para naos grandes uirem de pernambuco ao parahiba, se acolherão os

⁴²⁵ Corrigida de *estauão* para *estaua*.

⁴²⁶ BNP [f. 68]: segue-se *E que Entam*.

⁴²⁷ Última palavra pela mão do Copista 2. Inicia-se a mão do Copista 5.

⁴²⁸ BNP [f. 68v] e BPE [f. 65v]: lê-se *dobrou*.

⁴²⁹ Segue-se palavra riscada.

franceses *com* as naos uazias *com* o *que* os nossos de todo ficarão seguros e contentes crendo não tornarião mais, pois auia quatro annos *que* ia a cousa corria de tal *maneira que* se tornarião semper desbaratados, ou de uazio e assi se tem sem falta *que* faltando os franceses se entregarão os petiguares, pois não *tem* nenhum remedio, e em toda a parte ameudo erão salteados, ou se pasarião todos alem do Rio grande como ia *muitos* tinhão feito, *que* he o *que* nos arma, e *com* a certeza das naos francezas serem idas despedio a gente toda o ouuidor-geral ficando somente *com* os seus officiaes e Pero de albuquerque e francisco pereira *que* ainda estaua mal das feridas.

Como despedida a gente o ouuidor fes o forte de .s. Sebastião, cap. fim

Despedia a gente⁴³⁰ no fim de janeiro de outenta e sete, se foi o ouuidor-geral // [f. 36v] ao Rio Tiberi duas legoas acima da cidade ao longo do parahiba fazer hũ forte *para* o engenho do assucar del Rei, *que* elle la tinha comecado e *para* defender a aldea do assento de passaro, e maes *fronteira com* o qual se seguraua tudo, e se pouoaria a varzea do parahiba. e *assim* o ordenou e fez *muito* em breue e ficaua o forte por casa do engenho *porque* este foi o estillo do Brazil ir assi ganhando⁴³¹ a terra aos imigos, a quem o forte maes uezinho ficaua em padraсто e aos nossos pouoadores, e moradores por ualhacouto *que* *asim* se uão estendendo seguros, e agasalharão maes á sua uontade. pellas quaes rezões se comecou este forte e casa de engenho del Rei nosso *senhor com* tanto feruor, e trabalho do gentio, *que* todos andauão na obra aos dias esmorecidos sobre o ouuidor-geral por auer uindo noua do Reino *que* uinha quem lhe succedesse ao *que* o nosso gentio não tinha paciencia, e chorando, dizião *que* não *querião* outro ouuidor, mas nem isto *nem* as roins nouas *que* no Reino delle corrião mandadas de ca por seus imigos tudo de enueja lhe estrouaua leixar de trabalhar, e continuar na obra, como *que* a fizera para sí e seus *filhos* e *assí* se acabou este forte *que* por acertar faze-llo dia de s. sebastião uindo da serra de caminho lhe puserão o seu nome. e se chama oie o forte de s. sebastião fes-se de cem palmos de⁴³² uão de *muito* grossas uigas *muito* iuntas e forradas de entulho de sinco palmos de largo, e de altura de noue donde pode peleiar a gente *com* o muro de fora *que* he mais de uinte e dous em alto de taipa dobrada de mão

⁴³⁰ Segue-se a gente riscado.

⁴³¹ Segue-se riscado aos in.

⁴³² Segue-se riscado de largo e de.

muito forte e boa e do alto uem o tecto e telhado cobrindo o andaimo e casas *que* se fizerão a roda para gasalhado da gente muito boas com duas *grandes*⁴³³ garitas em reues sobradadas com sua artelharia, a *qual* o ouuidor-geral *alem* da de el Rei aiuntou quatro caens e sagres *que* auia tomado aos franceses, com o *que* E⁴³⁴ com lhe ficar hum postigo dentro na rede do assento de Passaro cuia <aldeia>⁴³⁵ cercada e forte tambem ali situou, ficou tudo *muito* seguro por a nosa artelharia uareiar duas partes da serca do gentio E feita tambem hũa torre no meio do forte com *grandes*⁴³⁶ portas para o Tiberi com grandes ferrolhos e cadeados E abertos os caminhos e tudo acabado como se Martim Leitão Ouuidor-geral ouuera ali de uiuer toda a sua vida. Se partio na segunda somana do mes de Fevereiro para Pernanbuco ia chacado de não sey quantas febres *que* com seu feruor E incansabel espiritu auia pasado em péé, e chegando a casa se não leuantou mais de hũa cama os tres meses sigintes, E não foy *muito* com tantas calmas, chuvas, vigias, trabalhos, e guerras E sobre isso em lugar de descansar se pos a trabalhar mais *que* iornaleiro he as roins agoas do Copaoba⁴³⁷ *que* aos *que* leuarão vinho, (*que* elle não bebe) empesarão E não se poupar em nada, porque elle he *muito* de não dizer, he de fazer⁴³⁸, senão *senhor* vamos façamos E assy lhes fez *Deos merçe* como no mais pasar *somente* com maleitas. Eu pello *que* ui e sey diguo *que* mais lhe sinto a ma paga do Reino a tantos e tam bons seruisos, *que* todos os trabalhos de ca, Porque ia oje importa de renda // [f. 37] a el Rey cada anno o Parhiba corenta mil cruzados so do contrato do pao Brasil, E assy lhe ouui dizer muitas vezes *que* os trabalhos pello seruiso de *Deos*, é del Rey erão seus verdadeiros gostos, Mas *que* os maos galardões e intratidões secauão os ossos⁴³⁹, E não sera *muito* acontecer isto assy, pois *que* neste Reino o ospital e o verdadeiro registo dos homens de merecimento, E mais deste *que* sempre foy tão enueiado, e com isto acabarei aqui as guerras do Parahiba com seu dono, E praso a *Deos* daqui em diante socedo assy o mais, assy ao conquistador como ao Parahiba, *que* ia oie tem sincoenta moradores casados portugueses e outros tantos solteiros postos todas la a custa de Martim Leitão como o tambem forão os fortes *que* fez *porque* Em tudo isto se não gastou hum real da fazenda de sua *Magestade* como claramente se pode uer e

⁴³³ BPE [f. 67]: lê-se *grades*.

⁴³⁴ Inicia-se a mão do Copista 6.

⁴³⁵ A palavra está sobrescrita a outra. A correção não foi feita pela mesma mão que agora escreve o texto.

⁴³⁶ BNP [f. 70]: a expressão que se segue *portas para o Tiberi* não existe nesta variante.

⁴³⁷ Palavra inserida por outra mão. A mesma que acrescentou *aldeia* (cf. nota 101).

⁴³⁸ BPE [f. 67v]: lê-se *ide fazer*.

⁴³⁹ Segue-se riscado: *pois que neste Reino*.

consta dos liuros da alfandega de Pernambuco semdo⁴⁴⁰ -lhe ouui *muitas* vezes dizer E o sey por o *que* podemos sem falta afirmar *que* Martim Leitão deixou a Capitania do Parahiba conquistada com fortaleza, E guarnição e acompanhada E pouuada de tanto numero de gentio como *para* ella deceo *que* o ouuidor-geral soube grangear e adquirir E comseruar *com* o *que* fica com mais gentio. E assy mais segura *que* todas as Capitancias do Brasil, *porque* o verdadeiro sangue e sustancia de se pouoar e sustentar o Brasil, he *com* o mesmo gentio da terra ganhado por amisade *que* sem ella não nos ualermos nunca contra os outros, E mas na Capitania (do Brasil) digo⁴⁴¹ do Parahiba situada entre os Petiguares *que* he o mor e mais guerreiro E pratico gentio do Brasil, tanto *que* so os Petiguares são *muito* mais *que* so o gentio *que* ha do Paraiba a S. Vicente E assy muy enteiros é hunidos é conformes contra nos, pello *que* aquella Capitania depende⁴⁴² oie e consiste na conseruação daquelle nosso gentio *que* a redor della assentou, e uiue, *que* sem falta he *muito* domestico aos brancos, e os ajuda *muito* *em* tudo fazendo-lhes suas casas e mantimentos e finalmente // [f. 37v] seruindo-os como catiuos; agora faltando o ouuidor-geral martim Leitão *que* tudo isto criou de nouo, e *que* elles tinham *por* pai assi no Parahiba, como *em* todo o Brasil (temo lhe fação algũs agrauos como ia uimos noutras *muitas* Capitancias de *que* proceda algũa *grande* desauentura, *que* somente daqui segundo as cousas oie estão nella podem succeder mas *querera* Deos os comseruem nesta paz, e amor *com* *que* os ali plantarão, *para* *que* em tudo crera⁴⁴³ de bem em melhor e premanença como conuem a seu seruiço, aumento quietação, e proueito seu, e das mais capitancias, (*que* como pello discurso desta relação uimos) da conseruação desta dependem se as occupacoes, e obediencia me derão lugar fora *muito* maes largo, pois auia tanta materia; mas dira tudo *com* o estillo. Não trattei aqui de inuençoens curiosas, *nem* de elegancias, de palauras *que* costumão dar lustro a cousas de pouco ser, *porque* não he esta minha profissão, *nem* o intento *que* neste particular tiue, antes me pareceo melhor fazer esta relação cham singella e sucintamente por pura obediencia, como na uerdade a fis e por esta resão me não estendi tão copiosamente tratar de todas as obras e bons feitos do licenciado Martim leitão, *que* he o todo, e a principal figura desse meu compendio, *porque* as *muitas* da justiça bom gouerno, ardis e trances de guerra, e

⁴⁴⁰ BNP [f. 71] e BPE [f. 67v]: lê-se *segundo*.

⁴⁴¹ BNP [f. 71] e BPE [f. 68]: a expressão (*do Brasil*) *digo* não existe nestas variantes. Foi, provavelmente, um erro de atenção do copista.

⁴⁴² Retorna ao trabalho o copista 5.

⁴⁴³ BNP [f. 71v]: lê-se *creça*.
BPE [f. 68v]: lê-se *cressam*.

uitorias *que* a tanto risco de sua pessoa ganhou a publicação: Baste-lhe a elle nesta parte ter por pregoeira de suas cousas toda a gente pobre do Brasil de *quem* elle especialmente foi amigo os quaes *com* tanto proueito e seguransa se logarão agora iuntamente com a fazenda del Rei nosso *senhor* dos trabalhos de Martim leitão e estes lhe escusam os engenhos sutis e raras abelidades *que* primeiro esgotariam *que* pudessem dar cimo a tanta cousa so isto direi, *que* se o mal *que* nestas partes lhe tem feito a emueza se occupara em asolhar no Reino suas obras como o fasem publicar delle e o infamar de *muitas que* claramente nelle não a fora o mais ditoso homem do mundo.

Tenho acabado e comprido com o preseite da obediencia *Vosso Padre* me perdoe não lhe dar aqui conta das coriosidades desta terra; dos animais, *muitos* e diuersos e tão differentes dos da Europa como são as pacas *que* respondem as marrãs do Reino, Tatves⁴⁴⁴ com forte comcha por sima *com que* se cobrem todos e tem a carne singular como do coelho a *que* os portugueses chamão caualeiros armados *nem* dos bogios saguins em especial os amarelllos *que* somente ha no Rio de janeiro. por morrerem *com* o frio, indo *para* portugal nunca se la uirão: *nem* das diruersas casta de papagaios, toins e Arraras grandes, Antas, veados, tigres *pequenos* e outras mil sortes e uarias especies de animais, *nem* dos *muitos* generos de cobras, das quais as Tiboas são tamanhas *que* emgolem hũ bezerro inteiro, e ia seuirão dellas de nouenta palmos de comprido e as *que* chamão cobras de cascauel *porque* trasem cascaeis naturais ao pescoso e ao longe são⁴⁴⁵ auiso da natureza *para* fugiremos dellas *porque* são⁴⁴⁶ uenenozas em extremo e mordendo tiram logo a uista e de cuias mordeduras poucos escapam com uida. Deixo de diser dos fruitos da tera em *que* a terra do Brasil e a mais liberal do mudo, pois planta *qualquer* pesoa em um dia a cousa de *que* tira mantimento *para* todo hum anno inteiro (e da) infenidade, e diuersidade de fruitas Ananas, Caius, miracurias, areticus, todas agrestes e en grandisima copia; e abastansa, *que* he couza infenita *nem* trato do ambar *que* ia este mar deu *muito* e agora por pecados dos homes ou segredos de *Deos* a annos *que* não da senão *muito* pouco, ainda *que* a meu pareser ou causa não auer tanto gentio como *antigamente* por o termos gastado, o qual uigiaua as praias e o coLia⁴⁴⁷ no inuerno e tormentas com *que* o mar o espede de suas comcauidades, ou aruores marinhas, *que* dentro nelle ha ou rochas onde se cria *que* esta assi // [f. 38] virgem antes

⁴⁴⁴ A primeira grafia da palavra é *tratves*. O copista fez um risco sobre o *r*.

⁴⁴⁵ Segue-se riscado: *abiso*.

BNP [f. 72v] e BPE [f. 69v]: lê-se *soam*.

⁴⁴⁶ Segue-se riscado: *bem*.

⁴⁴⁷ O copista fez correções na palavra.

que o comão e o gris *que* o mais corrido das baleas ou bichos *porque* toda cousa uiua o come e ia *muito* somenos. nem das grandes uirtudes do pexe destes mares *que* o melhor e o mais são do mundo, e assim sempre são, e doentes comem antes no Brasil pexe *que* carne. Nem falo da bondade da madeira pao *sancto* de parnabunquo iacara da Bahia e capatinaias do sul pao amarello *que* e somenos e outros *muitos* pois a gente portuguesa se afeiçoa mais ao pao brasil sendo mais feo e delle (como ia disse) deu o nome a terra nem das uirtudes *grandes* do olleo de copaoba *para* feridas e corimentos de frio milagroso nem do uerdadeiro balsemo dos Ilheos do sprito santo *que* he hum dos marauilhosos, e suaues dicores do discuberto, pois tratar do gentio da tera *que* e o mais desumano e barbaro *que* oie se sabe de *que* basta por proba emgrodarem os captiuos *para* os comerem e de outras *muitas* cousas desta terra de *que*⁴⁴⁸ temdo tempo e ocasião em outra parte mais largamente tartarei, *porque* tudo isto⁴⁴⁹ ha mister hum *grande* uolume por fim⁴⁵⁰ so relatarei neste breue compendio ao noso modo, e *para* obediencia o *que* passou na capatinaia do Parahiba desdo tempo *que* os Reis de Portugal entenderam o *que* lhe importaua ate o estado ordem e quietasão em *que* o ouuidor-geral Martim leitão a deixou sub correctione, e ainda *com* *muito* medo, pedindo a *Vosso Padre* *que* quando succeder mostra-llo a algũs *padres* seião, dos escolhidos. Nosso senhor.

finis

In laudem ducis inclti Brasiliensis

Carmen panegyricum⁴⁵¹

⁴⁴⁸ Segue-se uma mancha de tinta.

⁴⁴⁹ Segue-se riscado: *mais*.

⁴⁵⁰ BPE [f. 70]: lê-se *por sy*.

⁴⁵¹ Os poemas estão divididos em 2 colunas ainda neste fólio. Aqui se inicia a primeira coluna.

Título: *Louvação ao ilustre general brasileiro/ Poema panegírico*

Grande líder da gloriosa nação lusitana

Quem poderá cantar sua glória

Sua fama se espalha sobre a Terra

Cante os troféus que ganhou

É ele [seu nome] que soa [atravessa] os campos e reino

E o vento sopra suas virtudes para os astros

Os selvagens lhe ensinaram a manejar flechas

E agora sua sua hábil mão lhes para

Aries [o carneiro] oprime aquela nação, e Sirius afasta [?]

[...] reduz a cinzas as [...]

Grande líder, sua sabedoria une servos e coroas do reino da Hesperia

Vivo, portanto, você estará através dos tempos

Mesmo quando o seu corpo estiver morto, você [seu nome] viverá.

Lusiadum dux magne decus mirabile gentis
 quis valeat laudes *promere* uoce tuas:
 fama uolans pennis uastū diffusa per orbem
 Hoc tua pernicious parta trophea conit
 Illa quidem per rura salis, per regna Tnanti
 Turbine, uirtutes, tollit in astra tuas
 efera gens de more suo uibrare sagitas
 Docta tuam metuit ja stupefacta manū
 quas *que* premit gentes Aries et Syrius ambit
 Æstifer occiduo, quas cremat axepolus
 consilio dux magne tuo Regni os uerendis
 fascius Hesperio colla de disse jeuot
 uiue igitur, nomen *que* tuu' per seculo uiuat
 Atq etiam extincto corpore uiuat honor
 [In eius laudem]
 Dulcis Apollineas inter mihi suma camenas
 Calliope nostrum tempus in omne decus
 Jam ne diu taseas late pretoris ouantis
 jnclyta maonia facta canenda lyra
 Maxima magnanimi quis enimtauisset Achilles
 Bella, uel iniuicta capta tropheo manu,
 Hannibalem quis non cithara cantaret eburnō⁴⁵²
 Aut cui grande decus iam sua troia fuit⁴⁵³
 Scipiades duros ingratus inane jacere
 Dirus in oculo quis sinit esse sollo
 Te ne igitur sileant nostro preclaræ sorores
 cum superet priscos iam tua fama uiros!
 Tu iuris secreta moues arcana periti.
 eximios *que* tibi munere culta niten.

⁴⁵² Fim da primeira coluna.

⁴⁵³ Início da segunda coluna.

tu capitale nefas operosa diluis arte,
 e sontes oneras, ex onera *que* pios.
 flent si flere iubes, gaudet *que* coacti
 te duce lex legis stat reuerenda srae
 salue igitur Phebi criniti dulcis alumne
 salue iterum osæcli gloria rara tuij
 Jnte spes et honos (o gloria nostra) recumbit
 musa *que* in auxilio se mi sepulta tuo.
 te pater æterno superum ditauit honore
 Casaris et dotes exuperare dedit
 non illi imperiũ uirtus, non nomen auerũ
 non ueteres titulos, se o⁴⁵⁴ sacra Romana dedit
 At studia, et mores, tituli e reuerentia patrũ⁴⁵⁵ [f. 89]//
 Est q super *que* tibi, sit *que* super *que* precor⁴⁵⁶
 litus ad houm nomen clarescet amandum.
 labitur undanti; qua uagus jster aqua
 quantus erix superat montes et pelioningens
 Aut qui uerticibus sydera torquet Athlas
 qui cælo caput, at *que* pedes tellure recondit
 Horrida cui gelidis barba riget nicibus
 tanta tuæ uenient olim præcomia fame
 At *que* tuum nomen quis *que* poeta canet,
 Hæc super aligerũ throno sociaberis almo,
 et dabitur pedibus luna terenda tuis
 Jnuideat qua nuis armata fulmine dextra
 Juppiter, et quatiat ter *que* quater *que* caput
 Miraris fortasse aliquid quod grande reuoluo
 Materia uires exuperante meas
 qui cecinit ranas idem cantauit Vlissem
 qui cecinit culicem, uenit ad arma uirũ
 Tandem carminibus crescent tua nomina quãtũ

⁴⁵⁴ Palavra manchada.

⁴⁵⁵ Fim da segunda coluna, troca de fólio.

⁴⁵⁶ O poema neste fólio segue em uma coluna, apenas.

Populus in liquidis ardua crescit aquis
qui mare, qui terras, cælū athera cuncta creauit
qui digesta suo numine cuncta regit.
Det tibi tranquilli de uincere nestoris annos
Vtsis et legum, pieridum *que* pater.⁴⁵⁷ [[f. 89v]//.

⁴⁵⁷ No verso do penúltimo fólio há um i maiúsculo no meio da página.